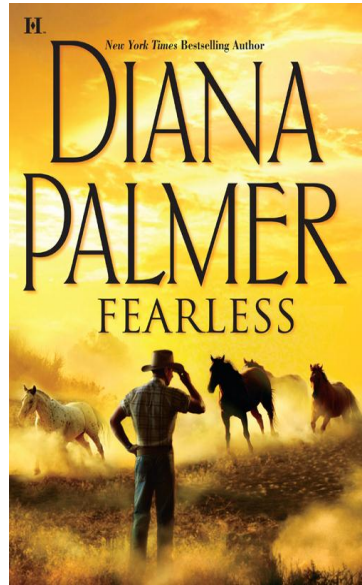


Diana Palmer - Destemido



Destemido

- Rodrigo Ramirez e Gloryanne Barnes -

(Fearless)

Diana Palmer

Série Homens do Texas 38

A brand new Long, Tall Texans novel

Mais uma obra da série "Homens do Texas"

Junho / 2008

OBS 1: Eb Scott, Cy Parks, Micah Steele, Dutch e Laremos fazem parte da série Soldados da Fortuna.

OBS 2: A Corporação Ritter Oil citada neste livro tem ligação com a Série Marist (Amores Puros).

Sinopse:

Mesmo nos lugares mais longínquos do Texas, os segredos encontram um lugar para se esconder... no coração de uma mulher tímida e determinada; por trás da aparência fria e dura de um agente do DEA; e no perigoso mundo do tráfico de drogas.

Rodrigo Ramirez é mandado disfarçado como um operário na fazenda do meio-irmão de Gloryanne Barnes em Jacobsville, onde pretende derrubar uma operação no sul da fronteira. Gloryanne é esperta, segura e ferozmente independente, mas seu emprego a coloca em risco através do mesmo criminoso que Rodrigo está investigando. Ela se sente atraída pelo enigmático funcionário, Rodrigo, um homem que é muito mais do que parece, e que demonstra um desejo que a deixa sem ar. Mas os segredos estão prestes a abalar a vida deles, para melhor, para pior... e talvez para sempre.

A doce inocência de Gloryanne é muita tentação para um homem atormentado. Confuso e amargo sobre o amor, dirigido pelo emprego perigoso e buscando respostas, Rodrigo não tem certeza se o seu pedido de casamento é apenas um meio de completar sua missão... ou algo mais. Mas quando o milagre de Glory e a vida dupla de Rodrigo colidem, duas pessoas que estão começando a aprender o que é confiar devem encarar a verdade sobre o outro, e decidir se há uma chance para o futuro que ambos secretamente desejam.



Capítulo 1

- Eu não vou - Gloryanne Barnes murmurou.

O alto e elegante detetive Rick Marquez apenas a encarou, os olhos escuros indecifráveis.

- Hey, não vá. Sem problemas. Nós temos uma mala de corpos do seu tamanho no centro médico.

Ela jogou um pedaço de papel para ele por sobre a mesa.

Ele o pegou com uma mão e arqueou a sobrancelha.

- Agressão a um oficial pacífico...

- Não cite a lei para mim - ela devolveu, o tom elevado - Eu posso citar procedimentos legais de memória.

Ela deu a volta na mesa lentamente, mais magra do que o normal, mas muito atraente no terninho bege. Sua saia alcançava os joelhos, sobre pés pequenos que usavam saltos altos para enfatizar a beleza das pernas. Ela apoiou-se na ponta da mesa. As bochechas estavam coradas de temperamento, e algo mais preocupante. Ela tinha os cabelos loiros muito compridos, e os usava soltos, fazendo com que eles parecessem uma cascata caindo pelas costas até quase tocar a cintura. Tinha olhos verdes claros, com uma boca perfeita embaixo de um nariz empinado. Nunca usava maquiagem e não precisava. Sua pele era perfeita, os lábios suaves. Não ganharia nenhum concurso de beleza, mas era atraente quando sorria. Mas não sorria muito nos últimos dias.

- Eu não estarei mais segura em Jacobsville do que estou aqui - ela disse, insistindo no mesmo argumento que vinha usando nos dez últimos minutos.

- Estará sim - ele insistiu - Cash Grier é o chefe de polícia. Eb Scott e seu companheiro ex-mercenário também moram lá. É uma cidade pequena e qualquer forasteiro vai ser notado imediatamente.

Ela estava franzindo a testa. Os olhos, por trás das lentes dos óculos que ela usava ocasionalmente no lugar de lentes contatos, eram pensativos.

- Além disso - ele usou sua carta na manga - O seu médico lhe disse...

- Isso não é da sua conta - ela cortou.

- É se você cair morta na sua mesa! - ele disse, agindo indiscretamente por causa da teimosia dela - Você é a única testemunha que nós temos no caso Fuentes. Ele poderia matar você para calar sua boca!

Os lábios dela formaram uma linha fina.

- Eu enfrento a morte desde que saí da faculdade e consegui com emprego como advogada de confiança do distrito - ela respondeu - É parte do trabalho.

- A maioria das pessoas não fala a sério quando ameaçam matar você - ele devolveu - Fuentes sim. Eu tenho que lhe lembrar o que aconteceu com seu parceiro de trabalho Doug Lerner dois meses atrás? Melhor ainda, você gostaria de ver as fotos da autópsia.

- Você não tem nenhuma foto de autópsia que eu ainda não tenha visto, Detetive Marquez - ela disse baixo, cruzando os braços sobre os seios pequenos e firme - Eu não me assusto facilmente.

Ele gemeu alto. As mãos moveram-se nos bolsos, deixando que ela visse a pistola automática que ele carregava no cinto. O cabelo preto, quase tão longo quanto o dela, estava preso em um rabo de cavalo. Os olhos negros brilhavam e a pele morena não tinha imperfeições, sem mencionar a boca grande e sensual. Ele era muito bonito.

- Jason me disse que contrataria um guarda-costas - ela disse quando o silêncio tornou-se notável.

- Seu irmão já tem os próprios problemas - ele respondeu - e sua irmã, Gracie, não ofereceria ajuda nenhuma. Ela é tão avoada que nem lembra onde mora na maior parte do tempo!

- Os Pendletons tem sido bons para mim - ela os defendeu - Eles odiavam minha mãe, mas gostavam de mim.

A maioria das pessoas odiava a mãe dela, uma personalidade antipática sempre em busca de ascensão que maltratava Glory fisicamente desde que ela nascera. O pai de Glory a levava muitas vezes ao hospital, murmurando quedas e outros acidentes que deixavam as enfermeiras suspeitas. Mas quando um golpe de temperamento explosivo a deixou com um quadril deslocado, as autoridades finalmente agiram. A mãe de Glory foi culpada por abuso infantil e Glory testemunhou contra ela.

Naquele tempo, Beverly Barnes já tinha um caso com Myron Pendleton e ele era um multimilionário. Ele conseguiu um time de advogados para ela que convenceram o júri de que o pai de Glory havia causado o machucado que a mãe de Glory fizera, que Glory havia mentido por medo de seu pai. O resultado foi a retirada das queixas contra Beverly. O pai de Glory, Todd Barnes, foi preso por abuso infantil, apesar da dolorosa defesa de Glory a seu favor. Mas mesmo sua mãe tendo sido libertada, o juiz não ficou seguro de deixar Glory com ela. Em um gesto surpreendente, Glory ficou sobre custódia do estado, com treze anos. Sua mãe não aprovou a decisão.

Quando Beverly casou-se com Myron Pendleton, a pedido dele, tentou ganhar a custódia de Glory novamente. Mas o mesmo juiz que havia cuidado do caso contra o pai de Glory negou a custódia a Beverly. Isso manteria a criança segura, o juiz dissera.

O que a corte não sabia era que Glory estava em maior perigo no lar adotivo onde havia sido colocada, na custódia de um casal que fazia o mínimo possível para as seis crianças pelas quais eram responsáveis. Eles só queriam o dinheiro. Dois garotos mais velhos da mesma casa estavam sempre tentando ganhar Glory, que já aparentava o crescimento dos pequenos seios. O inferno continuou por várias semanas e culminou em um assalto que a deixou ferida e traumatizada, e com medo do sexo masculino. Glory havia contado aos pais adotivos, mas eles havia dito que ela inventara a história. Furiosa, Glory ligou para a emergência e quando a polícia chegou, ela correu dos braços da mãe adotiva para os de uma policial que viera checar a situação.

Glory foi levada para a emergência, onde um médico, espantado com o que via, deu à polícia evidências suficientes para acusar os pais adotivos de negligência, e os dois rapazes de agressão e tentativa de estupro.

Mas os pais adotivos negaram tudo e disseram que Glory havia mentido sobre sua mãe bater nela. Então ela voltou para a mesma casa, onde seu tratamento tornou-se um pesadelo. Os dois rapazes queriam vingança assim como os pais adotivos. Mas eles estavam em prisão juvenil temporária, felizmente. Os pais adotivos não estavam, e eles estavam furiosos. Então Glory aproximou-se das duas garotas mais novas, ambas de cinco anos, e se tornou responsável por elas. Ela sentiu-se grata por elas precisarem de cuidado. Isso foi sua retribuição, pelo menos nos primeiros dias na casa.

Jason Pendleton odiava sua madrasta, Beverly. Mas ele era curioso por sua filha, especialmente depois que um amigo do serviço da lei em Jacobsville lhe contou o que acontecera com Glory. Na mesma semana em que ela voltara para o lar adotivo, ele mandou um investigador para checar sua situação. O que descobriu o deixou louco. Ele e sua irmã,

Gracie, foram eles mesmos ao lar adotivo depois que leram os relatos sobre o investigador - que foi, obviamente, negado pelos pais adotivos. Eles apontaram para a tentativa de Glory de culpar a mãe pelo abuso que mandara o pai para a cadeia, onde ele havia sido morto por outro interno seis meses depois.

No dia em que os Pendleton chegaram, os dois adolescentes que haviam abusado de Glory havia sido liberados da custódia dos pais adotivos. Glory havia passado o dia inteiro fugindo dos garotos. Eles já haviam rasgado sua blusa e deixado cortes nela. Ela tinha medo de chamar a polícia de novo. Então Jason encontrou Glory no armário do quarto que ela dividia com as duas garotas, escondida no meio das roupas, chorando. Seus braços estavam cheios de cortes, e havia um cheiro de sangue em sua boca. Quando ele se aproximou, ela afastou-se e estremeceu de medo.

Anos depois, ela ainda podia se lembrar do modo gentil como ele a carregara para fora do quarto, para fora da casa. Ela foi colocada gentilmente no banco traseiro do Jaguar dele, com Gracie, enquanto Jason entrava novamente no lar adotivo. Seu rosto pálido estava tomado pela fúria quando ele voltou. Ele não disse uma palavra. Ele ligou o carro e levou Glory embora.

Apesar da raiva mal contida da mãe por ter que viver com Glory na mesma casa onde ela morava, Glory teve seu próprio quarto entre o de Gracie e o de Jason, e sua mãe não podia aproximar-se dela. Em uma de suas batalhas mais infames, Jason ameaçara reabrir o caso de abuso ele mesmo. Ele não tinha dúvidas de que Glory estava falando a verdade. Beverly não havia dado uma resposta às ameaças de Jason. Mas ela deixou Glory sozinha.

Isso havia se tornado um tempo mágico para a trágica jovem vida da menina, pertencer a uma família que a valorizava. Mesmo Myron apreciava sua companhia.

Depois que Beverly morrera em um inesperado ataque do coração quando sua filha tinha quinze anos, a vida de Glory estabeleceu uma calmaria. Mas o trauma de sua juventude tinha conseqüências que nenhum dos membros de sua família adotiva podia antecipar.

O osso quebrado do quadril, apesar de duas cirurgias e inserção de um pino de aço, nunca mais foi o mesmo. Ela mancava pronunciadamente, algo que nenhuma terapia poderia apagar. E havia algo mais, sua família tinha uma história de hipertensão, que Glory herdara. Na verdade ninguém dissera que o estresse de sua juventude havia sido acrescentado à predisposição genética. Mas Glory acreditava que sim. Ela tomava vários medicamentos durante o seu último ano no ensino médio. Severamente acima do peso, tímida, introvertida e desconfortável ao redor dos meninos, ela era também alvo de brincadeiras. As outras crianças zombavam dela. Elas chegaram até mesmo a colocar falsas mensagens sobre ela na internet e uma garota formara um clube que se devotava a ridicularizar de Glory.

Jason Pendleton descobrira tudo. As garotas foram acusadas, uma de perseguição e os pais de outra ameaçados com um processo. O abuso parou. A maior parte pelo menos. Mas isso fez com que Glory se sentisse sozinha e deslocada em qualquer lugar que fosse. Sua saúde, nunca boa, causou muitas ausências durante o alvoroço. Ela perdeu peso. Ela era uma boa aluna e tinha notas excelentes, apesar de tudo. Ela entrou para a faculdade e em seguida na escola de lei com o suporte dos meio irmãos, e graduou-se com grandes honras. De lá, ela foi para o escritório do procurador da república de San Antonio, como estagiária do ministério público. Quatro anos depois, ela se tornou uma respeitada procuradora assistente com um número impressionante de condenações contra membros de gangues e, mais recentemente, traficantes de drogas. Seu problema com peso estava no passado agora, graças a um ótimo nutricionista.

Mas em sua vida particular, ela era sozinha. Ela não tinha amigos próximos. Ela não conseguia confiar nas pessoas, especialmente nos homens. Sua juventude traumática havia a predisposto a suspeitar de todo mundo, especialmente em seres do sexo masculino. Ela tinha amigos homens, mas nunca tivera um amante. Ela nunca quis um. Ninguém se aproximava o suficiente de Glory Barnes para machucá-la.

Agora esse teimoso detetive de San Antonio estava tentando forçá-la a deixar o emprego e esconder-se em uma pequena cidade para escapar de um chefe da droga que ela havia incriminado por distribuição de cocaína.

Fuentes era o mais jovem em uma linha de traficantes de droga que havia cruzado a fronteira do Texas, largando seu território com a ajuda de gangues de rua associadas. Uma delas, com a promessa de imunidade com Glory, havia testemunhado no processo e apesar de seus milhões, o chefe da droga teria que enfrentar quinze anos na prisão federal por venda de cocaína. Uma pendência no caso havia deixado que ele se libertasse.

Depois de perder o caso contra ele, ela estava sentada no corredor quando Fuentes saiu da sala da corte. Ele não podia resistir a gabar-se da vitória. Fuentes sentou ao lado dela e fez uma ameaça. Ele tinha conexões pelo mundo todo e poderia matar quem quisesse, até mesmo policiais. Ela havia, dissera ele, matado um xerife local que o perseguira por contratar um assassino de aluguel duas semanas atrás. Glory seria a próxima se não parasse de investigar coisas sobre ele, ele acrescentara com um sorriso arrogante. Infelizmente para ele, Glory tinha um gravador escondido na roupa. Sua prisão foi decretada no dia seguinte.

Sua fúria era imensa. Alguém na verdade havia atirado em Glory enquanto ela saía do tribunal dois dias atrás, perdendo a bala por uma fração de centímetro. Ela estava esperando pelo ônibus quando o bandido atirou. Havia estado tão perto de acertar que o detetive Marquez estava determinado a não arriscar uma segunda vez.

- Mesmo se ele me pegar, você ainda terá a fita - ela argumentou.

- A defesa vai jurar que é armação - ele murmurou - É por isso que o D.A. não a pôs em evidência ainda.

Ela prendeu a respiração. Sua coloração estava alterada, também.

Como um sinal, a porta abriu e Haynes entrou com um copo de água e um vidro de remédio. Sy Haynes era a assistente administrativa de Glory, uma assistente com uma língua afiada e a autoridade de um sargento treinado.

- Você não tomou seu remédio hoje - ela murmurou, abrindo o vidro e pegando uma cápsula para Glory - Uma quase morte por mês é suficiente - ela acrescentou, referindo-se ao que o médico de Glory havia prevenido sobre um ataque do coração por um aumento da pressão arterial. Um teste sobre estresse havia detectado um problema que precisava de cirurgia se Glory não tomasse os remédios, mantesse a dieta e adotasse um estilo de vida mais calmo.

Marquez queria que ela saísse da cidade e ela não queria ir. Mas o que o seu médico havia lhe dito era algo que ela não desejava dividir com Marquez ou Sy. Ele havia dito que se ela não saísse da cidade, e começasse um modo de vida mais sedentário, ela teria um ataque do coração e morreria na mesa do ministério em seu tribunal.

Ela engoliu a cápsula.

- As malditas cápsulas incluem um diurético - ela disse irritada - Eu tenho que ir ao banheiro de cinco em cinco minutos. Como eu poderei concluir um caso se tenho que parar seis vezes por hora?

- Use uma fralda - Haynes disse imperturbável.

Glory lançou-lhe um olhar.

- O D.A. não quer que você morra no tribunal - Marquez pressionou com a nova vantagem que acabara de descobrir - Ele pode não ser reeleito. Além disso, ele gosta de você.

- Ele gosta de mim porque eu não tenho vida social - ela devolveu - Eu levo casos para casa toda noite. Eu sentiria falta de gritar com as pessoas.

- Você pode gritar com os trabalhadores da fazenda de produtos orgânicos dos Pendleton em Jacobsville - Marquez assegurou.

- Pelo menos eu sei algo sobre fazendas - ela fechou-se como uma flor. Ainda doía, depois de todos esses anos, relembrar a dor de vê-lo partindo com roupa laranja, encolhendo-se enquanto ela suplicava e implorava para que o juiz o deixasse partir.

- Seu pai teria orgulho de você - Haynes intercedeu - Especialmente agora que você limpou o nome dele daquela acusação de abuso infantil.

- Isso não vai trazê-lo de volta - ela disse duramente. Seus olhos se estreitaram - Mas pelo menos eles finalmente encontraram o homem que o matou. Ele nunca mais sairá agora. Se ele conseguir isso antes de morrer, eu estarei sentada lá com fotos de meu pai pelo resto de minha vida.

Eles não tinham dúvida. Mesmo sendo muito quieta, ela era uma mulher vingativa.

- Vamos - Marquez insistiu - De qualquer modo você precisa de um descanso. Jacobsville é muito tranquila.

- Tranquila - ela concordou - Certo. Ano passado, houve um tiroteio em Jacobsville envolvendo traficantes de drogas que transportavam quilos de cocaína nos limites da cidade e seqüestraram uma criança. Dois anos antes disso, os homens do traficante Manuel Lopez foram envolvidos em um tiroteio na propriedade dele em Jacobsville onde os homens plantavam fardos de marijuana.

- Ninguém levou um tiro nos últimos dois meses - Marquez assegurou.

- E se eu for reconhecida por algum dos traficantes de drogas?

- Eles não procurarão por você em uma fazenda. San Antonio é uma cidade grande, e você é uma de uma dúzia de assistentes do promotor público - ele apontou - Seu rosto não é tão conhecido nem aqui, e certamente ainda menos em Jacobsville. Você mudou muito desde que estudou lá. Mesmo se alguém lembrar de você, será pelo passado, não pelo presente. Você será uma pequena e silenciosa mulher de San Antonio com problemas de saúde que está procurando por campos de frutas e vegetais, graças aos seus amigos, os Pendleton.

Ele hesitou.

- Mais uma coisa. Você não pode admitir que está relacionada com eles, ou até mesmo que você os conhece. Ninguém em Jacobsville, exceto o chefe de polícia, saberá o que você faz para viver. Nós lhe daremos uma história que poderá ser checada por qualquer pessoa que tenha suspeitas. É garantido.

- Eles não falaram isso sobre o Titanic?

- Se ela for, eu terei que ir com ela - Haynes disse firme - Ela não toma seus remédios se eu não os coloco debaixo do seu nariz todo dia.

Antes que Glory pudesse abrir a boca, Marquez já balançava a cabeça.

- Já vai ser duro esconder Glory - ele disse a Haynes - Se ela levar você, um membro de uma gangue que talvez não a reconheça sozinha pode reconhecer a assistente que está junto o tempo todo. A maioria das gangues lidam com o tráfico de drogas.

Glory fez uma careta.

- Ele está certo - ela disse triste - Eu adoraria levar você comigo, mas é muito arriscado.

Haynes parecia desapontada.

- Eu poderia usar um disfarce.

- Não - Marquez disse baixo - Você é mais útil aqui. Se algum dos outros advogados descobrir algo sobre Fuentes, você está na posição perfeita para repassar isso para mim.

- Eu acho que você está certo - Haynes disse. Ela encarou Glory com um sorriso forçado - Eu terei que encontrar um novo chefe enquanto você estiver fora.

Jon Blackhawk do escritório do FBI está procurando por um assistente - Marquez sugeriu.

Haynes o encarou.

- Ele nunca vai conseguir um nessa cidade, não depois do que fez com o último.

Marquez tentava manter o rosto sério.

- Eu tenho certeza de que foi um terrível mal entendido.

Glory deixou escapar um risinho apesar da situação.

- Algum mal entendido. Sua assistente o achou muito atraente e o convidou para jantar. Ele chamou a polícia e a acusou de assédio sexual.

Marquez deixou escapar a risada que estivera prendendo.

- Ela era uma bela loira, com alto Q.I. e a própria mãe a indicou para o emprego. Blackhawk ligou para a mãe e disse que sua última assistente tentou seduzi-lo. Sua mãe perguntou como. Agora ela se sente ultrajada pelo que ele disse e não quer falar com ele também. A garota era filha de sua melhor amiga.

- Ele a processou mesmo por assédio sexual - Glory apontou.

- Sim, mas ela largou o emprego e contou a todas as mulheres de San Antonio o que ele fizera com ela - ele deu um risinho - Eu aposto que ele vai deixar os cabelos crescerem antes de conseguir um encontro nessa cidade.

- Isso serve para ele - Haynes murmurou.

- Oh, tem algo ainda pior - Marquez acrescentou com uma careta - Lembra-se de Joceline Perry, que trabalha para Garon Grier e um dos agentes do FBI locais? Eles deram o trabalho de Jon a ela.

- Oh, querida - Haynes murmurou.

Joceline era uma lenda local entre as assistentes administrativas. Ela era conhecida por seu humor cortante e negação a trabalhos mais baixos do que merecia. Ela colocaria Jon Blackhawk contra a parede em um bom dia. Só Deus sabia o que ela faria com ele depois que descobrisse o motivo da desistência da outra secretária.

- Pobre homem - Glory murmurou. Mas ela sorria.

Haynes encarou Glory com um olhar preocupado.

- O que você irá fazer na fazenda? Você não se atreveria a usar a enxada, certo?

- Claro que não - Glory assegurou - Eu sei fazer enlatados.

- Você pode o quê? - Haynes franziu a testa.

- Você já ouviu falar em enlatados? - Glory respondeu - É o modo como você coloca as frutas e os vegetais para que eles não estraguem.

Eu posso fazer geléias, gelatinas, pickles e todos os tipos de coisas.

Marquez arqueou uma sobrancelha.

- Minha mãe fazia isso, mas as mãos dela não são mais as mesmas. É uma arte.

- Uma arte valiosa - Glory disse orgulhosa.

- Você terá que usar jeans e parecer menos elegante - Marquez disse - Nada de terninhos na fazenda.

- Eu morei em Jacobsville quando era criança - Glory lembrou com um sorriso forçado, sem entrar em detalhes. Marquez era velho o suficiente para lembrar do sofrimento de Glory. Claro que muitas pessoas não lembravam, mesmo lá - Eu posso me adaptar.

- Então você irá? - Marquez insistiu.

Glory encostou-se na mesa. Ela não tinha mais argumentos. Eles provavelmente estavam certos. San Antonio era uma cidade grande, mas ela morava no mesmo apartamento há dois anos e todos que moravam lá a conheciam. Seria fácil encontrá-la se alguém fizesse as perguntas certas. Se ela fosse morta, Fuentes seria libertado, e mais pessoas seriam mortas na busca insana dele por riqueza.

Se o médico estava certo - e ele era um médico muito bom - a mudança agora poderia salvar sua vida, e era verdade. Ela não podia admitir quão assustada estava pelo seu diagnóstico. Não podia admitir a ninguém. Garotas duras como Glory não podiam choramingar suas feridas.

- E quanto a Jason e Gracie? - ela perguntou repentinamente.

Jason já contratou um pequeno exército de seguranças - Marquez assegurou - Ele e Gracie estarão bem. Eles estão preocupados com você. Todos nós estamos preocupados com você.

Ela respirou fundo.

- Eu acredito que um colete a prova de balas e uma pistola automática não te convencerão a me deixar aqui?

Fuentes tem armas que penetram na armadura, e ninguém a não ser um doente mental iria te dar uma arma.

- Tudo bem - ela disse pesadamente - Eu irei. Eu tenho que mandar uma escolta para essa fazenda?

- Não, Jason já contratou um gerente - ele franziu a testa - Cara estranho. Ele não é do Texas. Eu não sei onde Jason o conheceu. Ele é... - ele começou a dizer que o gerente era uma das pessoas mais taciturnas e desagradáveis que ele já conhecera, apesar do fato de que os trabalhadores da fazenda gostavam dele. Mas talvez não fosse a melhor hora para dizer - Ele é muito bom em gerenciar as pessoas - Marquez disse contrariado.

- Contanto que ele não tente me gerenciar, estará tudo bem - ela disse.

- Ele não saberá nada sobre você, exceto pelo que Jason disser - ele assegurou - Jason não lhe dirá por que você está lá, e você também não pode fazer isso. Aparentemente o gerente tem um passado obscuro, também, e ele pegou o emprego para recuperar-se.

- Uma fazenda de produtos orgânicos.

- Eu sei onde existe um abrigo de animais - Marquez disse zombeteiro - Eles precisam de alguém para alimentar os leões.

Ela o encarou.

- Com minha sorte, eles vão alimentar os leões comigo. Não, obrigada.

- É para o seu próprio bem - Marquez disse baixo - Você sabe disso.

Ela suspirou.

- Sim, eu suponho que sim - ela afastou-se da mesa - Minha vida inteira, eu fui forçada a fugir dos problemas. Eu esperava que dessa vez, pelo menos, eu pudesse ficar e brigar.

- Bela frase - ele disse - Quer a minha espada emprestada?

Ela lançou-lhe um olhar enviesado.

- Sua mãe nunca deveria ter lhe dado aquela espada - ela disse a ele - Você teve sorte pelo oficial da patrulha convencer-se a retirar a queixa.

Ele parecia afrontado.

- O cara arrombou minha fechadura e entrou. Quando eu acordei, ele estava colocando meu computador em uma bolsa para transporte!

- Você tem uma arma extra - ela apontou.

Ele a encarou.

- Eu esqueci e a deixei trancada no porta-luvas do meu carro naquela noite. Mas a espada estava bem em cima da minha cama.

- Eles dizem que na verdade o chefe pulou pela janela quando viu o tamanho da arma - Glory disse a Haynes, que sorriu.

- Meu apartamento fica no térreo - Marquez informou a elas.

- Sim, mas você estava seguindo o ladrão pela rua em seu... - ela clareou a garganta - Bem, você não estava de uniforme.

- Eu fui preso por correr pelado - Marquez murmurou - Dá pra acreditar?

- Claro que sim! Você estava pelado! - Glory respondeu.

- O modo como eu durmo não tem nada a ver com o fato de que o cara estava me roubando! Pelo menos eu o derrubei e imobilizei até o momento em que a viatura chegou - ele balançou a cabeça - Eu disse ao oficial quem eu era, e ele pediu para ver minha credencial.

Glory colocou a mão em cima da boca para prender uma gargalhada.

- Você disse a ele onde estava? - Haynes perguntou.

- Eu disse a ele onde ele poderia por se não prendesse o delinquente - ele moveu-se desconfortável - De qualquer modo, outra viatura parou atrás da dele, e era um oficial que me conhecia.

- Uma oficial - Glory encarou Haynes, enfatizando a palavra.

As bochechas de Marquez pareceram corar.

- A bolsa do ladrão foi útil - ele murmurou - Pelo menos eu pude correr até meu apartamento. Mas a história correu, e na tarde seguinte, eu era uma celebridade.

- Que pena que você não foi pego pela câmera da viatura - Haynes zombou - Eles poderiam exibir você naquele programa de televisão, *Tiras*.

Ele a encarou.

- Eu fui assaltado!

- Bem, ele não ficou com nada do que roubou, certo? - Haynes perguntou.

- Ele caiu sobre meu computador quando eu o derrubei - Marquez fez uma careta - Quebrou o disco rígido. Eu perdi todos os meus arquivos.

- Nunca ouviu falar em salvar em disquete, certo? - Glory indagou.

- Quem poderia esperar que alguém entrasse no apartamento de um tira e o roubasse?

- Ele tem um bom argumento - Haynes teve que admitir.

- Concorde.

Marquez olhou para o relógio e franziu a testa.

- Eu tenho que estar na corte essa tarde para testemunhar contra um homicídio - ele disse a elas - Eu posso dizer ao meu chefe que você vai para Jacobsville, certo?

Ela suspirou.

- Sim. Eu vou amanhã cedo. Eu preciso de uma carta de referência ou algo?

- Não. Jason vai dizer ao gerente que você irá chegar. Você pode ficar na casa da propriedade.

Ela hesitou.

- Onde o gerente está ficando?

- Também na casa - ele levantou uma mão - Antes de você dizer algo, existe uma governanta que fica na casa e cozinha para o gerente.

Aquilo a tranqüilizou, mas só um pouco. Ela não gostava de estranhos, especialmente em quartos próximos. Ela decidiu que apesar do verão ardente, levaria um pijama comprido de cotton e um roupão comprido.

_

Jacobsville parecia muito menor do que ela lembrava. A rua principal era quase a mesma desde quando vivera perto dali. Havia a farmácia onde seu pai comprara remédios. Também havia a lanchonete que Bárbara, a mãe de Marquez, comandava desde que ela podia se lembrar. Havia a loja de informática, e a loja de rações, e a boutique. Era tudo igual. Apenas Glory havia mudado.

Quando ela entrou na estrada que levava até a fazenda dos Pendleton, começou a sentir o estômago revirar-se. Ela havia esquecido. A casa era a mesma que ela dividira com a mãe e com o pai, até que o temperamento explosivo da mãe marcasse o jovem corpo de Glory e a família. Até agora, ela não havia pensado em como poderia ser difícil viver lá novamente.

A velha árvore de pêssegos ainda estava lá. Ela a viu antes mesmo de ver a caixa de correio ao lado da rua estreita. Anos atrás, havia um balanço pendurado na árvore.

A grande surpresa era a casa. Os Pendleton deviam ter gastando algum dinheiro a remodelando, porque a velha casa da juventude de Glory era agora uma elegante casa branca vitoriana com trabalho em madeira. Havia uma longa varanda com um balanço, um banquinho e várias cadeiras de descanso. Logo atrás da casa havia um grande depósito onde os trabalhadores colocavam caixas de milho fresco, ervilhas, tomates e outros produtos dos largos campos ao lado da casa e do depósito. Os campos pareciam perder-se na imensidão.

Ela estacionou embaixo de outro pessegueiro e desligou o motor. O pequeno sedan continha a maioria de seus bens. Exceto pela mobília, e ela nem havia considerado trazer tudo. Ela iria manter seu apartamento em San Antonio. O aluguel de seis meses já estava pago, cortesia de seu meio irmão. Ela imaginou quando ela poderia voltar para casa.

Ela abriu a porta e saiu, a tempo de ver um homem alto, vestindo jeans com cabelos negros e bigode descendo os degraus. Ele tinha um rosto forte e um físico atlético. Ele caminhava com tanta elegância que parecia desfilar. Ele parecia estranho.

Ele encarou Glory e sua expressão tornou-se ainda mais reservada. Ele caminhou em direção a ela com um passo rápido e elegante. Quando ele se aproximou, ela pôde ver que seus olhos eram negros, como petróleo, debaixo de sobrancelhas salientes e cílios escuros. Ela teve o estranho sentimento de que ele era o tipo de homem que ninguém desejava encontrar em um beco escuro.

Ele parou na frente dela, observando o carro barato, os óculos, os cabelos loiros secados pelo vento e as roupas modestas. Se ele estava tirando medidas, ela imaginou, ela diminuiria de tamanho.

- Posso ajudá-la? - ele perguntou friamente.

Ela encostou-se na porta do carro.

- Eu sou a fabricante.

Ele piscou.

- Como?

Ela respirou fundo. Ele era muito alto e parecia mal humorado.

- Eu sei can-can.

- Nós não contratamos dançarinas exóticas - ele devolveu.

Ela arregalou os olhos verdes.

- Como?
- O can-can é uma dança, certo?
- Verdade? - ela perguntou com um olhar zombeteiro - Você gostaria de demonstrá-lo, para que eu possa dar minha opinião se é uma dança ou não?
Incrível, ela pensou. Até agora, ela não acreditava que os olhos de um homem pudessem explodir de mau gênio...

Capítulo 2

A mandíbula do homem esticou-se.

- Eu não estou com humor para jogos - ele disse friamente em um inglês acentuado.
- Primeiro você fala sobre dança, agora está falando sobre jogos - ele disse - Realmente, eu não me importo com sua vida particular. Eu fui mandada até aqui para ajudar com os enlatados. Jason Pendleton me ofereceu o emprego.

Seus olhos estavam realmente brilhando agora.

- Ele o quê?
- Me deu um emprego - ela respondeu. Então franziu a testa - Você tem problema de audição?

Ele deu um passo na direção dela e ela encostou-se mais no carro. Ele parecia feroz.

- Jason Pendleton te ofereceu um emprego aqui?
- Sim, ofereceu - ela respondeu. Talvez humor não fosse uma boa idéia no momento - Ele disse que você precisava de alguém para ajudar com as frutas orgânicas. Eu sei fazer reservas e gelatinas, e sei enlatar vegetais.

Ele parecia incomodado com a presença dela. Era óbvio que ele não estava feliz por ela ir até lá.

- Jason não disse nada sobre isso para mim.

- Ele disse que ligaria para você essa noite. Ele está em Montana em um show de gado.

- Eu sei onde ele está.

O quadril dela estava latejando. Ela não queria mencionar isso. Ele já estava muito irritado.

- Você gostaria que eu dormisse no carro? - ela perguntou educadamente.

Ele pareceu perceber onde eles estavam, como se tivesse perdido a linha do pensamento. Eu mandarei Consuelo preparar um quarto para você - ele disse sem entusiasmo

- Ela está preparando as geléias e as reservas. É uma nova linha. Nós temos uma planta processadora para os vegetais. Se a linha de frutas funcionar, nós acrescentaremos na planta. Consuelo disse que a cozinha daqui é grande o suficiente para amostras de produtos.

- Eu não entrarei no caminho dela - ela prometeu.

- Então venha. Eu apresentarei vocês antes de partir.

Ele estava desistindo antes de começar a trabalhar com ela? - ela quis perguntar. Pena que ele não tivesse senso de humor.

Ela entrou no carro para pegar a bengala vermelha. Ela tinha uma estante de guarda-chuvas cheia de conselhos úteis, em todos os tipos de cores e estilos. Se ela tivesse que pegar uma, pensou, escolheria uma colorida.

Ela fechou a porta, apoiando-se na bengala.

A expressão dele era inexplicável. Ele franziu a testa.

Ela esperou que ele comentasse algo sobre seu problema.

Mas ele não disse. Ele virou-se e caminhou, lentamente, até a casa, esperando que ela o acompanhasse. Ela reconhecia essa expressão. Era pena. Ela juntou os dentes. Se ele oferecesse ajuda para subir os degraus, ela bateria em seu joelho com a bengala.

Mas ele não fez isso. Ele abriu a porta para ela, com má vontade.

Ótimo, ela disse a si mesma quando entrou no hall. Nós nos comunicaremos por linguagem de sinais a partir de agora.

Ele a guiou por uma confortável sala de estar com chão de madeira polido, através do que parecia um padrão em ambos os lados da passagem estreita, e por uma cozinha enorme com utensílios novos, uma larga mesa e cadeiras, uma mesa de trabalho, e cortinas amarelas em todas as janelas. O chão era de linóleo com um padrão marrom. Os gabinetes eram de carvalho, espaçosas e fáceis de alcançar. Havia um enquadramento que ia da lavadora de louças até o fogão. A geladeira ficava sozinha em um canto. Ela devia ter ofendido a cozinheira e ter sido exilada, Glory pensou travessa.

Uma mulher baixa e morena com o cabelo preso em um complicado rabo de cavalo, amarrado em quatro lugares com fita rosa, virou-se com o barulho dos passos. Ela tinha um rosto redondo e olhos risonhos.

- Consuelo - o homem disse indicando Glory - Essa é a nova produtora de conservas.

As sobrancelhas de Consuelo arquearam-se.

- Eu disse a ele que podia fazer o can-can e ele me chamou de dançarina exótica - Glory disse a mulher.

A outra mulher parecia estar contendo o riso.

- Esta é Consuelo Aguila - ele apresentou - E esta é... - ele parou, porque não sabia o nome da forasteira.

Glory esperou que ele encontrasse uma saída. Ela não estava disposta a ajudar.

- Você não perguntou o nome dela? - Consuelo chiou. Ela virou-se para Glory, com um sorriso largo - Você é bem vinda aqui. Eu aprecio ajuda. Qual é seu nome?

- Gloryanne - veio a resposta suave - Gloryanne Barnes.

O homem arqueou as sobrancelhas.

- Quem lhe deu esse nome?

Os olhos dela se tornaram solenes.

- Meu pai. Ele acreditava que ter um filho era uma ocasião gloriosa.

Ele estava curioso sobre a expressão dela. Ela parecia relutante em acrescentar mais informações.

- Você sabe quem é ele? - Consuelo perguntou, indicando o homem.

Glory torceu os lábios. Em seguida balançou a cabeça.

- Você nem mesmo se apresentou? - Consuelo perguntou irritada ao homem.

Ele a encarou.

- Ela não vai trabalhar comigo - ele disse categoricamente.

- Sim, mas ela vai morar na casa...?

- Eu não me importo em dormir no carro - Glory disse rápido, muito calma.

- Não seja absurda - ele grunhiu - Eu tenho que ir a loja de ferragens para pegar mais algumas estacas para os tomates - ele disse a Consuelo - Arrume um quarto para ela e diga como nós trabalhamos aqui.

Glory abriu a boca para protestar a atitude dele, mas ele virou-se e saiu do quarto sem dizer mais nada. A porta da frente fez um estrondo quando ele passou por ela e bateu.

- Nossa, ele é um charme, não? - Glory perguntou a mais velha com um sorriso - Eu mal posso esperar para me estabelecer aqui e fazer da vida dele um inferno.

Consuelo riu.

- Ele não é tão ruim - ela disse - Nós não sabemos como ele assumiu o posto quando o senhor Wilkes aposentou-se. O chefe - isto é, o senhor Pendleton, mora em San Antonio - nos disse que Rodrigo havia perdido sua família recentemente e estava de luto. Ele veio para cá para recomeçar sua vida.

- Oh, querida - Glory disse baixo - Eu não deveria ter sido tão sarcástica em relação a ele.

- Isso antecipou sua volta - a mulher afirmou - Ele trabalha como um tigre. Ele nunca é cruel ou duro com os homens que trabalham no campo. Ele é um homem culto, eu acho, porque ele adora ouvir DVDs de ópera e música clássica. Mas certa vez, um trabalhador entrou em uma briga com outro homem, Rodrigo intercedeu. Ninguém viu ele se mover, mas na velocidade da luz, o homem estava caído no chão com vários cortes. Os homens não deram nenhum motivo para que Rodrigo fosse atrás deles, desde que isso aconteceu. Ele é muito forte.

- Rodrigo? - Glory testou o nome. Tinha uma dignidade silenciosa.

- Rodrigo Ramirez - ela completou - Ele trabalhava em uma fazenda de criação de gado em Sonora, pelo que ele disse.

- Ele veio do México?

- Eu acho que ele nasceu lá, mas ele não fala sobre o passado.

- Seu sotaque é muito leve - Glory murmurou - Eu acho que ele fala espanhol.

- Espanhol, francês, dinamarquês, alemão, italiano e, além de tudo, Apache.

Glory estava confusa.

- Com um talento desse ele trabalha como zelador de uma fazenda de gado?

Consuelo deu de ombros.

- Eu também fiz essa observação. Ele me disse que já trabalhou como tradutor. Onde, ele não disse.

Glory sorriu.

- Pelo menos, esse trabalho será interessante.

- Você conhece o chefão, Jason Pendleton?

Glory concordou.

- Bem, um pouco - ela acrescentou rapidamente - Eu era mais amiga de sua irmã - ela confidenciou.

- Ah. Gracie - Consuelo deu de ombros novamente - Ela veio com ele uma vez. Havia um gato com uma pata quebrada ao lado da estrada, um vira-lata que andava por aqui. Gracie o pegou, sangrando e sujo, e fez com que Jason a levasse ao veterinário mais próximo. Ela vestia um vestido de seda que devia custar dois meses do meu salário, e não se importou. O gato era o que importava - ela sorriu - Ela deveria se casar. Seria um homem de muita sorte, ter uma esposa como ela.

- Ela não quer se casar - Glory disse - Seu pai biológico era um inferno.

- O pai dela e de Jason, você quer dizer...

Glory balançou a cabeça.

- Veja bem, Jason e Gracie não são parentes. O pai dela morreu quando ela era uma adolescente. A madrasta dela casou com o pai de Jason. Então a madrasta dela morreu e o pai de Jason casou de novo - ela não acrescentou que o padrasto de Jason também era seu padrasto. Era complicado.

Consuelo tirou o avental.

- Eu tenho que te mostrar o quarto de hóspedes - ela virou-se, e só então viu a bengala, meio escondida atrás da perna de Glory. Os olhares se encontraram - Você deveria ter me dito - ela fez uma careta - Eu nunca deixaria você em pé enquanto eu fofocava! Deve estar dolorido.

- Eu nem percebi. Verdade.

- O quarto é aqui embaixo, pelo menos - Consuelo disse, caminhando entre as estantes, passando pela sala, e chegando a uma porta que levava a outro corredor, que terminava em um banheiro que se abria para um pequeno quarto com papel de parede azul.

- É adorável - Glory disse a ela.

- É pequeno - Consuelo disse - Rodrigo tinha escolhido para ele, mas eu disse que ele precisava mais do que isso. Ele tem dois computadores e vários pedaços de equipamento de rádio. Um passatempo, ele disse. Tem uma mesinha que ele usa no estúdio, mas ele prefere seu quarto quando está trabalhando com os livros.

- Ele é anti-social?

- Ele não tem nada com as mulheres - Consuelo respondeu. Em seguida franziu a testa - Mas houve um dia em que uma bela loira veio vê-lo. Eles pareciam muito próximos. Eu perguntei. Mas ele ignorou a pergunta. Ele não fala sobre sua vida particular.

- Que estranho.

- Você é casada ou está noiva?

Glory balançou a cabeça.

- Eu não quero me casar. Nunca.

- Você não quer filhos?

Glory deu de ombros.

- Eu não sei se quero tentar - ela disse - Eu tenho um... problema médico. Poderia ser perigoso - ela suspirou - Mas já que eu não confio muito nos homens, isso também complica.

Consuelo não fez mais perguntas, mas suas maneiras com Glory eram gentis.

_

A fazenda era enorme. Havia muitos campos, cada um com uma plantação diferente, e as plantações eram cultivadas para que estivessem prontas. As árvores frutíferas já estavam carregadas. Pêssegos, damascos, tangerinas e kiwis eram os primeiros a serem colhidos. As macieiras eram variedades plantadas no outono. Entre elas havia bagas, amoras pretas, framboesas, amoras vermelhas e morangos.

- Eu ficarei muito ocupada - Glory disse enquanto Consuelo mostrava os campos cheios.

- Todos estaremos - a outra mulher respondeu - Eu estava pensando em abandonar o emprego. É muito para só uma mulher. Mas eu acho que nós duas poderemos cuidar de tudo. As geléias, gelatinas e pickles vão acrescentar muito a nossa renda se forem vendidos. Eles são populares entre os turistas. Nós também os vendemos para a floricultura local, eles são colocados em cestas de presentes. Nós temos uma planta processadora para os vegetais orgânicos e uma loja on-line que opera o nosso armazém. Eles fazem pedidos. Mas ainda é cedo para os nossos enlatados especiais. Eu só planejava fazer as coisas comuns, reservas de frutas e geléias. Eu adoraria fazer pequenos lotes de milho, ervilha e feijão orgânico, mas eles fazem isso no centro processador. Além disso, eles requerem um fogão de pressão para serem processados e também precisam de mais tempo do que eu tenho desde que Rodrigo chegou. Ele é um homem muito dinâmico.

- Fogões de pressão me deixam nervosa - Glory começou.

- Todos nós ouvimos histórias de como eles podem explodir - Consuelo soluçou - Mas essa é uma nova era. Todos eles tem controle de segurança hoje em dia. De qualquer modo, nós não os usaremos aqui. Me deixe te mostrar em que nós estamos trabalhando. É um trabalho simples.

_

Fácil. Era verdade. O quadril de Glory a incomodava, e na maior parte do tempo ela caminhava lentamente. Mas Consuelo lhe arrumou um banco e ela se ajustou as novas exigências físicas de seu emprego.

Rodrigo, entretanto, não era fácil. Ele parecia ter adquirido uma desafeição instantânea por Glory e estava determinado a falar o mínimo possível com ela.

Ele parecia pensar que ela era uma inútil. Ele era impessoalmente tolerante quanto ao problema dela, mas ele freqüentemente a encarava como se suspeitasse que o cérebro dela estivesse trancado em uma gaveta e só saísse de vez em quando para ser polido. Ela se perguntou o que ele diria se soubesse o que ela fazia para viver e porque ela estava lá. Animava-lhe considerar a reação dele.

Um dia, ele trouxe um homem em casa e disse a Consuelo que ele cuidaria dos trabalhadores enquanto Rodrigo ficasse fora no fim de semana. Glory não gostou nem um pouco do recém chegado. Ele parecia nunca olhar alguém nos olhos. Ele era baixo, carrancudo e sempre olhava o corpo de Glory enquanto falava com ela. Já era inquieta perto dos homens, e esse estava lhe causando problemas reais.

Consuelo percebeu, e meteu-se entre os dois quando o homem se tornou muito amigável.

- Eu não posso imaginar o que aconteceu na cabeça do senhor Ramirez quando ele contratou aquele Castillo como assistente - Consuelo murmurou para Glory quando elas estavam sozinhas na cozinha - Eu não gosto de tê-lo por aqui. Ele já ficou preso por algum tempo.

- Como você soube disso? - Glory perguntou. Ela sabia a resposta, mas ela se perguntou se Consuelo estava apenas imaginando o passado do homem ou se havia uma razão para o argumento.

Os músculos nos seus braços e no seu peito são grandes, e ele tem tatuagens em todo lugar - ela mencionou uma tatuagem que o marcava como um membro de uma das mais notórias gangues de rua de Los Angeles.

Glory, que também sabia tudo sobre membros de gangues, ficou surpresa e impressionada com o conhecimento da mulher.

- O que ele está fazendo aqui? - Glory perguntou baixo, receosa.

- Eu não me atreveria a perguntar - veio a resposta solene - Nós deveríamos avisar o senhor Pendleton, mas poderia arriscar meu emprego mencionar isso fora da casa. Nós temos que confiar no que Rodrigo está fazendo.

- Ele é um pássaro estranho - Glory enfatizou - Rodrigo. Ele é muito culto e muito inteligente. Eu tenho certeza de que ele seria contratado em qualquer lugar. Ele parece fora do lugar em uma fazenda de gado.

Consuelo deu de ombros.

- Eu não perguntaria a ele nada que não fosse necessário para a realização do meu emprego - ela respondeu - De tempos em tempos, algo o deprime. Ele é eloquente com

palavras ruins, e ele não tolera corpo mole ou atrasos. Um homem que ele pegou bebendo no emprego foi despedido no mesmo dia. Ele é um comandante duro.

- Sim, eu percebi que ele é esse tipo de homem. Ele não é feliz.

Consuelo a encarou e concordou.

- Você é perceptiva. Não, ele não é. E eu também acho que ele não é uma pessoa de bom humor. Ele deve ter amado muito sua família. Eu percebi como ele é com meu filho, Marco, quando ele me visita.

- Você tem filhos? - Glory perguntou gentilmente.

Consuelo sorriu.

- Sim, um garoto. Ele acabou de fazer vinte e um. Eu o adoro.

- Ele mora perto daqui?

Consuelo balançou a cabeça.

- Ele mora em Houston. Mas ele vem me ver quando pode. Especialmente quando tem algum jogo na TV a cabo - ele não pode bancar, mas Rodrigo instalou aqui então ele não perde os jogos.

- Futebol? - os olhos de Glory brilharam - Eu amo futebol!

- Verdade? - Consuelo animou-se - Você torce para que time?

Glory sorriu orgulhosa.

- México. Eu sei que deveria torcer para um time de meu país, mas eu adoro o time Mexicano. Eu tenho uma bandeira do país que eu penduro na minha sala durante a Copa do Mundo e a Copita.

- Provavelmente eu não deveria dizer que sou relacionada com um jogador da seleção.

- Mesmo? - Glory exclamou - Qual?

Antes que ela pudesse responder, Rodrigo entrou. Ele parou na porta, franzindo a testa quando viu a felicidade de Glory.

- O que eu interrompi? - ele perguntou curioso.

- Nós estávamos falando sobre futebol - Consuelo começou.

Ele encarou Glory.

- Não me diga que você assiste?

- Sempre que posso - ela respondeu.

Ele fez um som na garganta, como se prendesse o riso. Ele virou para Consuelo.

- Eu estarei fora no fim de semana. Deixarei Castillo em meu lugar. Se você tiver algum problema com ele me avise.

- Ele não... - Consuelo começou, encarando Glory.

- Ele não nos incomoda - Glory completou, com um olhar direto.

- Eu não entendo porque incomodaria, já que você não tem contato com ele - ele disse a ela - Se precisar de mim, você tem o número do meu celular.

- Sim - Consuelo disse.

Ele saiu sem dizer mais nada.

- Por que você não me deixou contar? - Consuelo perguntou preocupada.

- Ele pensaria que eu estava reclamando para você - Glory disse simplesmente - Se Castillo me causar problemas, eu mesma cuidarei dele - ela sorriu gentilmente - Você não deveria acreditar que meu quadril me deixa muito lenta - ela disse suavemente - Eu sei cuidar de mim mesma. Mas obrigada por se preocupar.

Consuelo hesitou, então riu.

- Ok, eu deixarei você cuidar disso do seu modo.

Glory concordou, e voltou ao trabalho.

_

Castillo não as incomodou. Mas ele conversou por um longo tempo com um homem em uma perua branca. Glory observou tudo pela janela da cozinha, tendo certeza de que ele não a via. A perua era velha e batida e o homem que a dirigia era musculoso e tatuado como Castillo. Ela anotou mentalmente a placa da perua e anotou em um papel, para não esquecer.

Ela não deveria suspeitar tanto das pessoas, disse a si mesma. Mas ela conhecia muito sobre tráfico de drogas por causa dos casos que advogava, e ela tinha uma espécie de sexto sentido sobre as "mulas" que transportavam cocaína, marijuana e metanfetamina de um lugar para outro. Muitas das "mulas" eram membros de gangues de rua que também ajudavam a distribuir o produto.

Ela e Consuelo ficaram ocupadas nas próximas semanas quando as frutas começaram a chegar. Elas tinham cestas e cestas, recolhidas pelos trabalhadores e espalhadas pela cozinha. Se Glory tinha dúvidas quanto a presença dos dois fogões, agora não precisava perguntar mais nada. Ambas passavam os dias e as noites enquanto o doce aroma de reservas, gelatinas e geléias inundava a casa.

Lentamente Glory começou a acostumar-se com a presença de Rodrigo na cozinha durante as refeições. Ele dormia no segundo andar, então ela não o via de noite. Algumas vezes ela ouvia os passos dele. Aparentemente o quarto dele era bem acima do dela.

Ela serviu bacon, ovos e biscoitos caseiros que aprendera a fazer quando tinha dez anos para Rodrigo, já que Consuelo havia ido a cidade para comprar suprimentos, incluindo jarros e potes. Ela derramou café em uma xícara e a colocou na mesa também. Ela já havia comido fazia tempo, então voltou a empacotar uma cesta de pêssegos.

_

Rodrigo a observou silenciosamente. Ela estava com o cabelo preso na costureira trança. Ela vestia um jeans velho e uma camiseta que mostrava muito pouco da pele. Ela não era uma mulher bonita. Ele não a achava interessante. Não que isso importasse. Agora que Sarina estava casada, e ela e Bernadette não eram mais parte de sua vida, nada importava. Ele havia esperado que a volta do pai de Bernadette, Colby Lane, não fizesse diferença no relacionamento entre ele a mulher e a criança. Mas conforme o tempo passava, Colby e Sarina se tornavam inseparáveis. Eles haviam sido casados anos atrás e parecia que o divórcio não havia sido anulado. Era como a morte para Rodrigo, que havia sido parte da família de Sarina por três anos. Ele não podia lidar com isso. Era por isso que ele havia aceitado o emprego. Era um disfarce perigoso. Ele era conhecido pelos grandes traficantes de drogas, e seu rosto era procurado desde que ele prendera Cara Dominguez, sucessora do famoso, e morto, traficante Manuel Lopez.

Rodrigo era um agente da Administração executiva contra as drogas. Ele e Sarina, sua agente companheira, haviam trabalhado juntos na divisão de Tucson por três anos. Eles também haviam sido mandados a Houston para interceptar um carregamento de drogas. Eles obtiveram sucesso. Mas Colby Lane, que havia ajudado na interceptação, havia lhe arrancado Sarina e Bernadette. Rodrigo ficara devastado.

Sarina prometera a Colby que desistiria do emprego no DEA e trabalharia para o chefe de polícia Cash Grier em Jacobsville. Então Rodrigo havia pedido por esse emprego sobre disfarce, para ficar perto dela. Mas Sarina havia sido persuadida pelo DEA a trabalhar com

Alexander Cobb em outro caso no escritório de Houston. Colby não gostara. Rodrigo gostara menos ainda. Ela estava em Houston, e ele estava aqui. Colby entrara na Corporação Ritter Oil em Houston como assistente de segurança da firma, enquanto Sarina ficava no escritório do DEA de Houston. Bernadette estava terminando o ano escolar em um ambiente familiar. Em Houston.

Sarina viera até ali para lhe contar as novidades. Havia sido doloroso a ver novamente. Ela sabia como ele se sentia, ela sentia muito por ele. Mas isso não ajudava. Sua vida estava em pedaços. Ela estava preocupada porque seu disfarce era fajuto e ele poderia ser morto se os traficantes o descobrissem. Isso não importava. Havia um preço por sua cabeça em qualquer lugar do mundo desde os dias em que trabalhava como mercenário profissional. Esse país era o único lugar onde ele não corria o risco de ser assassinado. Por outro lado, sua linha de trabalho também poderia matá-lo.

- Você não fala muito, certo? - ele perguntou à mulher empacotando pêssegos ao seu lado.

Ela sorriu.

- Não, não muito - ela respondeu.

- Você está gostando do emprego? - ele perguntou.

- É legal - ela respondeu - E eu gosto de Consuelo.

- Todo mundo gosta. Ela tem um coração enorme.

Ela descascou outro pêssego. Ela terminou o café e levantou para encher novamente a xícara. Ela percebeu.

- Eu não me importo de fazer isso - ela disse - É parte do meu serviço trabalhar na cozinha.

Ele ignorou o comentário, acrescentou creme no café, e sentou novamente.

- Como você machucou a perna?

Ela fechou o rosto. Não gostava das lembranças.

- Foi quando eu era criança - ela disse, encerrando o assunto.

Ele a observava muito próximo.

- E você não fala sobre isso, certo?

Ela o olhou nos olhos.

- Não. Não falo.

Ele bebeu um pouco do café. Em seguida seus olhos se estreitaram.

- A maioria das mulheres de sua idade está casada ou envolvida com alguém.

- Eu gosto da minha própria companhia - ela disse a ele.

- Você não divide as coisas - ele respondeu - Você não confia em ninguém. Fica fechada, faz seu emprego e vai para casa.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Você está fazendo um exame psicológico?

Ele sorriu friamente.

- Eu gosto de saber um pouco sobre as pessoas com quem trabalho.

- Eu tenho vinte e seis anos, nunca fui presa, odeio fígado, pago minhas contas em tia e nunca trapaceei no meu imposto de renda. Oh - ela acrescentou - Eu uso sapatos no tamanho trinta e oito, em caso de você precisar.

Ele deu um risinho. Os olhos escuros estavam brilhantes, vivos, intensos no rosto dele.

- Isso soa como um interrogatório?

- Algo desse tipo - ela disse sorrindo.

- Consuelo disse que você fala espanhol.

- Tengo que hablarlo - ela respondeu - Para hacer mi trabajo.

- Y qué es su trabajo, pues, rubia? - ele respondeu.

Ela sorriu gentilmente.

- Você fala tão bonito - ela disse involuntariamente - Eu aprendi castelhano, embora eu não consiga pronunciar o C.

- É fácil entender o que você diz - ele disse a ela - Você é alfabetizada?

Ela concordou.

- Eu amo ler coisas em espanhol.

- O que você gosta de ler?

Ela mordeu o lábio inferior e lançou-lhe um olhar estranho.

- Bem...

- Vamos.

Ela suspirou.

- Eu gosto de ler sobre Juan Belmonte, Joselito e Manolete.

Ele arqueou as sobrancelhas.

- Toureiros? Você gosta de ler sobre toureiros espanhóis?

Ela deu de ombros.

- Antigos toureiros - ela corrigiu - Belmonte e Joselito foram toureiros no início do século vinte, e Manolete morreu em 1947.

- Exatamente - ele estudou-a por cima da sua xícara de café - Você é cheia de surpresas, não? Futebol e tourada - ele balançou a cabeça - Eu tomaria você como uma mulher que gosta de poesia.

Se ele conhecesse ela, e seu estilo de vida, ficaria chocado ao saber que ela nunca considerara fazer trabalho manual, quanto mais ler poesia. Ela divertiu-se com o pensamento.

- Eu gosto de poesia - ela respondeu. E era verdade.

- Eu também - ele disse surpreendentemente.

- Quais poetas? - ela pescou.

Ele sorriu.

- Lorca.

Os lábios dela entreabriram-se em um movimento chocado.

- Ele escreveu sobre a morte de seu amigo Sánchez Mejías em uma arena de touros.

- Sim, e ele foi assassinado durante a guerra civil espanhola alguns anos depois.

- Que estranho - ela disse, pensando alto.

- Eu ler Lorca?

- Bem, considerando o que ele escreve, sim. É uma coincidência, não?

- Quais poetas você lê? - ela devolveu.

- Eu gosto de Rupert Brooke - de fato, enquanto ela observava Rodrigo lembrou-se de um poema especial, sobre a morte encontrar o poeta muito antes dele se cansar de observar o objeto do poema. Involuntariamente ela pensou que Rodrigo era agradável de olhar. Ele era muito bonito.

Ele torceu os lábios.

- Eu me pergunto se nós estamos pensando no mesmo poema? - ele pensou alto.

- Em qual você está pensando? - ela indagou.

- A morte irá me encontrar muito antes que eu canse de te olhar - ele começou em um tom lento, sensual, baixo.

O pêssago que ela estava descascando caiu de suas mãos e rolou pelo chão da cozinha enquanto ela o encarava com os olhos arregalados.

Capítulo 3

Rodrigo a observou curioso. Ela era uma contradição. Ela parecia simples e doce, mas era educada. Ele estava certo de que ela não era o que parecia ser, mas ainda era cedo para começar a dissecar sua personalidade. Ele se interessava por ela, mas não queria que ela se interessasse por ele. Ele ainda estava sofrendo por Sarina. De qualquer modo, divertia-o saber que ela gostava dos mesmos poemas que ele.

Ela levantou devagar e pegou o pêssgo, jogou fora porque Consuelo havia encerado a cozinha naquela manhã e ela não queria encontrar um rastro de cera na fruta. Ela lavou as mãos novamente também.

- Eu fico feliz em saber que você aprecia o perigo da contaminação - ele disse.

Ela sorriu.

- Consuelo me cortaria em pedaços com uma faca se me pegasse colocando algo naquele pote que tenha caído no chão, não importa quão limpo esteja.

- Ela é uma boa mulher.

- Sim - Glory concordou - Ela tem sido muito gentil comigo.

Ele terminou o café e levantou. Mas não saiu.

- Um dos trabalhadores disse que Castillo fez um comentário sugestivo em relação a você quando você foi pedir uma cesta para as cerejas que estavam prontas.

Ela lançou-lhe um olhar desconcertado. Ela havia escutado algumas besteiras de Castillo. Ele apenas sorria. Isso a deixara com raiva. Mas ela não queria ganhar uma reputação por linguagem vulgar. Havia mais do que isso, claro. Sua mãe não havia sido a única pessoa que abusara fisicamente dela. Os dois adolescentes havia perseguido e assustado Glory por meses. Como resultado da violência de seu passado, ela era difícil e assustada com os homens ao seu redor. Rodrigo estava fora quando o novo empregado fizera comentários sugestivos, e Glory e Consuelo não seriam páreo para os músculos que Castillo adorava exhibir, se Glory o insultasse.

- Você tem medo dele - Rodrigo disse baixo, observando a reação dela.

Ela respirou fundo. Sua mão apertou a faca. Ela não queria admitir isso, mesmo sendo verdade. Ela tinha medo dos homens. Machucava seu orgulho ter que admitir isso.

- Foi um homem que fez isso com você? - ele perguntou inesperadamente, indicando o quadril dela.

Ela estava emocionalmente abalada para escolher as palavras.

- Minha mãe fez - ela respondeu.

Se ele esperava alguma resposta, essa não era a desejada.

- Deus do céu, sua mãe? - ele exclamou.

Ela não conseguiu olhá-lo nos olhos.

- Sim.

- Por quê?

- Ela estava matando meu gato - ela disse sentindo a dor novamente - Eu estava tentando pará-la.

- Ela bateu em você com o quê?

A lembrança ainda era dolorosa.

- Um taco de beisebol. Meu próprio taco de beisebol. Eu jogava no time da escola.

A respiração dele era audível no silêncio que prosseguia.

- E o gato?

A lembrança doía.

- Meu pai o enterrou para mim enquanto eu estava no hospital - ela disse fracamente.

- Niña - ele disse debilmente - Lo siento.

Ela nunca tiver conforto. Havia sido oferecido, e recusado, varias vezes durante os traumáticos momentos de sua vida. Simpatia era enfraquecedora. Era o inimigo. Ela tentou arduamente controlar as lágrimas, mas não conseguiu. A ternura na voz profunda de Rodrigo a deixou faminta por conforto. Os olhos molhados expressavam a necessidade.

Ele pegou a faca e os pêssegos da mão dela, colocou-os de lado e apertou-a em seus braços. Ele a segurou, embalou, enquanto anos de desespero e dor escorriam dela em um laço invisível.

- Ela deve ter sido uma bruxa - ele disse contra os cabelos dela.

- Sim - ela disse simplesmente, lembrando o que acontecera depois do acidente. A condenação e a prisão de seu pai, os orfanatos, a violação...

Ela deveria ter medo dele. A lembrança dos garotos a sobre julgando no orfanato a deixava apreensiva. Mas ela não estava com medo. Ela colou-se a ele, apoiando o rosto molhado no peito largo. Seus braços eram fortes e quentes, e ele a segurou de um modo gentil, mas nada sexual. Aquele conforto era algo novo em sua vida. Jason havia abraçado-lhe quando ela chorara, claro, mas Jason era como um adorável irmão mais velho. Este homem era algo totalmente diferente.

Ele alisou o cabelo dela, pensando como era bom sentir o corpo outro ser humano próximo ao seu. Ele sofrera pela perda de Sarina e Bernadette, e bem no fundo ele recordou a angústia que sofrera quando o traficante, Manuel Lopez, matara sua irmã. Ele conhecia o sofrimento. Ele começou a entender um pouco essa mulher. Ela era forte. Deveria ser, para ter sobrevivido a este pesadelo. Ele suspeitava de que havia mais coisas traumatizantes no passado dela, coisas que ela nunca dissera a ninguém.

Depois de um minuto, ela se afastou dele. Estava embaraçada. Ela secou os olhos com a ponta do avental e virou-se para pegar os pêssegos e a faca.

- Todos nós temos tragédias em nossas vidas - ele disse baixo - Nós vivemos com elas em silêncio. Algumas vezes a dor se liberta e se torna visível. Você não deve ficar embaraçada por perceber que é um ser humano.

Ela o encarou com olhos vermelhos. Então concordou.

Ele sorriu e observou o relógio.

- Eu tenho que começar o trabalho. O café estava muito bom. Seus biscoitos são melhores que os da Consuelo, mas não diga a ela.

Ela esboçou um sorriso tímido.

- Não direi.

Ele caminhou até a porta.

- Señor Ramirez - ela chamou.

Ele virou, as sobranceiras arqueadas.

- Obrigada - ela disse.

- Não há de que.

Ela o observou partir, tremendo por dentro com os sentimentos desconhecidos. Ela não podia lembrar de nenhum homem, exceto Jason, segurando-a daquele jeito em sua vida adulta. Havia sido maravilhoso. Agora ela tinha que afastar isso da cabeça. Ela não queria ninguém emocionalmente próximo a ela. Nem mesmo Rodrigo.

Na semana seguinte, ela ficou surpresa ao ver um carro de polícia no jardim. Ela foi até a varanda e parou enquanto o chefe de polícia da cidade, Cash Grier, subia os degraus.

Ela não o havia visto antes, e ficou surpresa ao ver o rabo de cavalo comprido que ele usava. Ela havia ouvido falar que ele era diferente, e havia alguns rumores sobre seu passado que eram ditos em sussurros. Mesmo em San Antonio, ela era uma lenda nos círculos do exercício da lei.

- Você é o chefe Grier - ela disse quando ele se aproximou.

Ele deu um risinho.

- O que me entregou? - ele perguntou.

- A estrela que diz "Chefe de Polícia" - ela respondeu zombeteira - O que eu posso fazer por você?

Ele deu de ombros.

- Eu vim ver Rodrigo. Ele está por aí?

- Estava - ela respondeu - Mas ele não veio para o almoço, nem ligou - ela virou-se e abriu a porta de tela, apoiando-se pesadamente na bengala - Consuelo, você sabe onde está o senhor Ramirez?

- Ele disse que ia até a cidade para buscar os baldes que encomendou - ela informou.

Glory virou-se para o chefe, e encontrou-o observando a bengala. Ela ficou na defensiva.

- Algo está incomodando você? - ela perguntou pertinente.

- Desculpe - ele disse - Eu não queria ficar olhando. Você é muito jovem para usar uma bengala.

Ela concordou, os olhos verdes encontrando os dele.

- Eu a uso há muito tempo.

Ele acenou com a cabeça, e não sorriu.

- Sua mãe era Beverly Barnes, não? - perguntou friamente.

Ela prendeu a respiração.

- A mãe de Marquez é dona da lanchonete local - ele respondeu - Eu soube de você por ela. Ela e Rick não tem segredos.

- Ninguém pode saber por que eu estou aqui - ela disse preocupada.

Ele levantou uma mão.

- Eu não disse nada, e não direi. Eu aposto que você inclui Rodrigo como uma das pessoas que não devem saber por que você está aqui?

- Sim - ela disse rapidamente - Especialmente Rodrigo.

Ele concordou.

- Eu cuidarei de tudo - ele disse - Mas seria bom incluir Rodrigo no segredo.

Ela não podia imaginar por que. O gerente de uma fazenda de gado não saberia o que fazer contra um traficante de drogas.

- Quanto menos pessoas souberem, melhor - ela disse a ele - Fuentes adoraria acabar comigo. Eu sei muita coisa.

- Marquez me contou. Ele disse que teve que brigar com você para conseguir sua mudança para cá. O que acontece é, Fuentes provavelmente tem aliados que nós não conhecemos.

- Aqui? - ela perguntou.

- Muito provável. Eu tenho alguns contatos do lado errado da lei. O boato é que ele estava contratando adolescentes para as suas áreas mais potentes de vingança. Eles vão para a febre, você sabe, não para a prisão. Eu sei que ele está recrutando em uma gangue em Houston - Los Serpientes. Se você presenciar alguma atividade suspeita aqui, ou qualquer rosto jovem, eu quero saber. Noite ou dia. Especialmente se você se sentir ameaçada. Eu não me importarei se você ligar depois da meia-noite.

- É muito generoso da sua parte - ela disse, e sorriu.

- Não muito - ele suspirou - Tris, nossa neném, nos mantém acordados durante horas. Os dentes dela estão nascendo, então provavelmente você não irá nos acordar.

- Sua mulher é muito famosa - ela disse timidamente.

Ele sorriu orgulhoso.

- Sim, mas você nunca diria isso se a visse empurrando o carrinho de Tris na loja de doces da cidade - ele assegurou.

Loja de doces. A loja tinha uma peruca. Algo piscou no interior de sua cabeça. Ela recordou algo.

- Tinha uma peruca - ela disse de repente - Esse homem, o tal Castillo, que o senhor Ramirez contratou como assistente estava falando com um homem em uma peruca branca. Eles trocaram algo - dinheiro ou drogas, talvez. Foi suspeito, então eu anotei o número da placa do carro.

- Garota esperta - ele disse impressionado.

- Eu anotei em um bloco na cozinha. Você gostaria de entrar e tomar um pouco de café? Consuelo fez uma torta de pêssegos para o jantar.

- Eu amo café e torta - ela assegurou.

- Entre, então.

Ele a seguiu até a cozinha, onde Consuelo o cumprimentou, mas com suspeita óbvia. Ele pegou o número com Glory enquanto Consuelo saía do cômodo.

- Consuelo não gosta de policiais - ela confidenciou - Eu não sei por que. Eu mencionei algo sobre as patrulhas extras que estavam rondando a casa, e ela foi beligerante.

- Podem ser as investigações dos imigrantes - Cash murmurou - Eles intensificaram o novo clima político.

- E quanto às patrulhas? - ela perguntou de repente.

Ele olhou em direção a porta para ter certeza de que Consuelo não estava por perto.

- Um dos empregados de Ramirez tem agido obscuramente - Nós conseguimos um arquivo de alta segurança, mas ainda estamos de olho nele - ele deu um risinho - Bom trabalho, conseguir o número da placa.

Ela deu de ombros.

- Eu me sinto como uma agente disfarçada ou algo do tipo - ela murmurou enquanto ele se levantava para partir.

Ele riu.

- Eu não posso lhe dizer por que isso é divertido, mas um dia você descobrirá. Obrigado pela torta e pelo café.

- Você é bem vindo - ela hesitou - Você pode me dizer em qual empregado você está de olho?

Ele suspirou.

- Provavelmente você já adivinhou.

Ela concordou.

- Castillo tem tatuagens e músculos como um presidiário. Não é necessário ser um gênio para adivinhar. Eu vi tipos como ele entrando pelo meu escritório durante anos.

- Eu também - ele disse.

- Você conhece bem o senhor Ramirez? - ela perguntou repentinamente.

- Na verdade não - ele disse deliberadamente - Eu o vejo por aqui. Mas na verdade eu vim hoje para conversar com ele sobre um dos empregados que pode estar no país ilegalmente.

Ela imaginou qual seria o empregado.

- Você quer que eu peça para ele te ligar quando chegar? - perguntou.

- Faça isso, se você não se importar.

- Sem problemas - ela apoiou-se na bengala, franzindo a testa. Outro pensamento provocou a questão seguinte - Algo ilegal - ela disse lentamente - Você não acredita que seja Angel Martinez, acredita? - ela acrescentou, lembrando do gentil homem que sempre era cortês com ela quando vinha até a casa com Rodrigo. Ela gostava dele.

Ele arqueou as sobrancelhas.

- Por que você diz isso?

Ela mudou a posição. O quadril estava doendo.

- É só que ele e a mulher, Carla, tem três filhos. Eles são muito gentis, e são tão felizes aqui. Eles vieram de um vilarejo na América Central onde apareceu um grupo paramilitar. Alguém no vilarejo identificou um dos rebeldes às autoridades governamentais. No dia seguinte, Angel trouxe Carla e as crianças para outro vilarejo porque uma das crianças tinha uma irritação no olho. Quando eles voltaram, todos no vilarejo estavam mortos, deitados como lenha no solo.

Ele se aproximou.

- Eu sei como é a vida nesses vilarejos - ele disse com surpreendente simpatia - E eu sei como os Martinez são boas pessoas. Algumas vezes executar a lei é doloroso até mesmo para profissionais.

A simpatia dele a tornou ousada.

- Eu conheço um advogado em San Antonio que é especialista em casos de imigração - ela começou.

Ele suspirou, notando a expressão dela.

- E eu conheço um advogado federal - ele respondeu com resignação - Ok. Eu farei algumas ligações.

Ela sorriu para ele.

- Eu soube que você era um bom homem no momento em que te vi.

- Verdade? Como? - ele perguntou curioso.

- O rabo de cavalo - ela disse a ele - Deve ser um sinal de coragem pessoal. Era adulação declarada.

Ele sorriu.

- Bem, eu terei que ir para casa e contar a Tippy qual é o segredo.

Ela deu um risinho.

A expressão dele tornou-se perigosa.

- Castillo é perigoso. Não fique muito corajosa quando estiver sozinha com ele por aqui.

- Eu já percebi - ela assegurou - Ele não tem respeito pelas mulheres.

- Homens - ele acrescentou - Tome cuidado.

- Tomarei.

Ele acenou enquanto descia os degraus.

Rodrigo estava curioso sobre a conversa que Glory tivera com o chefe Grier. Muito curioso.

- Ele disse algo sobre o imigrante ilegal que ele está procurando? - ele perguntou por sobre a mesa de jantar com Consuelo.

Glory hesitou. Ela não conhecia Rodrigo o suficiente para confiar nele com informações de um caso potencialmente trágico.

Consuelo deu um risinho para ele.

- Ela está com medo de você entregar Angel - ela disse em um sussurro forçado.

Glory corou e Rodrigo gargalhou.

- Eu nunca suspeitei que você tivesse ligações anarquistas - ele zombou.

Ela terminou a colher de sopa antes de respondê-lo.

- Eu não sou anarquista. Eu só acredito que as pessoas tomam decisões sem saber os fatos. Eu sei que os imigrantes prejudicam a nossa economia - ela colocou a colher no prato e o encarou - Mas não somos todos nós americanos? Eu quero dizer, o continente é América do Norte, não é? Se você é do norte, do centro ou do sul, ainda é um americano.

Rodrigo encarou Consuelo.

- Ela é uma socialista - disse.

- Eu não tenho classificação - ela argumentou - Eu só acho que ajudar pessoas em necessidade é o que nós chamamos de liberdade e democracia. Eles não estão sentados esperando que nós os sustentemos. Eles são umas das pessoas que mais trabalham duro no mundo. Você sabe que tem que esforçar-se para sair do campo. Trabalho duro é tudo que eles sabem. Eles simplesmente estão felizes por morar em um lugar onde não tem que se preocupar em levar um tiro ou serem expulsos de seu vilarejo por corporações multinacionais procurando por terra.

Ele não a interrompeu. Ele a observava com olhos atentos, estreitos, desatento à sopa que esfriava no prato.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Meu bigode está sujo? - perguntou maquiavelicamente.

Ele sorriu e colocou a colher no prato.

- Não. Eu estou surpreso com o seu conhecimento sobre comunidades do terceiro mundo.

Ela queria muito perguntar sobre o conhecimento dele, mas tinha vergonha. A lembrança do abraço doce que havia dividido com ele a fazia tremer cada vez que recordava. Ele era muito forte, e muito atraente.

Ele terminou o café, encarando-a.

- Você está morrendo para saber, não está? - ele perguntou com expressão branda.

- Saber o quê?

- De onde eu venho.

As bochechas dela coraram.

- Desculpe. Eu não deveria...

- Eu nasci em Sonora, norte do México - ele disse a ela. Ele pulou a parte sobre sua família e as ilustres conexões, incluindo a riqueza. Ele tinha que lembrar sua história - Meus pais trabalhavam para um criador de gado. Eu aprendi o negócio com eles, e eventualmente cuido da fazenda.

Ela sentiu que ele não estava contando toda a história, mas ela não insistiria muito. Era muito cedo.

- Você cansou do rancho?

Ele riu.

- O dono cansou. Ele vendeu as terras para um político que pensava que sabia tudo sobre criação de gado por assistir "High Chapparel", aquele antigo programa sobre velho oeste.

- E ele sabia tudo mesmo? - ela pescou.

- Ele perdeu o gado nos seis primeiros meses devido a uma doença porque ele não acreditava em medicina preventiva, e ele perdeu a terra dois meses depois em um jogo de poker com dois supostos amigos. Sem fazenda, sem emprego, eu vim para o norte à procura de emprego.

Ela franziu a testa. Jason Pendleton não era o tipo de homem que se socializava com trabalhadores diários, ela pensou, mesmo não sendo um esnobe.

- Como você conheceu Jason... quero dizer, o senhor Pendleton? - ela corrigiu.

Ele prendeu a respiração, mas logo a soltou.

- Nós dois conhecíamos um homem que estava abrindo um restaurante em San Antonio. Ele nos apresentou. Jason disse que precisava de alguém para cuidar de uma fazenda em uma pequena cidade do Texas, e eu estava procurando trabalho.

Na verdade ele havia se aproximado de Jason, com a ajuda de um amigo mútuo, e explicara que ele precisava do emprego temporariamente para providenciar seu disfarce enquanto tentava prender Fuentes e interromper sua operação. Jason havia concordado.

A conversa seguinte deles, no dia em que Glory chegara, havia sido sobre o emprego de Glory na fazenda. Jason não havia lhe dito nada sobre Glory, muito menos que ela era sua meio irmã, mas ele não havia gostado do comentário sobre Glory ser aleijada e deixara isso evidente. Rodrigo tinha a sensação de que Jason gostava muito de Glory - talvez eles fossem até amantes. Havia sido uma conversa longa.

Rodrigo ficou tentado a perguntar a Glory sobre a relação dela com Jason, mas não queria apressar as coisas.

- Bem, o seu inglês é mil vezes melhor do que o meu espanhol - ela suspirou, quebrando o silêncio.

- Eu trabalhei duro nele.

Consuelo estava preparando um bolo.

- Aquele Castillo vai ser um problema, marque minhas palavras.

Ele encostou-se na cadeira e encarou-a.

- Nós já conversamos sobre isso - ele disse baixo - Você quer que o seu filho trabalhe aqui e pegue o lugar dele. Mas Marco não sabe como lidar com as pessoas - ele disse em um tom estranho, e estava escondendo algo.

Ela o encarou.

- Ele pode aprender. Ele é esperto, também. Não no quesito intelectual, mas no quesito agilidade.

Rodrigo parecia pensativo. Os olhos dele se estreitaram.

- Ok, então. Peça para ele vir falar comigo amanhã.

Os olhos escuros de Consuelo brilharam.

- Verdade?

- Verdade.

- Eu ligarei para ele agora! - ela colocou a tigela com creme na mesa e saiu do cômodo, limpando as mãos no avental.

- Ele é tão bom quanto ela? O filho, eu quero dizer - Glory perguntou.

Rodrigo parecia distraído.

- Ele trabalha duro - respondeu - Mas tem alguns amigos que não me agradam.

- Eu aposto que também tenho amigos que não lhe agradam - ela retorquiu - É o garoto que vai trabalhar aqui, não os amigos dele.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Você não tem papas na língua, certo?

- Só de vez em quando - ela confessou - Desculpe.

- Não peça desculpas - ele respondeu, terminando seu café - Eu gosto de saber como devo tratar as pessoas. Honestidade é algo raro hoje em dia.

Ela podia anotar isso. Ela ouvia mentiras todos os dias, de criminosos que juravam inocência. Sempre era culpa de outra pessoa, não deles. Eles eram injustiçados. As testemunhas eram cegas. Os policiais eram brutos. Eles não estavam recebendo uma pena justa. E isso continuava e continuava.

- Eu perguntei - Rodrigo repetiu - Se você e Consuelo têm jarras e potes suficientes, ou nós precisamos comprar mais?

Ela piscou. Perdera-se em devaneios.

- Desculpe. Eu não sei mesmo. Consuelo os pega. Eu não prestei atenção em quantos nós temos.

- Eu perguntarei a ela. Se Castillo lhe causar mais problemas, me diga - ele disse, parando na porta - Nós não permitimos perseguições aqui.

- Direi - ela prometeu.

Ela o observou sair da cozinha, ouviu o murmúrio de vozes enquanto ele falava com Consuelo. Ele era mesmo um homem belo, ela pensou. Se ela não carregasse tantas cicatrizes emocionais, daria um jeito de tornar-se parte da vida dele. Era estranho um homem com a idade dele ser solteiro, e ela julgava que ele já estivesse na casa dos trinta. Não era assunto dela, ela recordou. Ela apenas trabalhava lá.

_

Dois dias depois, um SUV ultimo modelo apareceu na casa. Uma loira alta e bonita desceu e subiu os degraus. Ela vestia jeans e uma blusa rosa. Ela parecia jovem, feliz, e descuidada.

Consuelo estava ocupada lavando jarros e potes antes delas começaram a nova remessa de pêssegos quando ouviram uma batida na porta. Glory foi atender, apoiando-se pesadamente na bengala. Havia sido uma noite ruim.

A jovem mulher sorriu para ela.

- Olá - disse amigável - Rodrigo está por aí?

Por alguma razão inexplicável, Glory sentiu o coração doer.

- Sim - ela disse - Ele está no celeiro cuidando das embalagens. Nós estamos preparando as reservas de frutas e geléias para o negócio na Internet.

- Ok - ela disse - Obrigada.

Se fosse outra pessoa, Glory teria voltado para a cozinha. Mas a mulher encaixava-se na descrição que Consuelo havia feito, e ela estava curiosa. Ela observou a outra mulher

aproximando-se do celeiro. Rodrigo a viu e sua expressão tornou-se radiante. Ele ergueu os braços e ela correu até ele, para ser abraçada e beijada profusamente na bochecha.

Se Glory precisasse lembrar que Rodrigo era atraente o suficiente para atrair qualquer mulher que quisesse, aquilo provava tudo. Ela virou-se e entrou na casa. Doía saber que Rodrigo queria outra pessoa. Ela não se atrevia a perguntar por que.

Ele não trouxe a visitante para casa. Eles ficaram sob uma grande árvore, muito próximos e, conversaram por um longo tempo. Glory não estava espiando. Mas estava olhando pela janela. Não podia evitar. Os dois tinham um relacionamento próximo que era impossível não notar.

Finalmente Rodrigo acompanhou a loira até o SUV, ajudando-a a sentar. Ela sorriu e acenou enquanto partia. Rodrigo ficou parado olhando a caminhonete, seu sorriso fechando-se. Ele enfiou as mãos no jeans de calça e sua tristeza era evidente mesmo naquela distância. Ele parecia um homem que havia perdido tudo que amava.

Glory voltou ao trabalho, pensativa. Ela imaginou o que havia dado errado para que Rodrigo e a mulher não estivessem juntos.

Ela perguntou para Consuelo, mesmo contra sua vontade.

- Quem é a loira que veio visitar Rodrigo? - perguntou, tentando parecer casual.

Consuelo lançou-lhe um olhar furtivo.

- Eu não sei - ela disse - Mas é óbvio que significa alguma coisa para ele.

- Eu percebi - completou - Ela parece ser muito gentil.

- Ele gosta dela, pode ter certeza - ela ajustou o tempo no fogão - Mas se você se aproximar - ela acrescentou gentilmente - pode dizer que é só amizade da parte dela. Ela gosta dele, mas não está apaixonada.

- Ele está - Glory apontou.

Consuelo a olhou curiosamente.

- Você é perceptiva.

Glory sorriu.

- Ele parece ser uma boa pessoa.

- Ele é o melhor. Todos gostam dele.

- Eu percebi que ele parece...

Antes que ela pudesse terminar a frase, a porta dos fundos foi aberta e um jovem alto e bonito com cabelo preto ondulado, olhos escuros e pele bronzeada entrou sem bater. Ele vestia jeans e uma camiseta, emitia cores de gangues e tatuagens.

Glory ficou sem voz. Ela não deveria saber sobre símbolos de gangues. Mas ela sabia. Este jovem pertencia a famosa gangue de Houston, Los Serpientes. Ela imaginou o que ele estaria fazendo na cozinha.

Antes que ela pudesse perguntar, ele sorriu e abraçou Consuelo, girando-a no ar e sorrindo o tempo todo.

- Oi, mãe! - ele disse em um cumprimento.

Consuelo abraçou-o de volta e beijou suas bochechas. Ela virou-se, o braço ao redor da cintura musculosa.

- Glory, este é meu filho, Marco! - anunciou.

Capítulo 4

O filho de Consuelo? Glory teve que esconder sua consternação. O jovem tinha boa aparência e personalidade, mas era sem dúvidas membro de uma gangue. Ela ficou preocupada, pois Rodrigo não devia saber. Ele vinha do México, de um rancho em uma área rural que provavelmente não sofria nenhuma atividade de gangues.

- Esta é Glory - Rodrigo apresentou-a ao filho.

- Oi - ele disse sorrindo - Prazer em conhecê-la.

- Igualmente - ela disse, e tentou sorrir normalmente.

- Onde está o chefe? - ele perguntou a Consuelo.

- No armazém - disse - Seja gentil - disse firme.

- Eu sempre sou gentil - ele zombou - Ele vai gostar de mim. Espere e veja! Ele piscou para a mãe, lançou um olhar breve para Glory e saiu.

- Ele não é bonito? - Consuelo perguntou - Ele parece o pai quando tinha essa idade.

Glory estava curiosa sobre o marido de Consuelo. Ela nunca falava sobre ele.

- O pai dele está vivo? - perguntou delicadamente.

Consuelo fez uma carranca.

- Ele está na prisão - disse bruscamente, observando a reação de Glory - Eles disseram que ele estava contrabandeando drogas na fronteira. Eram mentiras, mas nós não tínhamos dinheiro para um advogado de defesa, então ele foi para a prisão. Eu escrevi para ele, mas ele está na Califórnia. É uma longa distância, e é caro até mesmo de ônibus - ela suspirou - Ele é um bom homem. Ele disse que a polícia o confundiu com um homem que ele conhecia, mas ele foi preso e acusado do mesmo jeito.

Glory simpatizou, mas não estava convencida. O estado tinha que possuir um certo nível de evidências antes de acusar alguém. Nenhum procurador quer perder dinheiro aceitando um caso que não pode vencer.

- Marco parece com ele - Consuelo continuou, sorrindo enquanto lavava potes e vidros - Mas ele confia muito nas pessoas. Ele foi preso no mês passado em Houston e acusado de invasão - ela acrescentou curtamente - Policiais estúpidos! Ele estava perdido, dirigindo em um bairro desconhecido, e eles o acusaram de tiroteio sobre rodas, pode acreditar?

Tiroteios sobre rodas e guerras entre gangues eram comuns no mundo de Glory, mas ela não se atrevia a mencionar isso. Era muito difícil para a polícia confundir um motorista perdido com um atirador. Era óbvio que Consuelo acreditava que o filho era o centro do universo. Não seria bom apontar que um garoto inocente não usaria roupas de gangues e tatuagens. Era muito óbvio que Consuelo não sabia nada sobre a natureza real do filho.

- Ele é muito bonito - Glory disse fingindo inocência.

- Sim - Consuelo disse sorrindo em devaneios - Como o pai.

Glory havia perdido a conta do número de garotos bonitos que havia passado por seu escritório no caminho para a prisão. A cultura de adolescentes de alta renda pareciam ser gloriosas, como um símbolo de status entre os jovens. Ela recordou um assistente social que fora até as classes baixas da cidade tentando convencer membros de gangues a desistirem de suas vidas de crime e tornarem-se membros úteis da sociedade. Em outras palavras, desistir de milhares de dólares que eles ganhavam vendendo drogas para trabalhar atrás de um caixa em um restaurante fast-food.

Alguém que nunca havia a agonizante pobreza que produzia os criminosos não tinha idéia de como era difícil quebrar a corrente. Ela havia perdido a conta do número de pobres mães com maridos ausentes que tentavam sustentar os filhos com um salário mínimo, freqüentemente com problemas de saúde. As outras crianças tinham que ajudar a cuidar dos mais novos. Frustrados com a vida em casa, onde eles não tinham atenção, encontravam isso

nas gangues. Havia muitas gangues. Muitas eram internacionais. Todas tinham suas cores próprias, tatuagens, sinais manuais e modos de se vestir para expressar publicamente suas afiliações particulares. Muitos departamentos de polícia tinham pelo menos um oficial cuja especialidade era cultura de gangues. Glory sabia o básico, porque ela tinha que processar membros de gangues por tráfico de drogas, homicídios, assaltos e outros crimes. Ela nunca deixava de sentir raiva pelas condições que produziam o crime.

Ela observou Consuelo.

- Marco é seu único filho? - perguntou repentinamente.

Consuelo hesitou, apenas por um segundo, antes de se virar.

- Sim - respondeu. Ela notou a curiosidade de Glory - Eu tive problemas de saúde - acrescentou rapidamente.

Glory sorriu convincente.

- Ele é um jovem muito bom - respondeu - Ele não parece ser mimado por ser filho único.

Consuelo relaxou e deu um sorriso.

- Não, certamente ele não foi mimado - e voltou ao trabalho.

Glory encerrou a conversa. Ela não conhecia uma única família entre os imigrantes que não tinha pelo menos três filhos. Muitas contracepções deploráveis. Talvez fosse verdade que Consuelo havia tido mesmo problemas de saúde. Mas era curioso ela ter apenas um filho, e também parecia ser muito inteligente para trabalhar em um emprego que não precisava de muita educação.

Isso servia em dobro para Rodrigo. Glory não podia entender. Ele parecia a pessoa menos provável a trabalhar como empregado manual. Perturbava-a saber que ele havia oferecido emprego a homens como Marco e Castillo. Nenhum dos homens parecia rancheiros. Eles eram muito diferentes.

E se, ela imaginou, Rodrigo estivesse no lado errado da lei? A pergunta a chocou. Ele parecia ser honesto. Mas, ela lembrou, havia processado pelo menos dois homens cuja integridade era atestada por uma boa quantidade de testemunhas forjadas. Mas os criminosos eram apenas adeptos dos atos. Um ato muito convincente. Frequentemente, as pessoas eram o exato oposto de seus papéis assumidos.

Rodrigo também podia ser ilegal. O meio irmão de Glory, Jason Pendleton, era simpático com todos os tipos de pessoas. Ele devia ter sentido pena de Rodrigo e oferecera-lhe o emprego por simpatia.

E se Rodrigo fosse ilegal, e envolvido no tráfico de drogas? Ela sentiu-se doente. O que ela faria? Seu trabalho seria pegá-lo e armar o processo. Ela, de todas as pessoas, sabia da angústia que os traficantes causavam aos pais. Ela conhecia o mecanismo do dinheiro das drogas - lucros, homens de negócios que queriam fazer fortuna rápido, sem precisar de muito esforço. Eles não se importavam com a vida das famílias que eram afetadas pelo uso da cocaína e metadone. Eles não tinham que fazer promessas para as crianças, ou ver seus amados passarem pela reabilitação. Eles não tinham que visitar as crianças na cadeia. Os homens ricos não se preocupavam com isso. Eles só se preocupavam com seus lucros.

Será que Rodrigo era um desses homens de negócios? Será que ele era um traficante, usando a fazenda como cobertura?

O coração dela doeu. Com certeza não. Ele era gentil. Ele era inteligente e cuidadoso. Ele não podia estar envolvido nesse negócio terrível. Mas o que aconteceria, sua consciência indagou, se ele estivesse? Se ela soubesse, se ela tivesse provas, poderia conviver com a culpa se não o entregasse? Ela poderia fazer isso?

- Ei, que rosto preocupado! - Consuelo chiou.

Glory acordou dos devaneios e sorriu com timidez.

- Eu pareço preocupada? Desculpe. Eu estava pensando em toda aquela fruta esperando pela gente no armazém.

Consuelo a olhou nos olhos.

- Não é verdade!

Elas retornaram à conversa rotineira, e Glory esqueceu suas preocupações.

_

Naquela tarde, ela sentou no balanço da varanda e ficou escutando o som dos grilos. Era uma noite abafada, mas não muito quente. Ela fechou os olhos e sentiu o cheiro de jasmim no ar. Havia passado muito tempo desde que ela sentara em um balanço. Ela tentou não recordar as noites de verão que passava sentada ao lado do pai fazendo perguntas sobre o passado, sobre quando ele era um garotinho e ia aos rodeios. Ele conhecia todos os vaqueiros, e freqüentemente os convidava para tomar café e comer bolo em sua casa. Sua mãe não gostava. Ela considerava essas pessoas inferiores a sua posição e deliberadamente se ausentava quando eles vinham até sua casa. Ela sentia a tristeza de seu pai até mesmo agora, anos depois...

A porta de tela se abriu e Rodrigo saiu. Ele parou para acender um cigarro antes de se virar para Glory.

- Os mosquitos vão te comer viva - ele advertiu.

Ela já havia matado dois.

- Se eles desejam sacrificar suas vidas tentando sugar meu sangue, deixe eles.

Ele deu um risinho. Em seguida caminhou em direção a ela e parou na cerca da varanda, observando a paisagem.

- Já faz muito tempo que eu não me preocupo com mosquitos - ele murmurou - Você se importa? - ele indicou o lugar vazio ao lado dela.

Ela balançou a cabeça e ele sentou, tremendo o balanço por alguns segundos antes de retornar ao ritmo suave.

- Você sempre trabalhou com terras? - perguntou para puxar conversa.

- De certo modo - ele respondeu. Em seguida deu uma baforada no cigarro - Meu pai tinha um rancho, quando eu era menino. Eu cresci com os vaqueiros.

Ela sorriu.

- Eu também. Meu pai me levava aos rodeios e me apresentava às estrelas - ela fez uma carranca - Minha mãe odiava essas pessoas. Ela causou muitos problemas ao meu pai quando ele os convidava para o café. Mas ele fazia todo o serviço, então ela não podia reclamar que ele estava lhe dando trabalho.

Ele a encarou.

- O que sua mãe fazia?

- Nada - ela disse friamente - Ela queria ser mulher de um homem rico. Ela pensava que meu pai fosse ficar no rodeio e trazer para casa todos aqueles bons prêmios em dinheiro, mas ele machucou as costas e abandonou. Ela ficou furiosa quando ele comprou uma pequena fazenda com sua poupança.

Ela não mencionou que essa era a casa onde eles moraram, ou que a terra que agora produzia vegetais e frutas havia produzido apenas vegetais para seu pai.

- A família dela era boa?

- Eu não sei quem era a família dela - ela admitiu - Eu costumava perguntar. Mas não faz diferença agora.

Ele franziu a testa.

- A família é a coisa mais importante no mundo. Especialmente os filhos.

- Você não tem nenhum - ela disse sem pensar.

Sua expressão tornou-se dura e ele não a encarou.

- Isso não significa que eu não as quisesse - disse bruscamente.

- Eu sinto muito - ela gaguejou - Não sei por que disse isso.

Ele deu um trago no cigarro em um silêncio tenso.

- Eu quase me casei - ele disse depois de um minuto - Ela tinha uma filha. Eram a minha vida. Eu as perdi para outro homem. Ele era o pai biológico da menina.

Ela fez uma careta. Começava a entender a atitude dele.

- Eu tenho certeza que a garota sente sua falta.

- Eu sinto falta dela também.

- Algumas vezes - ela disse cuidadosamente - Eu acho que existe um padrão de vida. As pessoas entram na sua vida quando você precisa delas, meu pai dizia. Ele tinha certeza de que a vida era dura, que tudo que acontecia estava planejado a acontecer. Ele disse - ela hesitou, lembrando da voz suave do pai, do seu tom - Que nós temos que aceitar as coisas que não podemos mudar, e quanto mais nós lutamos contra os fatos, mais dolorosos eles se tornam.

Ele virou-se na direção dela, encostando no balanço com as longas pernas cruzadas.

- Ele ainda está vivo, quero dizer, o seu pai?

- Não.

- Algum irmão ou irmã?

- Não - ela disse tristemente - Só eu.

- E sua mãe?

A mandíbula dela estreitou-se.

- Ela também se foi.

- Eu aposto que você não chorou muito por ela.

- Você está certo. Tudo que eu tive dela foi ódio. Ela me culpava por ter transformado a vida dela em pobreza em uma pequena fazenda com um homem que mal podia soletrar seu nome.

- Eu acredito que ela considerava ter se casado mal.

- Sim. Ela nunca deixou meu pai esquecer como tinha arruinado a vida dela.

- Qual deles morreu primeiro?

- Ele - ela disse, não querendo lembrar - Ela casou logo após o funeral. Seu segundo marido tinha dinheiro. Ela finalmente teve tudo que queria.

- Certamente você também foi beneficiada.

Ela respirou fundo e mudou a posição do corpo.

- A juíza considerou que ela era perigosa para mim, então, com a melhor das intenções, me pôs em um lar adotivo. Eu fui para uma família que já tinha cinco filhos.

- Eu sei um pouco sobre lares adotivos - ele disse, lembrando algumas histórias de horror que havia escutado de camaradas com quem havia estado na custódia do estado, brevemente. Cord Romero e sua mulher, Maggie, vieram imediatamente a sua cabeça.

- Eu acho que a vida com a minha mãe teria sido mais fácil, mesmo sendo mais perigosa - murmurou.

- Você ficou lá por muito tempo?

- Não muito - ela não se atreveu a dizer mais nada. Ele devia ter ouvido os Pendleton falar sobre sua meia-irmã - Como foi a sua infância?

- Eufórica - ele disse honestamente - Nós viajavamos muito. Meu pai era, ah, um militar - ele inventou rapidamente.

- Eu tive um amigo que o pai também era. Eles viajavam por todo o mundo. Ela disse que era uma experiência.

- Sim. Você aprende muito sobre outras culturas, outros modos de vida. Muitos problemas na política aumentam por causa de mal entendidos culturais.

Ela riu.

- Sim, eu sei. Nós tínhamos um homem no escritório que eu trabalhava que era do Oriente Médio. Ele gostava de ficar muito perto das pessoas quando falava com elas. Outro cara no escritório era um maníaco por espaço pessoal. Certo dia ele caiu de uma janela tentando evitar que um colega se aproximasse dele. Felizmente era no primeiro andar - ela acrescentou sorrindo.

Ele sorriu.

- Eu já vi coisas parecidas. Que mistura de pessoas nós somos nesse país - ele murmurou - Tantas tradições, tantas línguas, tantos sistemas separados.

- As coisas eram diferentes quando eu era menor - ela disse.

- Sim. Comigo, também. Imersos nas nossas culturas pessoais, é difícil ver ou entender diferentes pontos de vista, não é?

- Sim - ela concordou.

Ele pôs o balanço em movimento novamente.

- Você e Consuelo emagreceram nessa última coleta de frutas - ele apontou - Se vocês precisarem de ajuda, digam. Eu posso contratar mais pessoas para ajudar vocês. Eu já pedi permissão para Jason.

- Oh, nós estamos indo bem - ela assegurou - Eu gosto de Consuelo. Ela é uma pessoa muito interessante.

- Sim - ele concordou.

Seu tom era pessoal, mas havia algo estranho no modo como ele falara. Ela perguntou-se por um instante se ele, também, tinha suspeitas em relação à cozinheira.

- O que você pensa sobre Marco? - ele perguntou repentinamente.

Ela tinha que ter cuidado para responder aquela pergunta.

- Ele é muito bonito - ela disse cuidadosa - Consuelo o adora.

- Sim - ele movimentou o balanço novamente.

- Ela disse que o pai dele estava na prisão.

Ele fez um som estranho.

- Sim. Cumprindo prisão perpétua.

- Por tráfico de drogas? - ela explodiu incrédula, porque sabia como era difícil conseguir prisão perpétua para um traficante sem muitas acusações adicionais de crimes.

Ele virou-se na direção dela. Estava muito quieta.

- Foi o que ela te disse?

Ela clareou a garganta. Esperando não ter se entregado.

- Sim. Ela disse que ele foi confundido com outro homem.

- Ah - ele deu um trago no cigarro.

- Ah? - ela insistiu questionando.

- Ele estava pilotando um barco em alta velocidade com duzentos quilos de cocaína - disse facilmente - Ele estava tão confiante que pagou as pessoas certas para não ser incomodado. A guarda costeira o pegou a caminho de Houston.

- Em um barco?

Ele deu um risinho.

- Eles têm aviões e helicópteros, ambos com armas automáticas. Eles armaram uma trilha de seguidores dos dois lados do barco e disseram a ele para parar ou aprender a nadar rápido. Ele desistiu.

- Meu Deus! Eu nunca soube que a guarda costeira trabalhava com tráfico de drogas - disse fingindo inocência.

- Bem, eles trabalham.

- Mas o produto ainda continua rodando - ela disse tristemente.

- Suprimentos e demandas dirigem o mercado. Enquanto houver uma demanda, certamente vai existir um suprimento.

- Eu acredito que sim - ela disse, a voz baixa.

Ele colocou o balanço em movimento novamente. Era muito prazerosa ficar com ela, ele pensou. Mas ele preferia estar com Sarina e Bernadette. Ele estava solitário. Ele nunca pensara em si mesmo como um homem de família, mas três anos junto de duas pessoas havia mudado sua cabeça. Ele até já havia pensado em ter filhos gerados dele. Sonhos vivos. Todos mortos agora.

- Isso é o que você sonhou para sua vida? - ela perguntou repentinamente - Eu quero dizer, cuidar de uma fazenda?

Ele riu suavemente.

- Certa vez, eu queria ser um piloto de aviões comerciais. Eu tenho licença de piloto, embora eu raramente faça uso dela. Voar é caro - ele acrescentou rapidamente, caso ela tivesse alguma idéia de quanto custavam aviões privados.

Ela hesitou em continuar a conversa. Ele era uma pessoa muito fechada, e percebera certa irritação no tom dele quando perguntara sobre seus objetivos.

Ela afastou o olhar.

- Eu queria ser bailarina quando era mais nova - disse baixo - Eu tive aulas e tudo.

Ele piscou.

- Deve ter sido uma perda dolorosa.

- Sim. Eu nunca vou parar de mancar a menos que eles encontrem um modo de reconstruir músculos e ossos - ela riu brevemente - Eu gosto de assistir produções de balé na televisão educacional - acrescentou - E eu provavelmente ficaria embarçada com alguma dança séria. Eu sou desastrada. O primeiro recital de que participei pedia que nós segurássemos as mãos e dançássemos pela orquestra. Eu caí, bem em cima de um cara que tocava uma tuba. A audiência pensou que fosse parte da rotina - ela fez uma careta - Minha mãe levantou e saiu do auditório - ela lembrou - Ela nunca foi a outro recital. Ela pensou que eu tinha feito isso deliberadamente para embarçá-la.

- Uma personalidade verdadeiramente paranóica - ele comentou.

- Sim, ela era - disse rapidamente - Como você soube?

- Eu conheci um homem que era assim. Ele pensava que as pessoas o seguiam o tempo inteiro. Ele tinha certeza de que a CIA havia grampeado seu telefone. Ele vestia um par de roupas por baixo dos ternos, então ele podia entrar em um restaurante para trocar de roupa e despistar os perseguidores.

- Meu bom Deus! - ela exclamou - Eles o pegaram?

- Não puderam - ele deu um risinho - Ele tinha uma agência federal muito perigosa naquele tempo.

Ela estava muito curiosa sobre o assunto.

- Como você soube disso?

Ele hesitou, buscando tempo. Ele estava se tornando cuidadoso. Ele deveria ser um trabalhador de fazenda com pouca educação.

- Um primo meu jogava futebol com um primo dele - ele respondeu finalmente.

- É bom ter um duto como esse - ela disse. Então riu - Você poderia ter feito fortuna se revelasse isso aos tablóides.

- E se tornaria mais um em uma lista, pensou silencioso. O homem havia sido um inimigo perigoso. Rodrigo havia aceitado um emprego no México para evitar estar próximo dele até que ele se aposentasse. Ter cidadania dupla com EUA e México havia sido útil. Era muito útil agora, já que havia um preço por sua cabeça em qualquer outro país do mundo. Ele olhou para Glory e se perguntou o que ela pensaria dele se soubesse sobre seu passado.

- Você tinha algum animal de estimação quando era pequeno? - ela perguntou depois de um minuto, apenas para puxar conversa.

- Sim - ele disse - Eu tinha um papagaio que falava dinamarquês.

- Que estranho - ela respondeu.

- Não realmente, porque seu pai era dinamarquês. Ele não explicou.

- E você? Teve outros animais além do gato?

- Na verdade, não. Eu sempre quis um cachorro, mas nunca aconteceu.

- Você pode ter um agora, não pode?

Ela poderia, mas seu trabalho exigia muito do seu tempo. Ela não achava que era justo para um cão ter uma vida agitada. Comparado ao que ela normalmente fazia, trabalhar na fazenda era como verdadeiras férias. Ela já havia ido a estacionamentos desertos para encontrar informantes, com a polícia junto por proteção. Ela havia andando em limusines com chefes de gangues. Havia feito muitas coisas perigosas em seu emprego, e havia feito inimigos. Inimigos como Fuentes. Se ela tivesse um bichinho, ele poderia se tornar um alvo, assim como um amigo ou namorado. As pessoas que ela processara davam pouco valor a vida. Eles não hesitariam em fazer algo para prejudicá-la, incluindo machucar um animalzinho.

- Eu tenho um apartamento muito pequeno - ela inventou - E meu último emprego era um trabalho temporário em uma agência.

Assim como ele, quando não fingia ser o zelador de uma fazenda. Ele havia considerado aceitar um emprego em alto mar ao invés desse disfarce, mas ele pensava que Sarina e Bernadette estariam morando em Jacobsville e ele poderia vê-las de vez em quando. Em retrospecto, havia sido uma idéia estúpida. Bernadette poderia ter estragado seu disfarce sem nem perceber. Sua mente não estava funcionando bem quando Sarina e Colby Lane renovaram os votos de casamento em uma cerimônia pequena. Seu coração estava partido.

- Nós teremos algumas horas estranhas aqui, por enquanto - ele disse de repente, pensando no que estava para acontecer.

- Preparando as novas frutas, você quer dizer? - ela perguntou.

Ele deu um último trago no cigarro e jogou o resto na terra.

- Não. Eu quis dizer que eu sairei muito. Eu tenho alguns contatos novos que estou encontrando. Alguns podem vir para verificar a operação antes de assinarem com a gente.

- É uma fazenda muito boa - ela disse ausente - Eu sei que é difícil cultivar frutas e vegetais, porque eu já tentei - ela riu - Meus tomates queimaram na seca e eu plantei coisas na estação errada. É trabalho duro.

- É duro, mas eu gosto. É um trabalho relaxante.

- Relaxante? - ela exclamou, virando-se para ele - É pesado!

Ele deu um risinho.

- Não para mim - ele lembrou - Eu supervisiono. Não uso a enxada ou faço a colheita.

- Você tem um grande número de empregados fazendo isso - ela concordou - Marco vai trabalhar aqui?

Ele hesitou.

- Sim. Por algum tempo.

- Consuelo vai ficar feliz.

Ele inclinou-se na direção dela em frente da luz vindo da casa.

- Ele pode trazer um ou dois amigos com ele ocasionalmente. Se ele fizer isso, fique fora do caminho. Não fique tentada a caminhar por aí, mesmo a luz do dia.

Ela o encarou, fingindo surpresa.

- Ele é perigoso?

- Todos os homens são perigosos, depende das circunstâncias - ele disse sombriamente

- Não faça perguntas. Só faça o que eu digo.

Ela acenou com a cabeça.

Ele deu uma gargalhada.

- Para uma mulher auto-suficiente, você colabora.

- Colaborar não é uma escolha - ela disse suavemente - Nós não podemos viver do passado.

- Eu sei - ele disse, e soou desanimado.

Ela queria dizer algo reconfortante, mas nada lhe veio a mente. Era muito tarde, de qualquer modo. Ela ficou em pé com a preguiçosa elegância que era tão típica dele.

- Eu tenho que acordar cedo amanhã. Lembre, se você e Consuelo precisarem de ajuda na cozinha, nós podemos contratar uma ou duas pessoas.

- Obrigada - ela disse - Mas nós estamos nos saindo bem.

- Boa noite.

- Boa noite.

Ela o observou afastar-se, ciente da essência da colônia dele, o cheiro de seu corpo e de suas roupas. Ele era imaculado. Certamente ele não cheirava como um homem que trabalhava duro.

Ela levantou do balanço e moveu-se lentamente em direção a porta. Estava cansada. Havia sido um longo dia.

Quando o dia estava claro, ela acordou repentinamente. Não sabia por que. Havia um som, uma mistura de sons, humanos e insistentes.

Ela deitou novamente observando o teto. Um homem estava brigando com alguém. Gritando. Ela não reconhecia a voz, mas não era de Rodrigo. Ela mordeu o lábio inferior. Não gostava de vozes elevadas.

Depois de um minuto, ouviu o barulho de uma porta de carro batendo, e então um motor sendo ligado. O barulho das pedras era audível enquanto o veículo se afastava. Ela teria que perguntar o que estava acontecendo à Consuelo. Soava como uma briga séria.

Capítulo 5

Quando Glory se vestiu e desceu para a cozinha, encontrou Consuelo sentada na mesa chorando.

- O que foi? - ela perguntou gentilmente.

Consuelo secou o rosto na ponta do avental.

- Nada - ela soluçou - Está tudo bem.

- Eu escutei alguém, um homem, gritando.

A outra mulher a encarou com olhos vermelhos, molhados. Parecia infeliz.

- Marco estava furioso porque eu não quis lhe emprestar dinheiro. Ele pensa que eu estava mentindo quando disse que não tinha, mas não estava.

Glory pousou a mão gentilmente no ombro da mulher.

- Ele vai superar. Brigas de família. Elas se resolvem logo.

Um sorriso débil foi a recompense por todo seu otimismo.

- Será que ele vai voltar?

- Claro - Glory assegurou. Então deu um risinho - Como ele pode ficar longe de todas essas frutas maravilhosas?

Consuelo explodiu em uma gargalhada.

- Oh, você é muito boa comigo - ela disse - Que dia de sorte eu tive quando o senhor Ramirez contratou você.

Glory sorriu.

- Eu gosto de você, também. Agora nós podemos tomar café? Café e torradas cairão bem, mas especialmente café. Eu preciso da minha dose matutina de cafeína ou não consigo manter os dois olhos abertos ao mesmo tempo, sem contar o estado do meu cérebro.

- Eu já ia preparar o café - Consuelo disse, levantando - Eu estava esperando as rosquinhas de canela ficarem prontas.

Os olhos de Glory brilharam.

- Rosquinhas de canela? Mesmo? Aquelas feitas em casa?

Consuelo riu.

- Sim.

Glory sentou em uma cadeira.

- Que dia de sorte para mim, quando o senhor Ramirez contratou você! - ela disse - O mais próximo que eu já cheguei de rosquinhas de canela foi comprar as congeladas em uma loja e então esquentar. Você vai me mimar.

A mulher limpou os olhos e sorriu. Então ocupou-se com o café.

_

Mais tarde, Glory percebeu que devia ter acontecido algo muito grave para Marco precisar de dinheiro tão imediatamente. Ela notou que ele e Castillo passavam a maior parte do tempo livre conversando. Ela desejou ter uma maneira decente de descobrir o que eles conversavam. Mas o que realmente a incomodava era Rodrigo estar freqüentemente envolvido nessas conversas.

Ela desejou poder ligar para Marquez e contar confidencialmente o que estava aprendendo, mas sabia que não podia usar nenhum meio de comunicação nos arredores da casa. Consuelo havia dito semanas atrás que Rodrigo mantinha um arsenal de equipamentos eletrônicos na casa. Ele devia ter a habilidade para monitorar conversas. Não precisaria muito para aguçar sua curiosidade quanto a um de seus empregados ter conversas clandestinas com um detetive policial de San Antonio.

A maioria dos trabalhadores passava os finais de semana em suas casas em um parque de estacionamento de trailers. Mas nos sábados à tarde ela e Consuelo tiveram que arrumar lanternas e faixas para uma pequena fiesta na fazenda. Uma banda de violeiros havia sido contratada e os homens havia construído uma plataforma larga para dançarem.

Já faziam anos que Glory não ia a uma festa. Ela se envolveu pela excitação. Ela lembrou como havia desejado desesperadamente ir às suas formaturas, mas ela era muito tímida e nervosa perto dos garotos. O que também ajudara, foi que nenhum garoto nunca a convidou para sair enquanto ela estava no colegial, graças a fofoca que surgira sobre ela.

Na faculdade, as coisas havia sido um pouco diferentes. Ela tentou, realmente tentou, fazer amigos e sair. Mas aprendeu em seu primeiro encontro que o mundo fora de Jacobsville, Texas, era muito diferente. Seu encontro a levou para jantar em um restaurante legal, e então tentou levá-la para um quarto de motel. Quando a persuasão e o ridículo não funcionaram, ele tentou a força. Naquela época, ela vivia com os Pendleton. Ela conseguiu sair do carro, pegou o celular e discou o número de Jason. Quando ela desligou, seu encontro já havia escapado. Pouco tempo depois ele foi transferido para outra escola. Jason nunca disse a Glory o que havia feito ao garoto. Ela também nunca perguntou.

Rodrigo saiu da casa quando já estava começando a escurecer. Ele vestia calça preta com uma camiseta branca. Parecia elegante e perigosamente sensual. Glory, em um vestido branco simples feito a mão, havia soltado os longos cabelos loiros e até se maquiara um pouco. Ela sabia que nunca seria capaz de competir com outras mulheres no quesito aparência, mas teve esperanças de parecer bela o suficiente para não estragar a festa.

Rodrigo caminhou até a mesa onde ela, Consuelo e as mulheres de alguns trabalhadores havia enchido. Seu cheiro era limpo e ardente. Glory sorriu para ele, a excitação tornando seu rosto radiante. Ele a observou por um momento. Ela lembrava muito Sarina com o cabelo solto. Não era tão bela, mas possuía seus próprios atrativos.

- Nós convidamos todos os trabalhadores - ele disse a Glory - É uma espécie de agradecimento a todo o trabalho que eles tiveram nessa estação. Isso serve em dobro para vocês dias, embora seu trabalho seja diferente.

- Nós gostamos de segurança no trabalho - Glory disse para Consuelo, que concordou sorrindo.

- Assim como eu - ele deu uma risada - Nós colheremos mais pêssegos na semana que vem.

Houve um gemido mútuo.

- O que foi aquilo sobre segurança no trabalho? - ele zombou.

A resposta delas foi interrompida pela apresentação da banda de violeiros. O som profundo e insistente das guitarras e trompetes forçava a atenção de todos. Era uma antiga canção do folclore Mexicano, e como um coral, todos começaram a cantar.

Glory raramente se sentia parte de algo. Ela começara a apreciar muito os trabalhadores no tempo em que trabalhava lá. Eles eram animados, felizes, apaixonados, muito mais preocupados com o bem estar e a felicidade de suas famílias do que com os bens materiais. Jason os pagava bem, ela sabia, mas eles não eram obcecados com seus pagamentos.

- Isso faz com que eu me sinta bem - ela disse quando a música terminou - Ver todos felizes.

Rodrigo a encarou.

- Sim. Faz bem.

Ela sorriu timidamente para ele quando a música começou novamente. Desta vez foi uma lenta. Os casais começaram a se agrupar na plataforma, muito próximos no silêncio da noite.

Ela estava apoiada na bengala, mas tinha esperanças de que Rodrigo a convidasse para dançar. Ela podia, mesmo que fosse por apenas um minuto. Ela sempre amara dançar.

Mas a atenção dele estava presa por um SUV que aparecera na estrada. Ele caminhou até o carro rapidamente. A porta do motorista se abriu, e uma bela mulher usando saia branca e blusa vermelha, com cabelos loiros compridos pulou e o abraçou. Aquele abraço atingiu Glory como facas afiadas. Era a loira novamente, a que viera visitar Rodrigo logo após a chegada de Glory.

Rodrigo fez um gesto para a banda, pegou a mão da mulher e a girou, rindo, na pista de dança.

Glory odiou o ressentimento e o ciúmes que sentiu, observando os dois colados entre os outros casais. Ela não podia ter ciúmes de um homem que cuidava das fazendas e ranchos de seu meio irmão. Ele não era certo para ela. Ela se recusava a recordar que ele falava várias línguas e era muito inteligente. Na verdade, estava tentando deter a dor em seu coração.

A mulher sorria suavemente enquanto eles dançavam. Rodrigo parecia ter pousado no paraíso. Então os violeiros acabaram a música e começaram uma salsa. Rodrigo segurou a loira pela cintura, a mão dela na dele, e demonstrou que não era excelente apenas em lidar com vaqueiros. Glory nunca havia visto um homem se mover daquele jeito na pista de dança. Ele era elegante. Seus passos eram leves, seus movimentos exatamente combinados com o ritmo da banda. Ele interpretava a música com passos naturais, os quais a loira acompanhava sem esforços, como se já houvessem dançado juntos muitas outras vezes antes. Os outros casais, abismados, se afastaram e começaram a bater palmas, rindo, enquanto o casal dançava.

Logo, tudo acabou. Eles se abraçaram, rindo ofegantes, enquanto os trabalhadores gritavam ao seu redor.

- Que desânimo - Consuelo murmurou, parando ao lado de Glory - O que te deixou tão triste?

Glory involuntariamente olhou para Rodrigo e sua convidada.

- Oh, é isso.

- Sim - era difícil ver Rodrigo sorrindo, feliz. Ele era muito triste na fazenda. Sentia pena dele. Mas quando ela se aproximava, podia ver que era Rodrigo quem estava encantado, não a mulher. Ela era apenas amigável. Mas o que ela fazia ali, se estava casada?

Como uma resposta para sua pergunta, a loira repentinamente observou o relógio, virou e quase correu até o SUV, com Rodrigo a seguindo. Eles falaram por poucos minutos, então ela o abraçou mais uma vez, subiu no SUV e foi embora.

Rodrigo ficou parado lá, as mãos enfiadas nos bolsos, observando-a partir.

- Pobre homem - Consuelo disse - Vive preso no passado. Não há lugar para ele na vida dela agora.

- Ela é bonita.

Consuelo arregalou os olhos.

- E o que você é, uma porta? Não há nada errado com você, niña.

Os olhos de Glory se suavizaram quando encontraram o olhar simpático de Consuelo. Sorriu.

- Obrigada.

Ela virou-se para a mesa para pegar um copo de ponche. A banda, ela pensou, era realmente boa. A música era sonhadora, boa de escutar, mesmo sem um convite para dançar. A excitação que ela havia sentido estava começando a passar. De repente tudo que ela queria era se afastar de todos. Ela levantou o copo até os lábios e lançou um último e melancólico olhar para a pista de dança.

Enquanto ela observava a banda, uma mão escura e forte passou por seu ombro, pegou o copo e o colocou na mesa.

Ela virou, surpresa. Rodrigo pegou a bengala e a apoiou na mesa. Não sorria. Seu rosto estava fechado e sombrio. Ele pegou uma das mãos dela.

- Dance comigo - disse em um tom profundo e suave.

Como em um sonho, ela o seguiu até a plataforma. Ele a segurou pela cintura e a puxou para mais perto, em um contato quase íntimo com seu corpo forte e poderoso. Um braço a segurou, enquanto sua mão deslizava ao redor dela e a aprisionava. Ela podia sentir a respiração quente dele em sua têmpora enquanto ele a balançava no ritmo doce da música.

O coração dela disparou. Ela adorava ser segurado por ele dessa maneira. Era como se os anos estivessem apagados e ela estivesse na escola novamente, excitada pelo seu primeiro encontro, esperançosa por uma relação doce e cuidadosa. Ela não pensaria na outra loira, a que ele queria, ou na fome presente nos olhos dele quando a mulher partiu. Ela só podia pensar no contato com ele, a força do corpo masculino quando ele mudou a posição e a puxou para mais perto.

Ela sentiu as pernas dele enroscadas nas dela. A proximidade a fez tremer de necessidade, fome. Seus dedos deslizaram pelas costas dele por cima da camiseta. Sentiu os músculos respondendo ao movimento desamparado, sentiu o corpo dele esticando contra o dela.

Ele abaixou a cabeça e observou seus olhos, seu rosto, e viu todas as emoções conflitantes que ela sentia. Sua mão deslizou pelas costas dela, aproximando-a ainda mais. Ela estremeceu.

Os olhos escuros pareceram pegar fogo. Ele inclinou-se, encostando sua bochecha na dela.

- Você gosta disso - sussurrou roucamente - Você não consegue esconder, não é?

Ela não conseguiu encontrar palavras. Suas unhas pressionaram as costas dele.

Ele pressionou o quadril dela lentamente, sensualmente, contra o seu e ela tremeu novamente.

- Eu havia esquecido como isso é doce - ele sussurrou - Seu corpo se cola ao meu como se você fosse feita para mim. Eu posso sentir sua respiração contra a minha garganta, o movimento de suas mãos nas minhas costas. Se nós estivéssemos sozinhos, mi vida, eu colaria minha boca na sua e a abraçaria tão apertado que você não conseguiria respirar a menos que eu respirasse com você.

Nenhum homem havia dito tais coisas a ela, não nessa vida. Ela tremeu novamente, desamparada, incapaz de se esconder. Seus braços havia deslizado ao redor dele, e suas mãos acariciavam os músculos rijos das costas. Ela sentia cada célula de seu corpo tremendo e pulsando de paixão. Ela doía por um fim à crescente tensão que a deixava quase doente com sua intensidade.

Os braços a aproximaram ainda mais. O rosto dele pousou contra os cabelos dela.

- Relaxe - ele disse suavemente - Você vibra como uma bateria. Eu não vou te machucar.

- Eu... eu sei - ela conseguiu dizer. Sua voz não parecia familiar.

- Você acha que mancar a deixa menos atraente para os homens - ele murmurou em seu ouvido - Quando isso só a torna mais sexy. Eu gosto de ter você apoiada em mim. Embora sinta muito pela razão de seu problema.

Ela amou o cheiro do corpo dele. Encostou a bochecha contra o peito largo e coberto de pêlos, na abertura da camiseta. Ela imaginou como seria senti-lo contra seu corpo, e quase engasgou com a direção que seus pensamentos estavam tomando.

- Que sonhos proibidos estão causando esse pequeno soluço de desespero? - ele perguntou no ouvido dela. Então virou, aproximando-a ainda mais, e sorriu suavemente - Não se estique desse jeito. A vida é para viver. É uma celebração, não uma despertar.

- Eu não sei muito sobre celebrações - ela disse em um tom ofegante.

Ele abaixou a cabeça e observou os olhos verdes.

- Talvez seja hora de você aprender - ele sussurrou. Enquanto falava, seu olhar baixou para a boca suava e bonita - E não só sobre celebrações - ele acrescentou, enquanto sua boca se inclinava.

Ela pendeu o corpo, tremendo, arqueando, vulnerável, querendo nada mais do que sentir a boca sensual colada na dela. Seus olhos entrecerraram-se. Sentia-se atraída por ele desde o começo. Parecia que ele se sentia do mesmo jeito. Seu coração quase explodiu de felicidade quando ela sentiu o breve e primoroso toque da boca dura sobre a sua.

Ele moveu-se lentamente, mal provando-a, tocando seu lábio superior com a língua, e então com os dentes. Ele riu quando ela deu um solavanco.

- Então você não gosta que eu morda? - ele murmurou - Ok. Eu farei do seu modo - ele se inclinou novamente, mordiscando uma área que a deixou cega - Gosta disso, então, *querida*?

Ele a beijou ternamente, mal tocando sua boca até que os lábios femininos começaram a acompanhar os seus. E então, as respirações entrecruzadas, ele aumentou a pressão e a paixão até que ela gemeu suavemente. Então ele aumentou a pressão de sua boca sobre a dela, arqueou-a contra seu corpo alto e poderoso e beijou-a tão apaixonadamente que ela sentiu que o mundo desaparecia sob seus pés. Ela colou-se a ele, choramingando.

Mas a música estava acabando. Ele a soltou abruptamente, antes que eles fossem notados, ou ouvidos. Pareceu preocupado quando olhou para a boca inchada, as bochechas coradas. Os olhos escuros se estreitaram. Ele a segurou pela cintura e afastou-a.

- Que diabos eu estou fazendo? - ele murmurou asperamente.

Ela soube então que havia sido um impulso. Não amor eterno, nem mesmo desejo selvagem e ardente. Havia sido simplesmente um impulso, talvez causado pela presença da mulher que ele queria e não podia ter. E agora ele parecia desconfortável e pedindo desculpas. Ela tinha que achar uma maneira, algo que escondesse seu desejo ardente e salvasse seu orgulho da repentina rejeição que sofrera.

- Nossa - ela disse, os olhos arregalados.

Ele piscou.

- Como?

Ela sorriu para ele.

- Desculpe, você esperava uma reação diferente? Ok - ela segurou o sorriso e o encarou, apoiando as mãos no quadril - Como você se atreve a me tratar como um objeto sexual!

Ele parecia estranho agora.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Essa também não serve? Tudo bem. E quanto a essa? - ela afastou o cabelo - Honestamente - ela disse altivamente - vocês homens são todos iguais!

Geralmente ele não era tão lento. O contato havia afetado sua cabeça. Ela podia não ser um exemplo de beleza, mas tinha uma boca desejável, e ele gostava do modo como ela respondia a ele.

- Nós não somos todos iguais - ele apontou, os olhos brilhando.

- Sim, vocês são - ela retorquiu - Se vestem de uma maneira sexy, usam perfumes que nos deixam com as pernas bambas, nos seduzem em danças íntimas...

- Culpa - ele acrescentou, dando um risinho - Mas eu poderia te acusar da mesma coisa - ele acrescentou.

Ela começou a responder, mas antes que conseguisse, uma das filhas de um empregado, que acabara de terminar o colegial, apareceu e audaciosamente convidou Rodrigo para dançar.

- Desculpe - ele disse a Glory - Mas aparentemente eu sou requisitado.

- Sim, você é - a garota disse pegando a mão dele - Vamos, Rodrigo! Ele lançou um último olhar a Glory e deixou-se levar até a pista de dança.

_

Mas muito cedo, a banda arrumou as coisas e partiu. Os trabalhadores voltaram para suas casas. Glory havia deixado a festa um pouco antes dos outros. O baile havia sido maravilhoso, mas seu quadril a estava matando. Ela tomou seus remédios e sentou na cama com sua camisola longa branca sem mangas, rezando para o remédio fazer efeito logo. Era uma velha batalha que ela enfrentava desde sua adolescência, a dor constante.

Mas ela sorriu, lembrando o contato da boca de Rodrigo na sua, as coisas excitantes que ele havia murmurado em seu ouvido. Ela recordou também, que ele estava friamente sóbrio enquanto eles dançaram. Não havia o vestígio de álcool em sua respiração. Rodrigo, bonito e sensual, que podia ter qualquer mulher que quisesse, mas havia escolhido dançar com Glory. Isso a fez sentir-se orgulhosa. Ela tentou não pensar que ele estivesse fingindo com ela, fingindo que ela era a amável loira de seu passado.

Ela estava arrumando o despertador quando ouviu uma suave batida em sua porta.

Confusa, porque já era muito tarde, caminhou lentamente pelo tapete e abriu um pouco a porta.

Rodrigo a puxou, gentilmente, e sorriu para ela.

- Você esqueceu de trazer algo com você - ele disse.

- O quê? - ela perguntou com ofegante prazer.

- Eu.

Ele fechou a porta atrás dele, tomou-a nos braços gentilmente e inclinou-se na direção de sua boca.

Beijar era viciante. Ela adorava a ternura que ele mostrava, o delicado cuidado que não assustava, ameaçava, mas a deixava faminta.

Havia mais do que um suave traço de álcool na respiração dele, mas estava muito abismada pela aparência repentina em seu quarto para se importar. Mal percebia que já estava deitada na cama com Rodrigo ao seu lado, metade do corpo dele sobre o seu. Parecia certo estar deitada nos braços dele e deixar-se ser amada.

- Você se veste como a avó de alguém - ele murmurou contra a boca dela enquanto suas mãos deslizavam pelo corpo esguio.

Ela teria dito a ele que nenhuma garota dos lares adotivos usava camisolas provocantes. Seria como pedir problemas. Mas a boca dele já estava sobre a sua e segundos depois, a camisola estava sendo erguida enquanto as mãos de Rodrigo encontravam seus seios e os acariciava.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la. Havia fogo em seus olhos agora, e uma coloração rosada em suas bochechas.

- Bonitos seios - ele sussurrou - Como maçãs firmes com raízes escuras...

Antes que ela pudesse ter vergonha, a boca dele havia coberto um deles e ela arqueou-se totalmente na cama em um choque de prazer diferente de tudo que ela já havia sentido em sua vida.

Seu choramingo suave o chocou. Ele encontrou os olhos arregalados e curiosos enquanto sua mão tocava carinhosamente o mamilo endurecido.

- Você age como se isso fosse desconhecido para você - ele disse baixo.

Ela respirou fundo.

- É.

Ele não se mexeu. Não falou. Sua cabeça moveu-se de um lado para o outro enquanto ele a encarava, sem piscar.

- Glory, você ainda é virgem? - ele perguntou gentil.

Ela mordiscou o lábio inferior. Era quase um estigma do mundo moderno, admitir tal coisa. Hesitou.

O dedão dele deslizou pelo seu mamilo em uma carícia que a fez tremer.

- É melhor você me dizer a verdade - ele disse suavemente.

Ela respirou fundo. Sabia o que poderia acontecer se admitisse. Ele iria embora em um piscar de olhos. Nos dias de hoje, nenhum homem queria inexperiência.

- Eu nunca... eu quero dizer, eu não senti... eu nunca quis - ela confundiu-se, corada.

Mas a esperada repulsa não estava lá. Ele a observou com algo parecido com reverência. A mudança suavizou suas feições, tornou seus olhos mais escuros.

- Nem mesmo nesse ponto, *mi vida*? - ele sussurrou, indicando os seios firmes.

Ela deu de ombros e balançou a cabeça.

- Por quê?

Ela não podia contar toda a história. Não agora. Ele não queria realmente saber. Ele apenas queria alguma explicação.

- Eu não sou muito boa com esse tipo de relacionamento - disse finalmente - Eu não queria terminar como minha mãe. E por um longo tempo, as pessoas pareciam acreditar que eu seria como ela quando crescesse.

Ele ergueu a mão até o rosto dela e traçou as bochechas e o queixo com o dedo indicador.

- Promíscua, você quer dizer?

Ela concordou.

- Ela dormia com qualquer homem que pudesse lhe comprar coisas - doía lembrar isso, lembrar a silenciosa tristeza do pai quando a mulher se tornou objeto de fofocas na cidade. O orgulho dele ficara abalado.

Ele sorriu.

- Deixar um homem fazer amor com você não te qualifica como promíscua - ele disse a ela - É uma coisa natural e bonita entre um homem e uma mulher.

- Minha mãe fez muito.

- Esse mundo é diferente do de seus pais.

Os olhos dela estavam solenes quando o encarou.

- Você iria gostar de uma mulher que fosse para a cama com qualquer um? - perguntou baixo.

A respiração dele foi audível.

- Não - ele disse depois de um minuto - Eu cresci em uma família muito religiosa.

- Eu também - ela respondeu - Meu pai, pelo menos, era religioso.

Ele estava sorrindo.

- Então você não quer fazer um bebê até estar casada.

Todo seu sangue ferveu com essa observação. E isso foi visível.

Ele deu um risinho, movendo-se para descansar o peso em um cotovelo enquanto abria o resto dos botões de sua camiseta e a puxava para o lado.

- Nós não iremos tão longe - sussurrou - Pelo menos, não agora.

Ele inclinou-se na direção da boca dela, e quando se aproximou, encostou o peito largo e coberto de pêlos sensualmente contra os seios dela. Como esperava, era tão poderoso como a sedução propriamente dita. Ela estremeceu, e então gemeu, e colou-se tanto a ele que quando Rodrigo a beijou, pareceu que ambos havia sido fundidos um ao outro.

Ele não pretendia deixar o prazer escapar de suas mãos, mas o primeiro toque de pele contra pele roubou seu objetivo. Fazia muito tempo que ele não tinha uma mulher. Ver Sarina esta noite, relembrar sua perda, o deixara tão faminto que ele perdera a cabeça. Estava em chamas quando ele e Sarina dividiram a pista de dança. Mas mesmo assim, o breve jogo de amor com Glory o havia hipnotizado. Não podia parar de pensar em tê-la em seus braços.

Ele havia tomado duas ou três cervejas, esperando que elas acalmassem o calor indesejado. Não havia funcionado. No final, viera até ela porque não agüentava mais. Na pista de dança, tivera certeza de que ela o queria. E queria. Não havia percebido que ela era tão inocente. Ele queria respeitar aquela inocência. É que já fazia muito tempo. Anos. E essa noite, para sua vergonha, estava muito faminto para se importar com qualquer outra coisa.

Uma perna longa afastou as dela para que pudesse encontrar uma posição mais íntima. Ele moveu-se lentamente, sentindo o poder de sua provocação, sentindo a reação inevitável.

- Glory? - ele sussurrou roucamente.

- Sim?

- Tem certeza de que você é virgem?

Ela já não conseguia pensar. Não queria que ele parasse. Se isso era tudo que ela podia ter em sua vida, era suficiente.

- Não importa - sussurrou contra a boca dele - Eu quero você.

- Não tanto quanto eu quero você, *querida* - ele gemeu.

Ele segurou a coxa dela e moveu o quadril provocante, sentindo o prazer entre eles como uma droga em suas veias. Ele moveu-se contra ela cegamente, a boca devorando seus lábios.

- Não é suficiente - ele disse roucamente.

- Eu sei.

A mão dele deslizou por baixo dela, até chegar ao elástico da calcinha e começou a abaixá-lo.

- Eu serei bom com você - ele sussurrou - Eu te deixarei tão faminta que você não sentirá a dor, ou mesmo se lembrará dela. Você chegará ao paraíso em meus braços.

Ela não conseguia responder. O ar era frio contra sua pele quente. Ela sentiu o tocando em um lugar que ninguém havia tocado. Ele observou os olhos dela enquanto a tocava, observando a inevitável reação ao contato íntimo e ritmado que prendeu sua respiração.

- Sim, é - ele sussurrou enquanto aumentava o ritmo - Eu farei você explodir em mil pedaços, e eu observarei isso acontecer. Então, quando você estiver tão quente que nem enxergará direto, eu entrarei em você e lhe proporcionarei o prazer mais doce com que você já sonhou...

Ela choramingou quando o ritmo começou a erguê-la, erguê-la, erguê-la...

As pernas se abriram para ele famintas. Sua cabeça foi jogada para trás de um modo que não podia ver nada a não ser o teto sobre sua cabeça. Ela ouviu o som ritmado e frenético das molas rangendo na cama. A então ela sentiu o corpo dele, quente contra o dela, pulsando, empurrando, penetrando enquanto o prazer subia tão alto e tão quente que ela choramingou em um soluço caloroso, inevitável, longo, o corpo se movendo contra as investidas bruscas, quase violentas.

As unhas o apertaram. A voz sumiu.

- Olhe para mim - ele tentou dizer - Olhe!

Os olhos se abriram, arregalados e tão dilatados que estavam quase fora da órbita. Sobre ela, o rosto dele era como uma máscara rígida, chocada com cor, os olhos brilhando enquanto buscava satisfação.

- Agora - ele respirou. Os olhos se fecharam - Agora!

Ela estremeceu e estremeceu enquanto o prazer os consumia, os uniu em uma fusão tão ardente que ela pensou estar morrendo.

Seus gemidos altos foram presos pela boca dele. Abafados, eles se refletiram nos movimentos frenéticos de seu quadril enquanto ela drenava cada gota de prazer físico do corpo másculo.

_

Ela deitou de costas, nua, saciada, tremendo com os pós-efeitos da paixão. Seu corpo ainda se movia, saboreando os choquinhos de prazer que vinham com os movimentos.

Ao lado dela, ele ficou deitado e estranhamente quieto.

- Você sangrou.

Ela respirou fundo. Ele parecia muito distante.

- Verdade?

Quando a paixão, saciada, sumiu, a realidade o atingiu como uma bomba. Ele havia seduzido uma empregada, e para ajudar ela era virgem. Sua necessidade dela era tão grande que ele não conseguira parar. Agora ele estava sombrio e frio como uma rocha, e a culpa o comia vivo. Eles vinham de mundos diferentes. Ele era uma simples empregada e ele vinha da aristocracia espanhola e dinamarquesa. Ele era dez anos mais velho. Ela não tinha estudo e ele tinha um diploma. Pior, ele era rico e ela mal podia comprar roupas novas. Ele tirara vantagem dela. Não sentia muito orgulho de si.

- Você disse que não importava, você ser inocente - ele disse friamente.

A voz dele a calou. Ela havia esperado o felizes para sempre, e ele estava satisfeito e queria ter certeza de que ela não o acusava de sedução. Sua primeira vez, e tinha que ser com um homem que apenas queria alívio.

Ela era adulta o suficiente para cooperar. Para ajudar, ele havia ajudado a superar o perturbador ataque de sua adolescência. Ele não sabia disso. Não entenderia o medo de homens que ela sentia, um medo que havia sido apagado no momento em que ele a tocara por baixo da camisola. Havia sido uma revelação.

- Bem - ela disse pesadamente - Se você está planejando me processar por sedução, eu tenho que lhe avisar de que eu vou jurar na corte que você se jogou sobre mim e eu não pude me conter.

Capítulo 6

Rodrigo sentou na cama e a olhou como se ela estivesse louca.

- Você o quê?

- Eu irei contradizer você - ela prometeu, puxando a coberta para esconder o corpo - Todas as coisas doces que você disse em meu ouvido, o modo como você encostou seu peito no meu... Eu quero dizer, que mulher resistiria a um homem que fez tudo menos tirar a roupa e implorar para ser levado para a cama?

Um risinho que ele não pôde conter escapou.

- Bom Deus - ele se levantou e começou a vestir a roupa.

- Está certo, culpe Deus, também - ela zombou - Mas foi sua culpa. E eu não vou pedir desculpas.

- Eu não esperaria que você pedisse - ele assegurou.

- Além do mais, eu não vou casar com você. E se você ficar grávido, pedirei um exame de DNA para provar que não é meu.

Neste momento, ele já explodia em gargalhadas. Esperara lágrimas, reprovações, acusações, qualquer coisa menos isso.

Ele aproximou-se da cama, completamente vestido, e sentou ao lado dela, um braço passando pelo ombro feminino para apoiar-se, enquanto ele observava os olhos azuis no pequeno quarto.

- Mas eu irei me desculpar - ele disse suavemente - Porque eu só pretendia te beijar. Eu fui muito longe, porque sofri abstinência por um longo tempo.

- Porque você não podia ter ela - ela deduziu.

A respiração dele estava presa.

Ela já havia adivinhado, mas a reação dele comprovou. Estava morrendo pela mulher que perdera. Glory parecia um pouco com ela, e no escuro, devia ter sido fácil para ele fingir.

- Eu fui uma substituta para ela, não fui? - perguntou tristemente.

A mão dele passou por baixo da cabeça dela e segurou os cabelos.

- Não - ele disse calorosamente - Eu não fingi que você era ela. Eu nunca seria tão insensível!

Glory relaxou um pouco.

- Eu queria muito você - ele confessou - Você tem uma qualidade de compaixão que eu raramente encontro em uma mulher, e seu corpo é magnífico. Eu gostei. Eu espero que você tenha gostado tanto quanto eu. Mas não deveria ter acontecido.

- Por quê? - ela perguntou, aborrecida, mas curiosa.

- Nós viemos de mundos diferentes - ele respondeu - Isso é apenas um interlúdio, para os dois. Nós poderíamos nos machucar muito se deixássemos isso continuar.

- Eu acredito que sim - ela concordou.

- Ainda existe outro problema. Você usa alguma prevenção?

O coração dela saltou.

- Não. Eu nunca tive razão para usar.

- E eu estava muito perdido para lembrar disso.

Ela ficou muito quieta. As coisas estavam se complicando.

- Eu não quero um filho. Certamente não um que aconteça por acidente - era mentira, mas ela tinha que salvar um pouco do que restara de seu orgulho. Ele deixara claro que não queria nada mais do que seu corpo. Na verdade ela iria amar uma criança, mas sua saúde podia tornar isso impossível. Além disso, Rodrigo não iria considerar um casamento. Ela já sabia.

- Então você vai a uma clínica? - Rodrigo perguntou, e havia frieza em seu tom.

Agora ela tinha que encarar seus próprios valores, e estava muito chocada por descobrir que algo que parecera sensível há um minuto atrás repentinamente se tornara uma ação que ela nunca se imaginara fazendo. Nem mesmo para salvar a própria vida.

- Eu... - ela hesitou, franzindo a testa - Eu... não acho que poderia - concluiu.

A mão que segurava seu cabelo relaxou e acariciou.

- Não poderia quanto?

- Não muito - ela mentiu.

A mente dele estava considerando as possibilidades. Se ele tivesse uma esposa, e um filho, talvez pudesse tirar Sarina de sua mente e o tormento diminuiria. Isso quase o destruiria, perdê-la e perder Bernadette.

- Eu farei trinta e seis esse ano - disse baixo - Eu não tenho nada para mostrar em minha vida, a não ser poucos acontecimentos - ele não arriscou contar a ela quais eram - Eu não pensava em ter uma família até recentemente. Mas a idéia não é tão ruim - ele a olhou demoradamente - Eu acho que gostaria de ser pai.

- Eu não quero filhos - ela disse bruscamente, odiando as palavras mesmo enquanto as falava, porque podia ver o orgulho dele entre os dois.

O tom dela era ofensivo, e isso o irritou.

- Eu disse que os queria - ele devolveu friamente - Não que os queria com você!

Ela sentiu as bochechas ferverem.

- Desculpe... eu achei...

- Errado - ele levantou da cama e se afastou - Então nós concordamos que foi um acidente infeliz, e que nós nunca permitiremos que aconteça novamente.

- Claro - ela assegurou.

Ele parou na porta.

- Por que você não quer filhos?

Por causa da minha saúde, ela deveria ter dito. Sua vida estaria em risco por causa de uma gravidez. Sua carreira, também, era um ponto importante - como ela poderia cuidar de uma criança e fazer justiça para o emprego e para o filho? Mas ele não sabia sobre sua carreira. Ou sobre sua saúde - exceto pelo mancar. Ela afastou a covardia.

- Eu tenho... problemas de saúde, como você já deve ter notado - ele falou baixo - Além disso, eu sou relativamente jovem para pensar em uma vida em família.

A dor e a culpa nas palavras dela o atingiram como um choque brutal. Ele poderia ter praguejado alto. Havia esquecido do quadril dela. Havia esquecido tudo na euforia de tê-la.

- Me perdoe - ele disse baixo - Eu não pensei.

Ela fechou os olhos.

- Nem eu.

- Se servir de algo - ele disse, o sotaque notavelmente acentuado - Eu sinto muito.

- Não tanto quanto eu - ela respondeu de fato, com frieza.

A tensão no quarto era densa como fumaça de cigarro. Ele abriu a porta com movimentos deliberados e a fechou com uma batida violenta.

Glory soltou a respiração que estava prendendo. Havia sido a experiência mais traumática de sua vida recente, e não tão desagradável. Mas ela estava disfarçada. Ele não conhecia a verdadeira Glory, e ela tinha dúvidas se ele a iria querer quando descobrisse. Quando ele soubesse quem ela realmente era, a barreira entre eles poderia subir ainda mais. Ele era um empregado. Ela era uma profissional de carreira. As culturas eram diferentes, as religiões eram diferentes. Eles estavam a mundos de distância. Não podia desistir da carreira pela qual batalhara tanto por uma existência com um imigrante pobre. Ela nem mesmo tinha certeza de que ele não estava envolvido em um negócio ilegal. Toda a situação era impossível.

Ela havia baixado a guarda e participado ativamente de sua própria sedução. Agora aqui estava ela, sozinha, em perigo e possivelmente grávida. O que ela faria se estivesse grávida? Ele queria um filho. Ela não; não deste modo, com segredos os separando. Ele estava furioso por que ela não queria seu filho. Ela não podia contar a razão verdadeira. Estava vivendo uma mentira, para salvar sua vida. Ela não podia contar isso a ele, também.

As lágrimas rolaram pelas bochechas de Glory como uma enchente. Ele havia partido, ela pensou miseravelmente, logo em seguida. Ela não queria enfrentar a vergonha de chorar na frente dele. Não podia entender sua própria submissão em relação a ele. Certamente seu passado deveria tê-la afastado do contato de qualquer homem experiente, a impedido de se entregar a um estranho. Sua vida estava ficando muito complicada. Ela desejou nunca ter deixado Marquez a meter naquela enrascada.

_

Segunda, depois de um domingo quieto e solitário em que Rodrigo não foi nem visto, ela foi até a cidade para comprar secos e molhados com Consuelo. Quando elas desceram da caminhonete da fazenda, Marquez, usando roupas normais, apareceu em outra caminhonete e parou ao lado delas. Ele saiu, colocando as chaves no bolso e caminhando na direção de Glory. Ele fingiu surpresa - uma boa farsa, porque ele as havia seguido até lá esperando poder conversar um pouco sozinho com ela.

- Bem, se não é Gloryanne! Como vai? - ele perguntou com um sorriso - Estranho te ver por aqui! Já se passaram anos, não?

Glory corou, mas escondeu o rosto de Consuelo.

- Sim, passaram - ela concordou - Eu não te vejo desde que nós estávamos no colegial! - ela se recompôs e encarou Consuelo - Eu volto em um minuto - disse com um sorriso - Só quero saber um pouco sobre a história de vida de Rick.

- Vá em frente - Consuelo respondeu. Estava lançando um olhar estranho a Marquez. Antes que Glory pudesse entender, a mulher já caminhava até a loja.

O sorriso sumiu imediatamente dos rostos. Marquez, vestindo botas, jeans e uma camiseta azul, aproximou-se. Estava muito solene.

- Fuentes tem alguém te seguindo - ele disse abruptamente - Eu não sei quem, ou onde. Você mencionou algo sobre San Antonio para alguém daqui?

- Claro que não - ela gaguejou. Os olhos verdes encontraram os escuros - Ele não podia saber que eu estou aqui - ela acrescentou - A única pessoa com quem eu falei é Rodrigo, e eu tenho certeza de que ele não está envolvido em nada ilegal.

Marquez trincou os dentes.

- Eu também queria ter - disse sombriamente - Ninguém está falando, mas o chefe de polícia, Grier, deixou escapar que Ramirez tem amarras no México. Ele também tinha um primo que trabalhava para Manuel Lopez, o último grande chefe do tráfico.

Ela lutou para não demonstrar sua apreensão.

- O que mais ele disse?

- Ele não me disse nada, Glory. Eu o escutei falando com um dos auxiliares do xerife no fórum.

Ela mordeu o lábio inferior.

- Oh, caramba.

- Eu vou conversar com ele mais tarde. Nós não planejamos, mas eu suponho que você já saiba que Grier sabe o motivo pelo qual você está aqui - ele disse baixo.

- Sim, ele sabe - ela respondeu - Mas também disse que manteria segredo.

- Ele também disse para você ficar de olho aberto com os trabalhadores da fazenda.

Ela concordou.

- Eu não consigo achar um modo seguro de falar com ele. Eu não tenho certeza se Rodrigo tem escutas na casa - ela odiava ter que dizer isso, porque soava como se ela já suspeitasse de que Rodrigo estava no lado errado da lei. Ela tinha que lembrar que havia feito um voto para cumprir a lei, não importando o quanto doesse - Consuelo disse que ele tem todos os tipos de equipamentos eletrônicos na casa - ela se aproximou - Nós já temos dois suspeitos em vista. Um é um homem chamado Castillo, que tem uma atitude desagradável em relação às mulheres. O outro é o filho de Consuelo, Marco. Ele usa as tatuagens e cores da gangue dos Serpientes.

- Merda! - ele murmurou - Eu pensei que nós estivéssemos livres desses diabos em nossa comunidade!

- Eles tem contatos em todo lugar - ela o lembrou - Nas prisões, em todas as cidades do mundo. É um trabalho em rede, como uma corporação.

Ele encostou-se contra a porta do lado do passageiro de sua caminhonete e cruzou os braços sobre o peito largo.

- Parecia uma boa idéia. Agora eu não tenho mais certeza. Eu não te convenci a vir até aqui para você acabar morta. E se Marco trouxer alguém que te reconheça? Como eu me lembro, você processou dois membros de San Antonio daquela gangue de Houston por roubo de carro.

- E condenei os dois - ela devolveu. Solto o ar asperamente - Eu nunca esperei que um membro de uma gangue aparecesse em Jacobsville. Bem, essa deve ser uma boa hora para começar a arrumar as malas.

- Não.

- Eu posso atirar - ela murmurou - Eu costumava carregar uma calibre 40 comigo para praticar.

- Sim - ele respondeu, os olhos apertados - Eu me lembro. Nós tivemos que trocar o retrovisor do carro - acrescentou cheio de intenções.

Ela corou.

- Não foi minha culpa! Um pássaro passou bem na hora e me distraiu no momento em que eu ia atirar.

- Verdade? E o que te distraiu quando você atirou no carro novo do departamento do xerife?

Ela puxou uma mecha de cabelo para trás.

- Escute, ele nunca deveria ter estacionando o estúpido carro tão perto da linha de fogo para começar!

Ele não estava cooperando.

- Eu nunca vi tantos guardas beijando o chão em minha vida inteira. Tudo que eles tinham que fazer era escutar seu nome e sair correndo.

Ela sorriu apesar da situação.

- Ok, ok. Eu sou uma arma letal com uma pistola automática. Eu admito. Mas o que eu vou fazer?

- Nós precisamos colocar alguém na fazenda para te proteger - ele disse, pensando - Eu sei que tem um agente federal escondido em algum lugar entre aqui e Houston, mas ninguém vai me dizer onde ele está. Se nós conseguíssemos falar com o cara, ele poderia manter os olhos em cima de você.

- Vai demorar muito - ela devolveu.

Ele deu um risinho.

- Bem, nós ainda temos Jon Blackhawk - ele começou - Ele me deve um favor, e é bem treinado.

- Eu não vou trabalhar com Jon Blackhawk - ela disse bruscamente - E não me importa o quanto ele sente por acusar a assistente de assédio sexual.

- Talvez nós possamos mandar Marco de volta para a cidade grande com a oferta de um negócio de drogas muito lucrativo - ele disse - Pelo menos nós teríamos um membro de gangue fora de cena.

- Não é uma idéia tão ruim. Marco precisa de dinheiro - ela disse, lembrando a cena da cozinha - Ele deixou a mãe em lágrimas, exigindo dinheiro que ela não tinha.

- Ele pode estar tanto vendendo quanto usando a coisa - ele respondeu - A maioria dos traficantes não resiste à tentação.

- Isso pode explicar as mudanças de humor violentas que eu vejo nele.

- Eu conheço alguns informantes na cidade - ele respondeu - Posso falar com eles e ver o que descubro sobre Marco ou Castillo.

- Eu só espero que Marco não vá parar na prisão. Pobre Consuelo!

- Ela parece ser uma boa pessoa - ele concordou - Pena ter dois perdedores como marido e filho.

- Você sabe sobre o marido dela?

- Eu já o prendi - ele disse, os lábios formando uma linha fina - Ela provavelmente vai lembrar disso, então se ela te disser algo sobre mim, nós apenas estudamos juntos no colegial. Ok?

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Tem certeza? Eu devo sofrer de amnésia. Eu me lembraria de algo como isso!

Ele a encarou.

- Você teve sorte - ele disse - Eu era uma armadilha na escola. As garotas não conseguiam manter as mãos longe de mim.

- Não é o que sua mãe, Bárbara, diz - disse zombeteira.

- O que a minha mãe diz? - ele perguntou calorosamente.

- Ela disse que você se escondia atrás de vasos de plantas toda vez que uma garota caminhava na sua direção.

- Isso foi no primário! - ele exclamou.

Ela riu.

- Verdade?

Ele deslocou o peso do corpo.

- Bem, talvez eu fosse um pouco tímido. Mas eu não me escondia atrás de vasos de plantas.

- É só isso?

- Eu posso ter caído em um vaso de plantas, uma vez - ele cedeu - Quando a capitã das líderes de torcida pediu que eu votasse nela como presidente do grêmio estudantil. Ela era uma beleza.

Ela não conseguiu parar de rir.

- Não é engraçado.

- É sim.

Ele afastou-se da caminhonete.

- Eu odeio não ter argumentos contra advogados - ele murmurou - Preciso voltar ao trabalho.

- O que você faz aqui em uma segunda-feira?

- Eu quase esqueci - ele deu um risinho - Seu chefe te mandou uma carta de amor - disse e lhe entregou um envelope.

- Não é a letra do meu chefe - ela apontou - E meu nome está errado!

- Nós temos uma mula. Ele não gosta do novo regime, ou do novo traficante de drogas. Ele lhe mandou isso através do seu chefe. Mas ele só está nos fornecendo informações sobre Fuentes. Isso - ele indicou o envelope - é o máximo que ele vai revelar como testemunha. Nós não temos idéia de quem ele seja.

- Você já leu? - ela perguntou. Estava colada, mas amassada.

- Não. E eu me recuso a deixar você insinuar que eu tento ler a correspondência de outras pessoas - ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans - De qualquer modo, nós não conseguimos descolar tudo.

Ela riu.

- Que bom detetive você é!

- Eu sou muito bom, obrigada. Leia e me diga o que está escrito. Então é melhor que você me devolva. Mesmo com seu nome escrito errado, nós não temos ninguém fazendo conexões locais.

Ela deslizou o dedo por baixo da cola e puxou um pequeno pedaço de papel que parecia ter sido forrado de pele.

- É um endereço - ela disse, encarando-o - E um encontro com hora e lugar. É tudo - ela leu.

- Um carregamento - ele disse - Um carregamento de drogas.

Ela entregou a nota a ele.

- Você poderia ter aberto a carta.

Ele deu de ombros enquanto colocava a carta no bolso.

- Eu queria ver como você estava.

Ela sorriu para ele.

- Foi legal de sua parte.

- Eu espero não ter estragado seu disfarce - ele disse preocupado - Você foi vista dirigindo até a cidade, então eu vim atrás de você. Eu não percebi que Consuelo estava com você até as duas saírem da caminhonete.

- Talvez ela não tenha te reconhecido - ela disse reconfortante.

- Vamos esperar que sim - ele se aproximou mais para estudá-la, notando os círculos escuros embaixo dos olhos - Ramirez está lhe causando problemas?

O coração dela saltou.

- Não. Por que a pergunta?

- Alguns amigos dele disseram que está sendo um inferno conviver com ele desde que começou a trabalhar.

- Ele é gentil comigo - mentiu.

- A maioria das pessoas é gentil com você - ele deu um sorriso - Você é um doce.

- Me diga isso na próxima vez que você me vir na corte com Fuentes como réu.

- Eu não posso esperar - ele deu um risinho.

- Eu também não. Se você precisar entrar em contato comigo, diga ao chefe Grier para aparecer na quarta-feira. Rodrigo não está em casa.

Marquez enrijeceu. Havia algo perturbador em sua expressão.

- O quê? Eu disse algo errado? - ela perguntou.

Ele mudou a expressão.

- Nada. Eu só pensei em algo. Preste atenção - ele acrescentou - Se precisar de mim ligue, a qualquer hora. Eu estou por aqui na maior parte dos finais de semana, a menos que esteja de plantão.

- Eu lembrarei. Obrigada, Rick.

- Para que servem os amigos? - ele sorriu.

_

Consuelo lançou-lhe um olhar totalmente estranho quando elas se encontraram na loja.

- Você conhece aquele cara da escola? - ela perguntou.

- Sim. Ele estudou na minha sala - Glory disse - Nós éramos muito próximos - parecia ingênua.

Consuelo prestou atenção em um vidro de pimentas.

- Ele é policial.

- Sim, eu sei. Ele trabalha em San Antonio.

- Ele colocou meu marido na cadeia - ela murmurou.

- Oh!

Consuelo mudou sua atitude ao ver a expressão chocada. Os olhos frios suavizaram-se.

- Você não pode entender como foi para mim, com Marco tendo problemas na escola e meu marido preso. Eu não consegui nem pagar o aluguel. Eu tive que fazer algumas coisas, para poder comprar comida... - ela virou-se - Isso foi há muito tempo atrás - disse repentinamente - Não se importe comigo.

- Eu faria tudo que pudesse - Glory disse - Verdade.

Consuelo voltou a encará-la.

- Eu sei que faria - disse em um tom suave - Você está interessada no Marquez?

Glory hesitou.

- Bem, não muito. Faz tempo que não o vejo.

- Bom. Muito bom. Você pode me pegar uns sacos de lixo?

- Claro.

Ela apoiou-se na bengala. Havia sido uma chamada direta. Sua vida estava começando a se complicar. Mas a maior de suas preocupações era a maneira como ela e Rodrigo havia se despedido.

_

Mesmo Consuelo parecendo ter caído na história de Rick, Glory podia perceber que a mulher estava mais curiosa sobre ela agora. Ela havia feito perguntas sobre há quanto tempo ela e Rick se conheciam e se ela sabia do trabalho dele em San Antonio.

Glory tinha que ter cuidado e não deixar escapar que ela trabalhava na cidade. Era difícil, menosprezar sua inteligência e mandar embora sua educação.

Rodrigo era educado com ela, mas muito frio. Parecia não estar interessado no interlúdio apaixonado que ocorrera entre os dois. De fato, ele estava prestando muita atenção na mulher que flertara com ele na festa.

A confiança de Glory em si mesma havia funcionado até o momento que recebera a ameaça de morte de Fuentes na fazenda. Mas dividida por sua profissão, ela descobriu que não tinha nenhuma ligação com uma mulher normal. Ela não podia falar nada a não ser processar frutas e preparar reservas. Ela podia cozinhar, mas não como Consuelo. Seus dotes caseiros eram pobres devido ao seu problema físico, já que trabalhar com uma vassoura, um esfregão, ou até mesmo um aspirador de pó era doloroso, e os pós efeitos poderiam durar dias. Sua pressão sanguínea estava mais ou menos sobre controle, mas ela tinha acessos de vertigem e dores de cabeça quando esquecia dos remédios. Ela se sentia inútil na casa.

Quando Rodrigo começou a trazer a garota de seu fã clube, Teresa, até em casa para a refeição ocasional, flertava com ela de um modo que Deixava Glory doente. Ela sabia que era deliberado, porque ele percebia e apreciava o desconforto de Glory.

Agora que sabia que Fuentes estava atrás dela, enfrentava ainda mais pressão. Seu interlúdio com Rodrigo havia lhe causado vergonha. Não havia percebido quão convencional era até permitir-se ser seduzida. Sentiu que estava seguindo os passos da mãe, e isso a incomodou. Claro, sua mãe só estava disponível para homens que tinham dinheiro. Glory não era mercenária. Havia planejado uma vida solitária. Havia perdido a linha, e estava preocupada com as consequências. Seus períodos eram muito regulares. Mas já estava uma semana atrasada.

Podia ser o estresse. Esperou que fosse. Sua mãe era muito jovem quando curvou-se depois de engravidar do pai de Glory. Havia casado com ele, mas fizera ele e Glory pagar. Era quase irônico o fato dos pais de sua mãe terem morrido em um acidente de avião logo depois de forçarem os pais de Glory a se casarem para evitar um escândalo.

Tocou o ventre preocupada. Nunca havia considerado a idéia de ter um filho. Não tinha certeza de que sua saúde permitiria isso, em primeiro lugar. Em segundo, não sabia como cuidar de crianças, e não sabia se poderia ser uma boa mãe. Seu medo real era de sua genética. E se ela acabasse igual a mãe, odiosa, cheia de ressentimentos e abusiva com o filho? O pensamento a atormentou. Era porque ela nunca havia considerado se casar e ter uma família. Não podia ter certeza. Tinha mais cicatrizes do que no simples aspecto físico. Sua alta estima era quase inexistente.

E se ela estivesse grávida, o que faria? Teria que ver seu médico antes de tomar qualquer decisão. Se Rodrigo descobrisse, o que ele faria? Ele estava sofrendo pela perda da namorada e da filha dela. Ele queria um filho, um consolo para o que havia perdido. Mas não era amor. Era pena, e quando tivesse o filho ele poderia se arrepender amargamente. Além disso, e se a mulher decidisse largar o marido e ir atrás de Rodrigo? Glory não teria uma chance, considerando o amor que Rodrigo sentia pela bela loira. Ele deixaria marcas profundas se saísse da vida de Glory, se pudesse ter a mulher a criança que adorava.

Ficou deprimida quando os dias passaram e Rodrigo continuou ignorando-a. Então, um dia, várias coisas aconteceram para levar sua situação ao limite.

Primeiro, um sombrio Cash Grier apareceu na sua porta na quarta-feira de manhã. Então pediu para falar com ela sozinho.

Ela o seguiu pela varanda, apreensiva com a expressão dele.

- O que aconteceu? - perguntou preocupada.

Ele a guiou pelos degraus até chegar ao carro de polícia, caminhando lentamente para acompanhá-la. Então ele parou até que ela pudesse encará-lo, para que ninguém visse os lábios dele se movendo.

- Um profissional treinado pode ler lábios - ele disse baixo - Só no caso de alguém estar olhando, eles não poderão entender o que nós estamos dizendo. Marquez entrou em contato com o amigo do esquadrão de narcóticos, que trabalha como seu informante - ele disse - Fuentes mandou um assassino atrás de você.

Para seu alívio, Glory não desmaiou.

- Que tipo de assassino? Perguntou calma.

- Um profissional.

Ela sabia o que isso significava. Havia visto muito disso em seu trabalho. Traficantes de drogas conheciam o melhor tipo de pessoa para esse serviço, e eles não erravam. Um profissional seria mais do que uma combinação para a polícia local. Por outro lado, considerou ao estudar a feição de pedra de Cash Grier, que provavelmente estava na menor cidade da terra para um assassino matá-la. Grier havia sido um profissional do governo. Eb Scott e Cy Parks, sem mencionar Micah Steele, eram mercenários profissionais, agora aposentados. Mas Eb cuidava de uma escola contra o terrorismo que era conhecida em todo o país, e alguns dos homens não seriam páreo para um assassino profissional.

Ela inclinou a cabeça e encarou Grier. Então deu um risinho.

- Finalmente - ela murmurou - Boas notícias.

Ele a encarou sem piscar.

- Boas notícias?

- Essa é a pior cidade da América para assassinos contratados. O único que se atreveu a entrar foi chutado pela sua esposa, pelo que ouvi falar - disse com os olhos brilhando.

Ele riu.

- Com uma barra de ferro - concordou. Em seguida suspirou - Bem, você tem espírito. Eu esperava no mínimo uma expressão preocupada.

Ela deu de ombros.

- Nós temos muitos homens perigosos nessa cidade - lembrou - Olhe o que aconteceu com Lopez, mesmo ele não tendo comprado a fazenda aqui.

- E para substituí-lo, Cara Dominguez - ele recordou - Nenhum desses bandidos acredita na lenda sobre nossos mercenários - ele deu um risinho - Azar o deles. Ok. Você não está apavorada. Isso é bom. Mas nós daremos alguns passos para mantê-la viva até o julgamento.

- Kevlar? - sugeriu.

Ele a estudou por um longo momento, pensando nas hipóteses.

- Eu conheço algumas coisas sobre Jacobsville que você não - ele respondeu - Você estará mais segura do que imagina. Só nos ajude não indo sozinha a nenhum lugar, especialmente a noite.

- Não diga - ela zombou - Você tem espiões posicionados nos pessegueiros.

Ele riu.

- Não tão visível. Confie em mim.

Ela concordou. A reputação dele era formidável. Se ele dizia que ela estava segura, estava. Mas imaginou como ele cuidaria de tudo.

- Você não vai dizer mais nada, certo?

Ele deu um risinho.

- Nem mais uma palavra. Manter segredos é meu ponto forte.

Ela suspirou.

- Ok, então. Ficarei dentro de casa e longe das janelas.

- Esse deve ser o procedimento até que nós consigamos pegá-lo.

- Você não quer me dizer quem é ele? - ela tentou.

- Não, não quero. Nem se eu soubesse. Você está segura. Entrarei em contato.

- Ok. Obrigada.

- Não foi nada.

Ele foi embora e ela apertou os dentes. Mais uma coisa, ela pensou, para me deixar louca. Eles deviam tê-la deixado em San Antonio e plantado-a em uma área controlada para que o homem fizesse o pior. Ao contrário, ela estava presa nessa pequena cidade com um assassino perigosamente próximo e diziam que ela estava segura.

Levantou as mãos e voltou ao trabalho. Não dividia as informações com Consuelo, ou Rodrigo. Nenhum deles tinha idéia da bagunça em que sua vida se encontrava. Ela queria que fosse dessa maneira.

Capítulo 7

Glory odiava se sentir inútil. Se ela fosse uma boa atiradora, e tivesse uma pistola, poderia ser capaz de se defender. Mas ela não podia atirar. Ela não era inteira fisicamente, e ela nunca teria alguém que quisesse algo além de matá-la. Ameaças de morte eram uma parte do trabalho da maioria das pessoas a serviço da lei e no sistema de leis. Ela conhecia juízes que carregavam pistolas por baixo da roupa e conhecia alguns que havia sobrevivido a ataques. Sempre soubera que se tornasse uma advogada de acusação, teria que enfrentar as ameaças ocasionais. Mas essa era mortal. Fuentes não queria passar a vida na prisão. Ele faria tudo para ter certeza de que Glory não testemunharia.

Cash dissera que ela estava mais segura do que imaginava. Ela se perguntou se havia alguém trabalhando na fazenda, de olhos nela. Ajudaria um pouco sua atitude mental. Mas uma visão detalhada de todos os trabalhadores não lhe indicava um suspeito.

Sentiu Rodrigo lhe observar enquanto ela e Consuelo sentavam com ele na mesa de jantar. Era astuto para um homem que cuidava de uma fazenda. Pena, ela pensou, ele ser tão bom em negócios, e nunca ter continuado sua educação. Nunca perguntara qual havia sido a última série que ele cursara. Talvez, ela disse a si mesma, não quisesse mesmo saber.

Então a ficha caiu. E se Rodrigo não estivesse apenas envolvido no tráfico de drogas... e se ele fosse o assassino? O garfo escapou de seus dedos e atingiu o prato em um barulho alto.

- O que foi? - Rodrigo perguntou, franzindo a testa.

Ela o encarava com puro horror. Não, ela disse. Não, não podia ser! Mas o que ela sabia sobre ele? Apenas o que ele contara. Ele tinha personalidade, era bom dançarino, trabalhava duro e falava várias línguas. Mas cometera muitos crimes. Ele saía toda quarta-feira, junto com Castillo. Quando ela contara isso a Cash, a expressão dele se fechara como uma concha. Cash havia dito que Fuentes havia mandado o assassino atrás dela, mas isso não significava

que o assassino ainda não estivesse em cena para a missão. De tudo que ela sabia, Fuentes podia tê-la seguido até Jacobsville semanas atrás. Aqui, onde Rodrigo estava perto e podia matá-la se recebesse ordens. Seu coração doeu fundo no peito.

- Você está bem? - Rodrigo insistiu, o sotaque alterado quando viu a expressão dela.

- Eu estou ficando desajeitada - Glory pediu desculpas pelo incidente, pegando o garfo novamente e sorrindo despreocupada - A culpa é dos pêssegos. Meus dedos estão se rebelando.

Consuelo riu.

- Eu sei como você se sente! Nós estaremos mais fortes do que levantadores de peso, com todo esse exercício.

- A colheita do pêssego já está acabando - Rodrigo avisou - Mais alguns dias e estará acabado.

- Graças a Deus! - Glory exclamou.

Ele a olhou por um longo tempo.

- Claro, depois disso as primeiras maçãs já estarão prontas para serem colhidas.

As duas mulheres gemeram alto. Rodrigo apenas sorriu.

_

Ela estava trabalhando na cozinha quando Rodrigo entrou com o filho de Consuelo, Marco. Consuelo estava hesitante, mas o garoto sorriu, ergueu a mãe e a girou.

- Eu sinto muito por ter sido rude com você da última vez - ele disse a mulher - Eu só estava tendo alguns problemas, mas eles estão resolvidos agora. Rodrigo disse que eu podia voltar, se você não se importa.

Rodrigo o abraçou, os olhos cheios de lágrimas.

- É claro que você pode voltar!

Ele a beijou.

- Você é muito boa comigo.

- Sim, eu sou - Consuelo respondeu rindo.

Rodrigo estava observando Glory. Ele queria perguntar porque ela o estudava daquela maneira, mas era manhã e ele tinha que organizar as coisas no campo. Cedo ou tarde, ele disse a si mesmo, eles teriam que conversar. Se ela estivesse grávida, ele tinha que saber. Então, as chances teriam que ser discutidas. Esperou que não fosse verdade. Glory deixara óbvio que não queria um filho. Ou talvez ela quisesse, mas não queria um com um trabalhador comum que precisava usar as mãos para sobreviver. Ele sentiu o frio o envolver. Não podia contar a verdade à ela. Quando fizesse, isso colocaria ainda mais barreiras entre eles. Ele não queria uma gloriosa dona de casa como esposa, assim como ela não queria um trabalhador estrangeiro como marido. Machucava, assim mesmo, saber que ela não queria seu filho. Ela havia dito a ele que tinha problemas de saúde, e ele sabia que o quadril dela causava problemas, mas isso não era motivo para ser incapaz de carregar um filho. O fato era que ela não queria o filho de um trabalhador comum. Ela não admitiria, mas ele sabia. Isso feria seu orgulho.

_

Na verdade Glory tinha mais problemas de saúde durante o dia. Mas ela superava bem. Felizmente ela tinha náuseas a noite, mais do que pela manhã. Ela tinha uma boa idéia sobre o

que estava causando a repentina doença, e isso a atormentava. Ela possivelmente não poderia ter o filho. Estava vivendo uma mentira. Rodrigo nem era de sua mesma classe social, e podia ser um criminoso. Ele podia ser o assassino que Fuentes contratara para tirar Glory de seu caminho. Ela recordou um comentário que o médico havia feito algum tempo atrás, sobre sua pressão sanguínea. Algumas mulheres, ele dissera, tinham sorte o suficiente para diminuírem sua pressão sanguínea quando estavam grávidas. Mas a de Glory a colocava em alto risco com uma gravidez. Ele dissera que a carreira dela já era risco suficiente, sem adicionar a gravidez. Ela assegurara a ele que nunca iria querer um filho.

Mas agora isso havia mudado. Estava fascinada com a idéia de ter uma criança crescendo dentro dela. Estivera sozinha a maior parte de sua vida. Os Pendleton eram gentis com ela, mas não eram sua família. A criança seria seu próprio sangue.

Esse era o pensamento mais preocupante. Sua mãe tinha problemas mentais, tinha certeza. Algumas anormalidades de comportamento podiam ser passadas de pai para filho. E se o bebê não fosse normal?

- O que está preocupando você? - Consuelo perguntou uma manhã quando Glory chegou na cozinha com círculos escuros embaixo dos olhos.

- Preocupando? - Glory pensou rápido - Bem, não é exatamente preocupante - Ela tomou um pouco de café e recusou a comida - Rodrigo nem fala comigo ultimamente.

- Ah - Consuelo sorriu - Então é isso.

- Ele parecia gostar de mim - Glory continuou - Mas agora ele parece me evitar.

- Sim, ele evita - ela fez uma pausa - E você está apaixonada por ele.

Glory não podia evitar a felicidade repentina em seu rosto, o brilho nos olhos por trás das lentes dos óculos.

- Eu já imaginava - Consuelo murmurou - Eu pude ver quando você dançou com ele, na festa. Ele gosta muito de você, mas ainda está apaixonado pela outra loira. Ele está em conflito.

Isso trouxe Glory de volta a Terra.

- Eu pareço com ela, não? - perguntou enfiando uma faca no próprio coração.

Consuelo deu de ombros.

Glory concordou.

- Eu o faço recordá-la, mas não estou casada com outra pessoa.

- Isso pode ser verdade - ela estudou Glory curiosamente - Mas por outro lado, talvez ele esteja começando a sentir algo por você e não gosta disso.

Glory suspirou.

- Isso pode ser verdade também - Glory concordou.

_

Castillo estava encostado na porta quando Glory teve que sair para buscar pêssegos no depósito. Ela vestia um belo vestido de verão branco com flores amarelas. Tinha mangas curtas e saia com babados. Seu cabelo estava preso na trança costumeira. Parecia jovem e fresca. Estava muito calor na cozinha e o ar condicionado não estava funcionando muito bem no calor. Ela raramente vestia roupas muito femininas. Consuelo havia lhe emprestado o vestido. Jeans apertados eram muito quentes naquela cozinha.

- Sabe, você não é tão feia - ele enfatizou com desejo presente nos olhos pequenos - Eu me interessaria por você.

Glory não tinha medo dele. Não agora que ela sabia que Rodrigo estava por perto, pelo menos. Ela virou-se e o encarou sem piscar.

- Eu não estou no mercado para um namorado, Sr. Castillo - ela disse secamente.

- Querida, toda mulher quer um homem - ele zombou, aproximando-se deliberadamente dela - Mesmo que ela não saiba.

Ela deu um passo para trás.

Ele apenas riu.

- Então é assim. Eu gosto de mulheres que fingem não estarem interessadas. Vá em frente e lute comigo, niña. Isso me deixa ainda mais excitado.

Ele aproximou-se e tocou a frente do vestido com o dedo indicador, forçando para baixo até que o vale entre os seios ficasse visível. Ela sentiu-se doente.

Antes que ela tivesse tempo de reagir e afastar a mão dele, viu a expressão de Castillo mudar repentinamente antes de ele ser jogado no chão.

Rodrigo passou por Glory, os olhos furiosos presos no homem caído. Falou em espanhol e o desafiou a levantar e brigar como um homem. Para um homem que parecia ser calmo e controlado a maior parte do tempo, Rodrigo parecia fascinantemente perigoso agora. Até mesmo Glory deu um passo para trás quando viu a expressão no rosto dele.

Castillo tocou a mandíbula machucada. Ele tentava esconder, mas estava com medo do outro homem. Rodrigo havia se movido como um raio. Castillo nem havia percebido o ataque se aproximando, e ele estava acostumado com brigas. Ele corou enquanto tentava se colocar em pé.

- Lo siento - ele disse a Rodrigo. Sinto muito - Eu não sabia que ela era sua.

- Sabe agora - Rodrigo disse. A voz era suave, mas o tom caloroso - Deixe-a em paz.

- Claro. Claro!

Castillo se afastou sem ao menos encarar Glory.

Ela tentava normalizar a respiração, e não tinha sucesso. Observou Rodrigo curiosamente. Os olhos escuros ainda brilhavam com raiva. As mãos estavam fechadas ao lado do corpo enquanto ele se virava para ela.

- Obrigada - ela começou.

- Se você não quer companhias indesejadas, vista-se como uma mulher trabalhadora, não como uma debutante passeando em um jardim de rosas - disse bruscamente. Seu tom era ríspido. Furioso.

Ela o encarou.

- Eu estou usando um vestido de verão. Não é nem mesmo sugestivo!

- Vista camisetas, tênis e jeans no trabalho aqui - ele interrompeu - Eu tenho coisas melhores para fazer com meu dia do que proteger você de outros homens!
- Imbecil, se eu tivesse um objeto afiado você precisaria de proteção! - ela devolveu - Está calor na cozinha e o ar condicionado não está funcionando! Nós chamamos o técnico, mas ele ainda não veio. Então Consuelo me emprestou um de seus vestidos, porque eu não tenho nenhum! De qualquer modo, eu não vou vestir calças compridas e casacos em minha cozinha só porque seus homens não conseguem controlar seus ímpetos luxuriosos!

Ele se aproximou, fazendo com que ela sentisse o calor e poder do corpo próximo ao dela.

- Você está aborrecido porque eu evito você - ele acusou.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Você está me evitando? Verdade? Sinto muito. Eu não percebi!

Uma coloração rosada tingiu as bochechas dele. Os olhos se encheram de fúria. As palavras o feriram, e ele retrucou.

- Você achou que fosse uma experiência que nenhum homem pudesse esquecer? - ele perguntou, abaixando a voz para que só ela pudesse ouvir. Os olhos pareciam duas pedras de gelo - Uma inocente inexperiente e assustada que nem ao menos sabia como responder ao ardor de um homem?

O insulto atingiu fundo, e ela não conseguiu esconder.

Isso pareceu o deixar ainda mais brutal.

- O que você estava fazendo aqui fora para começo de conversa?

- Nós precisávamos de mais alguns pêssegos para terminar a receita.

- Eu mandarei Angel os pegar. Algo mais?

- Não, obrigada - Seu tom era tão frio quanto seu orgulho. Ela virou e caminhou de volta para casa sem dizer mais nada.

_

Ele a observou por cima da mesa de jantar. Ela comeu pouca salada e um copo de chá gelado, recusou a sobremesa e se desculpou, tudo sem encontrar os olhos dele uma única vez.

- O que aconteceu? - ela perguntou suavemente quando Glory saiu do cômodo - Vocês dois brigaram?

- Eu não brigo com empregados - ele devolveu - A verdade é que ela está atraída por mim e eu a acho sem-graça. Eu percebi os olhares apaixonados que ela lança a mim. Ela não é o tipo de mulher que eu escolheria - acrescentou friamente - Ela não tem diploma e não tem nada para oferecer a um homem experiente. Ela tem as atitudes e os instintos de uma adolescente. Eu senti pena dela, e fui gentil. Ela mal interpretou minha compaixão por afeição. E - ele disse, terminando o café - vamos encarar a verdade, ela não é a idéia de um homem sobre beleza americana. Não com o cabelo longo saído de um conto de fadas e os óculos horríveis. Nenhum homem sairia de si tentando seduzir uma mulher tão comum, que não tem a mínima idéia sobre até mesmo vestimentas básicas.

- Você não deveria falar essas coisas sobre ela - Consuelo chiou - Ela ficaria machucada se ouvisse.

- Ela não vai saber. A menos que você diga - ele respondeu.

- Como se eu quisesse machucá-la. Ela é uma boa mulher.

- Boas mulheres são chatas - ele riu - Eu prefiro as travessas e estimulantes.

- Oh, você!

Glory afastou-se da porta meio aberta e caminhou de volta pelo corredor, lágrimas escorrendo pelo rosto pálido.

Ela não entendia como Rodrigo podia ser tão cruel após o doce e longo interlúdio em sua cama. Ela havia se entregado sem brigas. Havia respondido de todo coração. Mas era uma novata, e ele gostava de experiência. Sentiu-se barata. Usada. Indesejada. Havia vindo até ali para salvar sua vida, mas seu coração estava sendo destruído. De algum modo, a ameaça de vingança de Fuentes não doía nem metade do que quando Rodrigo a chamara de comum e dissera que não a queria. Ele a considerava inculta - ela, que se formara com honras na universidade de direito!

Era pior, de certo modo, porque ela estava quase certa de que esperava um bebê. Ela não se atreveria a contar a ele agora, não depois do que escutara. Tinha que levar Fuentes

aos tribunais e parar de viver uma mentira. Queria sua antiga vida de volta. Não queria mais ver Rodrigo enquanto vivesse!

Mas e quanto ao assassino? Quem Fuentes teria mandado? Poderia ser Castillo ou Marco? Poderia ser Rodrigo?

Franziu a testa ao voltar a sua preocupação original. E se Rodrigo estivesse envolvido com Fuentes, ou com o assassino? Depois de tudo, ele estava em Jacobsville há pouco tempo e ninguém sabia muito sobre ele. Ele havia contratado Castillo, que era um ladrão de primeira ordem. Ele e Castillo saíam toda quarta-feira. Rodrigo tinha ligações no México. Tinha um primo que trabalhava no mundo do tráfico de drogas. E o Rodrigo que confrontara Castillo na varanda era um homem que ela não conhecia, um homem perigoso obviamente costumava resolver seus problemas com as mãos. Ele podia ser violento. Castillo tivera medo dele. Rodrigo podia ser o homem contratado, ou um dos chefes envolvidos no tráfico.

Quase gemeu alto. Sua vida era tão simples quando acusava membros de gangues e traficantes em San Antonio. Por que Marquez não a deixara onde ela estava segura? Pelo menos ela tinha certeza de que Marquez estaria de olho nela. Aqui, tinha que ter esperanças de que Cash Grier estava dizendo a verdade quando falou que havia alguém de olho nela.

Sentiu-se doente quando percebeu como havia sido descuidada. E se tivesse que processar Rodrigo? Como poderia lidar com isso? Ele tinha um grande triunfo - poderia dizer a corte que ela estava envolvida com ele. Isso prejudicaria sua credibilidade, talvez o suficiente para libertar Fuentes. A vida, ela pensou, não era justa.

_

Glory estava curiosa sobre as saídas de Rodrigo e Castillo nas quartas-feiras. Pegou uma carona com Angel Martinez até a cidade. Não queria que vissem seu carro estacionado na frente do Café da Bárbara, que foi para onde ela se encaminhou quando Angel a deixou na esquina. Lá, ela ligou para Marquez e contou sobre seu novo desenvolvimento.

- Você deveria dizer a Grier - ele respondeu.

- Eu disse. Agora eu sou um cogumelo.

Ele riu.

- Eles te deixam no escuro e alimentam com moscas...

- Engraçadinho - ela interrompeu zangada - Por que você não vem até aqui e nós seguimos Rodrigo e Castillo para vermos aonde eles vão?

- Por que eu deveria te levar comigo?

- Porque serei eu a advogada de acusação.

- Eu tinha medo de você dizer isso. Quando eles geralmente saem?

- Cinco horas da tarde.

- E como você vai se livrar de Consuelo tempo suficiente para sair comigo?

- Ela sai pouco antes das cinco toda quarta para ir à igreja - ela disse - E leva o filho com ela.

Houve uma pausa estranha.

- Ela sai?

- Sim. Não é curioso ela ser voluntária em uma igreja sem estar programada? - ela devolveu, as palavras afiadas.

- Talvez ela passe pela frente da igreja e pelos fundos - ele murmurou.

- Quem sabe? Você vai vir?

- Eu vou te pegar as cinco. Se alguém perguntar, nós teremos um encontro fervoroso.

- Neste caso, eu vou vestir algo atraente.

- Melhor vestir algo que combine - ele lembrou - Ninguém segue pessoas com roupas de gala.

- Algo especial para o encontro caliente - ela murmurou.

Ele riu.

- Não é hora.

- É o que todos dizem.

- Até logo.

- Sim.

Bárbara veio até ela com a testa franzida.

- O que está acontecendo?

Glory, que a conhecia, apenas riu.

- Eu vou levar seu filho até minha casa com promessas de safadeza.

- Aleluia! - Bárbara exclamou - Se alguma criança já precisou de promessas de safadeza, é meu filho direitinho e puritano!

- Bem, na verdade não é o que parece - ela confidenciou em um sussurro - Nós vamos fazer uma perseguição.

- Veados? - Bárbara exclamou, atônita.

- Não. Traficantes de drogas.

O espanto tornou-se repreensão.

- Isso é território perigoso. Você deveria o deixar fazer isso na cidade dele.

- Não posso. Já estou até o pescoço nesse caso.

- Alguém deveria levar Fuentes para caminhar na floresta e deixá-lo cair em um poço abandonado!

Glory a encarou.

- Sua cozinheira sanguinária!

- Pode ter certeza. Eu odeio traficantes!

- Eu também - Glory respondeu - Especialmente Fuentes. Ele é mais perigoso do que Manuel Lopez ou Cara Dominguez já sonharam em ser. Ele tem que fugir por anos e anos, sem esperança de parada.

- Depois nós temos que recolher seus comparsas e prendê-los também.

- Exatamente o que eu penso. Mas primeiro, nós temos que conseguir evidências para usar na corte.

- Estraga prazeres - Bárbara chiou.

- Sim, bem, eu sou uma oficial da corte - ela lembrou - Eu tenho que cumprir as regras, mesmo que não goste delas.

- Rick vai te ajudar a conseguir as evidências - ela disse.

Glory sorriu.

- Eu sei que sim. Ele é muito bom no que faz. Mas não diga a ele que eu falei isso.

- Não direi uma palavra.

- Obrigada.

- Se você precisar de ajuda, e não puder chamar ninguém diretamente da casa, me ligue e peça uma torta doce de batata. Eu ligarei para o Cash Grier, ou Rick se ele estiver por aqui, e mandarei alguém até lá.

- Você já pensou em se tornar uma agente secreta? - Glory indagou.

- Toda minha vida. Mas é mais divertido pensar nisso do que fazer. Pelo menos, eu acho.

- Provavelmente você está certa - ela olhou pela porta e viu a estátua de John Jacobs, o fundador de Jacobsville, onde a caminhonete da fazenda, com Angel na direção já esperava - É minha carona. Tenho que ir.

- O que aconteceu com o seu carro? - Bárbara perguntou.

- É o mesmo que eu dirijo em casa - ela disse baixo - Eu o deixei escondido na fazenda. Eu acho que alguém pode reconhecê-lo.

- Muito esperta.

- Oh, eu poderia entrar no ramo dos agentes secretos depois disso - Glory disse, e não estava brincando - Entrarei em contato.

- Espere! - Bárbara puxou-a até o balcão, pegou uma torta de batata doce, empacotou e entregou para Glory - Seu disfarce - ela disse - Caso alguém queira saber porque você veio até aqui.

- Eu vou ver se consigo preparar um casaco de crochê para você - Glory deu um risinho. Então abraçou Bárbara - Obrigada.

- Eu não estou sendo altruísta. Quero que você se case com meu filho e me dê um monte de netos - Bárbara gargalhou.

A menção de bebês deixou Glory desconfortável.

Bárbara fez uma careta.

- Desculpe. Eu sinto muito mesmo, eu não quis...

- Não seja boba - Glory respondeu - Eu não fiquei ofendida. Rick é um gato. Mas eu tenho pressão alta e não sei se posso ter filhos. Veja bem, nunca houve motivos para eu perguntar para um médico se podia ter filhos.

Bárbara estava percebendo coisas que Glory nem imaginava. O dono de um café público aprendia muito sobre linguagem corporal observando.

- Lou Coltrain é uma de nossas melhores médicas, e ela ainda guarda segredos do colegial. Se você quer conversar com um médico em particular, Lou é a sua escolha.

Glory franziu a testa.

- Por que você está sugerindo isso?

- Querida, é uma cidade pequena - ela disse gentil - Você estava dançando com o capataz bonito da fazenda, e pelo que nós ouvimos, a coisa entre vocês estava tão quente que as pessoas estavam correndo atrás de ventiladores.

Glory corou.

- Oh.

- Você deve se lembrar de como são as coisas por aqui - Bárbara continuou suave - Nós todos sabemos sobre a vida dos outros. Mas é porque nós nos importamos com os outros. Você era uma criança, mas se tornou uma mulher fina e responsável. Seu pai estaria tão orgulhoso de você, Glory.

Lágrimas encheram os olhos da mulher. Ela não estava acostumada com esse tipo de gentileza. Não desse modo.

Barbara a acompanhou até a porta.

- Vá para casa antes que eu chore, também. E se você quer seduzir Rick, lhe emprestarei uma camisola sexy vermelha.

Glory arqueou as sobrancelhas.

- O que você faz com uma camisola vermelha?

- Esperando por uma oportunidade para vesti-la - Bárbara deu um risinho.

Glory riu também. A mulher era verdadeiramente gentil.

- Tome cuidado - Bárbara acrescentou gentil, enquanto virava a placa de "Aberto" para a multidão - Esses caras jogam sujo.
- Eu percebi. Obrigada de novo.
- Disponha.

_

Glory ignorou Rodrigo deliberadamente na hora do almoço, falando com Consuelo sobre a receita para manteiga de maçã.

Ele se sentia mal pelo que havia dito sobre ela, mas ela pedira por isso. A mulher tinha uma língua afiada e não se inclinava. Ele se perguntou como ela conseguira ficar em uma agência temporária em San Antonio com aquela atitude. Era como se ela sentisse que tinha que ser mais agressiva por causa de seu problema. Não que o fato de mancar a deixasse devagar. Ela trabalhava tão duro quanto Consuelo e nunca reclamava. Tinha mais consciência do que qualquer outro funcionário que ele já conheceria, e apesar do abuso físico de seu passado traumatizante, não recuava perante os homens. Castillo estava fora da linha.

- Lembre porque eu contratei você - Rodrigo havia dito ao outro homem - Não de bandeira.

- Inferno, ela é bonita de se olhar - ele disse brusco - Qualquer homem tentaria a sorte.

Os olhos de Rodrigo esfriaram ao ouvir o argumento.

- Qualquer homem que tentasse a sorte com Glory acabaria mal.

O modo como ele falou lançou agulhadas pela espinha de Castillo. Ele levantou as duas mãos.

- Ei, eu entendo. Ela é sua. Eu não invadirei seu território novamente, juro. Eu só estava passando o tempo enquanto nós fazemos nosso trabalho.

Rodrigo concordou.

- Não esqueça do modo como Fuentes trata as pessoas que se confundem.

O outro homem respirou fundo.

- Sim.

- Volte ao trabalho. Eu te encontro as cinco para ir até o depósito.

- Estarei aqui.

_

Rodrigo observou Glory enquanto deixava a cozinha. Ele viu as pálpebras dela piscarem, mas ela não olhou para ele. Não importava, ele disse a si mesmo. Estava afligindo-se. Não queria começar um relacionamento com uma cozinheira gloriosa. Ela era bonita e havia apreciado sua companhia na cama. Mas havia mais na vida do que sexo. Não havia lugar em sua vida para uma simples mulher do campo com dotes de culinária. Ele queria uma mulher como Sarina, que tinha cérebro e coragem. Se ao menos Colby Lane nunca tivesse aparecido! Pegou o celular e discou um número. Uma voz profunda atendeu.

- Nós estamos a caminho - ele disse.

- Nós estaremos esperando - veio a resposta.

Ele terminou a ligação e discou outro número, este local. Houve dois toques antes da ligação ser atendida.

- Culebra - ele disse em espanhol. "Cobra".

- Tudo certo.

Ele pôs o telefone no bolso com um sorriso que Castillo não viu.

Capítulo 8

O que Rodrigo estava esperando não chegou no prazo previsto. Estava praguejando contra um risco azul quando o sol se pôs. Eles estavam no prédio de uma fábrica deserta em Comanche Wells, uma pequena cidade a dez milhas de Jacobsville. A pequena cidade só tinha seiscentos habitantes. Não tinha policiais nem bombeiros, dependendo do distrito para esses serviços. Um produtor de roupas havia tentado abrir um negócio lá e falhara miseravelmente. Mas o prédio deserto era uma benção para traficantes de drogas. Ele era um lugar seguro, privado e defensivo para estabelecer negócios.

Comanche Wells estava no centro da indústria rancheira do distrito Jacobs. Vários barões do gado ocupavam a área ao redor e só vinham a cidade para comprar ração e moinhos. Havia um bar, não tão notório quando o Shea's na estrada de Victoria, mas ele fazia dinheiro. Havia também uma pequena companhia que manufaturava chips para computador. Um restaurante mexicano que era o único local, um único médico e uma farmácia. Se houvesse uma emergência, a ambulância tinha que levar os cidadãos de Comanche Wells até o hospital geral de Jacobsville. Eles resolviam os negócios por baixo do pano.

Neste momento já estava escuro e a rua ao lado do prédio deserto já tinha alguns carros e pessoas.

Castillo estava impaciente.

- Onde estão eles? - perguntou furioso.

- Eu gostaria de saber - Rodrigo disse sombrio - Eles prometeram estar aqui na hora marcada.

Castillo virou-se para ele.

- Sim? Bem, talvez eles tenham passado a perna em você e vazado o carregamento para a reserva federal.

- Não este cara - Rodrigo defendeu - Ele odeia a reserva.

- Ele não está sozinho.

- Eu sei o que você quer dizer - Rodrigo concordou.

Castillo checkou o relógio.

- Eles estão quinze minutos atrasados!

- Eles estão vindo de longe - Rodrigo disse calmo. Enfiou as mãos nos bolsos e encarou o companheiro - Você tem que ser paciente.

- Da última vez que eu fui paciente, dois guardas me enfiaram no camburão e me levaram para a cadeira - o homem disse friamente. Então encarou Rodrigo - Como você tem certeza de que não é uma armadilha? Aquilo - ele indicou uma pasta que estava em cima de um latão vazio - mandaria um insignificante ladrão preso para o resto da vida.

- Falhe com esses caras e você não terá uma vida - ele devolveu - O último traficante que falhou com eles foi encontrado em vários distritos.

O argumento era encorajador. O jovem homem mexeu-se inquieto e olhou o relógio de novo.

- Se eles não aparecerem rápido, nós pegaremos a encomenda e sairemos daqui. Tem certeza de que não são tiras?

- Positivo - Rodrigo assegurou - Um deles é meu primo. Ele trabalhava para o Lopez, e então para Dominguez. Se ele fosse um tira não estaria no jogo, certo?

- Não com chefes como esses, eu acho. Mas Fuentes é diferente - ele acrescentou desconfortável - Ele age rápido e já deixou uma trilha de corpos do outro lado da fronteira.

- O que ele paga faz valer o risco.

Castillo o encarou e fez uma careta.

- É. Acho que sim. Mas eu ainda...

Ele parou de falar quando o som de um carro se aproximando ecoou nas paredes do prédio. Rodrigo puxou sua pistola automática calibre 45 do cinto e correu até a janela mais próxima. Ele olhou por ela cuidadosamente, e então relaxou.

- São eles - Ele disse, erguendo a pistola.

_

Marquez dirigia sua caminhonete quando pegou Glory na fazenda. Ele estava vestido como um fazendeiro, de jeans, botas e um chapéu.

Ela sentou ao lado dele, sorrindo.

- Você realmente misturou, não? - zombou.

- É preciso quando você está seguindo pessoas - ele assegurou. Sorriu enquanto a observava. Estava vestida do mesmo modo que ele, exceto que os cabelos longos estavam presos em um coque - Você está muito bem.

- Obrigada - ela disse enquanto prendia o cinto de segurança - Você não disse nada vistoso.

- Disse sim, não?

Ele saiu da estrada de terra e entrou na rodovia. Ela percebeu que ele estava com o rádio portátil de polícia no bolso.

- Eu achei que pudesse ser uma boa idéia - disse quando viu o que ela olhava - No caso de algum castor zangado pensar que manda no tráfico ilegal e tente morder meu traseiro.

- Você vai prendê-los? - ela exclamou, assustada por Rodrigo - Nós nem temos certeza de que eles estão envolvidos com Fuentes. Não ainda, pelo menos.

Ele enviou-lhe um olhar enviesado.

- Eu não trabalho para a polícia local. Não tenho jurisdição aqui.

- Oh - ela disse aliviada.

- Mas se estiver acontecendo um acordo entre traficantes aqui, nós ligaremos para Hayes Carson - ele acrescentou, referindo-se ao xerife do distrito - Eu não vou deixar eles fugirem.

- Você tem que fazer - ela disse, tentando concordar com ele - É Fuentes que nós queremos.

- Nós já pegamos Fuentes, pelo menos enquanto você estiver viva - ele lembrou.

- Nós o pegamos por tentativa de assassinato - ela respondeu - Ele poderia ser acusado, mesmo sem o meu testemunho. Ele já tem uma acusação por tráfico de drogas, mas se nós conseguirmos uma ligação com o tráfico dessa área, podemos pegá-lo com uma acusação por venda de substâncias ilegais. É uma acusação federal e ele não vai se dar bem.

Ele a encarou.

- Você não tem jurisdição aqui, também - ele lembrou - E sua vida já está na linha de fogo. Se nós pudermos pegar Fuentes por tráfico de drogas, ele pode desistir de capturar você.

- Boa idéia, mas ele não tem uma reputação por desistir de algo - ela disse - Deixe ele mandar o assassino de aluguel. Cash Grier disse que tem um cara de olho em mim.

Marquez parecia preocupado.

- O que foi agora? - ela perguntou.

- Grier tinha um ladrão de baixo nível trabalhando como empregado da fazenda para Ramirez - ele disse - Para reduzir a sentença. Ele falou com o D.A. sobre isso.

- E? - ela insistiu.

- E o cara deixou a cidade ontem.

O coração dela saltou. Não tinha ninguém de olho nela. Estava em perigo mais do que nunca.

- Ainda existe o agente disfarçado - ele disse, tentando acalmá-la - É que ninguém sabe quem ou onde ele está.

Ela já havia pensado nisso.

- Eu fico imaginando se o agente disfarçado não é uma mulher - disse alto.

Ele a encarou.

- Consuelo, você quer dizer?

Ela concordou.

- Sem chance - ele disse brusco.

O tom dele era preocupante.

- O que você quer dizer com sem chance?

Ele começou a falar quando o rádio tocou entre eles.

Ele lançou dois códigos em rápida sucessão. Marquez, que conhecia todos os policiais da área por suas frequências e sinais, pegou e observou a tela piscando.

- Droga! - ele murmurou.

- O que é?

- DEA - ele murmurou.

- O que a Associação de Combate ao Tráfico de Drogas está fazendo aqui? - ela perguntou, confusa. Você acha que eles estão observando a fazenda?

- Bem, é possível, não? - ele perguntou, franzindo a testa - Eu quero dizer, eles encontraram um agente morto aqui - o primeiro marido de Lisa Parks, Walt Monroe. Outro agente levou um tiro, mas não morreu, quando um carregamento de cocaína chegou a Houston, seguido de um tiroteio em Jacobsville com Cara Domingues e sua gangue há pouco tempo. Eles têm bons motivos para tentar pegar Fuentes.

Ela fez uma careta.

- A mão direita nunca sabe o que a esquerda está fazendo - ela murmurou - Eles usam os cartões muito próximos do peito, Rick.

- Eles precisam. Eles tem uma mula - ele acrescentou, notando a surpresa - Uma mula de alto nível, então eles precisam que agentes do DEA de fora do estado venham e ajudem na investigação de Houston. É o modo como eles pegaram Dominguez, que seqüestrou uma criança e foi preso aqui logo depois de um tiroteio. Mas nessa casa, há sempre alguém um passo atrás de um traficante.

- Como Fuentes - ela concordou. Ela observou o rádio, que ficara silencioso - O que você acha que eles estão fazendo, monitorando ou se preparando para invadir?

Ele pensou por um minuto.

- Eu não acredito que eles invadiriam a menos que houvesse uma quantidade razoável de produto a ser confiscado. Você pode apostar que Fuentes não está conduzindo uma venda pessoalmente.

- É um pensamento adorável, não? - ela suspirou.

O rádio tocou novamente.

- Afaste-se - veio uma voz alta, nova - Tudo está programado. Eu repito, afaste-se.

- Inferno - veio a resposta tensa, profunda.

Ela e Marquez trocaram olhares.

O rádio parou de funcionar.

Eles estavam parados em um beco, atrás de um prédio, fora da vista do armazém. Uma caminhonete e um carro escuro estavam estacionados na rua ao lado do prédio. Enquanto eles observavam, dois homens vestindo terno, um carregando uma pasta, entraram no carro escuro e partiram. Um minuto depois, dois homens saíram, também com uma pasta e entraram na caminhonete.

O movimento dos dois veículos causou um barulho agudo, no momento em que um terceiro veículo - este comum, mas com luzes azuis piscando - entraram na rua onde o armazém estava localizado.

Em segundos, os três veículos havia partido. O carro com as luzes azuis enfrentava uma perseguição árdua.

- Isso foi instrutivo - Marquez disse pensativo.

- Um negócio falhou - ela disse - e se eram agentes no rádio, eles acabaram com tudo. Ou pelo menos a maioria. Alguém não seguiu ordens e começou a perseguição.

- O que me faz pensar que eles têm alguém lá dentro - ele concordou - o carro do serviço federal é um enigma. Ele chegou silenciosamente e com apenas duas palavras no rádio tráfego.

- Eu percebi - ela disse.

- Eu me pergunto se eram agentes locais, estaduais ou federais - ele respirou fundo - Bem, nós não ajudaremos em nada ficando parados aqui. Levarei você para casa.

- Obrigada - ela tentou fingir calma, mas era uma farsa. Havia reconhecido um dos dois homens que entrara na caminhonete. Era Rodrigo.

_

Marquez caminhou com ela até a varanda, caminhando devagar para permitir que ela o acompanhasse com a bengala. Ele havia dirigido por alguns minutos para dar a impressão de que ele e Glory estavam em um encontro, caso Consuelo já tivesse chegado em casa. Não seria esperto chegar em casa muito cedo.

- O carro de Consuelo não está aqui - ela notou.

- Provavelmente ainda está na igreja - ele disse, mas pensou em algo que não disse em voz alta.

Ela o encarou.

- O que você sabe que não quer me contar?

Ele deu de ombros.

- Nada grave - ele respondeu - Ela tem um primo que trabalha em uma empresa de transportes em San Antonio, e ele geralmente está envolvido com o transporte ilegal de drogas. Nós fizemos um levantamento sobre a ficha dele.

- Você acha que Consuelo está envolvida no negócio? - perguntou preocupada, porque gostava da mulher.

- Claro que não - ele disse rápido. Mas não deixou que ela visse seus olhos.

- Graças a Deus. Eu gosto dela. Ela tem sido muito boa comigo - disse sorrindo.

Ele devolveu o sorriso.

- Boa idéia, ele pensou, ela não ver seus olhos.

- Em todo caso, observe por onde anda. Eu estou tendo segundos pensamentos sobre você trabalhar na fazenda. Eu coloquei você em um ninho de víboras.

- Só uma ou duas - ela respondeu - Obrigada por cuidar de mim - ela acrescentou - Eu posso cuidar de mim na maior parte do tempo, mas essa não é uma circunstância normal - ela suspirou - Sinto falta do meu emprego.

- Eu sei. Mas ele vai estar esperando por você quando você voltar. Viva. - ele enfatizou. Ela fez uma careta.

- Ok, farei o que você disser - ela o encarou - Eu nunca pensei que odiaria tanto as fritas. Eu acho que vou tremer pelo resto da vida toda vez que ver um pêssego.

Ele deu um risinho.

- Eu sinto isso freqüentemente, quando tenho que ajudar minha mãe com as reservas.

- Eu gosto da sua mãe.

- Eu também. Tome cuidado.

- Tomarei. Faça o mesmo.

Ele apenas sorriu. Ela o observou enquanto ele caminhava até a caminhonete, acenava com a mão e partia.

Ela abriu a porta e entrou. Estava escuro, mas conhecia muito bem a planta da casa para se preocupar. Mas quando ela se virou na direção da cozinha para pegar um copo de leite, colidiu com um corpo alto e musculoso.

Ela deu um gritinho, assustada. Não havia visto nem ouvido nada.

- Relaxe - Rodrigo disse. Então acendeu a luz e a observou intensamente - Onde você esteve?

Ela ainda tentava recuperar o ar. Sentiu-se doente também, mas nunca deixaria ele perceber. Apoiou-se firmemente na bengala.

- Eu saí para dar uma volta com Rick.

Ele franziu a testa.

- Rick?

- Marquez - ela disse, evitando olhar nos olhos dele - Nós estudamos juntos no colegial. Eu o encontrei no armazém quando fui fazer compras com Consuelo.

Houve uma pausa longa e intensa. Os olhos dele brilhavam perigosamente ao observar o rosto dela.

- Eu não tenho horário para chegar em casa, tenho? - perguntou sarcástica, para esconder sua ansiedade. Era doloroso saber que ele estava envolvido no negócio ilegal com Fuentes. Especialmente ao saber que carregava um filho dele.

- Não - ele disse sério - Não tem horário. É sério?

Ela franziu a testa.

- O quê?

- Você e Marquez.

Ela piscou, buscando uma resposta. Ela não queria colocar Rick em um situação onde ele pudesse se tornar um alvo. Por outro lado, não doeria Rodrigo saber que ela tinha aliados na polícia.

- Nós somos amigos - ela disse finalmente.

- Onde vocês foram... dar uma volta? - ele perguntou lentamente. E sorriu. Era o sorriso mais perigoso que ela já vira.

Ela não era boa com mentiras. Evitou os olhos.

- Na cidade.

Ele sabia que ela estava mentindo. Havia visto o carro de Marquez próximo ao ponto de drogas, com duas pessoas na cabine. Ele não podia entender o que Marquez queria, a menos que ele estivesse namorando Glory para obter informações sobre os movimentos de Rodrigo. Isso era inquietante. As coisas havia chegado a um ponto crucial.

- Viu algo interessante? - ele persistiu.

Ela ergueu os olhos.

- Na verdade não.

Os olhos dele estavam frios e silenciosos.

- Você não quer se envolver no meio de algo que não entende.

- Como?

- Marquez tem inimigos. E faz mais a cada dia. Você está correndo riscos ao ficar perto dele.

Ela arregalou os olhos.

- Você está com ciúmes - disse pertinente, tentando afastá-lo do rumo da conversa. Não seria bom deixar escapar algo sobre o que ela e Rick havia testemunhado.

Isso o desconcertou. Ele piscou e então fez uma carranca.

- Com ciúmes de um tira? - zombou.

- Machuca o seu ego, não? - ela insistiu - Eu ter ido de você para ele. Você quer saber se ele é um bom amante? Ooh!

Mesmo durante a breve intimidade entre eles, ele nunca a havia beijado dessa maneira. Ele a puxou contra o corpo alto e musculoso, sentindo cada polegada da pele suave. A boca máscula devorava a dela, provando, insistente, faminta por uma resposta. E ela respondeu por que não podia evitar. Ele era o único homem que já desejara.

Os braços dela deslizaram ao redor dele. Gemeu roucamente enquanto o beijo alcançava áreas de sensualidade que ela nunca experimentara.

Grunhindo, ele a empurrou contra a porta e colou-se a ela, permitindo que ela sentisse a crescente evidência de seu desejo.

As mãos suaves encontraram a barra da camiseta dele e deslizaram por baixo dela, percorrendo os músculos fortes e quentes das costas dele. Sentiu eles se retesarem com o toque. Sem desgrudar a boca, guiou os dedos femininos até os pêlos finos de seu peito enquanto ele, também, agia com perspicácia. Segundos depois, ela sentiu os seios tocando o peito coberto de pêlos, apreciando a deliciosa sensação de pele contra pele. No silêncio da casa, os únicos sons ouvidos eram os gemidos débeis e as respirações aceleradas.

Ela não ouviu o barulho da bengala caindo. Mal percebeu quando ele a pegou no colo e carregou até o quarto.

Ele trancou a porta atrás de si e caiu com ela na cama em um emaranhado de braços, pernas e roupas que logo fundiram-se em um ritmo duro e urgente.

Ela o sentiu dentro de si com um misto de preocupação. Ele estava sendo muito provocante, até mais do que na primeira vez. Ele perdera o controle rapidamente. Não havia sido planejado. Ele buscava satisfação, gemendo roucamente enquanto sentia o corpo feminino se arqueando para aceitá-lo, implorando por mais, mais... mais!

Seu último pensamento consciente foi que ela estava tão excitada que ele não tinha certeza de que poderia satisfazê-la...

Ela não conseguia parar de tremer. Não esperava ter que enfrentar a terrível tensão que ele provocara nela. Ela o sentiu atingir o auge e permaneceu quieta, chorando embaixo dele com sua própria frustração.

- Shhh - ele sussurrou na orelha dela. Então moveu-se contra ela, lentamente, sentindo ela colar-se a ele, implorando.

- Eu não... - ela chocou-se.

- Eu sei. *Calma, querida* - ele sussurrou profundamente - *Calma. Mova-se comigo. Não seja tão impaciente. Não irei parar até te satisfazer. Prometo. Faça o que eu digo.*

Ela precisou lutar para diminuir o ritmo. Mas quando conseguiu, entendeu tudo. Era assustador, o modo como o prazer aumentava. Cada movimento do quadril dele era uma doce angústia. Cada beijo pousado na suavidade de seus seios trazia uma onda de prazer. Conforme ele se movia, as pernas femininas se cruzaram ao redor das dele, sentindo seu poder e força enquanto ele apoiava o peso.

- Não foi assim antes - ela disse, freneticamente.

- Eu sei - ele não soava amável. A voz era áspera. Seus movimentos eram forçados, exigentes - Não fale. Levante-se contra mim. Forte. Forte!

Ela o obedeceu sem pensar na dor no quadril, apenas deixando que ele se aproximasse.

- Assim - ele murmurou. Ele mordiscou o ombro dela enquanto os barulhos suaves que eles faziam se tornavam mais rápidos e mais altos - Sim! - ele segurou a coxa dela e puxou para cima. As sensações que ele sentia eram quase assustadoras. Ele sentiu-a estremecer, ouviu o choro de surpresa quando o prazer alcançou outro nível.

- Oh! - ela choramingou, arqueando-se - Oh! Eu não posso...

O ritmo era frenético agora, não controlado ou receoso. Ele se moveu, empurrou mais duro, mais duro, enquanto uma onda de prazer começou a envolvê-lo.

As unhas dela afundaram sua pele. Ela abriu os olhos, chocando-se ao ver a expressão rígida no rosto dele.

- Sim - ele murmurou roucamente - Me olhe!

Ela não conseguia fechar os olhos. O prazer atingiu ambos, convulsionando em uma forma livre de arte, enquanto eles se uniam em apenas um ser humano.

A boca pousou na dela enquanto ela gritava, um sinal inevitável e brusco do prazer insuportável que ele a forçava a sentir. Ela arqueou-se, estremeceu, arqueou-se de novo. E durante todo o momento ela o observou, preenchendo seus olhos com a beleza do corpo, do rosto masculino, enquanto ele mergulhava nela uma última vez e finalmente começava a estremecer.

- Dios... mio! - ele choramingou quando as convulsões quase o levaram à inconsciência.

Ela mordiscou o ombro dele. Ela, também, estava envolvida em um mar de prazer tão vasto que pensou que nunca acabaria. Sentiu os próprios gritos de prazer enquanto mergulhava nas ondas de prazer.

Mas acabou. Lentamente o mundo voltou a entrar em foco, e estava acabado. A breve e bonita explosão de felicidade estava acabada. Eles permaneceram juntos, os corpos úmidos, estremeçando no breve interlúdio. Ela sentiu as batidas do coração crescendo perigosamente e concentrou-se, respirando lentamente para diminuí-las. Nunca havia sentido isso em toda sua vida.

Ele olhava o teto. Odiou-se por sucumbir mais uma vez a essa fraqueza. Ela não era como ele. Nunca se encaixaria em seu mundo. Ela estava se envolvendo com um policial e toda sua operação estava em risco. E agora, sem contar o ciúmes que nunca admitiria sentir, havia

dobrado as chances dela estar grávida. Saber que ela apreciara estar com ele não o ajudava em nada a se sentir melhor. Muito menos saber o quanto ele apreciara estar com ela.

- Agora diga o quanto Marquez se compara a mim - ele disse sombriamente.

Ela estava tentando colocar a mente no lugar. Era difícil.

- Eu não posso dizer - ela confessou - Eu nunca dormi com ele.

Ele não soube dizer como se sentia em relação a isso. Orgulhoso, talvez? Arrogante? Ele esticou o corpo, sentindo os músculos doerem após a tensão que enfrentara.

Ele rolou o corpo e encarou-a. Ela havia deixado os óculos no criado mudo quando eles caíram na cama. O longo cabelo loiro estava caído ao redor do rosto corado. Os olhos verdes estavam curiosos.

Ele afastou o cabelo da bochecha e do canto da boca.

- Você está melhorando.

Ela suspirou bruscamente quando o encarou. Seus olhos eram acusadores.

- Eu sei. É tudo minha culpa - ele murmurou. Então inclinou-se e beijou-lhe a boca - Eu aposentei meus instintos selvagens há muito tempo. Eu geralmente não sou muito fácil de se provocar.

Ela queria dizer que sua tentativa selvagem de escapar da polícia podia ter ajudado na sua perda de controle, sugerir que a adrenalina o tornara vulnerável, mas não se atreveu.

- Você podia ter dito não - ele apontou.

- Não, não podia - ela disse negando - Você não parou de me beijar tempo suficiente.

Ele arqueou os ombros largos. Os músculos ficaram rígidos, onde ela pousava uma mão.

- É viciante.

Ela sabia que era viciante. Não podia recusá-lo. Era preocupante, quando tivera medo dos homens durante toda sua vida e nunca se sentira atraída por nenhum deles. Então aparecera esse rancheiro e ela não conseguia tirar as roupas rápido. De certo modo, era insignificante.

- Será que eu detectei o som de uma chicotada? - ele perguntou.

Ela mordeu o lábio para prender uma gargalhada.

- Você não pode esperar que eu me sinta orgulhosa do modo como reajo a você - ela apontou - Eu estava feliz com minha vida até o momento em que você apareceu e revirou tudo.

Ele traçou as sobrancelhas dela com o dedo indicador.

- Eu percebi a sua falta de restrição - ele comentou com divertimento. Os olhos escuros encontraram os dela na luz fraca do quarto - Nós dobramos nossas chances de produzir uma criança.

- Eu percebi.

- O que você sugere que nós façamos? - ele insistiu.

Era uma pergunta que ela não queria responder. De fato, ela não sabia como respondê-la. Parte dela queria uma criança. Outra parte estava assustada, não apenas com a criança, mas também com o outro Rodrigo, o traficante de drogas que podia acabar na prisão. Pior, ela podia ser instrumental na ajuda para colocá-lo lá. Ela havia testemunhado quando ele saía do armazém na companhia de Castillo, fugindo de um carro de polícia. Ela teria que testemunhar.

Enquanto ela pensava nisso, o hino nacional do time mexicano de futebol, da copa do mundo de 2006, ecoou de algum lugar do chão.

- Merda! - ele respirou suavemente.

Ele levantou da cama, procurando algo nos bolsos da calça. Ele pegou algo e atendeu.

- Sim?

Houve uma longa pausa.

- Eu sei - ele acrescentou.

Houve outra pausa.

- Ele deve esperar que eu saia da jogada no caminho até a fronteira - ele respondeu - Pode dizer a ele que eu falei isso. Sim. Eu falo com você depois.

Ele fechou o telefone. Distraído, começou a se vestir rapidamente e pegou as roupas dela, jogando-as em cima do lençol enquanto ela tentava se cobrir.

Ele parou na beirada da cama e ficou observando-a.

- Quando as coisas se acalmarem por aqui, nós teremos uma longa conversa.

- Sobre o quê?

Ele suspirou.

- Eu não sei. Mas se houver uma criança, nós teremos que fazer algumas decisões importantes.

- Isso seria algo muito difícil - ela mentiu - Eu não tenho sintomas de gravidez.

Ele sentiu-se estranhamente desapontado, mas ele sabia que assim seria melhor. A última coisa que ele queria era estar preso à essa mulher pelo resto de sua vida por causa de uma criança que ele não poderia rejeitar. Mesmo querendo muito ter um filho, Glory, francamente, não era o tipo de mulher que ele ia querer como mãe. Pensou em Sarina e sentiu-se doente. Era como cometer adultério, ele refletiu. Sentiu-se culpado.

- Isso é bom - ele disse. Então hesitou por um minuto - Eu nunca quis que isso acontecesse.

- Eu sei. Eu também não.

Ele aproximou-se e pousou a boca gentilmente sobre a testa dela.

- Você estava certa sobre uma coisa.

- Que coisa? - ela perguntou.

- Eu estava com ciúmes - ele confessou.

Então abriu a porta e saiu por ela rapidamente.

Glory permaneceu deitada na suave penumbra de seu quarto enquanto pensava em quão facilmente caíra em armadilhas que ela mesma preparara.

Capítulo 9

No dia seguinte, Glory ainda se martirizava pela noite passada. Ela tinha que interromper a atuação de Rodrigo em sua vida. Ela estava quase certa de que estava grávida. Precisava falar com um médico antes que a gravidez estivesse avançada, e saber quais seriam os riscos que ela correria se decidisse ter o bebê. Quanto mais ela sentia os sintomas, mais próxima ela se sentia da coisinha crescendo em seu interior. Ela a queria com todo seu coração, apesar das complicações que ela poderia representar fisicamente, como ao seu trabalho.

Enquanto isso, ela percebeu como Consuelo estava estranhamente nervosa. Ela insistia em pegar o telefone e checar se ele estava funcionando. Ao mesmo tempo, ela trabalhava distraída, até mesmo esquecendo-se de colocar açúcar na fruta que elas estavam preparando.

- O que foi? - Glory perguntou gentil - Existe algo que eu possa fazer para ajudar?

A mulher a encarou de uma maneira estranha. Então fez uma careta.

- Eu queria poder ter conhecido alguém como você há muito tempo - disse enigmaticamente - Parece que o mundo inteiro se virou contra mim. Eu não tenho ninguém que me ofereça ajuda.

Glory sorriu gentilmente.

- Você sabe que eu faria tudo que pudesse por você.

Aquilo, estranhamente, pareceu deixar a outra mulher ainda mais desconfortável. Trincou os dentes.

- Obrigada - ela disse sombriamente - Mas é muito tarde.

Antes que Glory pudesse fazer outra pergunta, o telefone de Consuelo tocou. A mulher quase o derrubou na panela com as frutas quando foi atendê-lo.

- Si? - ela disse. Então escutou, piscou, observou Glory, e piscou de novo - Lo es absolutamente necesario? Estás seguro? - ela hesitou, escutou, e finalmente disse - Si - e desligou.

- É algo ruim, não é? - Glory perguntou.

- Sim - veio a resposta. Consuelo secou as mãos e tirou o avental. Não encarou Glory nos olhos - Eu tenho que sair, apenas por alguns minutos, vou à mercearia... Para comprar suprimentos. Você pode cuidar de tudo por aqui, certo?

- Claro - Glory assumiu o lugar de Consuelo no fogão, mexendo a colher. Forçou uma felicidade que não sentia. Algo estava errado, e Glory tinha certeza de que era algo a ver com ela - Não tenha pressa. Eu ficarei bem.

A mulher lançou-lhe um olhar de total horror.

- Você... Tome cuidado, certo? - ela pediu - Eu não demorarei.

- Ok.

Consuelo saiu sem olhar para trás. Glory ouviu o carro sendo ligado, e então afastar-se rápido.

Ela virou-se para o fogão, o coração disparado. Não tinha certeza de nada, mas sentia perigo ao seu redor. Seu emprego a tornara mais sensível ao perigo, especialmente agora. O comportamento estranho de Consuelo era muito perturbador para ser ignorado. Caminhou rapidamente até seu quarto, trancou a porta e discou o número do escritório de Cash Grier em seu celular. Antes mesmo que ele começasse a tocar, ouviu a porta da frente sendo aberta com uma pancada.

- Onde ela está? - uma voz de homem indagou.

- Como eu posso saber? - a outra respondeu tensa - Procure!

Ela desligou e discou o número da emergência.

- Delegacia de polícia do distrito Jacobs. Posso ajudá-lo?

Glory forneceu as informações sucintamente.

- Eu estou sozinha, desarmada, e existem alguns homens na casa - ela disse - Eu acho que eles querem me machucar.

- Dois minutos - a secretaria disse - Fique na linha.

Ela pôde ouvir o alarme da polícia local sendo acionado. Havia estática, a voz firme da secretaria, e uma resposta clara, seguida do barulho de uma sirene que ouvira simultaneamente pelo telefone e do lado de fora da casa. Possivelmente havia uma viatura por perto, já que a secretaria assegurara que ela chegaria em dois minutos. Era um distrito grande.

Agora a polícia só tinha que chegar a tempo!

Ela ouviu passos pesados, murmúrios, quando eles tentaram a porta trancada. Glory aproximou-se da porta e colocou a bengala acima da cabeça. Se alguém tentasse derrubar a

porta, receberia uma pancada na cabeça. Maldito Fuentes! Ela pensou furiosamente. Maldito covarde, por mandar outras pessoas fazerem o serviço sujo por ele.

O que soou como uma batida na porta ecoou no corredor, mas ela não abriu. Então um ombro atingiu a porta, com o mesmo resultado. Ela ouviu conversas em espanhol e em seguida, repentinamente, furiosamente, tiros vindos do corredor, onde ela estaria se não tivesse a idéia de escapar dos atacantes. Uma das balas perfurou a madeira ao redor da fechadura e a outra atingiu o buraco.

- Peguei você agora, loirinha! - uma voz carregada pronunciou.

Antes mesmo que a porta começasse a abrir, a sirene ecoou e um carro estacionou bruscamente na frente da varanda. O coração dela estava disparado, também. A antiga dor familiar chegou com ela, atingindo o braço esquerdo. Mas apesar de tudo, sentia-se cheia de coragem.

- Mas que inferno! - uma das vozes exclamou.

- É furada! Ela chamou os tiras!

- E agora você pode atirar neles - ela exclamou.

- Eu vou te pegar da próxima vez! - uma voz fria e zangada em um espanhol cheio de sotaque atravessou a porta - Eu juro que vou!

- O inferno que vai! - murmurou uma voz masculina profunda e nova.

Ela ouviu um baque e pés correndo, um tiro que soou mais longe, e então baques ainda mais altos ecoaram no corredor. Então tudo ficou em silêncio.

- Senhora, a senhora ainda está na linha? - a secretária perguntou preocupada.

- Sim - Glory assegurou - Há uma briga no corredor e um tiroteio lá fora. Eu estou trancada no quarto.

- Fique aí.

- Pode apostar que sim!

Outra exclamação, outro baque. Então silêncio.

Houve outra batida na porta. Ela ouviu a mesma voz que respondera ao intruso - Senhora, é a polícia. Você está bem?

Ela não sabia se devia responder.

Houve estática do lado da fora e então ouviu a mesma voz na linha quando a secretária atendeu a ligação.

- É a polícia - a secretária assegurou - Pode abrir a porta!

- Obrigada - Glory disse debilmente - Muito obrigada.

- O prazer é meu.

Glory desligou o telefone e abriu a porta, cuidadosamente. Um policial alto e de aparência perigosa com cabelos escuros e olhos acinzentados caminhou na direção dela. Então notou a bengala.

- Ooos. Desculpe - ela disse abaixando a bengala - Desculpe.

Ele esboçou um sorriso.

- Você ia acertar o cara, hem? Eu não sei se isso ajudaria, ele é muito forte.

Ela caminhou até o corredor e notou, tremendo, que um homem estava deitado de cabeça para baixo com as mãos amarradas nas costas. Ela soube que era Marco.

Ele a encarou com olhos faiscantes.

- Eu estarei livre pela manhã, loirinha - ele lançou - E você estará morta pela noite!

- Oh, eu não apostaria nisso - o policial disse sombriamente.

- Eu também não - seu companheiro, também de uniforme, concordou. Ele tinha cabelo loiro e um belo sorriso - Você está bem, senhora?

- Eu estou bem. Graças a vocês dois - ela respondeu.
- Você conhece esse homem?
- Sim - ela disse - Ele é o filho da nossa cozinheira.
- Existem alguns buracos causados por balas na sua porta. Ele estava tentando atirar em você? - o primeiro oficial perguntou.

Ela hesitou. Não se atreveria a contar a verdade. Marco sabia disso, e sorria de modo sarcástico.

- Eu não sei - ela mentiu.

Marco apenas riu.

- Garota esperta - ele zombou.

Os policiais pareciam suspeitar de algo. Glory olhou através deles, e Cash Grier entrou.

- Eu acabei de saber - ele disse a Glory. Então olhou para os dois oficiais - Levem ele até o centro de detenção. Será acusado de ataque agravado. Farei com que ela deponha.

- Eu nunca tentei machucá-la - Marco tentou argumentar - Eu só queria falar com ela!

Cash observou deliberadamente os buracos causados pelas balas no quarto de Glory.

- Muito mal, aparentemente - ele disse.

- É a palavra dela contra a minha - Marco disse sarcástico - Eu estarei livre em vinte e quatro horas. Eu tenho que ligar para o meu advogado, certo?

Fuentes devia ter os melhores advogados que o dinheiro podia comprar. Glory nunca se sentira tão frustrada. Encarou Marco. Por um momento imaginou que valeria a pena acabar com seu disfarce e acusá-lo de tentativa de assassinato e dar a razão, o que levaria ao homem que ela tinha certeza de ser o chefe para quem ele trabalhava - Fuentes.

- Tire-o daqui - Cash disse aos oficiais - Eu não demoro.

Eles guiaram Marco pelo corredor.

Glory encostou-se contra a porta, tentando recuperar o fôlego. Seu coração estava batendo acelerado, e sentia o braço doer.

- Sente-se - Cash disse ao entrar no quarto carregando uma cadeira - Você tem algum remédio?

Ela balançou a cabeça.

- Não consigo.

Era difícil de falar. Era difícil de respirar.

- Eu posso chamar uma ambulância.

Ela respirou fundo. Isso complicava ainda mais as coisas. Concentrou-se em respirar normalmente. Lentamente a dor começou a diminuir. Encarou Cash.

- Eu ficarei bem - ela disse suavemente - Não é a primeira vez que eu tenho esse problema.

- É angina, não é? - ele perguntou.

Ela concordou.

- Eles me deram pílulas de nitroglicerina - ela disse, parando para respirar - Mas eu faria qualquer coisa... para não tomá-los. Eles fazem minha cabeça doer.

Ele encostou-se na cômoda, franzindo a testa.

- Conhecendo seu histórico médico, eu tento imaginar se você é suicida, considerando sua linha de trabalho.

- Que estranho - ela murmurou - É exatamente o que o meu médico disse.

- Talvez você deva ouvi-lo. Nesse momento, eu tenho que colocá-la em uma casa segura sobre custódia protetora.

Ela balançou a cabeça.

- Se você fizer isso, Fuentes ganha. Marco perdeu. Ele pensa que vai se livrar. Agora Fuentes vai fazer de tudo para matar Marco, também. Ele não perdoa deslizos.

- Você acha? Eu me pergunto por que um homem perigoso como Fuentes mandaria um membro de gangue adolescente e louco para uma tarefa profissional.

Ela sentiu o sangue sumindo de seu rosto. Não havia visto. Agora ela percebia que era uma armadilha. O assassino de verdade havia mandado Marco para testar a água, para ver o tempo necessário para que a polícia local chegasse, para ver como Glory iria reagir.

- Foi armação, não foi? - ela perguntou, os olhos cheios de horror.

- Eu acho que sim - ele respondeu - Uma cobaia.

- Sim - ela tentou respirar normalmente mais uma vez - O que nós faremos agora?

Cash estava pensando. Não tinha certeza de nada, exceto que desejava saber o que o DEA estava fazendo no distrito Jacobs. Havia sido um dos novos oficiais de Cash, o de olhos cinzentos, que corraera para ajudar Glory, ignorando uma ordem do DEA para afastar-se enquanto um negócio ilegal acontecia em Comanche Wells. Ninguém sabia exatamente quem era o agente secreto ou o que ele fazia, e agências federais não dividiam informações com a polícia local a menos que precisassem.

- O que diabos está acontecendo aqui? - ouviram uma voz familiar, levemente acentuada. Glory ergueu os olhos e Rodrigo entrou no quarto. Ele viu os buracos na porta, Cash e então, observou Glory preocupado.

- Niña! - ele exclamou gentilmente, modificando seu tom enquanto se ajoelhava na frente dela - ¿Estás bien?

O coração dela saltou quando ele usou o nome familiar, um que falantes de espanhol geralmente usavam com pessoas ou crianças que amavam. Ela observou os olhos escuros e sentiu-se segura. Sem pensar, ergueu os braços e ele a abraçou, envolvendo-a, apertando-a, acariciando o cabelo. Ela sentiu as lágrimas inundando seus olhos e odiou demonstrar sua fraqueza. Mas estava assustada. Muito assustada. Seu coração ainda estava disparado. Sentia-se vulnerável.

- O que aconteceu? - Rodrigo perguntou a Cash.

- É uma longa história - ele disse - Eu não estou autorizado a divulgar o que sei.

Os olhos de Rodrigo se estreitaram. Ele conhecia esse homem, e seus contatos. Estava caçando um traficante de drogas, mas alguém estava atrás de Glory. Não sabia porque, e sabia que era inútil perguntara Cash. Tramas geram tramas, ele pensou irritado. Mas pelo menos estava acostumado com segredos.

- Você pode me dizer quem fez isso? - ele perguntou.

- Marco - Glory murmurou contra seu peito - Marco atirou. Pobre Consuelo!

- Onde ela está? - perguntou Rodrigo.

- Ela teve que correr até a loja. Ela recebeu uma ligação. Parecia muito estranha quando desligou, e disse que tinha que sair - Glory disse, a voz abafada pelo contato com a camisa de Rodrigo.

Rodrigo olhou nos olhos de Cash, e o outro homem soube quem o DEA mandara disfarçado até ali. Não havia reconhecido Rodrigo, que havia visto durante uma fuga com Cara Dominguez há alguns meses atrás. Raramente vira aquele olhar no rosto de um homem, mas era familiar. Rodrigo obviamente estava envolvido de alguma maneira com Glory e parecia querer arrancar cada pedacinho do corpo de Marco. Parecia muito protetor em relação a Glory. Mas Cash não podia estragar o disfarce de Rodrigo, ou o de Glory. Se a situação fosse um pouco menos potencialmente fatal, seria uma comédia. Ambos estavam guardando segredos que, aparentemente, não pretendiam dividir com o outro.

- Shhh - Rodrigo sussurrou no ouvido de Glory - Está tudo bem. Você está salva. Ninguém vai te machucar aqui. Nunca mais. Eu juro.

- Eu estava pensando em mandar alguém até aqui para trabalhar com você, apenas para ficar de olho nela - Cash disse.

Rodrigo o encarou.

- Isso já foi tentado e não funcionou. Eu cuidarei dela.

Era um aviso velado. Quando Cash forçou sua memória, começou a lembrar-se das coisas que ouvira falar sobre esse agente. O homem estivera envolvido em trabalho mercenário por anos. Ele era tão bom no que fazia que havia um preço por sua cabeça em quase todos os países do mundo. Nos últimos três anos, ele trabalhava para o DEA do Arizona. Na verdade ele havia se disfarçado na operação Manuel Lopez e ajudara a pegar o homem. Mais recentemente, havia sido instrumental na prisão e acusação de Cara Dominguez. Agora ele estava atrás de Fuentes. Cash sabia, mas não podia admitir, certamente não na frente de Glory.

- Eu estava escondida atrás da porta quando ele tentou entrar - ela murmurou, secando os olhos enquanto se afastava gentilmente dos braços confortadores de Rodrigo - Eu ia atingi-lo com minha bengala. Mas ele começou a atirar.

- Graças a Deus você estava atrás da porta e não na frente dela - Rodrigo disse tenso.

- O que você vai fazer com Marco? - ela perguntou a Cash.

- Fichá-lo, trancá-lo e esperar que o juiz estabeleça uma fiança de um milhão de dólares.

Glory deu um risinho.

- Oh, eu acho que Mary Smith fará isso se você pedir. Ela é uma renegada. Odeia traficantes de drogas.

- Você conhece uma juíza? - Rodrigo perguntou, os olhos interrogando, suspeitos.

O coração dela saltou.

- Eu a conheço - ela disse - Um dos meus primos arrumou problemas com a lei e ela cuidou do caso dele - ela mentiu.

- Entendo.

- Você terá que testemunhar - Cash disse a Glory - Você é a única testemunha que eu tenho.

História da minha vida, ela pensou.

- Mas eu não o vi - ela disse triste - Eu apenas o ouvi.

- Tente mostrar convicção nessa evidência - Rodrigo murmurou ausente enquanto examinava os buracos causados pelas balas - Um bom advogado de defesa irá jurar que Marco veio ajudá-la e foi falsamente acusado.

- Mas existe a arma - Glory começou.

Cash trincou os dentes.

- O quê? - ela perguntou.

- Nós não encontramos uma arma.

- Lá se vai o seu caso - Rodrigo respondeu secamente.

- Eram dois - Glory disse - O outro, o que fugiu, provavelmente levou a arma quando ouviu as sirenes. Marco estava ocupado dizendo que iria me pegar da próxima vez. Então você o pegou.

- Eu vou prendê-lo enquanto puder - Cash assegurou - Mas essa não será a única tentativa.

- Ela estará segura aqui - Rodrigo repetiu. Ele olhou de Glory para Cash e voltou novamente - Eu não suponho que algum de vocês irá me dizer por que minha assistente de cozinha está atraindo assassinos de aluguel?

Cash e Glory trocaram olhares.

- Então nós fazemos a dança das cadeiras e vinte perguntas, enquanto o chefe de Marco planeja um modo de acabar com ela, certo? - Rodrigo perguntou.

- Nós achamos que isso tenha sido um teste - Cash disse - Para ver o tempo preciso, e a reação de Glory a intrusos.

- Ele vai ser esperto da próxima vez e atacará no meio da noite quando ela estiver dormindo - Rodrigo disse calmo.

- Se alguém me arrumar uma arma... - ela começou.

- Não! - Cash disse repentinamente.

- Uma miserável luz traseira - ela começou calorosamente.

- E um cata-vento - ele devolveu - Sem armas.

Rodrigo sabia que eles falavam de algo que não dividiriam com ele. Mais segredos.

- Nós treinaremos aqui - Rodrigo assegurou a Cash. Seus olhos se estreitaram - Eu gostaria de falar com você antes de partir.

Cash sentiu-se como um intruso. Tinha certeza de que não iria gostar do que o outro homem tinha a dizer.

- Esperarei lá fora - virou-se para Glory - Tem certeza, sobre a ambulância?

Ela ainda tentava recuperar o fôlego.

- Sim. Obrigada.

Rodrigo alisou o cabelo dela e levantou.

- Eu não demoro - ele disse - Deite um pouco. Você já se excitou mais do que precisava.

Ela concordou. Então se moveu lentamente pelo quarto, ignorando os buracos na parede, e tudo mais a não ser os lençóis limpos de sua cama.

_

Na varanda, Cash e Rodrigo se encaravam como lutadores esperando pelo momento certo.

- Você deve me dizer o que está acontecendo - Rodrigo disse baixo, ciente dos bisbilhoteiros.

- Do mesmo modo que você me mantém informado? Cash devolveu friamente.

Os olhos de Rodrigo se estreitaram. Esse homem era inteligente, e não era do tipo que aceitava mentiras.

- Eu suponho que você já tenha percebido quem eu sou, e porque estou aqui.

- Sim.

- Isso é tudo que você pode fazer - ele respondeu - Eu sinto muito. Essa operação não é minha. Eu tenho que fazer o que mandam.

- Você pode ao menos dizer se o que está fazendo aqui tem alguma ligação com Fuentes?

Rodrigo concordou.

- Nós temos uma mula - ele disse - Ele está fornecendo informações. Eu tive que usar o disfarce para descobrir a rede de distribuição, e é formidável. Eu ainda tenho um primo trabalhando para Fuentes, embora Manuel Lopez tenha matado um dos meus primos por infiltração há alguns anos atrás - ele enfiou as mãos nos bolsos - Tem um carregamento de

cocaína vindo do Peru em duas semanas. Nós sabemos como ele chegará ao país, e qual é o destino.

- Existe um depósito vazio em Comanche Wells - Cash disse - E não é um lugar onde as pessoas possam notar atividades.

Rodrigo concordou.

- Nós estivemos lá na noite passada - os olhos tornaram-se frios - Alguém em um carro de polícia quase me matou por não querer se afastar.

Cash fez uma carranca.

- É um dos meus novos patrulheiros, sinto muito. Ele é novo, um oficial em uma frente de combate e se esqueceu de como obedecer a ordens. Na verdade ele trabalhou nas forças especiais, por trás das linhas.

Rodrigo concordou.

- Nós temos alguns desses com nós. Eles são valorosos na posição certa. Mas são uma furada quando não cumprem ordens.

- Eu já falei com ele - Cash assegurou - Não vai se repetir.

- Nós ainda estamos dançando ao redor da tentativa de assassinato aqui - Rodrigo lembrou.

- Eu percebi.

- O que ela tem, ou sabe, que é tão importante para um assassino querer matá-la?

Cash pesou os fatos e decidiu que tinha que dizer algo ao homem sem entregar Glory.

- Ela tem informações que podem incriminar Fuentes por assassinato. Um depoimento pode ter várias consequências. Fuentes não quer que ela fale com um júri.

Rodrigo piscou.

- Falando em coincidências - ele murmurou - E ela vem parar aqui, no meio de uma operação.

- E quase assassinada, também - Cash respondeu.

Fuentes não mandaria Marco para fazer um trabalho como esse. Marco não tem o que é necessário para o trabalho sujo. Não, ele foi mandado até aqui para ser usado como teste. Da próxima vez, Fuentes vai mandar um assassino profissional para completar o serviço.

- É o que eu disse à ela.

Rodrigo o encarou.

- E vai ser logo, certo?

- Sim - Cash disse - Algumas pessoas falaram com os Pendleton e conseguiram contratar Glory como cozinheira. O procurador do caso achou que ela estaria segura em uma cidade pequena, onde todos nós poderíamos ficar de olho nela enquanto ele conseguia evidências suficientes para convencer o júri de que Fuentes está matando informantes que acabam com seus negócios.

- Marquez e você, eu presumo, são as pessoas que estão de olho nela?

- Eu tinha um cara trabalhando para você que deveria me manter informado. Mas ele foi embora.

- Eu ainda estou trabalhando aqui - Rodrigo lembrou - Nada irá acontecer a Glory.

- Você não vai conseguir estar perto dela o tempo todo - Cash repetiu - Me deixe ajudar.

O outro homem fez uma carranca. Sentiu-se repentinamente vulnerável. Havia usado Glory como um passatempo, mas pensar em perdê-la era como levar um tiro no estômago. Não podia enfrentar o pensamento de que ela corria perigo. Estranho como machucava-lhe pensar nela morta.

- Seu procurador devia ter mandado um guarda-costas com ela - Rodrigo comentou.
Cash deu um risinho.

- Isso é uma extravagância. Que departamento iria pagar?

- Não o nosso - Rodrigo teve que admitir - Eu não estou cobrando-os por algum tempo.

- Você nunca vai conseguir, se o seu departamento for igual ao nosso.

- É. Ninguém tem dinheiro para jogar fora - ele não mencionou que era rico suficiente para fazer seu trabalho sem receber. Nos últimos três anos trabalhara para o DEA sem nenhum outro motivo a não ser parceiro de Sarina.

- Ok - Cash disse - Eu vou deixar alguém disponível para acompanhá-la se ela deixar a fazenda. Você pode cuidar dela aqui?

- Sim - Rodrigo disse.

- Talvez nós consigamos mantê-la viva até o julgamento de Fuentes - ele torceu os lábios - A mãe de Marco está envolvida nisso. Você sabe.

- Sim - o outro disse pesadamente - O marido dela está na prisão federal. Marco acabou de sair, e se nós conseguirmos provar que ele tinha uma arma, é uma violação de sua pena e ele voltará logo. Pena que Consuelo tenha permitido-se envolver nisso.

- Ela faria qualquer coisa que o filho pedisse - Cash disse - Ele é tudo que ela tem.

- É uma vergonha.

- Sim.

- Você irá acusá-la?

Cash trocou o peso.

- Sobre que evidência? Já vai ser um inferno conseguir acusar Marco.

- O pequeno delator arrependido - Rodrigo murmurou - Eu gostaria de lhe dar uma lição.

- Não é permitido. Lembre-se, nós somos os caras bons.

- Remodelar o rosto dele seria bom - Rodrigo disse zombeteiro.

- Você não quer se encontrar com Blake Kemp em um tribunal daqui. Ele acabou de ser nomeado advogado do distrito. O nosso eleito teve um infarto e morreu. Kemp está cuidando de tudo até as eleições, e eu aposto que ele vai vencer. Ele já é uma lenda local.

Rodrigo piscou.

- Eu sei. Merda!

- É o que os fora-da-lei estão dizendo de você - Cash zombou - Ele é um inferno na defesa.

- Ele estava nas forças especiais também, eu acho, junto com Cag Hart.

Cash concordou.

- Nós somos abençoados com ex-militares por aqui. Se você precisar de ajuda, farei tudo que puder.

- Obrigado.

- Você já soube sobre sua ex-parceira? - Cash perguntou.

- Sarina?

- Sim - Cash respondeu - Ela está grávida.

Rodrigo sentiu as palavras o atingirem como um golpe físico. Ela não havia contado. Tivera a oportunidade, na festa.

- Boas notícias para eles.

- Sim. Andy Webb me contou. Eles iriam se mudar para cá, até compraram o espaço de Hob Downey para construir. Mas agora eles querem viver em Houston onde os Hunter moram, então eles estão colocando a propriedade de volta no mercado. Eu acho que eles estão bem

localizados em Houston. Eu não sei como Sarina vai continuar com o trabalho no DEA, em suas condições.

Rodrigo apenas concordou. Sentia como se um buraco frio e vazio estivesse aberto dentro dele.

- Bem, eu já vou. Se você precisar de ajuda, ligue - Cash acrescentou - Nós colocaremos patrulhas extras por essas bandas.

- Diga ao seu patrulheiro que da próxima vez que ignorar ordens minhas, será carregado até a próxima sala de emergência - Rodrigo não sorriu quando disse isso, e seus olhos estavam cheios de fúria.

- Oh, eu já disse a ele - Cash avisou. Em seguida deu um risinho - Eu também não tolero desobediência.

- Mas você agradecê-lo por estar por perto hoje - o Mexicano acrescentou - Mesmo que tenha sido um teste, Marco é imprevisível. Glory poderia estar morta se ele não tivesse agido rápido. Eu devo um favor a ele por isso.

- Eu direi.

- É o que eu estou fazendo aqui ainda é segredo.

- Eu sei disso, também. Tome cuidado.

- Você também.

Cash foi embora e Rodrigo entrou em casa. Sentia-se doente. Sarina estava grávida. E não havia lhe contado. Não havia ligado ou escrito. Ele era tão sem importância para ela agora, depois de três anos de intensa amizade, que nem mesmo se preocupara em dividir as boas notícias com ele?

Sentiu-se perdido e sozinho. Todos seus sonhos estavam mortos. Nunca mais seria o único homem na vida de Sarina. Era um golpe duro.

Caminhou pelo corredor até o quarto de Glory e parou ao lado da cama. As bochechas dela estavam muito coradas e ainda estava tristonha.

Ele sentou ao lado dela na cama. Ela o fazia lembrar Sarina. Mas ela não era tão inteligente, ou brava. Sarina sabia como atirar e havia enfrentado bandidos com ele durante vários anos. Esse pequeno projeto de mulher estava se escondendo porque podia colocar Fuentes na cadeia por assassinato. Não podia imaginar Sarina se escondendo de alguém.

Mas não era justo compará-las. Sarina tinha a saúde perfeita. Essa jovem mulher tinha problemas de saúde que a deixavam mais vulnerável. Estava sendo irracional porque estava machucado.

Ele aproximou-se e alisou o cabelo de Glory, observando-o deslizar ao redor do rosto dela.

- Sente-se melhor? - ele perguntou baixo.

- Sim - ela disse roucamente - Eu vou ficar bem. Você parece triste.

Ele evitou os olhos dela.

- Talvez eu esteja.

- Eu posso fazer algo para ajudar?

Ele a olhou com os olhos estreitos e considerou a única coisa que podia dizer a ela que não apenas o ajudaria a curar as mágoas, mas também mostraria a Sarina que não iria passar o resto da vida sofrendo porque não podia tê-la.

- Sim - ele disse em um tom baixo - De fato, existe algo. Você pode se casar comigo.

Capítulo 10

- Casar com você? - Glory exclamou, e lutou para não desmaiar.

- Por que não? - ele perguntou - Nós somos ótimos na cama. Gostamos das mesmas coisas. Nos damos bem.

- Mas, nós não estamos apaixonados - ela protestou. Ela tinha sentimentos por ele, mas não diria. Pelo menos, não enquanto ele estivesse sofrendo pela bela loira.

- O que é o amor? Respeito mútuo e amizade parecem ser igualmente importantes - ele respondeu. Os olhos se estreitaram - Você está relutante. É porque eu ganho a vida com as mãos, trabalhando como um operário?

Os olhos dela se arregalaram.

- Não, de maneira alguma - ela disse simplesmente - Eu admiro você.

Ele pareceu surpreso.

- Por quê?

- Porque você lida muito bem com as pessoas, com diplomacia e tato - ela começou - Você nunca grita ou diminui os outros trabalhadores. Você sai da linha para ser gentil com mulheres e crianças. Você é honesto. Não se importa com trabalho duro. E você não tem medo de nada. É por isso.

Ele não esperava uma lista de suas qualidades. Ficou surpreso por ela se sentir daquele modo em relação a ele. Ele não era o que fingia ser, mas ela o aceitava como se fosse. Por anos, as mulheres - que não Sarina, claro - o quiseram pelo que ele podia dar a elas. Aqui estava uma que pensava que ele era pobre e não se importava. Era humilde.

- Estou lisonjeada - os olhos dele se estreitaram enquanto a encaravam - Existe algo mais. Algo que você não quer dizer.

Ela revirou os olhos.

- Diga - ele coagiu.

- Eu ouvi o que você disse sobre mim - ela confessou - Que eu não era o tipo de mulher que lhe atraía... que eu era muito comum...

Ele a puxou para seus braços e abraçou-a.

- Mau humor - ele murmurou - Eu digo coisas que não sinto às vezes. Eu não queria dizer aquilo - ele abaixou a cabeça e olhou-a nos olhos - Eu realmente não quis dizer aquilo.

Ela relaxou.

Ele deitou-a novamente a apoiou a mão ao lado do rosto dela.

- Você não quer filhos meus - ele disse baixo. Seu orgulho ainda estava ferido por ela ter dito isso.

Ela fez uma careta.

- Eu não quis dizer aquilo. Não mesmo - Ainda estava incerta sobre sua capacidade de carregar um filho - Eu tenho outras coisas na cabeça, e não tinha pensado na possibilidade de ter um filho.

Ele arqueou as sobrancelhas. Seu rosto relaxou em um sorriso radiante.

- Verdade?

Ela sorriu de volta. Seu coração disparou com a expressão dele.

- Verdade.

Ele traçou a boca dela com o dedo indicador.

- Então você vai se casar comigo?

Era loucura. Ela não podia se casar; seu emprego não lhe deixava tempo livre. Ela não podia ter um filho - isso poderia matá-la. Mas ela já estava quase certa de que estava grávida. Se pudesse encontrar um médico bom, que tratasse muito bem, poderia não ser tão

perigoso. Depois de tudo, ouvira falar sobre Grace Carver que tivera uma válvula ruim no coração e sobrevivera a gravidez quando se casara com o agente do FBI, Garon Grier. Se Grace tinha sobrevivido, por que Glory não conseguiria? Além disso, com seu passado, não queria ter um filho fora do casamento. Os valores antigos que ela adquirira na vida não eram fáceis de afastar.

- Aceite - ele insistiu.

Ela o encarou e sorriu. Nunca corria riscos. Era sempre conservadora. Mas havia uma promessa de paraíso nos olhos escuros e o coração estava disparado dentro de seu peito.

- Sim - ela disse, e se recusou a pensar nas consequências.

- Sim, o quê? - ele insistiu, gostando da resposta inevitável que ela dava ao seu terno ardor.

- Sim, eu me caso com você - ela murmurou.

Os olhos dele brilharam. Segundos depois, sua boca estava sobre a dela, dura e dominadora. Ela o queria. Não se importava por ele não ter um centavo em seu nome e nunca estivesse segura financeiramente. O coração dele voava. Ela era tão parecida com Sarina...

Afastou-se dela e sentou. Ela parecia sonhadora, feliz. Sentiu-se culpado por estar usando-a, de certo modo, para escapar da dor da rejeição. Mas ela nunca saberia. Eles poderiam ficar juntos por algum tempo, apreciando a companhia do outro. Então, depois, talvez aparecesse outra criança. O pensamento era deprimente. Ele estava apenas pensando que talvez pudesse ser feliz com uma substituta, mesmo se aparecesse uma criança. Ela nunca seria Sarina, e seu filho nunca seria Bernadette. A dor era como uma corda ao redor do seu coração, apertando.

- Quando? - ela perguntou, interrompendo seus pensamentos.

Ele levantou da cama e hesitou, franzindo a testa.

- Quando você quer?

Ela hesitou também. Ele ficara diferente. Talvez ele tivesse segundos pensamentos. Ela deveria começar a tê-los também; sua vida corria risco e estava vivendo uma mentira. Não deveria se casar com alguém...

- Hoje - ele disse abruptamente - Agora.

- Agora?

- Nós podemos cruzar a fronteira a qualquer hora - ele disse - Casamentos mexicanos são instantâneos.

A cabeça dela flutuava. Fuentes havia mandado um assassino para matá-la. Marco havia furado a porta de seu quarto com balas há meia hora atrás. O assassino verdadeiro ainda estava solto, e ela iria se casar com um homem que provavelmente fosse um traficante de drogas, mesmo não sendo um condenado.

- O que está errado? - ele perguntou gentilmente.

Ela não podia dizer. Não agora. Ela encarou os olhos escuros e soube que não importaria. Não importava o que ele era, já estava apaixonada. Era muito tarde para pensar nas consequências. Mesmo se eles tivessem pouco tempo juntos, certamente seria melhor do que não ter memórias de seu amor?

- Nada está errado - ela mentiu, ficando em pé - Estou pronta se você estiver.

Ele segurou a cintura dela com as mãos fortes e observou os olhos verdes.

- Você está ressabiada - ele disse baixo - Eu sei que você suspeita que eu não seja o que pareço. Nós estamos dando voltas, mas eu sei que você esteve com Marquez na noite passada. E eu sei onde você estava, Glory.

Ela sentiu-se zozza. Não queria pensar na atividade noturna dele. Queria casar com ele. Queria viver com ele. Seu rosto refletiu os pensamentos confusos.

- Você não sabia onde Marquez estava indo, sabia? - ele disse suavemente.

Ela aceitou a abertura que ele estava lhe fornecendo.

- Não. Ele disse que nós iríamos dar uma volta.

Ele torceu os lábios.

- Ele te disse por que estava observando um armazém em Comanche Wells?

- Oh, sim - ela concordou, mentindo - Ele disse que estava acontecendo um negócio com imigrantes legais no país e eles estavam escondidos no armazém até que pudessem ser levados a casas seguras.

Ele sentiu um peso sendo retirado de seus ombros. Então Marquez não estava em seu caso. Estava trabalhando em algo totalmente diferente e provavelmente suspeitara de que Rodrigo era parte de um empreendimento com imigrantes ilegais. Isso aliviou sua preocupação.

- Rodrigo - ela disse gentilmente - Você não está envolvido em algo ilegal, está? - ela perguntou preocupada.

Ele suspirou. Não podia dizer a verdade.

- Ajudará se eu lhe der minha palavra de que de agora em diante, nunca mais sairei da linha?

Os olhos dela eram belos, radiantes, cheios de sonhos tornando verdade.

- Vai mesmo? - ela perguntou ofegante.

Ele sorriu.

- Sim.

- Mas eu me casaria com você mesmo que estivesse envolvido em algo ilegal, Rodrigo - ela disse gentilmente - Embora eu tivesse esperanças de que você desistisse por mim.

Ele sentiu-se como um garoto em seu primeiro encontro. Começou a sorrir e não pôde parar.

- Eu prometo que nunca irei lhe magoar. E vou te proteger de qualquer pessoa que signifique perigo. Se nós estivermos casados, poderemos dividir um quarto, e ninguém irá se aproximar de você durante a noite. Eu tomarei conta de você.

O coração dela saltou. Então sorriu. E seu rosto se iluminou.

- Eu cuidarei de você também - ela disse zombeteira.

Ele deu um risinho.

- Verdade? Que gentil.

Ela o abraçou, impulsivamente, pousando a bochecha no peito largo em perfeita segurança.

- Em toda minha vida - ela disse suavemente - Eu nunca me senti tão segura como quando estou com você.

Isso fez com que ele se sentisse ainda mais culpado, mas não demonstrou. Puxou-a para mais perto.

- É como eu quero que você se sinta.

Ele saboreou o contato quente, pensando em quão facilmente poderia tê-la perdido para a insanidade de Marco, ainda poderia perdê-la para a violência. Ele imaginou o que ela teria visto para colocar sua vida em perigo. Ele queria descobrir. Mas não hoje.

Depois de um minuto, ele a afastou.

- É melhor nós irmos.

- E Consuelo? - ela perguntou preocupada.

Os olhos dele escureceram.

- Nós fingiremos que ela não sabe nada e encontraremos uma saída.

- Você acha mesmo que ela ia deixar o filho me matar?

Ele pareceu desconfortável.

- Eu não sei Glory - ele disse honestamente - Mas eu acho que ela não queria.

- Nem eu. Ele pertence a gangue Serpientes - ela acrescentou - Eles não perdoam enganos.

Ele inclinou a cabeça enquanto a estudava.

- Não, não perdoam - ele se perguntou se Marquez havia contado isso a ela. Como ela podia saber sobre uma gangue de rua da cidade grande?

- Ele pode não viver tempo suficiente para enfrentar o tribunal.

- Verdade.

- Pobre Consuelo.

Ele tocou uma mecha dos cabelos loiros.

- Você ainda está preocupada com a noite passada, não está? - ele murmurou.

Ele se referia ao negócio das drogas. Ela se aproximou e colocou os dedos sobre a boca dele.

- Eu não me importo com quem você é, com o que você faz - ela disse roucamente - Eu só sei que eu... eu me importo com você, e confio em você. Não importará. Nada vai importar.

Ela prendeu a respiração bruscamente. Ela achava que ele era um criminoso e não se importava. Ela o queria, não importavam as conseqüências. Era lisonjeador.

- Algum dia, pode importar - ele disse honestamente.

- Nós enfrentaremos o dia juntos, quando ele chegar - ela disse teimosamente.

Ele sorriu gentil.

- Eu soube que você era especial na primeira vez que te vi, quando você me jogou contra a parede brincando sobre o can-can.

- Você não gostava muito de mim.

- Na verdade sim - ele respondeu - E eu admirava você. Era fácil perceber que você não deixava seu problema te deprimir. Você é forte, e tem um bom coração.

Ela queria perguntar sobre a loira, a uma com quem ele se importava. Talvez houvesse um rompimento verdadeiro entre eles. Mas ela era uma covarde. Não queria saber. Ela o faria amá-la. Ela sabia que conseguiria, se tentasse. Ela guardaria o segredo sobre o bebê e seu emprego, e seguiria em frente.

_

Eles se casaram em uma pequena capela com a benção do padre do vilarejo. Ele não falava inglês, mas a língua nativa de Rodrigo era o espanhol, então eles conseguiram. Ela não havia perguntado sobre anéis, mas Rodrigo apareceu com um na cerimônia e deslizou no dedo dela. O anel de noivado era um solitário trabalhado em alto relevo com ouro branco e amarelo. A aliança era igualmente detalhada e continha um diamante grande. Devia ter custado uma fortuna. Ela quis protestar, mas era muito tarde. Era uma pequena fortuna em seu dedo. Ela imaginou, e odiou-se por isso, se ele havia comprado para outra pessoa - para a loira, talvez.

- Eles são lindos - ela disse enquanto eles dirigiam de volta.

- O quê?

- Meus anéis - ela disse encarando-o - Como você os conseguiu tão rápido?

- Eu comprei há alguns meses - ele disse indiferente.

Ela os odiou. Ela queria arrancá-los da mão e jogá-los pela janela. Isso nunca funcionaria. Ele estava sofrendo pela loira e sua filha. Mas se Glory fosse paciente, talvez pudesse fazê-lo amá-la. Então, então, ela perguntaria sobre o casamento e os anéis de noivado. Quando ela tivesse certeza de que poderia contar a ele sobre a criança que estava carregando, ele poderia comprar um novo conjunto de anéis, comprados para ela.

_

Consuelo estava na cozinha quando eles chegaram em casa. Estivera chorando, e parecia doente. Pulou quando a porta dos fundos se abriu.

- Você está bem - ela exclamou quando viu Glory - Eu estava tão preocupada! Quando eu voltei, você tinha ido, e tudo que eu soube pelos trabalhadores foi que eles ouviram sirenes! Marco me ligou da penitenciária e disse que precisava de um advogado. Para quê?

Rodrigo não sorriu.

- Marco atirou duas vezes na porta do quarto de Glory, tentando acertá-la.

Consuelo parecia horrorizada.

- Não. Oh, não, ele não machucaria você. Foi um mal entendido, isso é tudo - disse firme - Eu sei que eles o prenderam, mas ele disse que só estava tentando chamar sua atenção. Foi o outro garoto que atirou. Ele disse que o policial o acusou de ataque e ter atirado, mas Marco não tem uma arma, você sabe. Ele está na condicional, então ele teria que voltar para a prisão se tivesse uma arma.

Por falar em viver no mundo dos sonhos, Glory pensou. Pobre mulher. Não conseguia parar de defender o filho, mesmo quando ele era pego com a mão na botija.

- Além disso, a polícia não encontrou a arma - Consuelo acrescentou. Ela encarou-os e então, lentamente, começou a perceber que Glory usava anéis. Os olhos dela se arregalaram - Vocês se casaram! - ela exclamou.

Rodrigo sorriu.

- Sim! Nós cruzamos a fronteira.

- Mas vocês deveriam ter me contado! Eu posso fazer um bolo e nós teremos um jantar especial - ela estava em total afobação. Puxou o cabelo para trás - Eu tenho que ver se nós temos ovos suficientes...

- Consuelo, não hoje a noite - Rodrigo disse - Foi um longo dia para Glory. Ela não está se sentindo bem, depois de toda a excitação.

A mulher observou-a e percebeu as bochechas coradas, os olhos cansados. Então fez uma careta.

- Pobrecita - disse suavemente - Eu sinto muito! Sinto muito!

Glory aproximou-se e abraçou-a.

- Você não tem que se desculpar por nada - disse suavemente - Obrigada pela preocupação. Mas eu adoraria deitar um pouco e nem pensar em comer agora. Estou muito cansada.

- Claro que está - Consuelo afastou-se. Por um instante, seus olhos adquiriram uma expressão estranha. Glory não conseguia pensar em uma palavra para descrevê-los. Mas então, ela sorriu, e o olhar se foi - Pense no que você gostaria de comer, e eu trago para você depois. Ok?

- Ok - Glory disse sorrindo.

Rodrigo segurou o braço dela e acompanhou-a pelo corredor, respirando fundo ao ver os buracos na parede.

- Nós precisamos acomodar você em meu quarto - ele disse.

- Não agora - ela insistiu, rindo suavemente - Eu sinto muito, mas estou muito cansada. Eu só quero me deitar por alguns minutos.

- Não é uma má idéia. Eu tenho que ir ver como os homens estão se saindo. Castillo tinha que começar tudo depois do almoço, mas eu gosto de ter certeza. Você ficará bem - ele acrescentou, inclinando-se para beijá-la suavemente - Coloque seu celular no bolso e ligue se você precisar.

- Eu não sei o seu número - ela lembrou.

Ele levantou a mão. Ela entregou seu telefone. Ele ligou e digitou seu número, franzindo quando viu os nomes lá.

- O escritório do D.A. de San Antonio? - ele murmurou.

- Sobre o caso Fuentes - ela respondeu rápido, tentando não reagir abruptamente.

- Claro - Que coincidência, ele pensava, ambos estarem envolvidos no caso Fuentes. Ele mudou de tela, acrescentou seu número e devolveu o celular de volta a ela - O meu número é o quinze - ele disse, e começou a rir - Você deve passar muito tempo no telefone.

- Na verdade passava horas em seu trabalho, mas não podia dizer isso a ele.

- Eu trabalho para uma agencia temporária quando não estou cozinhando - ela disse - Eu tenho alguns clientes regulares.

Ele concordou. Sua mente já estava trabalhando.

- Eu voltarei logo - ele prometeu. Ele acomodou-a na cama e beijou-a pela última vez - Você está linda, senhora Ramirez - ele murmurou. Estranho, o modo como isso soava.

Ela sentiu a mesma coisa. Sorriu para ele com todo seu coração.

- Senhora Ramirez - ela repetiu com um suspiro. Nunca esperara casar. Agora estava casada com um homem que podia ser um traficante de drogas. Mas não pensaria nisso hoje. Apenas saborearia como era estar casada com este homem sexy e fantástico.

Ele piscou para ela quando chegou à porta.

Ela fechou os olhos e mergulhou no sono.

Naquela noite, ela dormiu nos braços de Rodrigo. Era a primeira noite bem dormida de sua vida adulta. Ele não havia se aproximado dela sexualmente, murmurando que ela já se excitara muita para um só dia. Além disso, ele acrescentou, eles tinham o resto de suas vidas para aquele prazer particular.

_

Glory trabalhava na cozinha com Consuelo, como normalmente, mas a outra mulher estava claramente distraída. Na hora do almoço, o telefone tocou e ela correu para atendê-lo.

- Marco? - Ela exclamou - Onde você está? O quê? Não! Como eles descobriram? Oh, aquele garoto idiota, eu avisei você! - ela encarou Glory. Estava falando espanhol. Glory estava trabalhando, aparentemente ignorando o que sua colega estava dizendo - Eu encontrarei um advogado para representar você. Sim, eu entendo. Irei. Eu disse que irei, Marco! Não se preocupe, eu encontrarei um modo de livrar você. Apenas faça o que eles disserem. Sim. Sim. Eu amo você.

Ela desligou, e voltou para perto do fogão onde Glory mexia alguns pêssegos.

- Más notícias? - Glory perguntou.

- Aquele garoto idiota com quem Marco sai tinha uma pistola. Foi ele que atirou em sua porta, porque estava bêbado - Consuelo disse - Agora ele foge e Marco é acusado de romper a condicional por porte de arma de fogo. Eu poderia estrangular aquele homem!

Nada era culpa de Marco, Glory discerniu. Era sempre alguém que cometia o erro e culpava Marco.

- Você não viu quem atirou? - Consuelo perguntou.

- Claro que não, eu estava atrás da porta - Glory respondeu.

- Marco jura que não foi ele.

Glory estava recordando a ameaça de Marco, que pegaria ela. Ela não queria mencionar isso a Consuelo, ou o bom relacionamento das duas estaria arruinado. Doía um pouco saber que Consuelo estava defendendo o filho que tentara atirar em Glory.

- Eles estão segurando Marco na penitenciária. Eu tenho que levar dinheiro para ele. Você pode cuidar das coisas por aqui?

- Sim - Glory assegurou.

- Só tem mais essa panela de reservas de pêssego e então nós ficaremos livres até a chegada das maçãs, assim não demorará muito para você terminar - ela acrescentou.

- Eu ficarei bem. Vá ver o seu filho.

Consuelo tirou o avental e ajeitou a blusa. Estranho, Glory pensou, aquelas calças pareciam ser feitas de seda. Assim como a blusa. Era uma roupa cara para usar em uma cozinha, não?

- Eu não demorarei - Consuelo assegurou com um sorriso.

- Ok.

_

Enquanto Consuelo e Rodrigo saíam da casa, Glory telefonou para o consultório da doutora Lou Coltrain e marcou uma consulta para aquela tarde. Consuelo com certeza almoçaria antes de voltar, e Rodrigo não se importaria em comer apenas uma salada - deixaria um recado para ele, embora não mencionasse aonde estava indo.

Era um dia devagar na clínica, então ela conseguiu ver Lou logo cedo. A médica loira sorriu quando ela entrou no cubículo.

- Senhorita Barnes? Eu sou Lou Coltrain.

- Prazer em conhecê-la - Glory disse. Em seguida suspirou - Eu gostaria muito que a senhora dissesse que eu não estou grávida.

Lou arqueou as sobrancelhas.

- Por quê?

- É uma hora inconveniente. E - Glory acrescentou relutante - Eu tenho pressão alta.

Lou parecia solene.

- Quão alta?

Glory disse a ela.

- Você está sendo medicada?

- Sim - ela deu a dosagem e força das pílulas que estava tomando.

- Você é casada?

Glory corou, então riu.

- Sim. Casei-me ontem, no México.

Lou hesitou.

- Você sabe que um teste de sangue no dia depois do seu casamento não é conclusivo.

- Já se passaram muitas semanas desde o meu último período - Glory disse a ela - Esse homem sexy e maravilhoso atingiu meu lado cego. Eu não consegui resistir a ele, e não pude recusar quando ele me pediu em casamento. Ele quer muito ter um filho.

Lou puxou a cadeira e sentou.

- O que você quer? - perguntou baixo.

Glory hesitou.

- Eu pensei que quisesse meu emprego e nenhuma complicação. Mas agora as complicações são muito mais excitantes que o emprego. Meu médico e meu chefe me mandaram até aqui para me afastar do estresse e do perigo.

- Eu entendo - Lou escrevia algo em um bloco - Qual é o nome e o número do seu chefe?

Glory entregou a ela.

- Você está tomando um remédio para o sangue além da combinação hipertensão e remédio diurético?

- Sim.

- Teve angina?

- Ontem - Glory respondeu.

- O que causou?

- Um homem tentou atirar em mim através da porta do meu quarto.

Lou parou de anotar e encarou a paciente.

- Então foi isso que aconteceu! Nós ouvimos as sirenes, e alguém disse que um atirador havia sido preso na fazenda Pendleton. Eles o pegaram?

- No ato - Glory respondeu com um sorriso - Pelo menos um deles.

- Por que ele estava atirando em você?

- Eu tenho evidências de que um contrabandista de drogas conspira cometer um assassinato - Glory disse a ela - Eu só tenho que viver tempo suficiente para depor.

- Tudo isso e o bebê... Senhorita Barnes, você é uma maravilha!

- Señora - Glory corrigiu em um tom cheio de prazer - Señora Ramirez.

Lou deu um risinho.

- Eu ainda me lembro a primeira vez que alguém me chamou de senhora Coltrain. Você não se recuperou do susto, certo? Ok, vamos fazer alguns exames de sangue e depois nós conversamos.

_

Meia hora e uma emergência depois, Lou entrou na sala sorrindo.

- Você tem decisões a fazer.

- Eu estou? - Glory perguntou ofegante.

- Está - Lou respondeu - Pode ser um falso positivo, mas considerando os sintomas, eu duvido. Se você está pensando em um aborto, essa é a hora. Se é o que você quer.

- Não é - Glory disse, então hesitou - Existe um risco, não existe?

- Você toma os remédios corretamente?

Glory ficou quieta.

- Sim. Eu não pensei...!

- Você precisa ver o seu médico - Lou disse tentando não soar mais preocupada do que estava.

- Eu não posso voltar para San Antonio agora - Glory afirmou - Me tornarei um alvo fácil.

- Então eu posso lhe indicar uma cardiologista que vem de Houston uma vez por semana - ela disse - Ela é muito boa. E estará aqui amanhã.

- Seria bom.

- Deixe-a examinar você e fazer recomendações. Então nós conversaremos. Incluindo seu marido - ela acrescentou - Ele é parte disso. Você não pode tomar essas decisões sozinha.

- Terei que fazer isso - Glory disse triste - Eu não disse a ele o que fazia para viver, ou como meus problemas de saúde são graves.

- Isso é sensato?

- Não muito. Mas eu não estava pensando em ficar grávida quando nós...

- Essa é a hora em que você deve pensar em ficar grávida - Lou disse gentil - Especialmente em um caso de alto risco como o seu.

- Eu fiz uma bagunça - Glory disse, mas sorriu - Eu não tive muita vida em família - Por Lou ser uma ouvinte simpática, Glory se abriu e contou sobre seu passado, incluindo o destino trágico de seu pai.

Lou fez uma careta.

- Pessoas que sofreram um trauma menor que o seu estão sempre culpando uma infância abusiva por seus problemas. Olhe para você.

- Eu tive sorte - Glory disse - Bem, de alguns modos, pelo menos - Ela encarou Lou - Eu quero muito esse bebê. Por favor me diga se há uma chance...

- Sempre existe uma chance, mesmo que pequena - Lou respondeu. Sua expressão era solene - Mas você precisa falar com o cardiologista antes de tomar uma decisão. Não é sensível perder a sua vida trazendo uma criança ao mundo.

- Diga isso a Grace Grier - Glory disse com as palavras na ponta da língua.

Lou riu.

- Meu marido disse. Foi inútil, claro. Grace era uma senhorita muito determinada.

- Eu também. Me graduei em direito com honra - Glory disse.

- Eu não estou surpresa.

_

Lou marcou a consulta para Glory. Ela teria que descobrir um modo para sair da casa, disse a si mesma, sem causar suspeitas. Ela não sabia, mas o problema se resolveria sozinho.

A primeira coisa que ela percebeu quando entrou na casa foi o silêncio. Nenhum barulho de relógio. Nenhum som na cozinha. Nenhum barulho de água corrente. Nada. Era como caminhar em uma tumba. Ela perguntou-se porque sua mente havia formado tal analogia enquanto se apoiava na bengala e franzia a testa, escutando.

Segundos depois, a analogia bateu a porta atrás dela.

- Finalmente - ouviu a voz familiar - Finalmente eu tenho você onde quero, sozinha, sem nenhuma chance de fuga!

Capítulo 11

Glory segurou firme a bengala. Não havia andado com policiais, xerifes e Texas Rangers nos últimos anos sem aprender as técnicas básicas de autodefesa. Esperou que elas salvassem sua vida, porque ouvira a trava de uma pistola atrás de si.

- Vire-se - a voz zombou - Eu quero que você veja quem irá te matar!

O coração de Glory estava disparado, mas não ia desistir sem lutar. Estava carregando a bengala de seu bisavô, a qual ele usara para matar cascavéis. Era lubrificada, pesada e mortal. Apoiou-se na bengala, como se fosse doloroso virar-se. Moveu-se lentamente, até ver um lampejo de tecido no canto do olho. Então, de repente, ergueu a bengala, apoiou-se na perna boa, e atirou-a com toda sua força. Ouviu um choramingo áspero.

A arma, a bengala e Consuelo foram deslizando pelo chão. Glory não hesitou. Mergulhou atrás da arma no chão, agarrou-a e apontou na direção da cozinha, que ainda estava deitada no chão, tentando entender o que havia acontecido.

Glory levantou, a respiração aguçada agora. Caminhou até a mesa onde havia deixado a bolsa e jogou as coisas ao seu lado no chão. Procurou pelo telefone, sem tirar os olhos de Consuelo, que estava agitada.

Abriu o flip do celular com a mão livre e discou 911. Quando a voz de secretária chegou, deu a informação calmamente e pediu ajuda.

- Madame, existe uma arma envolvida?

- Sim, existe - Glory disse bruscamente - E estou apontando-a para a mulher que tentou me matar.

- Nós mandaremos uma unidade aí. Por favor, fique na linha.

Consuelo virou-se no chão. Estava sentada agora, sentindo o galo que se formara em sua cabeça quando Glory a jogara contra a parede. Olhou para a própria arma apontada na direção de sua cabeça.

Glory não piscou.

- Mexa-se e morra - ela disse a outra mulher.

Consuelo começou a perceber a situação difícil.

- Oh, é só você! - ela exclamou - Graças a Deus! Alguém ligou falando que iam me matar!

- Boa tentativa - Glory respondeu.

- Eles acreditarão se eu soar sincera - Consuelo grunhiu. Começou a levantar o corpo.

- Eu não faria isso - Glory respondeu. Levantou a arma, tentando parecer confiante quando sabia que nunca atiraria em Consuelo mesmo se conseguisse segurar a coisa alto suficiente para atirar.

O blefe deve ter funcionado, porque Consuelo hesitou.

Glory estava rezando para não ter que atirar. Acertaria qualquer coisa na sala exceto Consuelo, com sua pontaria desastrosa. Não podia nem manejar uma calibre 22, e essa era uma Colt automática calibre 45.

A mão que segurava a arma tremeu. Consuelo observou-a com crescente interesse. No momento em que ela começou a ficar preocupada em Consuelo notar seu temor, levantar-se e acusá-la, sirenes se tornaram audíveis e, em segundos, apareceram no jardim da frente. Portas de carros bateram.

Cash Grier entrou correndo pela porta, dois funcionários ao seu encalço.

- Parece que o seu ganso queimou - Glory disse a outra mulher.

- Foi tudo um mal entendido - Consuelo disse com um sorriso tímido - Eu recebi uma ligação dizendo que alguém queria me matar e Glory entrou inesperadamente.

Cash moveu-se na direção de Glory.

- Foi isso que aconteceu? - perguntou a ela.

Ela entregou a arma a ele.

- Não muito. Eu entrei, ela veio por trás e me disse para que eu virasse, assim eu poderia ver quem iria me matar.

- É uma mentira! - Consuelo exclamou - Eu recebi uma ligação!

Ela parou, enquanto um dos outros funcionários colocava-a em pé e algemava-a.

- Sim, você recebeu uma ligação - Cash concordou - De Fuentes, dizendo a você para cumprir sua função.

Consuelo encarou o homem.

- Eu esqueci de mencionar que nós grampeamos seu telefone? Ele acrescentou.

Os olhos escuros de Consuelo brilharam. Sorriu friamente para Glory, mostrando sua verdadeira face afinal.

- Talvez eu tenha perdido - ela disse - Mas Fuentes vai mandar alguém para resolver o problema!

- Eu não apostaria nisso - Cash disse - Nós grampeamos o telefone dele também.

- Brilhante - Glory disse.

Cash segurou-a enquanto Consuelo era levada, ainda amaldiçoando, até o carro.

- Nós temos sorte as vezes - ele disse - Mas então, nós temos problemas também. Marquez conseguiu uma liminar para grampear o telefone de Fuentes - ele acrescentou com uma careta - Mas Fuentes trocou o número. Ninguém sabe onde ele está.

Glory sentiu os joelhos fracos. Sentou em uma cadeira na mesa da cozinha.

- Então Consuelo estava certa. Ele vai mandar outra pessoa.

- Nós temos algumas pistas - Cash disse - Eu não posso contar os detalhes, mas envolve um grande carregamento de produto ilegal. Fuentes já teve problemas com distribuidores. Se ele perder esse negócio, não teremos que ir atrás dele. Os distribuidores tomarão conta dele por nós.

- Eu posso ajudar? - ela perguntou.

- Claro. Não brinque com armas - ele disse, travando a pistola automática - Eu já soube sobre as suas aulas de tiro ao alvo.

- Sim, bem, eu teria acertado algo se tivesse atirado - disse indicando a arma.

- Que bom que não foi necessário - ele acrescentou - Você está bem?

Ela concordou.

- Sim. Bem você sabe, eu vim até aqui para me afastar do estresse.

- Nós já removemos a mulher - Cash disse - E estamos trabalhando na operação Fuentes. Com alguma sorte, mandaremos você de volta a San Antonio em tempo. Se você quiser mesmo ir - ele acrescentou - Nós ouvimos falar sobre o seu casamento também - acrescentou com um sorriso.

- Como? - ela exclamou - Eu não disse a ninguém!

Cash parecia desconfortável. Em seguida franziu a testa.

- Engraçado. Não lembro como descobri.

Era suspeito. Algo estava acontecendo e ela não sabia o quê.

- Quem contou? - ela persistiu.

Ele estava começando a afastar-se quando uma caminhonete parou na frente da casa e uma porta bateu. Rodrigo entrou pela porta como um tornado. Apareceu na cozinha, os olhos brilhando de preocupação. A camiseta estava molhada de suor. O cabelo negro caía na testa. Era um dia quente.

- Eu escutei as sirenes. O que aconteceu? - ele perguntou.

- Só um pequeno problema com a ajuda contratada - Glory disse, tentando decifrar o olhar dele.

- Você pode traduzir? - ele perguntou aproximando-se.

Ela moveu-se desconfortavelmente na cadeira. O quadril estava matando.

- Quando eu cheguei em casa, Consuelo me esperava com uma arma - indicou o cinto de Cash.

- Consuelo? - ele parecia absolutamente chocado. Apoiou-se em um joelho na frente de Glory, as mãos quentes segurando seus braços - Ela acertou você? Você se machucou? - ele perguntou preocupado.

- Era como chegar ao paraíso. Adorava a expressão no rosto dele que era parte preocupação por ele a parte fúria pela pessoa que havia ameaçado Glory. Sentia-se segura.

- Felizmente sua esposa é ágil com a bengala - Cash intercedeu. Ele ergueu a bengala, sentiu o peso e franziu a testa - É pesada.

- Era do meu bisavô - Glory disse - Nos dias dele, os homens lubrificavam as bengalas, assim elas ficavam mais pesadas e podiam ser usadas em autodefesa. Ele matava cascavéis com ela. Ainda bem que estava por perto, porque eu só precisei de uma volta para mandar Consuelo contra a parede.

- Minha garota corajosa - Rodrigo disse, e seus olhos estavam quentes, suaves e cheios de orgulho.

Ela queria acreditar que a preocupação dele era real, queria muito. Apoiou-se nos braços dele saboreando a força de seu abraço.

- Você teve que salvar-se novamente - ele disse desgostoso - Já é a segunda vez, em poucos dias. Duas vezes é muito. Eu tenho que cuidar melhor de você, Señora Ramirez.

Cash notou os anéis que Glory estava usando.

- É um belo par de anéis - ele disse, tentando sair do buraco em que quase se enfiara.

- Oh, você os viu - Glory disse por cima do ombro de Rodrigo. Então relaxou. Cash também.

- Eu nunca imaginei Consuelo como uma assassina - Rodrigo disse, ainda segurando Glory - Eu devia saber! Se Marco estava nisso, Consuelo também tinha que estar.

- Ela tem uma ficha mais longa que minha perna - Cash disse a ele - Eu acredito que vocês não façam um levantamento do passado por aqui.

- Para uma cozinheira? - Rodrigo murmurou - Caia na real!

- Eu percebi que ela usava saias e blusas de seda - Glory comentou - Eu achei mesmo que era muito estranho para trabalho na cozinha.

- Eu deveria ter percebido isso também - Rodrigo murmurou.

Ela apenas sorriu. Não queria machucar os sentimentos dele dizendo que um trabalhador de fazenda não saberia diferenciar seda quando a visse.

Rodrigo viu o olhar e teve que evitar uma resposta zangada. Claro, ela não devia saber que ele não era nada do que fingia ser. Ele encarou Cash.

- Glory vai ter que depor, certo?

- Sim, já que nós teremos que acusar Consuelo. Ela também terá que depor contra Marco - Eu não disse antes porque ela estava muito triste. Eu nunca imaginei que ela teria que depor duas vezes!

- Eu não me importo - Glory disse a Cash - Me diga o que fazer - ela acrescentou, fingindo não conhecer o processo.

Cash explicou, tentando não rir.

- Eu a levarei até a corte e ela fará o juramento contra mãe e filho - Cash disse a Rodrigo - Eu acredito que você estará ocupado tentando achar outra cozinheira.

- Pronto - Rodrigo concordou, ajudando Glory a levantar - Nós temos alguns carregamentos, e esse é o último de pêssegos. Pena Consuelo revelar sua personalidade logo agora. Se tivesse esperado alguns dias, seria ótimo para a fazenda.

- Eu não acredito que a fazenda era exatamente a prioridade dela - Glory murmurou - Eu farei minha parte assim que ajudar Cash Grier a colocar Marco e Consuelo na cadeia por um bom tempo.

- Fale com o juiz - Rodrigo advertiu Cash - Tente convencê-lo a estabelecer uma fiança de um milhão de dólares para cada um.

- Eu farei o melhor - Cash concordou.

- Tem certeza que você está bem? - Rodrigo perguntou, porque Glory estava muito ruborizada.

- Eu estou bem. Um pouco confusa por causa do excitação, é tudo - ela assegurou. Seu quadril doía, e o coração estava batendo muito forte. Esperou não desmaiar.

Ele concordou.

- Você a trará para casa? - Rodrigo perguntou a Cash.

- Claro.

- Então eu começarei a procurar uma cozinheira - Rodrigo disse.

- Tente a mulher de Angel Martinez - Glory disse - Pelo que Angel diz, ela é uma ótima cozinheira.

Ele lançou-lhe um longo olhar.

- Os dois provavelmente são ilegais.

- Você não tem certeza - ela disse firme.

Ele procurou os olhos dela e então, finalmente, sorriu.

- Tudo bem. Mas se eu acabar na prisão federal por empregar imigrantes ilegais, você irá comigo.

- Ninguém precisará ser preso exceto Consuelo e seu filho, e pode confiar em mim - Cash assegurou com um sorriso - Angel e sua família ficarão bem - Felizmente ele não encarou Glory quando disse ele. Os dois havia unido esforços para resolver o caso de Angel, esperando bons resultados. Enquanto isso, o homem tinha três crianças para sustentar, e sua mulher não trabalhava.

- O que ela vai fazer com as crianças? - Rodrigo perguntou preocupado - Nenhuma delas tem mais do que sete anos. Ela não pode deixá-los sozinhos enquanto trabalha aqui.

- Ela pode trazer as crianças com ela - Glory disse a Rodrigo, sorrindo - Nós os manteremos ocupados enquanto ela cozinha.

Rodrigo lançou-lhe um longo olhar, mas não fez comentários.

Ela e Cash pararam no escritório do magistrado, pegaram um mandato para Marco por agressão agravada e um para Consuelo por tentativa de assassinato. Cash acrescentou por porte de arma de fogo, porque Consuelo possuía um registro criminal e não podia ter uma arma. Glory preencheu os documentos e depôs. O magistrado ficou fascinado com a história, especialmente por ela frustrar a tentativa de assassinato sozinha.

- Esses traficantes de drogas estão se tornando muito poderosos - ele comentou - Mas onde existe um pedido, vai haver um carregamento. Isso serve para quase tudo, mas especialmente para drogas - ele balançou a cabeça - Quando eu era garoto - ele olhou por cima dos óculos e sorriu - Nós não tínhamos drogas nas escolas. Eu tenho que admitir, eu nem conhecia alguém que usava. Mas isso foi nos anos cinquenta. O mundo inteiro mudou. Nós assistíamos Hopalong Cassidy e Roy Rogers nos teatros, e super-homem na TV em preto e branco. Nós tínhamos muitos heróis para idolatrar. Parece que no mundo real, muitos garotos admiram traficantes de drogas, e seus objetivos na vida é crescer e ir para a prisão - ele balançou a cabeça - De certo modo, nós estamos perdendo uma geração inteira de cidadãos produtivos, e as drogas são as maiores responsáveis. Dinheiro rápido, carros poderosos, poder trabalhar do seu modo e uma sentença de prisão quando você é pego. Como isso pode ser atrativo?

- Não pergunte - Glory respondeu - Eu passo a maior parte do tempo ajudando a colocá-los na cadeia.

- Eu já ouvi falar sobre o seu trabalho - o magistrado disse com um sorriso - Você é uma grande profissional, senhorita Barnes - ele hesitou - Eu conheci seu pai. Ele era um bom homem. Doe a todos nós vê-lo ser injustamente punido por algo que não fez.

- Obrigada por tudo - ela disse lutando contra as lágrimas - Eu limpei o nome dele, mesmo sendo tarde. A condenação dele foi o motivo pelo qual eu estudei direito.

- Eu já imaginava. Eu estou feliz por ter a oportunidade de lhe conhecer. Agora que Blake Kemp é nosso D.A. do distrito, você pode considerar a hipótese de voltar para lutar contra o crime - ele a olhou por cima dos óculos novamente - Eu poderia procurar por algumas balas de prata e uma máscara?

Ela riu.

- Eu nunca poderia me passar pelo Ranger Solitário - ela assegurou - Sou muito baixa.

- Mesmo assim - ele disse melancolicamente - É uma idéia.

_

Descobri que a maioria dos magistrados são muito sombrios - ela disse a Cash no caminho.

- Não Lionel - ele disse - Ele é o personagem da cidade. Eu acho que o termo moderno é excêntrico.

- Ele faz coisas excêntricas?

- Depende do ponto de vista - Cash respondeu - Eu acredito que a maioria das pessoas ficaria desconfortável com um lobo na casa, mas ele é um solteirão. Eu acredito que ele possa fazer o que quiser.

- Um lobo? Um lobo de verdade? - ela exclamou.

Ele concordou.

- Ela é uma beleza, também. Ele a encontrou na estrada e passou pela maior burocracia tentando ajudá-la. Veterinários não podem cuidar de animais selvagens, você sabem, é necessário encontrar uma reabilitação certificada. Não existem muitas, e muitos animais

morrem enquanto você encontra uma que atenda ao telefone - ele encarou-a - A maioria deles está tão sobrecarregada de trabalho que choram toda vez que o telefone toca. Bem, de qualquer modo, Lionel pegou a loba e cuidou dela, então fez o curso para se tornar um veterinário de animais selvagens. Ele se especializou em lobos. Então ele foi autorizado a ficar com o lobo, que perdeu uma das pernas como resultado do acidente. Ele nunca mais poderia voltar para a floresta. Ele a leva até escolas primárias e faz leituras sobre lobos. Ela é uma loba muito gentil. As crianças a adoram. Está presa em uma coleira, claro. Ele pode ser excêntrico, mas não é louco. Tudo que se pode dizer é que ele parece um garotinho que cheira bolonhesa.

- Oh, pare! - ela exclamou rindo - Isso é horrível!

- Poderia ser. Mas ele é um dono responsável. Ele até tem uma licença para levar o lobo até a cidade.

- Ninguém tira uma licença para lobo! - ela zombou.

- Você pode conseguir uma se conhece o chefe de polícia e ele tem laços com os patronos da cidade - ele parecia sutilmente modesto.

- Sim, mas isso só acontece porque os patronos da cidade se borram de medo de você - ela apontou - Você é muito perigoso para as pessoas se arriscarem lhe ofendendo.

- Nossa, obrigado - ele respondeu bem-humorado.

- Oh, você é uma lenda local em todo Texas - ela confidenciou - Eu sei que o nosso advogado geral do estado assusta as pessoas com você.

- Apenas os federais - ele disse - E só se eles o deixam muito zangado. Eu sou, afinal das contas, primo dele.

- Verdade! - ela estava impressionada.

Ele sorriu.

- Eu tenho laços com lugares estranhos - ele murmurou - Como um de nossos agentes que trabalhava disfarçado. Ele tem um prego sobre a cabeça em qualquer lugar do país exceto nesse. Ele ajudou na prisão de um membro dos maiores quartéis de droga, sem mencionar apreensão de um assassino de crianças na América Central, montado em um cavalo no meio da selva. Algo que não é comum hoje em dia. Estava garoando.

- Quem é esse louco? - ela perguntou rindo.

Ele ficou estranho. Então clareou a garganta.

- Bem, eu nunca soube o nome dele - ele mentiu - Ele estava disfarçado, você sabe.

Ela sorriu.

- Ele deve estar na lista de todas as pessoas, para ser chamado em situações inusitadas.

- Ele está.

- Eu queria que ele viesse até aqui, colocasse Fuentes em uma selva e fizesse Deus-sabe-lá-o-quê com eles - ela murmurou - Ele ainda está por aí, e eu ainda estou sendo caçada, figuradamente falando.

- Estamos trabalhando nisso. Seja paciente. E cuidadosa - ele acrescentou baixo - Você está na companhia de gente perigosa na fazenda.

O coração dela ameaçou saltar pela boca.

- O que você... quer dizer?

Ele prendeu a respiração. Não queria ter dito aquilo, mas era melhor ela saber a verdade. Ela poderia baixar a guarda e ser morta.

- Um ou dois de seus trabalhadores tem ficha na polícia, a maioria por agressão física. Um agrediu um policial em Dallas e eles nunca conseguiram provar - ele matou a única vítima

que presenciou o que aconteceu - ele estacionou no jardim da casa, desligou o motor e virou-se para ela. Ela estava pálida - Aquela bengala é uma arma boa, mas as pessoas vão saber como você a usou. Não funcionará uma segunda vez. Eu gostaria de levar você ao nosso centro de treinamento e ensiná-la como atirar corretamente - ele levantou uma mão quando ela começou a falar - Não é uma ciência. Pode ser aprendido. Eu virei no sábado de manhã, pelas nove horas. Marquez estará em casa, e ele tem um revólver que você pode usar. Não é tão poderoso quando uma calibre 18, mas servirá melhor na sua mão.

- Ele já tentou me ensinar - ela protestou.

- Marquez tentou ensinar a mãe dele - Cash disse encarando-a - Ele ensinou como atirar em corvos.

- O quê? - Ela estava chocada. Barbara, a mãe adotiva de Marquez adorava corvos.

- Ele estava explicando a ela como a arma funcionava e disse que ela tinha que compensar. Ele não disse como. Ela pensou que ele queria dizer que ela tinha que manter o nariz alto quando atirasse, e ela fez isso, e ela atingiu um corvo. Felizmente ela só atingiu as penas do rabo. Ele continuou voando. Mas agora eles a chamam de Perseguidora de Corvos, e ela não quer tocar em uma arma nunca mais.

Ela deu uma gargalhada. Isso soava como Rick, que não era o melhor instrutor do mundo, mesmo sendo entusiasmado.

- Eu ensinarei você - Cash respondeu.

- Minha sujeição ao seguro está paga - ela concordou - Mas tenha certeza de que nenhum carro de polícia estacionará na linha de fogo da arma.

Ele deu um risinho.

- Farei isso. Cuide-se. Fique perto da casa, mantenha o celular no bolso e não vá a nenhum lugar sozinha. Nem mesmo para fora de casa, especialmente de noite.

Ela mordeu o lábio inferior. Por alguns minutos, havia esquecido sua condição.

- Você sabe coisas que não está dividindo.

Ele concordou.

- Eu não posso dividi-las. Apenas fique atenta. Eu mandarei Marquez lhe buscar as nove no sábado. A não diga a ele que eu lhe ensinarei, não ele. Ele tem um sério problema com autoridade.

Ela riu.

- Eu sei. Ficarei quieta. Obrigada, chefe.

- Nós estamos todos no mesmo barco - ele disse - Temos que cuidar uns dos outros.

- Sim, estamos.

_

Ela entrou na casa e fechou a porta, nervosa e apreensiva. Cash Grier sabia algo sobre alguém na propriedade, alguém com uma ficha na polícia por assassinato de um guarda e ainda estava livre. Ela só conhecia um homem que parecia forte o suficiente para fazer isso, seu marido. Era curioso ele não ter feito um levantamento da ficha de Consuelo, ou Jason Pendleton não ter feito. E se Rodrigo trabalhasse para Fuentes, e tivesse que matar Glory agora que Consuelo falhara?

Ela sentiu como se o mundo estivesse desabando em sua cabeça. Duas tentativas de assassinato, duas escapadas. Ela tivera sorte de Marco atirar contra a porta e não contra a parede. Tivera sorte de poder usar a bengala para se defender de Consuelo. Mas se houvesse outra tentativa, de seu próprio marido, o que ela faria?

Ela percebeu que Cash não mencionara que seu marido poderia ajudar em sua proteção. Existia uma razão para isso? Ele sabia que Rodrigo estava envolvido no tráfico em Comanche Wells, Marquez teria dito a ele?

Sentia-se tão cansada. Sua vida havia se tornado impossivelmente complicada. Além de tudo isso, havia esquecido de tomar seu remédio para controlar a pressão sanguínea. Juntou os dentes. Estava carregando uma criança e tomando remédios perigosos para não acabar em um hospital. Se ao menos ela pudesse ir a San Antonio para ver seu próprio médico!

Então ela se lembrou da consulta com o cardiologista no dia seguinte. Precisaria de uma desculpa para ir até a cidade. Inventaria algo, se Carla Martinez aceitasse o emprego como cozinheira.

Tomou o remédio, esperando que ele não prejudicasse a pequena vida que guardava, e então voltou para a cozinha trabalhar.

Uma hora depois, Carla Martinez entrou pela porta dos fundos com três crianças, duas meninas e um menino. O menino, Fernando, era o mais velho, sete anos.

- ¿Podemos entrar? - ela perguntou hesitante.

Obviamente ela não falava inglês. Glory ficou feliz por ter envolvido a linguagem dela.

- Si, entre - ela convidou com um sorriso - "¡Bienvenidos! Me gusta mucho que puede ayudarme.

- De nada, Señora - ela disse respeitosamente.

Glory mostrou o que tinha que ser feito, então sentou as crianças na mesa e deu a elas manteiga de amendoim e biscoitos para comer, junto com leite, todos exceto a garotinha mais nova, que tinha apenas três anos. Ela sorriu para Glory com belos olhos negros em um perfeito rostinho com longos cabelos negros. Glory não resistiu. Pegou a criança no colo e carregou-a até a pia onde pretendia enxaguar os pratos com uma mão enquanto segurava a outra menina.

Rodrigo entrou inesperadamente, para ajudar Glory. Ele parou na porta e assistiu, fascinado, o modo como ela cuidava das crianças e do trabalho. Ela estava rindo, feliz, extasiada com a garotinha. Ele imaginou como seria bom ter um filho. Então, abruptamente, ele recordou como era ter Bernadette em seus braços, abraçando-o e perguntando o que faria sem ele? Amava muito a criança. Doera muito quando ela e sua mãe foram viver com Colby Lane. Sua expressão refletiu sua tristeza.

Glory sentiu uma presença, e virou-se, encontrando o rosto de Rodrigo e olhos feridos através da sala. Ela nem precisou falar. Sabia o que ele estava sentindo, e por que. Naquele momento, soube que nunca poderia contar sobre a criança. E agora, ela se perguntou se ele iria terminar o trabalho de Consuelo e tiraria Glory do caminho de Fuentes.

Ele viu a expressão no rosto dela e franziu a testa.

- Algo errado? - ele perguntou.

Ela se recompôs.

- Nada. Nós acabamos de começar.

- Eu achei que você pudesse precisar de um tradutor - ele disse.

Ela riu.

- Não, mas obrigada. Eu falo espanhol muito bem. Tenho que falar, em meu trabalho - ela poderia morder a língua por aquele comentário impensado.

- Seu trabalho?

- Eu trabalho em uma agência temporária - ela disse - Eu tenho muitos clientes que precisam de alguém bilíngüe.

- Entendo - ele encarou Carla e perguntou, em espanhol, como as coisas estavam indo.

Ela estava muito feliz com a Señora Ramirez e o emprego. Iria adorar trabalhar lá.

Pelo menos alguém estava feliz, ele pensou enquanto encarava Glory. Ela mudara repentinamente. Cash havia contado a verdade? Ele a estudou intensamente, e então percebeu que ela estaria mais tranqüila se descobrisse o segredo dele. Mas algo estava incomodando-a. Talvez ela tivesse medo de Consuelo voltar, ou de Fuentes mandar alguém.

Ele não acreditava que o traficante teria tempo. Ele, Castillo, e outro homem passariam um carregamento pela fronteira no sábado. Era o maior carregamento que Fuentes já havia encomendado, cocaína pura, montes dela. Mal sabia Fuentes que seu novo distribuidor iria ter muita ajuda. Fuentes iria ser pego. O homem era mau. O membro mais jovem da gangue que estava fornecendo informações dissera que Fuentes matara garotos por pouco mais do que reclamar do tratamento que recebiam. Não tinha respeito por ninguém ao seu redor. Havia batido na própria mãe, na frente dos membros da gangue, porque ela havia queimado seus ovos. O garoto dissera que ninguém queria trabalhar para um monstro daqueles, sem importar quanto cada um ganhava.

Ele perguntou-se como Glory reagiria quando descobrisse a verdade sobre a operação. Ela era uma mulher doce, mas ele não era culto, nem sofisticado e nem comum. Ela nunca se encaixaria no mundo dele. Cometera um erro terrível quando se casara com ela. Havia sido um deslize do momento, para vingar-se por Sarina tê-lo dispensado. Mas tudo que isso fizera fora mostrar-lhe como era miserável. Ele não podia passar o resto de sua vida com essa mulher pré-histórica. Teria que pedir o divórcio.

Mas primeiro, teria que ajudar na prisão de Fuentes. Isso podia salvar a vida de Glory. Quando tudo acabasse, perguntaria como ela se envolvera naquela bagunça. Fuentes não mandava assassinos de aluguel atrás de cozinheiras sem um bom motivo. Infelizmente ele não tinha tempo para interrogatórios agora. Tinha trabalho a fazer.

Capítulo 12

Glory foi ver o cardiologista no dia seguinte, deixando Carla no comando. Ela pedira a Angel para ficar com as crianças assim ela poderia trabalhar sem distrações, e Rodrigo havia lhe dado o dia de folga. Glory havia dito ao marido que ia a uma consulta no dentista.

A frieza dela em relação a ele fizera com que ele voltasse para o antigo quarto. Ele não havia ao menos piscado quando ela fizera a sugestão, porque seu quadril estava doendo e ela o manteria acordado. Era uma desculpa e ele percebeu. Também notou que ela evitava olhá-lo nos olhos. Algo estava errado. Ele tinha certeza de que era algo a ver com ela tê-lo visto no armazém. Provavelmente Marquez, maldito seja, havia dito a ela que Rodrigo era um criminoso. Ela havia negado que Marquez havia dito algo, mas ele duvidava. Ele desejou ter tempo para desvendar seus sentimentos em relação a sua esposa temporária. Mas não tinha. O trabalho era prioridade no momento. Mais tarde, ele e Glory poderiam ter uma longa conversa sobre o relacionamento dos dois. Mas ele estava certo de que queria acabar com o casamento.

Glory sentiu-se culpada por mentir para Rodrigo, mas fundo em sua mente estava o medo de seu marido ser o sucessor de Consuelo. Ele estava envolvido em tráfico de drogas, já sabia. Não era justo considerá-lo capaz de assassinato. Não podia entender porque não colocava Rodrigo fora de sua cabeça e deixava Cash Grier lidar com as atividades ilegais dele. Soava fácil. Não era. Parte dela ainda desejava Rodrigo, queria ele, ansiava por tê-lo. Toda vez que ela pensava na coisinha no seu ventre, sentia como se uma pedra pesasse em seu

interior. Não sabia o que fazer. Sua vida inteira havia mudado desde que Cash Grier havia mencionado as fichas criminais das pessoas que trabalhavam na fazenda. Ela sabia que ele se referia a Rodrigo, e tivera o pressentimento horrível de que ele estava envolvido em algo muito mais sinistro do que tráfico de drogas.

_

A cardiologista, uma mulher, era baixa, enérgica e brilhante. Examinou Glory, fez alguns exames e então, alguns minutos depois, pediu um ecocardiograma. Os testes permitiram que ela fizesse um exame mais minucioso do coração de Glory e tivesse certeza de que não existiam obstruções ao seu redor. Quando Glory relatou seus hábitos alimentares e sua determinação em manter o peso, a médica ficou impressionada.

A única coisa eram os glóbulos de sangue e o remédio para hipertensão que Glory estava tomando, por necessidade. Se houvesse algum problema com o feto, a inabilidade que seu corpo possuía de parar o sangramento podia custar a vida da criança. De fato, sua condição médica podia guiar para um rompimento precoce da placenta ou a um aborto espontâneo sem nenhuma intervenção médica.

- Se fosse uma gravidez planejada - a cardiologista disse gentil - nós poderíamos prescrever umas drogas alternativas que apresentariam riscos menores as crianças. Entretanto, considerando o seu grau de hipertensão - ela acrescentou triste - o risco para você e para a criança é muito maior. A maioria dos médicos recomendaria um aborto imediato. Você pode morrer tentando carregar esse filho.

Glory sentiu-se doente quando a realidade a atingiu. Abaixou a cabeça, sentindo fraqueza e náusea.

- Não - ela gemeu - Não, eu não posso. Não vou - ergueu os olhos molhados para a cardiologista - Você não entende. Eu sou uma pessoa de fé. Vai contra tudo em que eu acredito...

A médica apoiou a mão gentilmente em seu ombro.

- Eu não vou lhe forçar a tomar essa decisão. Mas você terá que ser monitorada. Eu terei que lhe ver pelo menos duas vezes por mês. E também modificarei seus remédios.

- Eu posso parar de tomar o remédio para o sangue - ela disse.

A cardiologista piscou.

- Considerando sua ficha médica, eu não posso aconselhar isso. Eu não vejo nenhum obstrução real, isso é verdade. Mas se o seu próprio médico estava preocupado sobre a placa ou um possível coágulo depois de ter diagnosticado um ataque do coração leve - ela parou - se você tivesse que fazer uma cauterização...

- Eu estou passando por muito estresse ultimamente, e tenho um horário muito bagunçado, para ajudar - Glory disse pesadamente - Não é maravilhoso?

- O remédio para a pressão sanguínea pode prevenir um infarto ou um ataque cardíaco - ela disse a Glory - Ele, assim como o remédio para hipertensão com o diurético devem continuar. Como eu disse, vou prescrever alguns medicamentos que serão menos perigosos para a criança. Eu preferiria mandá-la para Houston para uma cauterização, só para ter certeza de que não existem obstruções que não apareceram nos exames. Mas não está na hora. Você já está passando por muito estresse - ela parou - Você quer muito a criança, certo?

- Sim - Glory disse sem hesitar, embora não estivesse certa quando entrara no consultório. Um filho seu. Ela podia ser mãe. Podia ter alguém de seu próprio sangue para

conviver, amar e cuidar. A tentação valia qualquer risco. O fato do pai da criança ter tendências criminais era algo que ela precisava ignorar.

- Então nós faremos o possível - Dr. Warner assegurou - A doutora Coltrain deveria indicar-lhe um obstetra.

Glory hesitou.

- Ela quer. Mas seria muito arriscado ver um em San Antonio, onde eu moro - ela começou - Existe algo muito perigoso acontecendo onde eu trabalho. Seria acrescentar mais estresse ao que eu já carrego. Entenda, eu sou advogada. Um homem que eu estou processando por conspiração de assassinato está tentando me matar. Eu sou a única testemunha que ouviu ele confessar o crime. Eu tenho esperanças de que o caso se resolverá logo. Enquanto isso, eu tenho que evitar preocupações.

- Eu entendo. Felizmente você ainda está num estágio precoce da gravidez. Lou Coltrain pode entrar em contato comigo se você começar a ter problemas com o coração. Eu não vejo nenhum problema óbvio - ela acrescentou rapidamente - Mas se o seu médico em San Antonio diagnosticou um ataque do coração, nós precisamos ter cuidado. Se você começar a sentir dor ou pressão no peito, no braço esquerdo ou na mandíbula, especialmente se você tem náuseas ou suor frio, chame uma ambulância imediatamente. Não banque a corajosa e ache que você pode superar.

Glory sorriu.

- Não irei. Prometo. Estou melhor desde que me mudei para cá, exceto por alguém tentar me matar duas vezes por semana - ela acrescentou.

A doutora Warner arqueou as sobrancelhas.

- Talvez você deva considerar uma profissão menos estressante - ela disse - Seu emprego e sua condição física são uma mistura ruim.

- Já me disseram isso - ela respondeu - Mas nesse momento, não há nada a fazer. É o único emprego que eu tenho.

- Se você precisar de mim, tudo o que tem a fazer é ligar. Meu marido pode me trazer até aqui em dez minutos. Ele está aposentado agora, mas ele pilotou durante anos. Agora ele está ensinando em Houston - ela acrescentou com um risinho.

- Farei isso, se for necessário. Obrigada.

- Eu farei a receita e deixarei em cima da mesa enquanto você se arruma - ela acrescentou - Se você tiver problemas em se adaptar as drogas, ou qualquer reação a elas, tudo que tem que fazer é ligar. Nós encontraremos as menos perigosas. Enquanto isso tente evitar mais estresse.

- Pode deixar.

_

Alguns minutos depois, Glory entrou no carro e ligou o motor, sentindo-se emocionada. Aparentemente não encararia a morte imediatamente, mas estava passando por muito estresse. Morar em uma casa com um homem que não confiava, mas que ainda amava, era seu maior problema.

O velho carro protestou quando ela tentou aumentar a marcha. Sentia falta de seu carro, estacionado nos Pendleton por segurança. Não dirigiria com ele ao trabalho porque ele podia tornar-se um alvo para membros de gangues que ela processava. Ela o amava muito, e não se atrevera a trazê-lo até aqui, onde estava trabalhando como cozinheira. Levantaria sérias questões sobre seu status econômico.

Pelo menos, ela pensou enquanto estacionava, o bebê estava seguro. Apenas teria que tomar cuidado para não se machucar. Sorriu ao pensar nos anos de felicidade que teria com o bebê.

_

Era hora do almoço quando Glory entrou na cozinha. Carla sorriu para ela. Angel estava sentado na mesa com as três crianças, todos comendo biscoitos. A garotinha mais nova sorriu e estendeu os braços para Glory, que pegou-a no colo e abraçou.

- Tem para mim também? - ela brincou quando viu a salada em cima da mesa.

- ¡Como no! - Carla riu - Siéntese.

Ela sentou, e Carla colocou a tigela com salada e um prato em sua frente, junto com um garfo e guardanapo.

- Rodrigo? - ela perguntou, porque não havia lugar para ele na mesa.

Carla parecia preocupada. Ela e o marido trocaram um olhar rápido.

- Aconteceu algo com ele? - Glory perguntou horrorizada.

- Não! - Angel aumentou o tom de voz - Não, claro que não, señora - ele assegurou - É que... bem, ele, Castillo e o amigo do Castillo subiram na caminhonete e saíram - ele acrescentou - o señor Ramirez disse que ele e os outros tinham um trabalho importante a resolver, e que eles não voltariam antes de domingo. Ele disse para você ficar perto da casa.

Ela mexeu a salada sem prestar atenção. Rodrigo havia saído. Imaginou se Fuentes havia mandado uma mensagem e seu marido havia ido a algum tipo de encontro. Tinha até o final da semana para decidir o que fazer. Tinha que se proteger de uma terceira tentativa de assassinato.

- Algo errado? - Angel perguntou, preocupado, quando ela não comeu.

Ela notou que vários pares de olhos estavam observando-a. Forçou uma risada.

- Não, claro que não - ela mentiu. Então provou a salada - Muito boa - ela disse a Carla

- Muy Sabroso - Carla sorriu e virou-se para ajudar a filha mais nova com um taco.

_

Marquez a levou até o departamento de polícia no sábado de manhã. Ele estava quieto e distraído.

- Você está escondendo algo - ela acusou.

Ele encarou-a, sorriu e deu de ombros.

- Problemas no trabalho.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Relacionado a drogas? - tentou.

Ele fez uma careta.

Ela concordou e suspirou.

- Meu marido - murmurou.

- Não faça isso - ele grunhiu - Advogados de acusação não são capazes de lerem mentes.

- Não sou. Foi uma conclusão lógica.

- Você parece muito calma sobre isso.

Ela mexeu as chaves na mão.

- Eu queria gritar e cortar meus pulsos, mas as pessoas teriam uma má idéia se notassem.

Ele riu apesar da situação.

- E eles perceberiam.

Ela o encarou.

- Rodrigo, Castillo e o outro homem saíram para o fim de semana - ela comentou.

- Eu sei.

- Ela arqueou as sobrancelhas.

- Você está seguindo eles.

- Eu não - ele disse entrando na estrada de terra que ia até o centro de treinamento - Mas um amigo está.

Repentinamente ela sentiu-se estranha.

- Ele está envolvido na operação Fuentes, não está?

Ele não respondeu.

- Você não tem que me proteger - ela disse sombriamente - Eu o reconheci quando nós estávamos no depósito em Comanche Wells. De fato, ele admitiu que estava lá, mas não disse por que.

- Você é esperta.

- Não muito - ela disse em um tom desanimado - Eu estou grávida.

A caminhonete derrabou na poeira e ela gritou, atônita.

- Desculpe - ele gritou, endireitando o carro. Parou no meio da estrada e encarou-a, vendo a trágica expressão que ela não era capaz de esconder - Você o ama?

Ela não queria admitir. Seu olhar baixou.

- Sim - disse depois de um minuto - Eu pensei que a idade trouxesse sabedoria. Não no meu caso.

Ele franziu a testa.

- Glory, o seu coração...

- Eu falei com uma cardiologista, e com a doutora Lou Coltrain - ela disse rapidamente

- Ela vai me indicar um obstetra assim que minha vida estiver fora de perigo por causa do assassino.

- Mas é seguro? - ele insistiu franzindo a testa.

Ela sentiu a pergunta como uma faca.

- Eu tenho que tomar remédio para pressão, assim eu não terei outro ataque do coração. A cardiologista disse que se eu tivesse algum problema com a gravidez, ele poderia ser perigoso. Ela mudou os meus remédios. Eu comecei os novos agora.

- Eu sinto muito - ele disse.

Ela apertou as chaves.

- Ele não pode saber - disse sombriamente.

- As coisas podem melhorar logo - ele começou.

Ela o encarou.

- Ele não pode saber - enfatizou.

- Ok. Não é problema meu. Mas se você precisar de ajuda... - disse gentilmente.

Ela sorriu.

- Obrigada.

Cash Grier vestia roupas comuns, o rabo de cavalo preso em uma fita enquanto esperava por eles.

Ele encarou Marquez, que também usava um rabo de cavalo, e em seguida Glory que usava o cabelo preso em uma trança.

- Há sempre um diferente no meio de uma multidão - ele notou, indicando o cabelo dela.

- Eu não sou estranha - ela disse - Simplesmente tenho um gosto melhor no que se refere a cabelo.

Cash grunhiu. Então mirou o alvo e atirou seis vezes seguidas no pequeno círculo.

- Exibido - Marquez murmurou.

Cash deu um risinho.

- Eu sou o chefe de polícia - lembrou - Tenho que dar um bom exemplo aos meus homens.

- É preciso uma blackjack para dar um bom exemplo a Kilraven - ele respondeu - Ou você não sabe que ele esteve ontem no escritório do FBI em San Antonio forçando Jon Blackhawk a fornecer informações sobre o caso Fuentes?

- Ele o quê? - Cash gritou.

- Quem é Kilraven? - Glory quis saber.

- O oficial que lhe salvou de Marco no outro dia - Cash informou.

- Oh. O que quase estragou a transação de drogas em Comanche Wells - ela lembrou.

- Exatamente - Marquez acrescentou. Ele encarou Cash, que parecia furioso - Você deve se acalmar. Você o contratou como especialista em gangues. Gangues distribuem drogas. Ele tem o direito de investigar Fuentes.

Cash abriu o gatilho de sua pistola automaticamente e colocou mais balas.

- Eu gosto de iniciativa individual, até que ela se torne anarquia.

- Kilraven não é um anarquista - Marquez riu - Ele só está acostumado a dar ordens, não a recebê-las.

- Ele está no negócio errado - Cash disse - Não é um jogador de equipe.

- Se eu me lembro bem, você também não era até começar a trabalhar no departamento de polícia daqui - Marquez lembrou-o - Se você conseguiu se ajustar, ele também consegue. O fato é que você espera que agentes não misturem as coisas tão facilmente quando os militares fazem. Você está acostumado a trabalhar sozinho ou em pequenos grupos.

Cash suspirou.

- Eu acho que sim. Ele acabou com o tráfico em uma escola local. Ele emprestou um dos cães farejadores do DEA e foi até lá. Levou uma bronca do quadro de professores, e de um monte de pais, mas fez muitas prisões.

- O fim justifica os meios - Marquez zombou.

Glory ia protestar quando sentiu uma tontura e precisou sentar na grama.

- Hey, você está bem? - Cash perguntou, preocupado, enquanto se ajoelhava na frente dela.

- Não é nada - ela disse debilmente - Apenas um pouco de enjôo matinal.

Cash prendeu um palavrão. Ele e Marquez trocaram um olhar que ela não notou.

- Ele não pode saber - ela disse a Cash - Marquez já prometeu. Você tem que prometer também.

- Ele é seu marido - Cash enfatizou.

Ela abaixou a cabeça e esperou até que o enjôo passasse.

- Ele está trabalhando para Fuentes - disse bruscamente - Eu sou uma advogada de acusação - ergueu a cabeça - Ele não pode saber disso também, não importa o que aconteça.

Cash estava preocupado. Mas não se atrevia a contar por que.

- Segredos são perigosos.

Ela afastou uma mecha de cabelo que caía em sua testa.

- Eu já sei. Isso é uma informação secreta.

- Ok. É a sua vida - Cash concordou.

Ela ficou em pé. Não podia usar a bengala e uma arma ao mesmo tempo, então deixou a bengala na caminhonete de Marquez. Conseguia ficar em pé tranquilamente. O quadril não doía mais como antes. Saía-se muito bem, a menos que se excedesse.

Marquez puxou uma Smith & Wesson calibre 32 de seu cinto.

- Uma arma giratória? - ela exclamou - Ninguém usa mais uma arma giratória! - ela indicou Cash - Ele tem uma Glock calibre 40. Você tem uma Colt calibre 45. E eu vou aprender a atirar com uma arma giratória? Por que você não me dá uma pedra gigante para que eu aprenda a acertar as pessoas na cabeça com ela?

Cash riu.

- Por que uma automática pode falhar em certas ocasiões.

- Você pode atirar com uma Glock por baixo da água - ela informou.

- Uma arma giratória não emperra - ele devolveu - E além disso, é pequena. Você pode atirar com apenas uma mão.

- É uma arma de maricas - ela insistiu.

Marquez levantou a arma e entregou a ela.

- Não argumente. Não é digno.

Ela lançou-lhe um olhar de esguelha.

- Ok - Cash interrompeu - Vamos começar.

_

Quando chegou a hora de ir embora com Marquez, as mãos dela estavam inchadas e doloridas. Esfregou-as rigorosamente.

- Ninguém disse que eu ia atirar com as duas mãos, uma por vez - ela murmurou.

- É o modo de ensino do FBI - ele comentou com um sorriso - E se você levar um tiro em sua mão boa? Você tem que ser capaz de atirar com a outra.

- Eu suponho que sim - Procurou a bolsa. Estava pesada. Tinha uma caixa de munição que Marquez havia providenciado, junto com a pistola, que dividia espaço com os cosméticos e a carteira. Pensava em Rodrigo e imaginava se teria que usar a arma nele. O pensamento a deixou enjoada.

- Quando antes esse caso se resolver, melhor - Marquez pensou alto.

- Quando o dia chegar, meu marido pode dividir uma cela com Fuentes - ela observou a expressão preocupada dele - É verdade, não é? - perguntou baixo.

Ele não podia contar a ela o que sabia, e isso machucava. Ela já tinha todo o estresse que podia agüentar, e mais essa.

- O que eu faço - ela perguntou - Se Rodrigo ligar e pedir que eu o encontre em algum lugar?

- Não vá - ele disse.

- É o que eu pensei que você diria - seu rosto expressava toda sua tristeza. Era irônico, pela primeira vez em sua vida, estava apaixonada por um homem, e ele era um patife. Não era justo.

- Eu sei - Marquez disse. E só então ela percebeu que falara alto.

- Bem, faça o trabalho, não importa o que custar, assim nós poderemos salvar algumas vidas - ela disse em um tom baixo.

- Essa é a idéia.

Ela observou a paisagem através da janela da caminhonete.

- Eu devia ter me mudado para uma ilha tropical perdida em algum lugar e passado o resto da vida colhendo conchas na praia.

Ele riu.

- Esse é um sonho popular no meu escritório também, especialmente quando o seu novo tenente tem acessos de fúria pela nossa falta de equipamentos.

Ela franziu a testa.

- Eu pensei que o seu antigo tenente fosse famoso por isso.

- Não, não - ele corrigiu - Nosso último tenente era fanático pelos nossos próprios gastos; um verdadeiro mão de vaca. Não, essa um tem acessos de fúria contra os patronos da cidade pela nossa falta de equipamentos adequados - ele disse zombeteiro - Ele quer que nós tenhamos equipamentos melhores e treinamento avançado. Ele quer que eu vá para a escola do FBI em Quântico.

- Eu estou impressionada - ela disse.

- Eu também. Eles disseram que o curso deixa as pessoas loucas, mas que você aprende muito lá.

- Eles arruinariam você - ela disse travessa - Você veria com muitas idéias novas para melhorar o seu departamento e nós encontraríamos você em uma lata com um recado de seu tenente, oferecendo você para adoção de qualquer outra agência que lhe queira.

- Estraga prazeres.

- Quem é esse Kilraven? - Glory perguntou repentinamente.

Ele torceu os lábios.

- Ele é o novo patrulheiro do distrito.

- Algo no modo como ele disse isso era muito suspeito.

- Oh, não - ela disse - Você está escondendo algo. Desista.

- Eu não estou escondendo nada - ele mentiu.

- Eu perguntarei a Cash Grier.

- Você teria mais sorte perguntando a uma concha.

- Conte. Eu sei guardar segredos.

Ele se divertia. Seus olhos estavam dançando.

- Eu soube por fontes seguras - ele começou - Que ele foi mandado até aqui vindo de Langley...

- Langley! - ela interrompeu excitada.

- Langley - ele concordou - Para deter um seqüestrador ligado a um governo hostil na America do Sul. Estão falando que o seqüestrador é muito bom em seu trabalho e tem o refém perfeito em sua mente já. Ele acha que o refém lhe trará muito dinheiro de certa agência federal onde ele é extremamente valoroso.

- Quem?

- Quem o quê?

- Quem é a vítima em potencial?

- Nós não temos certeza - Marquez disse a ela - Mas nós acreditamos que ele possa ser um agente de drogas - o mesmo que ajudou a derrubar Cara Dominguez. Ele já custou mais de um bilhão de dólares ao quartel nos últimos anos.

- Não seria melhor que eles o matassem? - ela perguntou.

- Eu tenho certeza de que esta é uma boa idéia. Mas eles querem dinheiro, e acham que ele pode ser resgatado. Eles o mataram, com certeza, no minuto em que conseguirem o dinheiro.

- Eu achei que o nosso departamento não negociasse com terroristas.

- Publicamente não.

Ela franziu a testa pensativa.

- Houve uma negociação recentemente para prender Jared Cameron, não houve?

- Traído pelo guarda-costas...

- Tony o dançarino - ela disse rindo - Que nome!

- Na verdade, é Danzetta.

- Eu sei, mas de certo modo, isso soa romântico.

- Soa como um conjunto, e Tony não é. Na verdade ele é Cherokee.

- Ele é travesso.

- Você o conheceu?

Ela concordou.

- Ele nos forneceu informações sobre os seqüestradores que foram presos aqui. Eles também tinham laços na America do Sul, mas o seu D.A. não tinha jurisdição sobre um crime federal. Ele os mandou com um oficial de justiça ao nosso advogado para serem julgados. Eles escaparam.

- Nós soubemos - ele respondeu. Em seguida balançou a cabeça - Teve um caso parecido. Dois guardas foram acusados por ajuda e instigação, mas eles fugiram antes de ir a julgamento.

Ela encarou Marquez.

- Excelentes jogadores, excelente dinheiro e excelente problema para nós. Existem rumores de que eles ainda estão no país.

- Soubemos disso também.

Ele estacionou na frente da porta.

- Fique o tempo todo com a arma, certo?

- Tenho que ficar, especialmente quando os filhos de Carla estão por perto. Eu não deixaria que eles se machucassem por nada.

Ele sorriu.

- Se você precisar de ajuda me ligue, ou ligue para Cash. Nós viremos correndo.

- Ligarei - a velha depressão voltou - Obrigada, Rick.

Ele deu de ombros.

- Para que servem os amigos?

_

A noite de sábado era longa e assustadora. A garoa caía lá fora. Relâmpagos tornavam as árvores vivas no escuro. As sombras escuras e recortadas deixavam Glory mais nervosa do que ela já estava. Carla e Angel já havia ido para casa, com as crianças. Glory estava sozinha na casa grande.

Ela vagou de quarto em quarto. Tudo estava diferente de sua infância. A casa havia sido totalmente remodelada. Até o piso era novo. Esfregou os braços fios, sentindo um arrepio que era provavelmente psicológico, por causa da chuva. Jacobsville tinha tornados. Não queria enfrentar um sozinha. Eles a aterrorizavam quando era criança. Sua mãe lhe espancara durante uma tempestade.

Provavelmente havia por ali um abrigo para tempestades, mas ela não se lembrava do local onde ele ficava. Correr até ele pela chuva era mais arriscado do que ficar na casa. De qualquer modo, o tempo era assustador.

Imaginou onde Rodrigo e seus parceiros no crime estavam, e o que eles estavam fazendo. Se ele fosse pego pelas autoridades, o que parecia possível agora, o que ela faria? Eles estavam em lados opostos da lei. Não importava quais eram os seus sentimentos, não podia arriscar sua carreira por um homem que não a amava.

Relembrou o que a cardiologista disse sobre sua má escolha de profissões. Sabia que o emprego estava se tornando muito para ela. Mas o que ninguém entendia era que o único seguro saúde que ela possuía era um feito através de sua empregada. Se ela deixasse o emprego, como poderia pagar o seguro novamente?

Bem, reconfortou-se, se encontrasse outro emprego e tivesse um ataque do coração, poderia sentar do lado de fora da sala de emergência de um hospital segurando um copo e solicitando donativos para pagar a conta. Os Pendleton pagariam, mas ela queria ser independente. Elas já havia feito muito por ela. Mas seu emprego era um risco. Se não fizesse algo, acabaria morta. Testes de criminosos não eram como uma caminhada no parque. Os temperamentos chamejavam. Algumas vezes eram advogados que perdiam, algumas vezes eram testemunhas e conselhos opostos. Nas outras vezes, eram acusações e advogados de defesa. E certa vez, o juiz havia punido Glory por apresentar uma testemunha de assassinato muito cedo. Não era emprego para tímidos, era muito estressante.

Os trovões estavam mais altos agora, e os raios iluminavam cada canto da casa. Onde estava Rodrigo?

_

As latas de olhos estavam amarradas juntas formando uma ponte ao longo da estreita facha do rio onde, temporariamente, não havia guardas fronteiros. O amigo de Castillo observava tudo enquanto Rodrigo dirigia a caminhonete ao longo da ponte, com Castillo ao seu lado, guiando a caminhonete. Havia vários quilos de cocaína na caçamba. Era um carregamento que valia a coroa do rei. Os três homens havia decidido que era muito mais seguro passar pela fronteira desse modo do que usando equipamentos melhores e mais pessoas. Havia um túnel, mas ele havia sido descoberto. Essa passagem havia sido usada para uma transferência de dinheiro, na qual Rodrigo não era arte. Ele estava quase certo de que não era um agente da patrulha fronteira ou o serviço da lei local. Aqui, havia apenas uma das maiores fazendas criadores de gado da região. Rodrigo apostava que alguém no rancho havia sido pago para fazer vista grossa.

Castillo ria ao ver a distância. Apenas mais alguns passos. Rodrigo passou a caminhonete pelos últimos barris e chegou à terra firme.

- Sim! - Castillo exclamou erguendo os dois braços - Nós conseguimos! Rodrigo parou a caminhonete e desceu.

- Dinheiro fácil - ele deu um risinho - Me ajude a tirar os barris da água.

- Esqueça - Castillo sugeriu - Com o que nós vamos ganhar com esse trabalho, podemos comprar mais. É perigoso ficar muito tempo aqui, não importa quão fácil pareça ser.

- Provavelmente você esteja certo - Rodrigo concordou. Em seguida fez um sinal para que o outro homem se aproximasse.

- Eu sei que já perguntei antes, mas você confia nesse gringo? - Castillo perguntou.

- Eu arriscaria minha vida com algo que não confio? - exclamou.

Castillo observou o outro homem com os olhos apertados. Então deu de ombros.

- Não. Claro que não - olhou ao redor. Nenhum carro, nenhuma caminhonete, nenhum avião ou helicóptero. Estavam mesmo com muita sorte.

Ele subiu no carro próximo a Rodrigo. Então olhou pela janela e grunhiu.

- Onde está o seu primo? - ele perguntou. Pulou ao sentir algo contra seus quadris.

- Fique quieto e não faça nada estúpido - Rodrigo disse suavemente. A outra mão levantou carregando um rádio portátil. Seu dedo pressionou um botão - O lobo está na porta - disse calmamente.

Enquanto Castillo tentava entender, faróis de pelo menos uma dúzia de veículos estacionaram ao redor da caminhonete.

- Amigo - Rodrigo disse aos companheiros - Bem vindo a terra da liberdade e ao lar dos bravos!

Capítulo 13

Glory estava acabando com as unhas. A tensão já havia acelerado sua pressão sanguínea, e sua respiração. Estava desesperada para saber onde Rodrigo estava, como ele estava.

A tempestade estava começando a diminuir. Podia ouvir a chuva caindo em cima dos barris. Não havia mais raios de luz piscando na janela, embora trovões distantes eram ouvidos. Felizmente a tempestade não parecia capaz de fazer algum dano.

Caminhou até a porta e olhou lá fora, sentindo o revolver pesar como uma pedra em seu bolso. Se ao menos ela soubesse o que estava acontecendo, mesmo que fossem más notícias. Rodrigo podia ir para a cadeia, mas até mesmo isso seria bom, contanto que ele não estivesse morto. Não podia encarar a idéia de nunca mais vê-lo.

O toque repentino de seu celular a assustou. Tirou-o do bolso e abriu o flip.

- Sim?

- Nós acabamos de apreender o maior carregamento de cocaína da história do distrito Jacobs - Marquez gargalhou.

- E Rodrigo? - ela perguntou sombriamente - Ele estava envolvido? Ele está bem?

- Nós tivemos uns probleminhas - Marquez começou - Eles o levaram para a emergência em Jacobsville... Glory, espere! Escute!

Mas ela já tinha desligado. Agarrou a bolsa e correu até a porta o mais rápido que seu quadril permitiu. Subiu no carro, trancou as portas, ligou o motor e correu pela estrada. O telefone tocou novamente, mas dessa vez ela ignorou. Rodrigo, ela murmurou silenciosamente. Por favor, Deus, não deixe que ele morra! Eu farei qualquer coisa, desistirei dele, sairei da vida dele, farei qualquer coisa... apenas deixe que ele viva!

A cidade era tão longe, pensou agitada. Esse carro velho era bom na cidade, onde ela só precisava andar poucos quarteirões para chegar ao trabalho, mas era um fracasso na

estrada aberta. Mal podia aumentar a velocidade. Realmente sentia falta do carro esporte. Essa espécie de veículo era gasto, e mal apropriado para uma corrida.

A escuridão era quase completa. Era uma noite sem lua. Não estava pensando claramente. Se Fuentes havia mandado um assassino atrás dela, estava dando a oportunidade perfeita para ele matá-la. Não havia tomado nenhuma precaução a não ser trancar a porta e colocar a pistola no bolso. Era um ato estúpido. Mas estava pensando com o coração, e seu coração queria ver Rodrigo, ter certeza de que ele estava seguro. Nada mais importava. Se ele estava envolvido no tráfico de drogas, se ele fosse preso, ela saberia como ajudá-lo. Se ele ainda estivesse vivo!

No momento em que ela estacionou no Hospital Geral de Jacobsville, seu coração estava disparado e ela mal conseguia respirar. Saiu do carro, fazendo uma careta quando seu quadril protestou o estresse que ela estava forçando. Começou a subir os degraus mas teve que voltar ao carro. Não podia carregar uma arma no hospital. Trancou-a no porta-luvas e subiu os degraus correndo, parando para respirar no meio do caminho.

Havia uma multidão na sala de espera. Era sábado a noite, a noite mais cheia. Caminhou até a recepção.

- Rodrigo Ramirez - disse agitada - Ele é meu marido!

- O doutor Coltrain o acomodou no quarto três - a recepcionista começou - Se você sentar...

Mas Glory já havia passado por ela e estava fazendo um tempo excelente. Estava vagamente ciente da presença de vários homens do lado de fora do cubículo, mas não os olhou. Passou pela cortina e lá estava Rodrigo, sem camisa, parecendo sensual, masculino e tão belo que seu coração saltou. Melhor de tudo, estava sentado na mesa de exames, sorrindo enquanto o marido de Lou, Copper Coltrain examinava seu braço.

- Rodrigo! - Glory exclamou.

Ele arqueou as sobrancelhas quando ela correu até ele e deu-lhe um abraço apertado, assustada, tremendo. A mão livre deslizou pelo peito dele e ela suspirou de alívio e prazer quando sentiu as batidas do coração dele em seu ouvido.

- O que você está fazendo aqui? - Rodrigo exclamou - Como você soube?

- Marquez me ligou - ela disse. Então afastou-se um pouco, para olhá-lo nos olhos - Você está bem?

Ele sorriu.

- Eu estou bem. Foi apenas um arranhão. Já tive piores.

Estava muito perturbada para notar os outros homens, mas agora se tornara ciente da presença de vários homens de uniforme e seu coração saltou. Sabia que seu marido estava envolvido no mundo da droga. Mas ela não era do tipo que fugia do assunto. Ergueu o queixo orgulhosamente.

- Tudo vai ficar bem. Nós conseguiremos o melhor advogado do Texas - ela assegurou a Rodrigo - O melhor de todos. Não diga nada que possa lhe incriminar. De fato, não diga nada até...

Ela parou de falar porque ele ria descontroladamente. Quando parou, percebeu que todos os outros homens também estavam rindo. Olhou por sobre o ombro e tardiamente reconheceu o chefe de polícia Cash Grier e o xerife Hayes Carson, o agente chefe do DEA, Alexander Cobb e um homem estranho vestindo um terno caro.

Cash ergueu uma jaqueta.

- É de seu marido, Glory - ele disse. Cash virou a jaqueta e ela viu as letras do DEA estampadas em branco.

A mente dela escureceu. Franziu a testa, observando a jaqueta. Seu marido estava usando ela quando levava um tiro. Ele estava fingindo ser um agente federal? Lentamente ela virou-se para Rodrigo. Ele estava segurando um emblema. Um emblema do DEA.

- Eu não estou sendo preso - ele disse divertido - Estou ajudando na prisão.

- Ele é o agente disfarçado - Cash disse - Nós não podíamos contar a você.

Ela encarava Rodrigo e sentia-se uma idiota.

- Você é o agente disfarçado do DEA.

Ele concordou. Seus olhos eram solenes.

- Eu tenho um primo que está infiltrado no trabalho de dois traficantes, além deste. Ele me ajudou.

- Você podia ter morrido - ela começou.

- Não é o meu primeiro trabalho, Glory - ele disse em um tom levemente condescendente - Minha parceira e eu trabalhamos disfarçados no caso Dominguez.

- Sua parceira?

- Sarina Lane - Alexander Cobb informou.

A mulher loira. Glory estava começando a encaixar as peças do quebra-cabeças.

Rodrigo fez uma careta. Não gostava de ouvir o nome de casado de Sarina. Antes que ele pudesse falar seu telefone tocou com a música da Copa do Mundo de Futebol da FIFA. Viu o visor e seu rosto mudou. Ele sorriu.

- Sim, nós conseguimos - ele disse. Então sorriu - Você está surpresa por eu conseguir trabalhar sem você? - acrescentou em um tom cheio de afeto - Sim. Eu fui atingido no braço. Apenas um arranhão. Nada comparado ao tiro que você levou em Houston quando nós enfrentamos a gangue Dominguez no armazém. Sim. Eu estou bem. Amanhã? Seria ótimo! Venha. Sim. Dê um beijo em Bernadette por mim. Vejo você amanhã.

Ele desligou. Ninguém precisou dizer a Glory que a pessoa do outro lado da linha era Sarina. Sua parceira. Sua parceira de trabalho, que ele amava. Que ele sempre amaria.

Glory sentiu-se fraca e rezou para não desmaiar na frente dele.

- Você deveria ir para casa - Rodrigo disse a ela, notando o rubor e a instabilidade. Devia se sentir lisonjeado por ela se preocupar tanto com ele, mas estava um pouco embaraçado pela aparência dela. Não havia ao menos penteado o cabelo. Parecia como uma trabalhadora da fazenda, comum e desinteressante. Sempre tivera mulheres atraentes ao seu redor, mulheres que se vestiam bem e chamavam a atenção dos homens. Essa pequena caipira não atrairia nem um mendigo, quanto mais ele - Eu ainda tenho que ir ao departamento quando o doutor terminar o exame - ele disse descuidado - Chegarei tarde.

Ela queria protestar, mas isso o irritaria na frente dos colegas.

- Claro. Eu só queria ter certeza de que você estava bem - ela acrescentou, lutando para parecer calma. A atitude dele lhe deixara consciente.

Ele concordou.

- Nós conversamos mais tarde.

- Sim.

Marquez entrou sorrindo.

- Que carregamento! - ele exclamou - Bom trabalho, rapazes. Outros times estão entrando no estacionamento. Quem quer recepcionar?

- Não eu - Rodrigo - Ou acabarei me tornando inútil para trabalho disfarçado.

- Falarei com eles - Cobb disse facilmente - Bem, três de nós pode fazer isso - ele indicou Cash e Hayes Carson - Eu não quero ser acusado de levar crédito por algo que todos nós fizemos.

- Isso é muito gentil da sua parte - Cash ironizou.
- Não é isso - Cobb murmurou - Eu preciso da cooperação de seu irmão em um caso que pode ter laços em San Antonio. Eu não quero lhe ofender!
- O irmão dele? - o homem vestindo terno perguntou.
- Garon. Ele é um agente especial do FBI em San Antonio.
- É por isso que o nome soou familiar - o homem concordou.
- Eu tenho que ir - Glory murmurou. Não seria bom se algum dos recém chegados a reconhecesse, não com Fuentes em seu rastro. Havia sido entrevistada mais de uma vez em casos que trabalhara. Não podia ser apontada na televisão local.
- Eu quero ter certeza de que você chegará bem em casa - Marquez disse - Você não precisa estar sozinha na estrada a noite. Especialmente não agora. Nós não sabemos onde Fuentes está, apesar de nós termos confiscado o maior carregamento dele.

Ela olhou na direção de Rodrigo, mas ele estava falando com Hayes Carson, e não olhava na direção dela. Ela era invisível.

Ela virou-se, mantendo a cabeça erguida, e saiu com Marquez.

_

Marquez seguiu-a em sua caminhonete até que chegasse segura em casa.

Ela trancou o carro e caminhou até a varanda.

- Quer café? - perguntou a ele.

Ele hesitou. Estava cansado, mas ela parecia estar precisando de um amigo. Seu marido havia sido frio, como se sentisse vergonha dela. Ela merecia algo melhor, especialmente em suas condições.

- Claro - ele disse, e entrou na casa com ela.

Ela serviu descafeinado e cortou um pedaço de bolo. Eles beberam o café e comeram o bolo em um silêncio agradável.

- Você está no negócio tempo suficiente para saber como as pessoas ficam depois das operações - ele disse baixo - É o trabalho mais arriscado no mundo. Leva tempo para voltar ao chão novamente. Enquanto isso, você só quer falar até arrancar tudo de seu sistema.

- Engraçado - ela murmurou - Eu pensei que maridos e mulheres servissem para isso - conversar.

- Rodrigo não é um policial comum - ele disse - Já fez muitas coisas com as quais nunca sonhamos.

Ela recordou o que Marquez e Cash havia dito sobre o agente disfarçado que tinha um preço sobre sua cabeça em qualquer lugar do mundo porque ele era muito bom em derrubar traficantes.

- Eu acho que sim. Aquela história sobre ele perseguir um assassino de crianças na floresta montado em um cavalo foi muito impressionante.

Ele deu um risinho.

- Isso é só a cobertura do bolo - ele respondeu - Ele estava com um grupo lendário de mercenários antes de se assentar como um agente federal. Ele tem licença para voo, fala meia dúzia de línguas, sabe cozinhar e se relaciona com metade da realeza da Europa.

Ela colocou o copo na mesa.

- Rodrigo? - perguntou espantada.

Ele concordou.

- Os pais dele eram da realeza - ele disse - O pai dele era dinamarquês e a mãe dele espanhola. Uma bela mistura.

Isso a atingiu como um raio. Não sabia nada sobre seu marido, nada.

- Por que ele decidiu por trabalho disfarçado? - ela perguntou - A maioria dos agentes que faz isso acaba morto.

Ele concordou.

- Ele tem muitas razões. Lopez se envolveu com a irmã dele, que trabalhava em um clube noturno. Ele a estuprou e em seguida matou-a - ele fez uma careta - Rodrigo ficou louco. Se embabedou, detonou um helicóptero e entrou no escritório de Alexander Cobb para conseguir informações e equipamento necessários para ir atrás de Manuel Lopez. A maioria das pessoas, até mesmo as que trabalham com a lei, tem medo dele. Ele é o homem mais perigoso que eu conheço.

Ela estava começando a perceber isso.

- Ele não é muito domesticado.

- Não. Ele quase se casou com sua antiga parceira, mas ela ainda estava apaixonada pelo ex-marido, Colby Lane. Ele estava ligado a debutantes, estrelas de filmes, até mesmo a realeza. Mas sempre existe um novo caso. Ele vive em uma constante adrenalina. Eu não acho que ele desistiria de seu emprego, mesmo se amasse uma mulher - ele hesitou quando viu a expressão dela - Eu não quis dizer isso.

- Nós dois sabemos que ele não me ama, Rick - ela disse depois de um minuto - Ele não queria que eu ficasse na sala de emergência. Eu o embarço. Sou muito comum.

- Eu tenho certeza de que ele nunca disse isso a você.

Ela segurou o copo entre as mãos e o encarou.

- Eu quero ir para casa.

- E o bebê?

- Doía pensar no assunto.

- Ele não vai querer - ela disse, e não tinha dúvidas. Ergueu a cabeça - Coloque-me em uma casa de segurança em San Antonio e eu ficarei lá até que você encontre Fuentes e resolva meu caso.

Ele torceu os lábios.

- Eu acho que o D.A. pode fazer isso, agora que nós destruímos a reputação de Fuentes.

- Eu liguei para ele a noite - ela disse - Então liguei para você se estiver tudo certo. Eu quero ir amanhã.

Ele franziu a testa.

- Por que tão rápido? - ele perguntou. Então lembrou o que ela ouvira no hospital - Sarina e a filha viriam visitar Rodrigo. Glory não queria estar lá quando ela chegasse.

- Eu ligo para você - ela repetiu.

- Ok. Estarei na casa de minha mãe - ele disse - Estou de folga esse final de semana.

Ela fez uma careta. Ele não tinha muitos finais de semana livres.

- Desculpe.

- Hey, tudo que eu faço é assistir televisão. Mamãe passa a maioria dos domingos no hospital depois da igreja, lendo para alguns dos pacientes mais velhos.

- Sua mãe é uma pessoa adorável.

Ele sorriu.

- Sim.

- Obrigada, Rick - ela disse depois de um minuto - Eu estava um pouco nervosa por ter que ficar em casa sozinha à noite, mesmo com a arma.

- Onde está a arma?

- No meu carro - ela disse - Eu não queria arriscá-la entrando no hospital.

- Vá pegá-la no carro antes que eu mesmo busque - ele disse solenemente - Você ainda não está fora de perigo.

Ela suspirou.

- Como se eu não soubesse!

_

Ela ligou para o D.A. e teve autorização para voltar ao trabalho, em uma casa de segurança. Um dos investigadores a seguiria até o trabalho e a polícia liberaria patrulhas extras. Mas, como Marquez, ele não achava que Fuentes continuaria sendo um problema. Glory também não achava. Graças ao seu marido e aos colegas dele, Fuentes teria muitos problemas por causa das drogas confiscadas.

_

Rick chegou para buscá-la na hora do almoço. Ela fizera ele jurar que não diria nada sobre seu emprego. Não havia motivo para contar a Rodrigo. Ele voltaria para Houston, e eles provavelmente não teriam mais que se ver. Eles podiam conseguir um divórcio silenciosos e fingiriam que nunca havia se conhecido. Estava tão machucada pela atitude dele que nem se importava com o fato deles se separarem.

Ela o ouviu entrar, nas primeiras horas da manhã, mas não acendeu as luzes, e não fez um único som quando ele hesitou na frente de sua porta. Ele não a abriu.

Na manhã seguinte, ela ficou no quarto até ele sair da casa. Então preparou ovos fritos e um pouco de café. Havia empacotado a maioria das suas coisas. Agora, era só esperar Rick chegar para segui-la até a cidade.

Ela ouviu a batida de uma porta de carro e o som alto e doce da risada excitada de uma criança.

Caminhou até a janela e espiou pela cortina. Rodrigo segurava a criança nos braços, e sorria para a bela loira. Observando-os, Glory sentiu-se como uma intrusa. Eles ainda eram uma família, apesar da presença do senhor Lane em suas vidas. Ela não podia suportar ver a felicidade de Rodrigo. Voltou ao quarto para terminar de arrumar suas malas.

Quando terminou, vestiu um jeans, uma bela jaqueta vermelha, sandália, e caminhou até a varanda, porque Rick já chegaria. Ela viu o carro de Sarina, mas não a viu.

Caminhou até o fim da varanda e parou quando ouviu vozes no canto.

- Mas você está casado... - Sarina estava dizendo.

- Com uma caipira que se veste como uma velha, não tem etiqueta, ou educação - ele disse friamente - Eu fiquei com vergonha dela ser vista pelos meus colegas na noite passada! - ele respirou fundo - Ela é aleijada e Fuentes quer matá-la porque ela é testemunha de algo ilegal que ele fez. Eu só casei com ela por pena. Foi o pior motivo no mundo - ele não acrescentou que sentia por ela um desejo tão grande que não podia negar.

- O que você fará então? - veio a resposta.

- Qualquer coisa para me livrar da confusão em que me meti.

Glory afastou-se deles, sentindo-se doente. Ele tinha vergonha dela. Casara com ela porque sentia muito por ela. Sentiu como se sua vida inteira caísse aos seus pés.

Saiu da varanda pelo lado oposto e caminhou cegamente até a velha ponte que ninguém mais usava, desde que a moderna fora construída. Subiu no trilho e sentou, cega pelas lágrimas, como se tivesse uma faca fincada em seu coração. O homem que amava falava dela com desdém, com desprezo, e ela estava carregando um filho dele. Sentiu-se uma idiota. Como pudera achar que um dia ele lhe amaria? Ela era aleijada, comum e inútil para ele. Ele achava que a mulher que trabalhara com ele na fazenda não era mais do que uma caipira. Era para ser divertido. Mas não era. Acrescentado a isso, sua condição física podia custar-lhe não somente o bebê, mas também a vida. Era um futuro frio e desolado. Depressão e melancolia pousaram sobre ela como uma nuvem negra.

Esticou as pernas sobre o rio, que corria pelas pedras. A água era profunda. Uma mulher havia se jogado da ponte por volta de 1920 porque pegara o marido com sua melhor amiga. Sarina Lane não era amiga de Glory, mas entendia como a mulher morta devia se sentir. Algumas pessoas a viam pela noite na ponte, ou diziam que viam, caminhando na estrada com um vestido branco. Eles a chamavam de noiva traída. Mas Glory não tinha medo. Ela era um espírito bom.

A correnteza era hipnótica. Não era uma suicida. Apenas tinha o coração machucado. Mas algo a estava puxando para mais perto da beirada. Só mais um pouco, uma voz disse, e toda a dor terminaria. Ficaria livre. Nunca mais precisaria andar com uma bengala ou tomar medicamentos para pressão sanguínea ou ouviria seu marido recitar seus defeitos para outra mulher novamente...

- Glory!

Ela não ouviu Marquez de primeira. Ela não o ouviu, ou viu, até que ele a segurou pela cintura e a afastou da coluna de aço.

- O que diabos você está fazendo? - ele exclamou, abraçando-a. Seu rosto estava muito pálido. Estava respirando arduamente - Eu achei que não fosse chegar a tempo - ele acrescentou.

Ele devia ter corrido pela colina, ela pensou. Mas a situação piorou. Rodrigo e Sarina também se aproximavam correndo.

- O que aconteceu? - Rodrigo perguntou bruscamente.

- Eu pensei que ela iria cair - Marquez disse.

- Eu não ia cair - ela disse a Rick sem encarar os outros - Eu pescava nessa ponte - ainda soava perdida - Quando eu era criança, meu avô me trazia até aqui - ela sorriu remissiva - nós só tínhamos varas de madeira e linha para pescar, nada novo, mas todo sábado quando ele não precisava trabalhar, nós vínhamos até aqui.

- Por que você estava sentada lá? - Rodrigo exigiu saber.

Ela o olhou distraída.

- Eu sempre fiz isso - disse - E estiquei minhas pernas.

- Você podia ter caído! - Rodrigo insistiu calorosamente. Ele realmente parecia preocupado, mas Glory tinha certeza de que ele não estava. Depois de tudo, a mulher especial para ele estava ao seu lado. Não podia deixar que ela pensasse que ele era indiferente a esposa.

Ela o olhou nos olhos, e seus próprios olhos estavam cheios de fúria mal contida.

- Se eu tivesse caído, não importaria para você, não é? - ela perguntou friamente - evitou olhar para Sarina e virou-se para Rick - Estou pronta para ir - disse baixo.

- Aonde diabos você vai? - ele perguntou bruscamente.

Ela não conseguia encará-lo.

- Estou indo para casa. Rick vai me seguir, no caso de Fuentes ainda não ter fugido por causa da perda do produto na noite passada.

Rodrigo não pensara no assunto. Fuentes ainda estava atrás dela e ela ia embora com esse detetive que parecia mais preocupado com ela do que o próprio marido. Sentiu-se envergonhado.

- Onde é a sua casa? - Rodrigo perguntou.

Ela não respondeu.

- Nós devemos partir logo. Desculpe pelo trabalho - ela disse a Rodrigo - Mas eu tenho certeza de que serei fácil de substituir. Existem muitas caipiras comuns por aí que não tem esperança de uma vida melhor do que trabalhar na cozinha de alguém - acrescentou deliberadamente, e ergueu os olhos a tempo de ver o alvo atingindo o lugar certo, como uma flecha envenenada. Ele sabia que ela ouvira o que ele dissera a Sarina. Isso o envergonhou. Não quisera dizer isso. Não mesmo.

Sarina a encarou como se quisesse dizer algo, mas Glory simplesmente passou por ela e por Rodrigo e continuou andando. Seu quadril a estava matando, mas não demonstraria nenhum sinal de fraqueza para aquela víbora de duas pernas com quem ainda estava temporariamente casada.

_

Marquez correu para alcançá-la.

- Suas coisas já estão prontas?

- Sim, minha mala está na sala de jantar. Eu só tenho que pegar a bolsa e a bengala.

Eles entraram juntos na casa. Ela jogou a bolsa por sobre o ombro e apoiou-se pesadamente na bengala enquanto seguia Marquez.

Rodrigo e Sarina estavam parados na varanda. Rodrigo franzira as sobrancelhas.

- Aonde você vai exatamente? - ele perguntou a Glory, lançando um olhar a Marquez enquanto ele colocava a mala de Glory na caminhonete.

A expressão dela era fria como gelo quando o encarou. Estava pálida e infeliz, mas tentou esconder isso.

- Isso é algo que os outros precisam saber. Você não. De qualquer forma, com a operação Fuentes sendo realizada, nós acreditamos que ele estará muito mais preocupado com sua própria vida do que com a minha. Você pode mandar flores se eu estiver errada e ele atirar em mim - ela acrescentou sombriamente.

Rodrigo encolheu-se.

Sarina mordeu o lábio inferior.

- Nós não fomos apresentadas na ponte - Sarina disse baixo - Eu sou...

- Sarina Lane - Glory disse em um tom frio - Sim, seu sei. O senhor Ramirez fala muito de você.

Os olhos escuros de Rodrigo brilharam. Não gostava do uso formal de seu nome. Mas antes que pudesse dizer algo, Marquez estava de volta.

- Estou pronto - ele disse, parando para encarar o casal ao lado dela.

- Ok - ela olhou o queixo de Rodrigo - Obrigada por me deixar ficar aqui enquanto Fuentes estava atrás de mim. Espero não te deixar de mãos atadas.

- Carla e um dos trabalhadores vão terminar as frutas - ele disse sombriamente - É só um projeto especulativo. Se ele der certo, Pendleton vai ter que conseguir mais utensílios de cozinha para agüentar a demanda.

- Claro - ela disse, e conseguiu sorrir - Até logo.

Rodrigo franziu a testa.

- Vai haver algumas legalidades.

- Meu advogado entrará em contato com você. Pode pedir o divórcio quando quiser - ela disse - Quanto antes melhor - acrescentou amargamente. Virou-se, apoiando o corpo na bengala, e saiu da vida de Rodrigo sem olhar para trás.

Colocou o cinto de segurança, ligou o carro, e saiu do jardim acompanhando a caminhonete de Rick. Não acenou. Não olhou para trás. Apenas dirigiu, mesmo quando a estrada se tornou um borrão diante de seus olhos.

_

Sarina franziu a testa. Rodrigo observava os veículos como se assistisse a um filme. Os ombros estavam arqueados, rígidos.

- Ela ouviu o que você disse - ela disse baixo - Deve ter doído. Ela é orgulhosa.

Ele trincou os dentes. Estava lembrando o que Glory dissera, sobre ser humilhada em lares de caridade, sempre a criança excluída, sempre a forasteira, sempre a indesejada. Não entendia porque dissera coisas tão cruéis sobre ela. Não estava emocionalmente envolvido com Glory. Apenas a queria. Então por que se sentia tão mal com a partida dela?

- Foi um ato de insanidade - Rodrigo disse baixo - Um divórcio será melhor para os dois.

Sarina estava pensando. Havia algo estranho na outra mulher. Não podia meter o dedo nisso, mas havia muito mais acontecendo do que Rodrigo admitira. Ele disse que não se importava com Glory, mas seus olhos estavam atormentados. Ele estava fingindo. Glory não o conhecia tempo suficiente para saber, mas Sarina sabia. Não apenas isso, sabia que já vira Glory em algum lugar, fazendo algo diferente. Por alguma razão, San Antonio continuava predominando em sua mente.

Então quando voltou a Houston, ligou para um colega do DEA e fez algumas perguntas.

Capítulo 14

Todas as patrulhas extras e precauções foram necessárias para proteção de Glory. Havia acabado de se mudar para a casa de segurança e estava tomando sua primeira xícara de café da manhã quando Marquez ligou.

- Adivinhe? - ele perguntou.

- Você ganhou na loteria e vai para o Haiti?

- Esse dia vai chegar. Eu liguei para contar que eles acabaram de encontrar Fuentes em uma vala no meio da estrada para Jacobsville. Eles nem se preocuparam em esconder o corpo - está visível na estrada.

O coração dela parou.

- O quê?

- Nós estávamos certos sobre os erros dele. Esse é o segundo carregamento que o Fuentes perdeu, e a organização não perdoou. Sem chances. Ele está morto.

Ela sentia muito, mesmo pela morte de um traficante. Mas isso a tranquilizou.

- Então eu estou segura? - ela perguntou hesitante.

- Perfeitamente - ele respondeu - Nossa mula na organização disse que Fuentes estava louco para fazer negócio com um assistente do D.A. nesse país sem autorização, quando ele já estava sendo procurado por assassinato. Não que eles não matem advogados, policiais e jornalistas, mas esse não é o modo como eles operam. De qualquer modo, o chefe disse a eles para esquecerem você.

- Ai, eu não fiz nada a ele - ela disse.

- Foi um bom presente, não foi? Pena que nós não saibamos quem ele é. Talvez o DEA tenha mais sorte. De qualquer modo, você pode voltar para o seu apartamento quando quiser, e seu chefe disse que sua pilha de papéis está crescendo, crescendo.

Ela sorriu. Era a primeira boa notícia que recebia em muito tempo.

- Ok. Que bom que eu não desfiz as malas.

- Sim. Eu vou te buscar na hora do almoço.

- Rick, você já fez muito...

- Você é minha amiga - ele disse simplesmente.

- Então, obrigada. Espero você na hora do almoço, e vou pedir uma pizza.

_

Ainda estava zozua naquela noite, de volta ao seu apartamento, lutando contra os enjôos matinais que pareciam ficar piores a cada dia. Também sentia um pouco de dor. Marcou uma consulta com o médico em San Antonio e começou a preparar as roupas para o outro dia. Quando olhou no espelho, viu o que a experiência havia feito com ela. Estava pálida e parecia ter perdido peso. Mas pelo menos a farsa havia acabado. Podia usar maquiagem, colocar as lentes de contato, vestir o que gostava e não ter que fingir. Era amargo recordar o que Rodrigo havia dito sobre sua falta de cultura, educação e aparência.

Estava se vestindo quando a campainha tocou. Apertou o botão do interfone. Imaginou quem poderia ser tão cedo...

- Posso subir?

Ela trincou os dentes.

- Por quê? - ela perguntou, porque conhecia a voz feminina muito bem.

- Eu preciso lhe dizer algo.

Por dois centavos, ela pensou, eu a ignoraria. Mas não era culpa de Sarina se Rodrigo não podia continuar vivendo sem ela.

- Ok - disse pesadamente, e apertou o botão para abrir o portão.

Glory vestia um terno cinza e blusa rosa, com o cabelo em um coque e maquiagem bem feita, quando abriu a porta para a rival.

Sarina a encarou.

- Você está diferente.

- Tenho que manter a imagem de advogada no trabalho - disse sombriamente - O que eu posso fazer por você?

Sarina arqueou as sobrancelhas.

- Ele não é um homem fácil de se lidar - ela começou - Ele ainda estava machucado pela morte da irmã quando trabalhei com ele no Arizona. Ele alternava entre desprezo e fria formalidade - pelo menos, até conhecer Bernadette. Ele ama crianças - ela disse

deliberadamente, e lançou um olhar ao ventre de Glory, como se soubesse que a barra de sua blusa estava solta porque não conseguia prendê-la mais.

- Você vai dizer a ele? - Glory perguntou em pânico.

Sarina balançou a cabeça.

- É problema seu. Mas você deveria contar.

- Por quê? - Glory perguntou friamente - Não seria Bernadette.

Os olhos de Sarina estavam cheios de compaixão.

- Eu sinto muito - ela disse suavemente - Você não vai entender, mas eu sei como você se sente. Eu estava desesperadamente apaixonada pelo meu marido quando ele me deixou por outra mulher, que só queria seu dinheiro. Colby e eu ficamos separados até Bernadette estar no ensino fundamental, e aquela bruxa o convencera de que ele era estéril.

Glory relaxou um pouco.

- Sim - Sarina respondeu sorrindo - Estou muito apaixonada pelo meu marido. Tudo que eu sempre pude dar a Rodrigo foi amizade. Não era suficiente. Ele é exigente - ela acrescentou - É o que o torna tão importante. Mas é uma faca de duas pontas também.

A mão de Glory pousou em seu estômago.

- Eu não sei se posso carregar um filho - ela confessou. Era bom conversar com alguém. Vivera muito tempo com medo - Eu tive um leve ataque do coração no trabalho - acrescentou lentamente, vendo a simpatia nos olhos da outra mulher - Trabalhei muito para chegar aqui. E estou pagando o preço. Tenho que tomar remédios para pressão sanguínea e colesterol alto, e agora tenho que tomar anti-coagulantes também para não ter um segundo ataque do coração pior. Os testes não mostraram nenhuma obstrução, mas eles querem que eu faça uma cauterização e não arriscarei enquanto estiver grávida. Se eu parar de tomar os anti-coagulantes, a criança ficará segura, mas eu posso morrer. Como eu digo isso a ele? - perguntou sombriamente - Ele acha que eu não quero filhos. Não é verdade. Mas é melhor deixá-lo pensar isso.

Sarina balançou a cabeça.

- Não é - pegou um pedaço de papel no bolso e entregou a outra mulher - Esse é o endereço dele em Houston. Ele está morando lá para reformar seu escritório, e para descobrir ligações entre traficantes locais e Fuentes. Vá vê-lo. Diga a verdade.

- Ele não vai querer saber.

Sarina a encarou.

- Não vale a pena lutar por ele?

Glory olhou o papel em sua mão. Era esperança perdida. Só daria mais dor de cabeça. Deu de ombros.

- Sim - ela disse - Irei.

_

E ela foi. Primeiro tinha que passar na casa dos Pendleton para buscar seu carro. O velho que ela usava no emprego estava nos últimos momentos.

Rodrigo morava em um condomínio fechado. Era um belo complexo de apartamentos, muito elegantes. A maioria dos carros estacionados eram caros. Se ele podia manter uma vida lá, ela pensou, ganhava mais do que um salário de agente federal. Recordou Sarina dizendo que ele estava ligado a realza da Europa. Provavelmente era rico.

Teve que mostrar seu distintivo ao porteiro e mentir sobre o propósito de sua visita. Ele disse que ia checar com o senhor Ramirez, e checkou. Mas Rodrigo não estava em casa. O

guarda lançou um longo olhar ao jaguar XKE verde. Era uma beleza - um presente de natal da meia-irmã e do meio-irmão.

- Eu só demorarei um minuto - ela disse - Eu tenho que deixar alguns papéis com ele sobre um caso em que estou trabalhando em San Antonio.

- Oh, eu entendo. Sim, nós soubemos sobre o que aconteceu no distrito Jacobs - o porteiro disse - Você estava envolvida?

Ela riu.

- Apenas perifericamente. Mas eu tentarei pegar alguns conspiradores - era uma possibilidade, mas ela fez soar como se fosse o propósito de sua visita.

- Pode entrar. Ele joga tênis aos sábados - ele acrescentou - Você pode esperá-lo.

- Muito obrigada.

- Por nada.

Ela afastou-se e o guarda franziu a testa. Deveria dizer a jovem senhorita que outra mulher havia entrado para ver o senhor Ramirez, e que ela tinha uma chave do apartamento?

_

Totalmente ignorante das possíveis complicações, Glory estacionou o carro e saiu, caminhando até o apartamento. Havia um pequeno garoto hispânico com uma bola de futebol no espaço entre os prédios. Ela sorriu para ele, e imaginou se seu filho seria um menino.

- Você gosta de futebol? - o menino perguntou.

- Sim. Eu sigo todos os jogos - ela disse - E sempre assisto a Copa do Mundo.

- Eu gosto de Marquez - ele respondeu - Ele é o capitão do time mexicano. É um ótimo jogador.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Marquez? - perguntou pensando em seu próprio Marquez, o detetive.

Ele concordou.

- Nós o chamamos de Rafa. Eu quero ser como ele quando crescer. Olhe o que eu sei fazer - ele jogou a bola de um joelho ao outro. Ela riu, apreciando a técnica dele.

Ela ouviu passos e virou-se. E lá estava Rodrigo, mas não o homem que ela conhecera em Jacobsville. Este era outro. Era como as pessoas que Jason e Gracie convidavam para eventos sociais. Ele vestia um terno Armani com sapatos italianos feitos a mão. O cabelo dele estava arrumado, não apenas cortado, e parecia caro e cheio de graça... além de perigoso.

- Oi, Rodrigo! - o menino chamou - Quer jogar?

- Não agora. Vá para casa, Domingo - ele disse gentilmente.

O garoto encarou os dois adultos.

- Claro - e não argumentou.

- O que você quer? - Rodrigo perguntou abruptamente.

Ela hesitou. Podia ter se vestido melhor. Estava usando o mesmo jeans e camiseta que costumava usar na fazenda, embora seu cabelo estivesse preso em um belo coque. Não havia colocado muita maquiagem. Estava caminhando sem a bengala, porque não queria pena. Tentou parecer confortável.

- Eu quero lhe dizer algo - disse baixo. Não sabia como começar.

Ele sorriu friamente.

- Eu aposto que alguém já falou com você - ele respondeu.

- Bem, sim.

- E agora você sabe que eu poderia comprar cinquenta fazendas iguais àquela, e repentinamente os nossos votos de casamento se tornaram reais, certo?

Ela arregalou os olhos.

- Você deve estar brincando - ela começou. Não era uma Pendleton, mas era tratada como uma. Tinha um guarda-roupa cheio de roupas desenhadas por estilistas. Sem mencionar o pequeno Jaguar que estava dirigindo.

- Brincando? - ele lançou-lhe um longo olhar - Não é brincadeira. Não tenha esperanças de cair nas minhas graças e sair daqui rica. Eu não tenho nada para criaturas mercenárias como você - ele se sentia ultrajado por ela segui-lo até lá, por ser descarada o suficiente para aparecer novamente em sua vida quando já havia concordado sobre o divórcio.

- Mercenária? - perguntou espantada. Não era o que estava esperando.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, ou que ela pudesse inventar uma resposta que não fosse chutá-lo, a porta do apartamento foi aberta e uma bela jovem com cabelos negros, pele bronzeada e olhos escuros o chamou.

- Você está vindo, Rodrigo? - ela perguntou urgentemente - Eu quase queimei a paella!

- Eu já vou, Conchita - ele respondeu.

Glory nunca se sentiu tão estúpida. Ele a olhou com pura vingança nos olhos escuros.

- Ela é ótima na cama - ele zombou.

Ela não queria que ele visse a dor que estava causando. Virou-se e caminhou até o carro. Seu quadril doía, mas o ventre também. Estranho, essas agulhadas de dor. Pensou nas pílulas anti-coagulantes que estava tomando e rezou para que elas não estivessem machucando o neném. O neném. Rodrigo nunca iria saber, ela jurou. Nunca!

_

Ele observou-a enquanto ela caminhava com fúria mal contida e arrependimento. Ela era orgulhosa. Nunca havia pedido por tratamento especial na fazenda e tinha garra - havia se salvado de Marco e Consuelo sem a ajuda dele. Ele a acusara de estar atrás de seu dinheiro. Bem, ele disse a si mesmo, provavelmente estava. Ela não tinha nada. Podia culpá-la por querer uma vida melhor?

Enquanto subia os degraus ouviu um motor e olhou a tempo de ver um carro esporte verde surgir na rua. Não reconheceu o carro, mas sabia que não era de Glory. Talvez algum amigo a tivesse trazido até ali. Entrou para comer a paella e tirou Glory de sua cabeça.

_

Glory havia acabado com seu estoque de pragas antes de deixar Houston. No momento em que chegou à rodovia e estava perto de Victoria, estava gritando como se estivesse sozinha. A dor em seu ventre voltou. Ela engasgou. Não parava de doer. Seu próprio médico estava em San Antonio, e Jacobsville era mais perto. Lou Coltrain sabia sobre seu estado. Decidiu que Jacobsville era sua melhor parada. Esperou conseguir chegar a tempo. Pisou fundo no acelerador.

_

A sorte estava com ela. Nas redondezas de Jacobsville, um carro de polícia acendeu suas luzes e foi atrás dela. Parou no acostamento quando um oficial, que ela reconheceu do caso com Marco, caminhou até ela.

Segurando seu bloco de multas, Kilraven começou a escrever uma multa sem olhar para baixo.

- Posso ver sua carteira de motorista, madame? - ele perguntou educadamente.

- No minuto... em que você me levar... a um hospital - ela gemeu, e virou o rosto para olhá-lo - Eu acho que estou... perdendo meu bebê - acrescentou, e sua voz sumiu.

- Bom Deus! - ele exclamou.

Ele abriu a porta, soltou o cinto de segurança, e carregou-a, como se não pesasse nada, até o banco do passageiro da viatura. Colocou-a sentada gentilmente, e prendeu o cinto. Naquele momento, estava falando em seu rádio.

- Estou com uma mulher grávida que pode estar abortando o filho - ele disse breve - Peça para me esperarem na sala de emergência. Não há tempo para esperarmos por uma ambulância.

- Dez-quatro - a atendente respondeu - Você pode identificar a paciente?

- Gloryanne Barnes - ele disse rapidamente - Notifique a doutora Lou Coltrain.

- Esse é um dez-quatro. Realizado as onze-vingte horas.

- Minha bolsa... e minhas chaves - ela conseguiu dizer entre as agulhadas profundas de dor.

Ele correu pegá-las, trancando o carro e correndo de volta para levá-la. Colocou a bolsa e as chaves no chão aos pés dela, ligou o carro e pisou fundo no acelerador.

- Excesso de velocidade - ela disse - Eles podem lhe multar por isso.

Ele riu, os olhos prateados encarando-a.

- Você fala como uma advogada.

- Eu sou advogada.

- Eu sei.

Ela teria perguntado como, mas a dor a fez dobrar-se ao meio, apesar do cinto de segurança. Lágrimas estavam rolando pelas suas bochechas durante todo o trajeto até o hospital.

O resto foi um borrão de dor e vozes altas, mãos erguendo-a, e logo, a voz calma e gentil de Lou Coltrain. Algo furou seu braço. Então, paz.

Quando ela abriu os olhos, Kilraven, o policial alto e de boa aparência que havia trazido-a até o hospital estava parado ao lado da cama, observando-a com olhos tão pálidos que pareciam prata contra a pele morena e os cabelos negros.

- Você me trouxe - ela disse debilmente.

- Sim.

Ela tocou o ventre inchado e começou a chorar silenciosamente. Sabia que a criança havia partido. Sentiu-se vazia.

- Eu perdi meu bebê, não perdi?

A boca dele fez uma linha fina.

- Eu sinto muito.

Ela o olhou angustiada.

- Vai melhorar - ele disse sombriamente - Você só precisa de tempo.

- Você... perdeu um filho?

A boca dele retorceu-se novamente.

- Sim.

Ela teve que lutar para conseguir respirar. Suas bochechas estavam coradas. Suas batidas cardíacas mexiam o lençol acima dela.

Ele apertou a campainha e disse algo, muito suavemente. Segundos depois, uma enfermeira entrou e checkou seus sinais vitais. Ela fez uma careta.

- Fique quieta - ela disse gentilmente - Eu volto logo.

- O que foi? - ela perguntou ao oficial.

- Eles irão me despedir se eu contar.

Ela o estudou.

- Eles não se atreveriam. Diga.

O peito dele se expandiu por baixo do uniforme.

- Eu acho que você está tendo um ataque cardíaco.

Ela concordou.

- É o que eu acho também.

A enfermeira voltou com o doutor Copper Coltrain. Ele checkou os sinais vitais dela, olhou a ficha médica e sussurrou algo para a enfermeira, que concordou e saiu rapidamente da sala.

- Ataque do coração - Glory sussurrou debilmente.

- Não acredito. Um episódio de angina, provavelmente, mas nós faremos exames - ele encarou o policial - Ela não pode receber visitas - disse sombriamente.

Kilraven cruzou as mãos nas costas e ficou parado. Não se moveu. Seus olhos provocaram Coltrain a expulsá-lo.

- Ele me salvou - Glory disse - Eu nunca conseguiria sozinha.

A expressão de Coltrain relaxou um pouco. A enfermeira voltou e lhe entregou uma seringa. Ele a injetou em Glory. Ela esboçou um sorriso débil e tudo escureceu novamente.

_

Os próximos dois dias passaram como uma névoa. Ela acordou com um barulho estranho do lado de fora do seu quarto. Reconheceu a voz grave do xerife Hayes Carson gritando. Imaginou se ele fazia isso com frequência, porque ele usava algumas frases estranhas.

- Bolachas e leite! Carson explodiu - Eu não vou apresentar papéis de divórcio para uma mulher nessas condições! - ele estava gritando no celular - Diga ao seu maldito cliente que se ele quer apresentá-los, ele mesmo pode vir ao hospital Geral de Jacobsville e fazer isso!

- Você está incomodando os pacientes - Lou chiou.

- Desculpe - Hayes murmurou envergonhado - Foi inevitável.

Ele e Lou trocaram um olhar cheio de significados. Não entraram e não disseram nada à Glory. O que foi uma vergonha. Porque três horas depois, seu marido entrou no quarto sem ser anunciado e a olhou como se não pudesse acreditar no que via.

- O que você quer? - ela perguntou friamente.

- Seu xerife se recusou a apresentar-lhe os papéis do divórcio - ele parou para tirá-los do bolso, mas hesitou. Ela parecia acabada, doente do coração, exausta - O que diabos você está fazendo aqui? É o seu quadril novamente?

Os olhos verdes brilharam ao encará-lo.

- Por que você se importa? - ela perguntou - Você nem perguntou por que eu fui te ver aquele dia. Você acha que eu sou mercenária, não? Você acha que dinheiro é tudo que eu quero da sua vida.

Ele trincou os dentes.

- É o que as mulheres sempre quiseram de mim - ele disse friamente - Exceto...

- Exceto Sarina - ela terminou por ele - Mas você não pode tê-la, pode? Eu acho que Conchita é o seu presente de consolo. Pena eu não saber que estava apenas substituindo sua ex-parceira!

Os olhos dele escureceram e ele sorriu friamente. Seu orgulho foi ferido e ele retaliou.

- Você foi uma pobre substituta!

Essa foi a última gota.

- Fora! - ela gritou, sentando na cama. A ação fez com que ela se sentisse zozza. Sentiu o coração batendo loucamente, apesar dos remédios que estava tomando.

- Eu devo deixar os papéis na mesa antes de sair? - ele zombou.

- Eu direi a você onde colocá-los. Fora! - ela gritou - Fora!

Copper Coltrain entrou no quarto como um tornado.

- Saia daqui! - ele disse em um tom furioso - Agora.

- Eu estou falando com minha esposa - Rodrigo devolveu.

Coltrain o empurrou do quarto.

- Ela teve um ataque de angina logo depois de chegar. Ela tem a pressão sanguínea extremamente alta, e já teve um ataque do coração antes de vir para Jacobsville! - ele disse friamente - A pressão dela piorou desde que ela perdeu o bebê, há dois dias...

- Bebê? - Rodrigo encostou na parede. Os olhos horrorizados encontraram os de Coltrain sem piscar. Sua pele ficou branca como gelo - Ela estava grávida?

- Sim - Coltrain ironizou - Certamente você sabia...

Rodrigo deslizou contra a parede e fechou os olhos. Glory viera a Houston para dizer algo, e ele não a deixara falar. Ela estava grávida. Viera contar-lhe sobre o neném. Ele havia mandado-a embora, magoado-a. Um ataque do coração. Pressão sanguínea alta. Seria perigoso para ela ter um filho. Ele sabia que ela tinha ataques de fraqueza, mas havia ignorado, prestara mais atenção ao quadril. Ela dissera que não queria filhos. Era mentira. Sua saúde tornava a gravidez um risco, e ele nem mesmo soubera. Deus me perdoe, ele pensou. Bom Deus, me perdoe!

- Eu disse coisas lá dentro - Rodrigo disse sombriamente - Eu fiquei irritado quando ela foi até o meu apartamento em Houston e partiu sem nem ao menos falar comigo. Eu pensei que ela viera pedir dinheiro - ele fechou os olhos - Eu não sabia de nada disso.

- Para um homem casado, você está bem desinformado sobre sua esposa.

- Eu pedi o divórcio - Rodrigo disse em um tom irônico - Meu advogado disse que o xerife se recusara a apresentar os papéis a ela, e me chamou. Eu pensei que ela estivesse com problemas no quadril - o rosto dele endureceu - Eu devia levar um coice pelo que disse a ela.

- Uma desculpa não cairia mal.

Ele encarou o médico.

- Eu não vou perturbá-la mais do que já consegui. Ela ficará bem?

O homem concordou.

- Ela já está sob os cuidados de um especialista.

- Bom. Bom. Se ela precisar de algo...

- Ela tem seguro. Nós cuidaremos dela....

Rodrigo ficou parado. Começou a falar, mas apenas deu de ombros. Estava com vergonha de si mesmo. Glory não fizera nada para que ele a tratasse daquela forma. Fora horrível com ela, e não só hoje. Não entendia a si mesmo. Não entendia nada.

Coltrain afastou-se. Podia entender muito bem as pessoas. Este homem não tinha idéia do que estava acontecendo. Talvez fosse melhor ele não saber, já que estava se divorciando de Glory. Bons ventos o levem, Coltrain pensou. Ela merecia coisa melhor.

O oficial que trouxera Glory, Kilraven, voltava da cantina e viu o marido de Glory parado na frente de sua porta. Uma das enfermeiras o identificara a Coltrain, que sentia ódio do homem pelo que Hayes Carson dissera.

- Ela já passou por muita coisa - ele disse ao homem - Não precisa de mais aborrecimentos.

Rodrigo o encarou friamente.

- Eu não vim aqui para aborrecê-la. Ninguém me disse que ela havia abortado. Eu nem sabia que ela estava grávida.

Os olhos claros do homem se estreitaram.

- Eu ouvi. Pena que você queria viver no passado - a cabeça dele indicou o quarto de Glory - Essa garota tem mais garra e coragem do que qualquer mulher que eu já conheci.

- Sim - Rodrigo respondeu, sentindo-se vazio - Mas ela e eu somos totalmente incompatíveis. Ela ficará melhor sem mim.

Kilraven sorriu friamente.

- São os meus pensamentos também.

Rodrigo não gostava da arrogância naquele sorriso, e teve que reprimir seu primeiro impulso, que era socar o homem. Este não era o lugar. Além disso, estava sentindo-se particularmente culpado. Se não fosse tão cruel com Glory, talvez ela não tivesse perdido seu filho. Seu filho. Ele era responsável pela perda. Certamente podia encontrar um modo mais gentil de afastar Glory de sua vida!

- Eu cuidarei dela - Kilraven disse, quebrando seus pensamentos - O divórcio vai ser bom para ela - os olhos prateados brilharam - Pelo que eu vi, ela nunca fez algo tão ruim na vida para merecer você como marido.

Os olhos de Rodrigo brilharam também.

- Ela não pôde esperar para me substituir, certo? - ele perguntou friamente - Você é perfeito para ela. Ela nunca se encaixaria no meu mundo.

Ele virou-se e foi embora. Kilraven o deixara perigosamente zangado. Glory ainda era sua mulher. Podia ficar com ela; não precisava assinar os papéis do divórcio. Mas a culpa o comia vivo. Seu filho estava morto. Ela nunca o perdoaria pela perda. Ele nunca se perdoaria.

No meio do caminho, quase colidiu com o alto e bonito Jason Pendleton e sua meia-irmã, a pequena loirinha Gracie.

- Rodrigo - Jason disse simpático - Nós ficamos sabendo sobre o negócio com as drogas. Bom trabalho.

Rodrigo não estava prestando atenção. Ainda via o rosto trágico de Glory e se amaldiçoava por sua parte nisso.

- Sim - ele tentou soar interessado - O que vocês dois estão fazendo aqui?

- Visitando um membro da família - Jason disse franzindo a testa - Você está bem?

- Não muito. Eu preciso ir. Foi bom ver vocês.

Eles o observaram afastar-se com curiosidade.

- Ele é um homem estranho - Gracie murmurou.

- Todos os homens são estranhos - Jason disse zombeteiro, e sorriu quando ela corou e riu - Vamos. Vamos ver o que nós podemos fazer pela nossa Glory.

Glory levou algumas semanas fazendo exames, e recuperando-se da perda do filho. Seu chefe era bom com ela, cedendo o tempo que ela precisasse e arrumando alguém para substituí-la quando ela fez a cirurgia de cauterização. No final eles fizeram uma angioplastia para remover a placa que estava bloqueando uma artéria. Depois disso ela trabalhou duro em sua dieta, tomando os remédios regularmente e tentou convencer-se de que ainda podia lidar com seu emprego de alto estresse apesar da pressão sanguínea que respondia melhor aos remédios quando ela estava afastado do trabalho. O doutor a avisou abruptamente que ela tinha um problema congênito no coração que se tornara pior com o passar do tempo. Acrescentou que mesmo com a mudança de seu estilo de vida, poderia morrer se não encontrasse algo menos estressante para fazer. Era a mesma velha conversa, mas ela não ouvia. Não se importava mais. Havia perdido o filho e o marido, e o emprego não era suficiente para mantê-la no mundo. Mas ela o fazia com fervor e dedicação, indo atrás de evidências e testemunhas como um detetive na trilha de um assassino. Advogados de defesa começavam a gemer no momento em que ela entrava na corte. A senhorita Barnes, eles cochichavam, podia derrubar navios de guerra com sua língua.

_

Rodrigo não pediu o divórcio, mas Glory pediu. Ela o acusou de deserção, falta de afeição, e diferenças irreconciliáveis, e mandou seu próprio advogado atrás dele. Ele ofereceu uma quantia de dinheiro, que não era necessária sob as leis do Texas. Glory recusou. Ele assinou os papéis e saiu do país. Ninguém sabia onde ele estava.

Glory se divertia com uma testemunha hostil em um assassinato. O homem mentira sobre tudo, especialmente sobre seu envolvimento no crime.

Você tornou-se evidência de estado para reduzir a sentença, certo Sr. Salinger? - ela ronronou.

- Bem, sim, mas eu fui forçado.

Ela estava vestindo um terno cinza com uma blusa de seda verde da cor de seus olhos, além de sapatos cinza de salto baixo. O longo cabelo loiro havia sido cortado. Ele deslizava ao redor do rosto delicado como pluma. Usava lentes de contato, maquiagem e estava adorável. Sua pele era como pêssego e creme. Sua baixa auto-estima havia sumido nas últimas semanas através da gentil atenção do oficial Kilraven de Jacobsville, que passava os dias na corte assistindo seu trabalho. Ela era uma das poucas pessoas que sabia que ele era meio-irmão do agente do FBI de San Antonio, Jon Blackhawk. Ele estava trabalhando disfarçado em Jacobsville com a ajuda de Cash Grier. Nem mesmo Glory sabia disso. Ele era um homem cheio de segredos. Mas era muito másculo e sabia como seduzir as mulheres. Glory havia evoluído por causa de seu interesse. Desejou conseguir encorajá-lo, mas não sentia nada mais do que amizade.

Ela o procurou no meio do público e sorriu. Ele sorriu de volta.

- Forçado? - ela ecoou a afirmação da testemunha. Aproximou-se dele, com o arquivo nas mãos - Que estranho.

- O quê? - ele perguntou.

- Diz aqui - ela indicou o arquivo - que você marcou uma reunião com o advogado assistente desse caso - que seria eu - ela ronronou novamente - e você jurou que faria tudo por uma sentença reduzida.

Ele franziu a testa.

- Bem, eu posso ter dito isso - ele concordou.

- Você assinou esse depoimento na presença do seu advogado de defesa. É correto, não é, Sr. Bailey? - ela perguntou ao advogado de defesa.

Ele levantou.

- Uh, bem, sim...

- Obrigada, Sr. Bailey - ela disse sorrindo. Virou-se para a testemunha e o sorriso sumiu. Os olhos verdes brilharam enquanto ela caminhava na direção do homem nervoso - Você vai repetir o depoimento para mim, Sr. Salinger - ela disse com frio desdém - Ou eu lhe acusarei de falso testemunho e pedirei ao juiz prisão perpétua. Está claro? - ele hesitou - Eu disse - ela aumentou a voz - Está claro, senhor?

- Sim. Sim! - ele gritou - Eu vi o acusado atirar na vítima - ele gemeu.

- Viu? Ou ajudou, Sr. Salinger? - ela inclinou-se - Não é um fato que você segurou a arma apontada para a vítima enquanto seu amigo e parceiro, o réu, cortava a garganta de orelha a orelha e o assistia sangrar até a morte no chão em frente a você?!

Houve um burburinho no fundo da sala. A mãe da vítima, Glory sabia, e odiava fazer isso tão graficamente, mas era necessário forçar a testemunha a admitir o que sabia.

- Sim! - Salinger explodiu - Sim, sim, eu segurei a arma enquanto o meu parceiro o matava. Eu vi. Mas ele me forçou a ajudá-lo. Ele me forçou!

- Mentiroso! - rugiu o réu.

- Ordem! Ordem na corte! - o juiz ergueu a voz. A testemunha estava tremendo. O advogado de defesa estava trincando os dentes.

- Objeção! - ele pediu - Objeção, vossa Excelência! Indução da vítima!

- Inválido - o juiz disse calmamente.

O juiz de defesa murmurou algo e encarou Glory enquanto sentava em sua mesa.

- O advogado de defesa está objetando a verdade? Nossa, nossa - Glory murmurou.

- Outra palavra, senhorita Barnes, e eu lhe prenderei por desacato - o juiz Lenox chiou.

- Eu sinto muito, você excelência - Glory respondeu docemente. Encarou o advogado de defesa - A acusação terminou.

- Sr. Bailey? - o juiz chamou o advogado de defesa.

O advogado sabia que estava perdido. Fez um gesto fútil.

- A defesa também acabou, vossa excelência - o cliente o encarou enquanto era retirado da corte.

- Nós faremos uma pausa para o almoço e voltamos a 1:00 p.m. Dispensados - o juiz bateu o martelo e levantou.

- Todos em pé!

Todos ficaram em pé.

_

No fundo da sala, Rodrigo Ramirez assistia ao julgamento com um advogado assistente.

- Ela não é excelente? - Cord Maxwell deu um risinho - Um pequeno rojão. Ela é tão boa que os advogados de defesa tremem quando escutam seu nome. Ela ficou afastada por um tempo. Ninguém sabe por que, mas ela voltou e levantou convicções como um campeão faz gols. Existe um boato de que ela irá se tornar advogado distrital em três anos.

- Eu posso ver por que - Rodrigo respondeu. Havia ficado paralisado quando ouvira o juiz chamar a senhorita Barnes. Era o último nome de Glory. Mas aquela mulher elegante e

cheia de classe na mesa de acusação não tinha nenhuma ligação com a mulher patética que trabalhara para ele em Jacobsville. E os cabelos loiros de Glory estavam compridos. Compridos e belos.

Rodrigo tentava não pensar nela, mas não tinha sucesso. Parte dele a amava, apesar de toda sua retórica sobre nunca esquecer Sarina. Sentia falta de Glory, e sofria pela criança. Talvez houvesse acontecido um desastre se eles tivessem permanecido casados, mas ele manteria seus votos, e queria o neném. Era uma vergonha ele não tê-la deixado falar. A culpa o mantinha acordado a noite. Quando fora embora do hospital, embriagara-se lendariamente. Não parara a dor. Nada parara.

- Eles estão em recesso - Maxwell disse a ele - Vamos falar com ela.

Rodrigo o acompanhou até onde o advogado de defesa encarava sua oponente.

- Outro almoço que você paga, Will - ela deu um risinho.

- Eu poderia ganhar os casos se eles te trancassem em um armário por aí!

- Cuidado, Bailey - um homem alto com olhos claros disse ao advogado com um sorriso, parando ao lado de Glory - Se você trancá-la, eu terei que lhe prender.

- Você não tem jurisdição aqui, meu chapa - Bailey deu um risinho - E eu não me aproximarei de Jacobsville enquanto você trabalhar lá. Marquez me falou muito sobre você.

- Mentiras - Kilraven disse suavemente - Eu sou tão doce que as pessoas me pedem para algemá-las quando quebram a lei, apenas para não machucarem meus sentimentos.

- Pode acreditar - Glory riu - Vamos comer algo...

- Senhorita Barnes? - Maxwell chamou.

Ela virou-se, o rosto adiante e encontrou os olhos chocados de Rodrigo.

Capítulo 15

Os olhos de Glory perderam o brilho e ficaram frios. Encarou o ex-marido tão intensamente que o agente do DEA Maxwell teve que pigarrear para atrair sua atenção.

- Maxwell, não é? - ela tentou se recompor - Em que posso ajudá-lo?

- Você está fazendo a acusação de um de nossos casos - ele respondeu - O senhor Ramirez aqui é o nosso oficial federal de detenção. Nós gostaríamos que você depôsse no lugar dele. Ele estará fora do país durante o julgamento, e seu testemunho será crucial em nosso caso.

Glory não queria falar com Rodrigo. Evitou os olhos dele, pensando furiosamente. Ao seu lado, a mão de Kilraven segurou a sua e a apertou firme. Ergueu os olhos e sorriu para ele. Ele quase lia sua mente às vezes.

- O caso? - Rodrigo insistiu. Não gostava de ver o outro homem tocando Glory.

Glory virou-se para ele. O sorriso havia sumido.

- Qual caso é?

- O acusado é um homem chamado Vernon Redding - Maxwell disse. Estava confuso pela situação. Não sabia nada sobre a ligação de Rodrigo com a advogada de acusação.

- O caso Redding - ela pensou por um minuto - Oh, sim, a acusação de tráfico. Reg Barton está cuidando dele - ela disse e pensou, Graças a Deus! - ele está almoçando então provavelmente você possa encontrá-lo na sala anexa agora.

- Ótimo. Nós iremos procurá-lo, então. Obrigada. Prazer em revê-la, senhorita Barnes.

- Sim. Igualmente - ela não olhou para Rodrigo. Sua mão ainda segurava a de Kilraven.

Rodrigo queria dizer mais. Ainda estava se acostumando com a idéia de sua esposa ser essa poderosa e elegante advogada de acusação. Ela havia escondido esse lado de sua vida. Não era comum e não era estúpida. Obviamente tinha um diploma. Tinha cultura e se vestia de uma maneira que deixaria qualquer homem orgulhoso de ser visto com ela. Era muito atraente, com o cabelo preso daquela maneira. Mas ela o odiava e não tinha reservas em expressar isso com os olhos. Sentia a frieza por todo seu corpo.

- Foi bom vê-la novamente - Rodrigo disse baixo.

- Foi? Pena eu não devolver o cumprimento - ela disse bruscamente - Eu esperava não ter que te ver nunca mais enquanto vivesse.

Ele hesitou por um minuto. Então, com um dar de ombros tipicamente latino e um olhar rápido na direção de Kilraven, ele virou-se e seguiu Maxwell.

Glory sentou rapidamente. Seu coração batia loucamente. Lutou para respirar.

- Chame Haynes - ela sussurrou.

Kilraven virou-se e caminhou em direção ao corredor. Mas não precisou ir atrás de Haynes, ela já corria até ele.

- Ela não tomou o remédio hoje de manhã - ela disse ofegante.

- Eu sei.

Eles correram até Glory. Rodrigo havia parado e voltado no minuto em que vira o outro homem correndo até o corredor. Viu quando Haynes pegou duas pílulas de um frasco e colocou na mão de Glory, e Kilraven colocou água de uma garrafa em um copo na mesa de acusação.

Rodrigo franziu a testa. Ela não devia estar fazendo esse trabalho, pensou. Ia matá-la. Piscou ao perceber quão longe caíra em seu desespero de escapar dela. Se tivesse cuidado dela, se tivesse sido gentil com ela, o neném poderia ter sobrevivido e ela não o olharia como se quisesse que ele queimasse em um espeto.

Kilraven ergueu o olhar. Através da sala, os olhos do homem o gelaram. Rodrigo não recuava ante ameaças. Mas essa não era a hora para começar problemas. Glory obviamente já tivera muito para um dia.

Ele voltou para se juntar a Maxwell. Iria ver Glory antes de deixar a cidade. Podia haver uma chance, muito pequena, de se redimir antes de sair do país. Não queria ir embora com ela o odiando.

_

Pretendia ligar para o apartamento dela naquela tarde, mas Jason Pendleton o convidara para uma festa e insistira para que ele fosse. Eles eram conhecidos. Ele estava curioso sobre a insistência do outro homem, mas não se sentia bem recusando o convite. Jason havia ajudado-lhe na operação Fuentes dando a ele o emprego na fazenda. Então colocou seu melhor terno e suas abotoaduras de diamante e dirigiu o Mercedes última geração até a mansão da família.

Estava gloriosamente iluminada, dentro e fora. Havia estacionamento. Deu as chaves ao garoto e passou pela fonte para subir os degraus que chegavam até a porta. Havia um jaguar XKE, verde, estacionado na porta. Lembrou de ter visto aquele carro antes, em seu apartamento há muito tempo. Mas dispensara. Havia dúzias de carros esporte no Texas.

Cumprimentou Jason e Gracie na entrada, e caminhou até o salão de festas. Era uma noite de gala. Ação de Graças estava chegando e a casa estava decorada nas cores do natal. Jason murmurou que Gracie colocaria uma árvore de natal em agosto se conseguisse

encontrar uma; ela gostava muito do feriado. Ele insistira para que ela esperasse para colocar a árvore no dia de Ação de Graças, mas ela decorara o salão com verde, dourado, flores vermelhas e guirlandas mesmo assim.

Jason odiava companhia, mas ele estava trabalhando em uma corporação de softwares para computador e era assim que ele fazia negócios. Ele expandira seu negócio sendo apresentado a celebridades de Hollywood e donos de carros esporte em festas como aquela. Era puro negócio.

Rodrigo aceitou um whiskey e bebeu lentamente enquanto caminhava pelo salão. Ele cumprimentou uma jovem estrela de cinema que fora seu par na estréia do segundo filme dela em Londres. Ela estava com um piloto de corrida essa noite, mas sorriu sedutoramente para Rodrigo. Ela usara todos os truques para levá-lo para a cama, mas naquele tempo ele tinha esperanças de se casar com Sarina. Aquela estrela estava claramente atraída por seu belo par, mas continuava lançando olhares a Rodrigo. Ergueu o copo e fez um brinde, mas afastou-se dela.

Quando virou, ficou cara-a-cara com Kilraven, também vestindo um terno, parecendo perfeitamente em casa com os famosos.

Ele franziu a testa. Havia algo familiar sobre esse homem. Ele não parecia o tipo que trabalhava como patrulheiro para um departamento de polícia. Notou que o homem vestia roupas caras e carregava um copo com o que parecia ser chá gelado.

- Não bebe whiskey? - ele perguntou suspeitando.

- Eu não bebo.

Agora ele lembrava. A aversão do homem pelo álcool era quase uma mania, e dera o que falar. Os olhos escuros se estreitaram.

- Você estava no Peru cinco anos atrás - ele disse com um sorriso brando.

Kilraven arqueou as sobrancelhas.

- Nós?

- Não o DEA - Rodrigo disse suavemente.

Kilraven franziu a testa. Encarou Rodrigo por um longo tempo.

- Laremos. Você estava com Laremos.

Rodrigo concordou.

- Você estava com uma unidade paramilitar.

- Se você espalhar isso - Kilraven disse em um tom baixo - Estará com uma rosa na boca e um punhado de sujeira antes da meia noite.

- Você não se atreveria - Rodrigo grunhiu.

- Por que eu não me atreveria? - veio o sorriso desafiador.

- Porque seu chefe e eu jogamos xadrez toda semana. E eu o deixo ganhar.

Kilraven encarou-o.

- O que você está fazendo aqui? - Rodrigo perguntou - Você conhece os Pendleton?

- Não. Eu conheço a meia-irmã deles.

- Eles devem escondê-la em um armário - Rodrigo murmurou enquanto bebia o whiskey - Eu nunca a vi.

Ela saiu há alguns minutos atrás, para ter certeza de que seu carro ainda estava lá. Eu acho que Gracie o pediu emprestado - ele piscou - Gracie dirige como se estivesse apostando corrida.

Rodrigo piscou.

- De cabeça?

- Exatamente.

Ele franziu a testa.

- Não seria um Jaguar conversível verde, seria?

- De fato é. Verde é minha cor preferida - respondeu a voz fria atrás dele.

Ele virou, e Glory estava parada lá, vestida em um belo vestido preto com alças finas e bordados. Ela parecia cara e deliciosa, com o decote baixo suficiente para mostrar os seios altos e firmes. Ela estava bebendo Brandy. O cabelo loiro deslizava ao redor do rosto, dando-lhe uma aparência de fada.

- Olá Rodrigo - ela disse descuidada - Estranho ver você por aqui.

- Eu ia dizer a mesma coisa. Você nunca me disse que se relacionava com os Pendleton - ele disse friamente.

- Desde quando minha vida particular é problema seu? - ela perguntou com igual frieza.

A atitude dela atíçou seu temperamento.

- Privacidade é como uma religião para você, não é, niña? - ele zombou - Você nem se incomodou em dizer ao seu marido que estava esperando um filho dele!

- Eu estava tentando, quando você começou a listar as qualidades sexuais da sua namorada para mim! - ela disse - Claro, ela está fora do páreo também, não está? Você ainda está correndo atrás da sua ex-parceira! - ela exclamou. Os olhos verdes brilharam de fúria - Lembra de mim? A estúpida assistente de cozinheira comum e aleijada que você teve vergonha de apresentar aos seus colegas?

Havia dito isso. Não podia negar. Mas estava furioso por ela trazer à tona.

- Eu nunca disse isso a você!

- Disse por minhas costas - ela gritou - Não teve a dignidade de dizer na minha cara!

- Afastete-se - ele gritou - Ninguém fala comigo desse jeito, especialmente uma advogada de acusação qualquer! Eu não estou na sua corte!

- Deus te ajude se você estivesse - ela devolveu, os pulsos fechados ao lado do corpo - Eu cortaria você em pedacinhos e jogaria na cara do advogado de defesa!

- Eu adoraria ver você tentar - ele zombou.

Uma multidão havia se aproximado. A festa de gala havia se tornado uma peça de teatro com combatentes atrativos. Até a estrela de filme ouvia atentamente. Provavelmente, Glory pensou maldosa, para conseguir pontos para seu próximo filme, aprendendo interpretação com um mestre.

- Por que você não volta para Houston? - ela rugiu - Eu tenho certeza de que Conchita não pode esperar para fazer outra paella a você.

- Pelo menos ela não tem a língua de uma cobra e o comportamento de um ex-assassino!

- Belo papo para um atirador!

- Eu trabalho para o governo - ele começou.

- Como o quê? Um assassino?

- Dama e cavalheiro - Kilraven murmurou, entrando no meio dos dois - E eu uso os termos precariamente. Se vocês não cessarem e desistirem, um dos dois sairá algemado.

- Oh, cale a boca! - os dois gritaram juntos.

Kilraven os encarou.

Os dois se moveram ao redor dele e continuaram.

- Você mentiu desde o primeiro minuto em que passou pela minha porta - Rodrigo gritou.

- Foi tão fácil - ela chiou - Você acreditou em tudo o que eu disse!

- Eu senti muito por você!

O rosto dela flamejou.

- Sim, você sentiu pena, não foi? Pobre, aleijada Glory que... que não conseguia... que... - ela parou. O rosto soltando fogo. Estava corada como uma corredora. Cambaleou.

- Oh Deus! - Rodrigo sussurrou. Aproximou-se, segurando-a nos braços enquanto ela caía - Arrume um médico! - ele gritou, e sua expressão passou de raiva a terror em um espaço de segundos.

- Trague-a aqui - Grace disse urgentemente, indicando o caminho. Ela podia ser frívola, mas ninguém era mais rápido em uma emergência - Eu buscarei o remédio. Ela sempre se esquece de tomá-lo. Ela ficará bem - ela confortou Rodrigo, que segurava Glory como se estivesse com medo dela morrer em seus braços - Ela tem esses ataques de angina, mas eles não fazem dano. O especialista do coração disse. Eles retiraram a obstrução com um balão de angioplastia e ela está tomando anticoagulantes. Fique com ela.

Gracie saiu correndo da sala e falou com a multidão parada do lado de fora da porta.

- Ela ficará bem. Por favor, deixem-a conosco. Nós cuidaremos dela - ela também falava com Kilraven, que aceitou sair da sala. A porta se fechou.

Rodrigo deitou Glory no sofá, colocando os pés dela sobre uma almofada. Sentou ao lado dela, sentindo-se inútil e odiando a si mesmo por causar essa discussão. Não havia feito nada além de machucá-la. Ela era frágil, gentil e tinha um coração grande. Ela o amava, e ele fora cruel com ela. Se ela morresse, ele ficaria sozinho para sempre. Nem Sarina e Bernadette seriam capazes de fazê-lo superar a perda de Glory.

Lágrimas escorreram pelas bochechas dela. Elas eram silenciosas. Copiosas. Ele secou-as com um lenço branco e sentiu a culpa como um manto ao seu redor.

Ela abriu os olhos e o encarou com raiva.

Ele apoiou o dedo indicador gentilmente sobre os lábios dela.

- Nós já falamos muito - ele disse ternamente - Eu sinto muito. Sinto muito por tudo. Especialmente pelo nosso neném - ele trincou os dentes enquanto falava. Sua mandíbula estava rígida - Eu não tinha direito de lhe incomodar com isso.

- Eles acham... que pode ser o anticoagulante - ela trincou os dentes - Eu tinha que tomá-las. Eu já tive um ataque do coração. Eles tinham medo - lágrimas escorriam pelas bochechas dela - Eu queria meu bebê - ela fungou.

- Amada - ele sussurrou, e inclinou-se para beijar as lágrimas suavemente - Amada, perdoe-me - ele disse debilmente - Eu o queria também. Meu pobre neném - a boca dele moveu-se ternamente pelos olhos molhados, pelo nariz, e pela boca suave e doce. Beijou-a com forçada leveza, gemendo ao recordar Glory em seus braços, em sua cama, o amando - Me perdoe - ele gemeu.

Ela perdoaria. Seus braços já estavam tocando levemente o pescoço dele, mas a porta se abriu e Gracie entrou como um tornado, com Jason em seu encalço. Rodrigo ficou em pé, tentando se recompor.

- Aqui - Gracie disse, entregando o remédio e um copo de água a Glory.

Glory engoliu o remédio e tomou a água.

- Desculpe - ela sussurrou - Eu tive um dia ruim na corte. Bailey e eu ficamos cara a cara por três horas antes do recesso para almoçar. Eu esqueci de tomar os remédios pela manhã - ela fez uma careta - E esqueci de tomar a noite, também.

- Descuidada - Jason chiou, mas gentil. Ele gostava muito dela.

- Muito descuidada - Glory murmurou - Sinto muito por envergonhá-lo.

- Nada me envergonha - Jason respondeu.

- Certamente não uma doença que você não pode evitar - Gracie disse, inclinando-se para beijar Glory - Fique deitada por alguns minutos. Nós divertiremos os convidados. Eu contarei piadas e Jason pode fazer uma rotina.

- Nos seus sonhos - Jason murmurou friamente.

Gracie fez uma careta para ele. Em seguida encarou Rodrigo.

- Deixe ele ficar - Glory disse inesperadamente - Nós temos que conversar.

Os dois ocupantes do cômodo trocaram olhares preocupados. Rodrigo aproximou-se.

- Eu não vou zangá-la mais - ele disse em um tom baixo - Eu sairei do país amanhã. Não voltarei por um longo tempo.

- Tudo bem - Jason disse, entendendo a expressão triste de Glory - Se você precisar de nós e só chamar.

- Chamarei. Pode deixar - disse incluindo Gracie.

Os Pendleton saíram, fechando a porta atrás deles.

Rodrigo ficou parado ao lado de Glory, quieto e cheio de arrependimentos.

- Nós não sabíamos nada sobre o outro - ele disse - Nós mentimos e fingimos. Ninguém pode construir um relacionamento baseado nisso.

- Eu sei - Glory respondeu pesadamente - Eu não podia dizer nada. Eu não conhecia você. Eu tinha medo no começo por você estar envolvido no tráfico de drogas, e depois porque Marquez e Cash e não me diziam o que estava acontecendo, eu achei que você fosse o assassino que Fuentes havia mandado atrás de mim.

Ele ficou surpreso pela suspeita.

- Você achou que eu poderia te matar?

Ela sorriu de modo irônico.

- Eu acusei um adolescente há dois meses por espancar a avó até a morte. Ele estava drogado e não sabia o que estava fazendo. Ele cumprirá quinze anos. Ele nem se lembra de ter feito isso. Eu tenho uma opinião baixa da humanidade. Eu adquiri através do meu emprego.

Ele sentou ao lado dela e inclinou-se.

- Eu trabalhei como mercenário durante muitos anos - ele disse - Também vi coisas horríveis.

- Você não é o que parece - ela respondeu, procurando os olhos escuros - Eu soube sobre a sua irmã. Eu sinto muito. Os seus pais ainda estão vivos?

Ele balançou a cabeça.

- Meu pai velejava. Ele se perdeu em uma tempestade. Minha mãe sucumbiu até morrer seis meses depois. Ficamos só nós dois, eu e minha irmã, e uma herança comparada a produção nacional de um país do terceiro mundo. Eu não tenho que trabalhar, você pode ver - ele disse cinicamente - Eu podia velejar ou esquiar em Aspen. Eu não gosto desse estilo de vida, então eu evito. Eu passei muito tempo da minha vida do lado seguro de uma pistola automática. Eu nunca quis uma vida calma.

- Sim, você quis - ela respondeu - Você quis com Sarina.

Ele franziu a testa.

- Sim. Eu quis com Sarina. Mas não era assim com ela. Ela não me amava.

- Algum dia você encontrará alguém - ela respondeu em um tom neutro - Alguém que pode ter uma vida excitante, e sair em aventuras com você.

Ele não entendia o que ela estava dizendo.

Ela riu.

- Eu sei o que é amar o trabalho - ela mentiu, porque a aceitação dele sobre a afirmação lhe dava o anel da verdade. O que ele faria com uma mulher em seu estado? - Minha vida gira em torno da minha carreira. É tudo que eu quero - ela não o olhou. Foi uma pena.

Ele ficou em pé e afastou-se. Parou na ponta do sofá.

- Você ficará bem? - ele perguntou.

- Sim. É só a excitação - ela disse. O remédio estava fazendo efeito. Sentia-se muito melhor. Sentou no sofá - Eles desobstruíram as artérias. Eu estou muito bem. Bem, eu terei que tomar remédios sempre, e algumas vezes eu manco quando meu quadril dói muito. Mas, para uma aleijada, eu me saio muito bem.

Ele virou. A expressão contraída.

- Você não é aleijada - ele disse.

Ela apenas riu.

- Claro.

- Glory - ele começou lentamente.

- Kilraven deve estar me esperando - ela disse enquanto ficava em pé - Ele cuida bem de mim. Ele não se importa com os meus... defeitos.

- Bom Deus, não fale assim! Eu não quis dizer isso, Glory - falou desesperado para corrigir o mal entendido - Eu não falei a sério.

Ela o encarou com a mesma expressão que usava na corte, a mesma que os advogados de defesa temiam tanto.

- Você não precisa ficar martelando sobre o passado, Rodrigo. Eu estou perfeitamente feliz com a vida que tenho agora. Eu tenho certeza de que você está igualmente feliz com a sua. Conchita é muito bonita - ela acrescentou, tentando soar como se não ligasse - Eu acredito que ela seja louca por você.

Ela estava fechando as portas para ele. Ficara cara-a-cara com seu medo real, que era perder o coração novamente e sofrer a mesma agonia que sofrera quando Sarina decidira voltar para Colby Lane. Não achava que Glory podia viver com ele, como ele era, ou lidar com seu estilo de vida. Agora ele sabia que ela podia, e estava certo de que eles tinham um futuro juntos. Mas ela não tentaria de novo. Machucara-a muito. Ela decidira que ele queria uma mulher jovem, forte e saudável e ela estava fora do páreo. Não arriscaria o coração novamente depois que ele o rejeitara.

- Eu estraguei tudo, não foi? - ele perguntou baixo. Procurou os olhos dela, que eram radiantes apenas para ele, os olhos que o amaram, os braços que o agarraram na escuridão. Tivera tudo isso, e jogara fora.

- Não seja melodramático - ela chiou, mas não o encarou - Você sabe que é feliz sem laços. Viva sua vida, Rodrigo. Eu espero que você seja feliz.

- E você? - ele perguntou amargamente - Você será feliz?

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Eu já sou. Kilraven me satisfaz de todas as maneiras - ela acrescentou sugestivamente.

Ele comprimiu os lábios sensuais.

- Maldita seja você! - ele disse com violência mal contida - E maldito seja Kilraven! Ele virou-se e saiu da sala como um tornado, deixando uma Glory chocada e abalada atrás de si. Quando ela deixou o estúdio, ele já havia ido embora. Suas palavras finais havia sido cheias de fúria. Não podia imaginar por que.

Antes que ele pudesse sair, ainda sofrendo pela expulsão da vida de Glory, Jason Pendleton parou na sua frente. Não estava sorrindo.

- Venha até aqui um minuto - ele disse, indicando a sala de estar, temporariamente vazia.

- Eu estou com pressa...

- Eu não vou demorar.

Rodrigo se recompôs com visível esforço e seguiu o homem até a sala.

Jason fechou a porta. Nunca parecera tão ameaçador.

- O que você sabe sobre Glory?

- Aparentemente nada - Rodrigo respondeu.

- Talvez seja hora de você ouvir alguns fatos - o homem disse bruscamente - Sente-se.

Quando Jason acabou de contar os ossos quebrados do passado de Glory com ele, Rodrigo estava pálido e o coração doía como não doera desde a morte da irmã. Sabia sobre o quadril de Glory, nada mais. Considerando a infância dela, era incrível ela ter correspondido o ardor dele na cama. Era uma prova, se ele ainda precisasse, de que ela o amara.

Ele abaixou-se, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos segurando a cabeça.

- Ela nunca me disse nada.

- Ela é muito orgulhosa - Jason respondeu - Nós fazemos tudo que podemos por ela. Eu não queria que ela fosse para Jacobsville, mas o D.A. me convenceu de que se ela ficasse aqui, acabaria morta. Eu não entendo porque você não a deixou fazer o seu trabalho sozinha. Eu nunca pensei em você como uma pessoa cruel.

- Eu nunca pensei que fosse desse jeito - ele ergueu a cabeça - Eu a queria. Ela tinha uma paixão que eu nunca encontrara em outra mulher, a não ser em minha parceira, Sarina. Ela se tornou uma obsessão.

A expressão de Jason não denunciava nada.

- A criança que ela perdeu era sua, não era?

Ele concordou.

- Eu não sabia nada sobre a criança até que eu tentei apresentar os papéis do divórcio à ela.

- Sim. O casamento - ele balançou a cabeça - Isso veio como um choque.

- Para mim, também. Eu só percebi o que havia perdido quando o divórcio já estava acabado - ele estremeceu - Você e Gracie foram visitar Glory no hospital, não foram? Eu nunca havia visto a meia-irmã misteriosa de vocês. Eu nunca conectei nenhum de vocês com Glory.

- Levou muito tempo para nós a convenceremos de dizer a verdade. Nós a amamos muito. Nenhuma criança devia passar pelo que ela passou.

- E os garotos que a agrediram? - Rodrigo perguntou furioso.

Jason torceu os lábios.

- Alguém os denunciou quando eles participaram de um tráfico de drogas. Eu não posso imaginar quem. Havia fitas e fotos, também. Eles pegaram quinze anos cada um.

- Não é o suficiente, mas já é um começo - Rodrigo murmurou.

- Isso não é tudo. Alguém também mencionou ao juiz que eles havia abusado de uma criança em um orfanato. A última coisa que eu soube, foi que eles estavam em selas separadas para a própria proteção.

- Meu coração está partido - Rodrigo disse, mas sorria debochadamente.

- Qual é o velho ditado, que o moinho de Deus trabalha lentamente, mas implacavelmente? Justiça tarda, mas não falha.

Os olhos de Rodrigo estavam entristecidos.

- Eu já tive a minha. Eu vou passar o resto da minha vida definhando pelo que joguei fora. Glory nunca vai me perdoar. Eu nem posso culpá-la.

Os olhos de Jason se estreitaram.

- Você está apaixonado por ela.

O rosto de Rodrigo ficou sombrio. Ele ficou em pé.

- Eu sairei do país amanhã, para encontrar meu primo na fronteira. Ele me ligou e disse que uma operação estava sendo realizada entre antigos agentes federais e membros da gangue de El Salvador. Eles nos ajudaram com Walt Monroe, um dos nossos agentes do DEA que se disfarçou, para que ninguém o matasse - os olhos dele brilharam - Nós gostamos muito deles.

Jason franziu a testa.

- O seu primo sempre te liga para falar de operações com drogas?

Rodrigo deu de ombros.

- Não ligou antes, mas esse é um caso especial. Eu pedi que ele mantivesse os olhos abertos quando eu ouvi alguns membros da gangue que nós estamos investigando dizerem que estariam na compra.

- Um dos meus vice-presidentes foi esfaqueado quando foi até a fronteira para falar com alguns homens de negócios sobre investimentos no óleo. O governo não faz negócios com sequestradores, mas nós fazemos. Ele aposentou-se com uma bela quantia, mas ele nunca mais vai ficar igual - ele acrescentou obscuramente - Eles estão ajudando a financiar as operações. Você seria um alvo perfeito, especialmente se eles soubessem que você foi instrumental na última apreensão de cocaína.

Rodrigo afastou a preocupação.

- Eu trabalho nisso há um longo tempo. Sei cuidar de mim.

- Nosso refém disse que eles têm um informante no escritório do DEA.

- Eles tinham, um cara chamado Kennedy, mas ele está na prisão.

- Não o Kennedy - veio a resposta tensa - Alguém mais. Uma grande quantidade de dinheiro está envolvida. Eles estão comprando informações. Não conte seus planos a ninguém na organização.

Rodrigo franziu a testa.

- Essas notícias são perturbadoras. Eu vou checá-las - ele disse depois de um minuto. Então deu um risinho - Se eles me esfaquearem, Cobb vai oferecer congratulações. Ele estava furioso por eu estar disfarçado em uma das operações dele e ele não sabia de nada. Eu destruí o escritório dele quando a minha irmã foi assassinada. Nós somos cautelosos com o outro.

- Glory contou sobre alguns dos seus trabalhos - Jason respondeu - Ela só falava de você quando voltou de Jacobsville.

Aquilo só tornou a dor pior. Ele fez uma careta.

- Quando ela melhorar, diga que eu sinto muito por esse ataque - os olhos escuros brilharam - Ela parece estar muito próxima de Kilraven ultimamente. Eu não gosto disso.

Jason começou a ver a luz.

- Ela gosta dele - ele disse ao outro homem - Apenas gosta.

Havia muito significado naquelas palavras. Rodrigo sentiu-se um pouco melhor.

- Quando eu voltar irei ao ataque - ele disse - Rosas, chocolates, serenatas, todo o trabalho. No momento em que ela sair da corte, se for necessário.

Jason sorriu.

- Eu posso contar a ela?

- Melhor não. O elemento surpresa pode funcionar melhor - Rodrigo sorriu, e apertou a mão do outro homem - Obrigado. Por tudo.

- Você não devia ter assinado os papéis do divórcio.

- Você é quem está dizendo - Rodrigo suspirou.

_

Glory voltou a sua rotina normal, forçando-se a tomar os remédios regularmente e recomeçando a apreciar a vida, mesmo que ela tivesse menos sabor após o afastamento de Rodrigo. Quando ela fechava os olhos a noite, ainda sentia os beijos dele secando suas lágrimas, ouvia ele sussurrando "amada" em espanhol em seu ouvido. O único conforto que ela tinha era a fúria que ele sentia por Kilraven. Se aquilo não era ciúmes, ela era um porco-espinho.

Ela sabia que ele estava viajando. Não sabia aonde, ou por que. Esperava que ele não estivesse arriscando a vida em outra operação. Imaginou onde ele estava. Descobriu inesperadamente, uma semana depois, pouco tempo depois do dia de Ação de Graças.

Marquez veio ao seu escritório para contar pessoalmente. Estava solene e desconfortável, e hesitava.

- Bem? - ela perguntou curiosa.

- É sobre Ramirez.

O coração dela saltou, mas se forçou a ficar calma.

- Ele vai se casar com a mulher que cozinha paella para ele? - ela perguntou, encarando-o.

- Não. Ele foi seqüestrado - ele disse curto - Ele foi até o México seguindo as pistas de um informante, e foi preso pelo irmão de Fuentes.

- Como refém - ela disse lentamente.

- Apenas parcialmente! - ele disse lentamente - Mas também por vingança. Glory! Marquez a sentou em uma cadeira antes que ela desmaiasse.

- Eu não deveria ter dito dessa forma. Eu sinto muito - ele disse - O que eu posso fazer por você?

- Me arrume algo frio e forte da máquina do corredor - ela disse débil - Mas não cafeína.

- Certo. Volto em um segundo.

Ela sentiu-se mal. Rodrigo havia sido seqüestrado. Sua vida estava acabada. Eles podiam pedir resgate, mas ela tinha certeza de que eles o matariam. Era sua culpa. Se tivesse pedido para ele ficar, talvez ele aceitasse. Ela havia se envolvido em orgulho e indignação e o expulsara pela porta. Ele morreria de uma forma horrível. Nunca mais o veria. Ela era seu assassino!

- Não! Não, ela não ficaria sentada lá chorando e desistindo sem lutar. Sentou-se reta. Limpou as lágrimas. Não era hora para histerismo e auto-condenação. Isso não ajudaria. Rodrigo estava com problemas e ela tinha que salvá-lo. O governo não negociaria, já sabia. A própria agência dele não seria capaz de fazer algo. Se ele fosse resgatado, seria pelo trabalho dela. Não deixaria que ele morresse. Esses assassinos não matariam Rodrigo.

Ela pegou o telefone e discou o número de seu meio-irmão.

- Jason, Rodrigo foi seqüestrado. Eu sei quem devo mandar atrás dele. Preciso de dinheiro. Eles não trabalham de graça.

- Você pode pegar um cheque em branco - Jason disse - E tudo que você precisar.

- Obrigada.

- Ele é família, também - veio a resposta enigmática.

Ela desligou e encarou Marquez, que acabara de voltar com uma lata de refrigerante. Ele entregou a ele e ela bebeu antes de falar.

- Eu preciso que você vá até Jacobsville comigo. Eu vou contratar alguns homens para trazer o meu ex-marido de volta.

Ele arqueou as sobrancelhas.

- Alguma razão especial para isso?

- Sim - ela levantou e pegou a bolsa e o casaco da mesa - Nós dizemos adeus no meio de uma briga que não foi terminada. Ele não vai vencer por desistência.

Ela caminhou até a porta, deixando um divertido Marquez atrás de si.

Capítulo 16

Glory ficou fascinada pela concordância imediata que recebeu de Cy Parks, Eb Scott, e vários colegas quando ela falou sobre resgatar Rodrigo.

- Ele estava com nós na África - Cy disse simplesmente.

- E também no Leste com Dutch, Archer e Laremos para proteger um amigo nosso que lidera um dos reinos próximos ao Golfo Pérsico.

- Colby Lane iria sem pensar - Cy acrescentou - Rodrigo salvou sua vida.

- Não com a esposa grávida - Eb murmurou com um sorriso - Ele é muito protetor em relação a ela.

- Nós já temos pessoas suficientes para realizar o trabalho - Cy disse - Incluindo um agente federal competente.

- Quem? - Glory perguntou.

- Desculpe, isso é sigilo - Eb disse - Apenas aceite minha palavra de que ele é uma pessoa que os seqüestradores não gostam de ver.

Cy sorriu para Glory.

- Nós o traremos de volta - ele afirmou.

- Eu quero ir com vocês - ela protestou.

Ele balançou a cabeça.

- Essa é uma operação para pessoas treinadas. Você quer Rodrigo vivo. Se você for junto, e nós tivermos que cuidar de você, a distração pode custar a vida dele.

Ela suspirou.

- Ok. Eu não vou interferir - os olhos verdes estavam tristes - Nós dizemos adeus antes dele partir, e não foi muito feliz. Só para lembrar, meio meio-irmão contatou vocês e pediu que fossem atrás de Rodrigo. É bom que ele nunca saiba que eu estive envolvida.

Cy franziu a testa.

- Vocês estavam casados.

Os olhos dela desviaram-se.

- Foi um impulso do qual ele se arrependeu - o tom dela tornou-se frio - Ele precisa de uma mulher que possa dividir a vida com ele, não uma que o segure e o torne mais amargo do

que já é. Ele tem alguém em Houston, de qualquer modo. Ela é jovem, e muito bonita. Eu nunca estive no páreo.

Cy a olhou como se quisesse argumentar, mas não tinha direito.

- É sua escolha.

- Jason disse para vocês ligarem para ele - ela acrescentou - Ele arrumará os equipamentos que vocês precisarem - ela hesitou - Você não vai? - preocupou-se - Você tem um filho novo...

Ele sorriu.

- Eu não sairia vivo de casa - ele concordou - Não, esse trabalho é para homens mais jovens. Ele - indicou Eb Scott - tem um time completo de cabeças jovens no treinamento antiterrorista que vivem para a adrenalina. Nosso esquadrão vai escolher um time para salvar Rodrigo.

- Eles terão que cruzar a fronteira do México - ela disse preocupada.

- Pare de falar como advogada - Eb disse divertido - Como já sabe, Rodrigo está relacionado com pessoas importantes no governo mexicano. Eu tenho certeza de que posso conseguir permissão para entrar lá, e eles oferecerão ajuda na forma de unidade militar. O irmão de Fuentes arrumou mais problemas do que pode imaginar.

- Diga a eles para esganarem ele por mim, certo? - ela acrescentou - Eu já agüentei muitos Fuentes na minha vida.

- Cumprirei seus desejos - ele prometeu.

Ela parou na porta, sua aparência completamente vulnerável.

- Alguém irá me informar... sobre o que está acontecendo?

- Sim - Cy respondeu.

Ela concordou.

- Obrigada - disse roucamente.

Cy sorriu gentilmente.

- Não há de que.

_

Era puro inferno, ter que trabalhar sem saber nada sobre o que estava acontecendo no México. Ela conhecia a reputação de Cy, e a de Eb. Suspeitava que Marquez sabia mais sobre a operação do que deixava escapar. Não conseguia convencê-lo a falar. Tentara ligar para Kilraven e pedir que ele conseguisse informações com Eb, mas seu celular estava desligado e quando ela ligara em sua casa, ele não estava lá, também. Era frustrante, para não dizer mais.

Ainda podia ouvir a voz furiosa de Rodrigo, amaldiçoando contra ela e Kilraven. Não entendia por que. Pensara de primeiro que ele estava com ciúmes, mas já imaginava outra coisa. Ele deixara óbvio que não a queria. A chamara de aleijada no dia em que conversara com Sarina, e ela ouvira. Dissera que estava com vergonha de mostrá-la a seus colegas. As palavras tinham muito poder, pensou triste. Elas feriam a alma. Ele negara depois que não queria dizer aquilo, mas somente depois que soubera sobre a perda do neném. Provavelmente ele mudara seu comportamento por culpa. Ou pena. Ele disse que isso não substituía o amor, e estava certo. Não queria que ele fingisse a afeição que não sentia. Era melhor ele nunca saber sobre sua participação no resgate, se os homens de Eb conseguissem salvá-lo a tempo. Considerando que o irmão de Fuentes o culpava pela morte do traficante, era uma possibilidade real Rodrigo ser morto bem antes de eles fazerem negociações.

Mas se eles fizessem exigências, ela considerou, a quem eles pediriam? A pergunta era tão flagrante que ela se espantara por nunca ter pensado nisso. Ligou para Alexander Cobb no escritório do DEA de Houston e perguntou se ele recebera um pedido de resgate por Rodrigo.

- Sim - ele disse abismado - Como você soube?

- Não posso dizer - ela respondeu.

- Nós não pagaremos, você sabe - ele acrescentou desculpando-se - Não é política nossa aceitar as condições dele, por qualquer razão. Esses criminosos seqüestraram pelo menos dois agentes federais nos últimos meses. Eles mataram um e mandaram o outro de volta em condições macabras.

- Agentes federais? - ela perguntou agastada.

- Eles têm um número de policiais aposentados e líderes paramilitares em seu rank - Cobb respondeu - incluindo um chamado Zetas que estavam no exército antes de trocar de lado. Eles têm informantes em todas as agências que lidam com o tráfico de drogas. Eles tentam suborno primeiro, e se não funcionar, eles matam. Três jornalistas morreram enquanto investigavam o tráfico e os traficantes. Um de nossos informantes foi encontrado no meio de uma estrada, morto, com um recado dizendo que informantes infiltrados receberiam o mesmo tratamento. Você não imagina como nós adoraríamos por as mãos nesses caras - ele acrescentou.

- Sim, eu imagino - ela respondeu - Realmente.

- Eu suponho que sim, já que você faz acusações em casos de tráfico.

- Sobre Rodrigo...

- Eu sinto muito - ele interrompeu. Então suspirou - Se houvesse algo que eu pudesse fazer, acredite, eu faria. Mas a agência de polícia me tem de mãos atadas.

Ela sentiu-se tola. Regras eram regras.

- Tudo bem. Obrigada de qualquer modo.

Houve uma pausa.

- O informante que eles mataram era o primo de Rodrigo - ele informou.

Ela sentiu o frio subindo por sua espinha. O homem havia ajudado Rodrigo a derrubar dois ou três traficantes. Se eles sabiam que ele era um informante, ele provavelmente dissera a eles, sobre tortura, como encontrar Rodrigo. Mas isso também significava que ele não teria nenhuma ajuda, e isso diminuía suas chances de sobrevivência.

- Isso só piora e piora - ela pensou alto.

- Nada dá certo em alguns dias - ele murmurou - Se servir de algo, nós temos pessoas negociando fora da agência. O irmão de Fuentes tem outro irmão sob custódia no México. Existe uma possibilidade de ele trocar Rodrigo pela liberdade do irmão.

- Uma débil esperança começou a crescer dentro dela.

- Pelo menos há esperança.

- Muito pouca. Mas não desista dele - ele acrescentou, e havia um sorriso no tom dele - Muitas pessoas subestimaram Rodrigo.

- Eu ouvi falar sobre as operações dele - ela disse.

- O topo do iceberg - ele respondeu - Ele é o mestre das lendas. Não existe homem mais perigoso a serviço do governo. Ele já voltou de situações perigosas uma dúzia de vezes. Não desista dele.

- Não irei - ela prometeu - Nunca. Obrigada.

- O prazer é meu.

Toda vez que o telefone tocava, ela pulava, sempre esperando por notícias de Rodrigo. Não conseguia se concentrar no trabalho. Apenas queria saber que ele estava vivo, em algum lugar do mundo. Ela poderia seguir com sua vida então. Já perdera as esperanças de dividi-la com um homem.

Então, poucos dias depois do começo do suplício, o telefone tocou e era Cy Parks.

- Ele está vivo? - Foi tudo que ela conseguiu dizer.

- Sim. Eles fizeram uma armadilha para ele - o irmão de Fuentes.

Ela podia dizer que era um passo em falso, que dobrava o poder de sobrevivência dos traficantes, mas não tinha coragem.

- Então ele está bem? - ela persistiu.

- Apenas alguns arranhões para mostrar o episódio - Cy respondeu - E ele está louco com todo mundo por deixarem um dos irmãos Fuentes saírem da prisão. Ele disse isso a todos nós, e também a todos os membros do governo mexicano que conseguiu encontrar. Tudo isso, e em cinco linguagens também - Cy deu um risinho - Aquele homem tem um vocabulário maravilhoso quando perde a paciência.

- Ele já voltou a Houston?

- Sim - ele disse - Colby e Sarina Lane e a filha dela já o pegaram no aeroporto. Para crédito dele, ele só amaldiçoou em dinamarquês na frente da menina.

Ela teve que reprimir uma risada. Era a cara dele.

- Obrigada, Cy - ela disse baixo - E agradeça aos homens que foram também. Eu sei o que eles arriscaram. Foi grandioso da parte deles.

- Eu direi a eles.

- Você não disse a ele...?

- Sobre a sua parte no resgate? Não. Eu acho que foi um erro, mas é a sua vida.

- Eu lhe devo uma - ela disse.

- Nós também gostamos dele, Glory - ele disse - Cuide-se.

- Você também.

Ela sentou no sofá e observou a parede enquanto lágrimas de felicidade escorriam silenciosamente pelas suas bochechas. Ele estava bem, não morrera. Eles não o cortaram e jogaram em uma estrada em algum lugar do México. Estava tão agradecida que não conseguia nem elaborar uma prece de agradecimento. Era tarde e ela estava esgotada pela combinação tentativa de assassinato e angústia mental dos últimos dias. Colocou uma camiseta velha, calça de malha e foi para a cama.

A campainha tocou. Ela acreditou estar sonhando. Olhou para o relógio, cega sem as lentes de contato, e viu números embaralhados. Era três da manhã. Ninguém tocaria a campainha de seu apartamento àquela hora. Puxou o travesseiro sobre a cabeça e voltou a dormir.

Sentiu algo tocando seu cabelo. Era mais do que um toque. Era uma carícia. Estava sonhando. Sorriu. Sentiu o cheiro de colônia e sabão. Rodrigo era requintado. Ele estava vivo. Engraçado, lembrar-se dessas coisas sobre ele tão vividamente que ele parecia estar no quarto com ela. Murmurou aquilo alto.

Um risinho profundo soou próximo.

Ela rolou na cama, encostando-se a algo que parecia um braço forte. Era quente e coberto por poucos pêlos.

- Bela adormecida.

Ela despertou. Aquilo não soava como uma voz em um sonho. Rolou até ficar de costas e abriu os olhos. Estava um pouco embaralhado, e ela não conseguia ver os detalhes. Mas era Rodrigo, sentado na beira de sua cama. Ele vestia um terno.

- Como...? - ela exclamou.

- Como eu entrei? - ele murmurou - Você esqueceu o que eu fazia para viver. Sobraram algumas lições.

O abajur ao lado da cama estava aceso. Ele parecia cansado, mas as linhas duras de seu rosto estavam suavizadas. Havia alguns arranhões em sua mandíbula e um corte ou dois. Mas ele estava belo e sensual como nunca. Adorava olhar para ele.

- Eu imaginei você em uma camisola, como a que você estava usando na fazenda, na noite em que eu fui até você - ele murmurou roucamente.

O coração dela saltou.

- Eu raramente uso coisas bonitas - ela disse.

- Você usa na corte - ele disse - Você é a mulher mais elegante que eu já vi.

Os olhos dela ficaram tristes.

- Alguém contou.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Contou o quê?

- Que eu mandei os homens de Eb Scott atrás de você.

Os olhos dele ficaram radiantes.

- Mesmo? Apesar de tudo que eu lhe disse na festa de Jason?

- Merda - ela murmurou. Acabara de se entregar - Bem, se você não sabia disso, por que veio até aqui? - ela exigiu.

- Você não devia ter chorado no ombro de Kilraven depois da festa - ele disse em um tom divertido - Ele não consegue guardar segredo.

Ela sentiu-se traída por seu melhor amigo.

- Eu pensei que ele odiasse você.

Ele deu de ombros.

- Provavelmente sim, a seu modo, mas eu não podia devolver o cumprimento depois que ele derrubou três dos melhores homens de Fuentes e os mandou diretamente ao inferno por uma pistola automática.

Ela sentou, afastando o cabelo emaranhado. Observou os olhos escuros.

- Kilraven foi lhe resgatar? - ela exclamou.

- Você não pode dizer a ninguém - ele respondeu - Mas ele trabalha para o governo também. Ele é muito útil em situações com reféns. Ele trabalhava com Garon Grier no time de resgate de reféns do FBI.

- Então é por isso que eu não consegui entrar em contato com ele.

Ele concordou.

- Ele gosta de você - ele respondeu. Os olhos escuros brilharam - Claro, eu fiquei muito grato pela ajuda. Mas eu também disse que se ele lhe tocasse novamente, acabaria com ele.

Ela estava confusa. Não sabia como responder.

- Escute - ela disse gentilmente - Você tem um físico perfeito, é inteligente e rico. Você consegue correr atrás de homens dez anos mais novos que você. Eu... - ela respirou fundo - Eu nunca serei capaz de fazer coisas perigosas. Minha saúde é ruim. Eu não encontrarei uma cura milagrosa. As chances de não conseguir carregar um filho são muito grandes - os olhos dela encontraram os dele - Seria melhor se você voltasse para Houston e casasse com Conchita, ou alguém como ela - alguém jovem, forte e saudável.

Ele a olhava como se as palavras fossem pedras, e cada uma atingisse um lugar marcado.

- Eu nunca serei capaz de lhe convencer de que não quis dizer aquelas coisas que você me ouviu dizendo a Sarina, certo? - ele perguntou baixo - Eu fiquei sozinho por muito tempo. Fiz trabalhos perigosos, e apreciei os riscos. Pretendia ficar longe de relacionamentos profundos. Sim, eu quis Sarina e Bernadette, mas aquilo não era real. Eu tive que me recuperar da dor de perdê-la. E então eu encarei a dor de perder você, de ser rejeitado uma segunda vez. Eu fugi, não apenas figuradamente, mas também por negar tudo que eu sentia por você - ele riu friamente - Você nunca irá saber como eu me senti quando Coltrain disse que você tinha perdido o neném. Eu humilhei você, expulsei você da minha vida, te ataquei quando você veio a Houston me ver. A culpa era terrível. Você podia ter morrido. Perder a criança doía. Perder você era... - ele parou e afastou os olhos - Eu tomei um porre. Destruí um bar. Eu não fui tão longe quando soube que Sarina ia voltar para Colby Lane com Bernadette. Eles tiveram que me algemar - ele deu um risinho - O juiz disse que da próxima vez, me daria serviço público e faria com que eu trabalhasse na reconstrução da cidade com uma placa em volta do pescoço dizendo para as pessoas não me alimentarem com álcool.

Ela sorriu apesar da situação.

- Você fica linda quando sorri - ele disse a ela. A mão deslizou pelo cabelo bagunçado - Eu fiz uma coisa estúpida. Estava fulminando sobre o lugar de Kilraven em sua vida quando deixei San Antonio. Eu caminhei direto para uma armadilha que o irmão de Fuentes havia preparado, e eu nem vi ele se aproximando.

- Estou feliz por eles te libertarem - ela disse suavemente.

- Eu também - ele tocou a boca dela com a ponta dos dedos - É muito tarde para discussões filosóficas, mas eu gostaria de te levar para dar uma volta amanhã. Eu quero te mostrar algo.

Amanhã era sábado. Estava de folga. Seu coração disparou.

- Eu devo estar sonhando - ela disse.

Ele inclinou-se e tocou a boca dele ternamente, calmo primeiro, e então com uma pressão desesperada que a vez inclinar a cabeça sobre o travesseiro. Ela agarrou os ombros dele, retornando a carícia ardente, ouvindo o gemido rouco dele.

Mas ele se afastou rapidamente.

- Não - ele disse roucamente - Não agora. Não desse jeito. Eu venho às nove. Ok?

Ela estava surpresa e tocada pela restrição dele. Ele parecia determinado a provar que era mais do que desejo de sua parte. Seus olhos diziam coisas incríveis. Eles a deixaram sem ar.

- Ok - ela disse roucamente.

Ele sorriu, levantou e foi até a porta.

- Até amanhã.

Ele saiu tão silenciosamente quanto entrara. Ela ficou deitada, perturbada, por vários minutos antes de apagar a luz e voltar a dormir.

_

Pela manhã, claro, ela estava certa de que tudo não passara de um sonho. O apartamento tinha alarme, assim um intruso que tentasse ultrapassar as câmeras iria disparar os alarmes.

Mas às nove horas, a campainha tocou.

- Você pode descer? - Rodrigo perguntou em um tom caloroso.
- Me dê dois minutos! - ela disse, e correu para se vestir.

_

Ela vestiu calça preta, top rosa e um suéter por baixo do casaco. Colocou botas para combinar. Ele estava esperando no saguão, vestindo jeans e camiseta, muito relaxado e usando óculos de sol. Ele estava elegante.

Ele segurou-a pelo braço e caminhou até seu carro, acomodando-a no banco da frente.

- Aonde nós vamos? - ela perguntou quando ele ligou o carro e entrou na pista.

- É um segredo - ele disse. Em seguida sorriu, parecia mais relaxado e feliz do que nunca vira.

O vento era frio, com alguns flocos de neve já caindo. Natal já estava chegando. A rua principal de Jacobsville estava enfeitada com grinaldas luminosas que deslizava pelas ruas. Havia luzes no formato de guirlandas, árvores de natal e coroas, todas as lojas continham árvores de natal. A praça tinha a maior de todas, rodeada de renas iluminadas e elfos, com um Papai Noel quase real sentado em um trenó.

- Eu sempre amei esse lugar - ela comentou - Mesmo com os momentos difíceis que tive em minha infância.

- Jason me contou sobre eles na noite em que eu parti - ele disse baixo - Eu desejei saber disso antes, Glory.

Ela corou.

- Não é uma coisa sobre qual eu falo muito.

- Porque você não quer pena. Jason me disse isso, também. Eu cometi tantos erros com você, amada - ele disse suavemente - Eu espero consertar alguns deles hoje.

- O que você tem em mente? - ela perguntou curiosa.

Ele sorriu.

- Espere e veja.

Ele entrou em uma rua estreita e andou um pouco, então entrou em outra rua estreita. Parou na frente de uma casa e desligou o motor.

Havia uma grande placa "Vende-se" no jardim. Havia árvores e arbustos em todo lugar, e o que parecia um jardim de flores no centro de uma fonte semicircular. A casa era no estilo espanhol, com arcos e uma varanda que não parecia ter fim. Ao lado havia um pátio de pedra com um lago de peixes, completo com cachoeira, as pessoas podiam sentar na beirada para olhar o brilho do peixe dourado. Os portões de ferro eram pretos. O jardim todo era cercado. Havia árvores pessegueiras nos fundos. Era a casa antiga mais bonita que Glory já havia visto.

- O ônibus da escola passava por aqui - ela disse de repente - Para pegar uma das crianças que morava aqui. Eu adorava a casa. Sonhava em viver aqui.

- Jason me disse - ele respondeu - Tem uma piscina aquecida lá dentro. Exercícios aquáticos podem ajudar o seu quadril. Tem uma cozinha moderna, uma sala de jantar mobiliada, uma banheira quente, armários embutidos e dois banheiros. O jardim dos fundos é grande o suficiente para cultivar todos os tipos de vegetais.

Seu coração ameaçava saltar pela boca. Virou-se na direção dele, e observou os olhos escuros. Seus olhos faziam a pergunta que ela não conseguia pronunciar.

Ele tirou um caixa do bolso e a abriu. Dentro havia um par de alianças de casamento, uma aliança com diamantes e esmeraldas e um solitário de esmeraldas combinando.

- Não é um par que eu comprei pensando em outra pessoa - ele disse, ainda culpado por presentear-lá dessa maneira em seu casamento - Eu comprei para você.

Ela ficou sem palavras. Seus olhos estavam cheios de lágrimas quando olhou para ele.

Ele colocou a caixa nas mãos dela e fechou os dedos delicados.

- A casa vem com um agente do governo que já viu dias melhores - ele disse gentil - Ele ainda é um pouco ignorante, mas pode ser domesticado com um pouco de trabalho. O advogado do distrito, Blake Kemp, precisa de um bom assistente. Os casos têm menos pressão do que os que você enfrenta em San Antonio. Existem bons médicos aqui, que podem cuidar de você. Eu poderia trabalhar em San Antonio ao invés de Houston, e viajar diariamente. Existe um grande número de agentes do DEA aqui. Eu desistiria do trabalho disfarçado, claro. Estou muito conhecido agora, e meu primo foi assassinado tentando me proteger - ele disse, seu rosto demonstrando toda sua tristeza.

A cabeça dela estava girando. Tinha defeitos, mas ele parecia não se importar. Ele queria casar com ela novamente. Queria viver com ela. Estava fazendo promessas. Seus olhos estavam levemente apreensivos, como se não tivesse certeza de que ela o queria.

Os lábios dela se abriram.

- Eu pensei que você não gostasse de mulheres que faziam o can-can - ela disse.

Ele gargalhou alto.

Ela também. Ergueu os braços e ele se aproximou. Ficaram agarrados no vento, beijando-se como se nunca fossem capazes de parar. Ele a amava. Sua boca estava dizendo isso, sem dizer uma só palavra. Ela dizia o mesmo. Levou um longo tempo.

Uma sirene os separou. Eles viraram-se, abismados.

Cash Grier estava sentado em sua viatura com as luzes azuis piscando.

- Exposição indecente! - ele gritou - Comportamento obsceno não é permitido nessa pequena cidade de sociedade pura!

- Uma história interessante - Rodrigo devolveu - Você está com ciúmes! Por que não vai para casa e beija sua própria mulher enquanto eu termino de tentar recuperar a minha?

Cash riu divertido.

- Você devia se casar com ele, Glory - ele disse - Eu nunca vi um homem que precisasse tanto de um professor particular para se comportar socialmente. Você devia escutar o discurso dele!

- Já ouvi, obrigada!

Outra viatura parou atrás do carro do chefe e acendeu as luzes azuis também.

- Hey - Kilraven chamou Cash - Você está obstruindo o tráfico! Ande logo ou eu vou lhe multar!

- Olhe como fala, Kilraven, ou eu mandarei você ajudar na travessia de crianças!

- As crianças me adoram! - veio a resposta risonha - Oi, Glory! - ele disse - Eu acho que você está prestes a sair do mercado, certo?

- Pode apostar sua vida nisso, Kilraven - Rodrigo disse a ele. Colocou um braço possessivo ao redor de Glory para provar - Vê o que consegue salvando a vida das pessoas? - ele zombou.

Kilraven apenas riu.

- Eu não me atreveria a casar - ele disse - As mulheres cometeriam suicídio se eu saísse de circulação.

- Vamos - Cash chamou o homem - Sandy fez uns bifés de carne de vaca para nós na estação, com pão de milho caseiro e manteiga de verdade!

- Fique para trás - Kilraven duelou, colocando a cabeça para dentro. Acenou para o casal e passou correndo por Cash. O chefe de polícia acendeu as suas luzes, e as sirenes, e o seguiu.

Rodrigo encarou Glory com o coração nos olhos escuros e suaves.

- Case comigo - ele insistiu - Eu a amarei até que a escuridão me cubra e me carregue, e a última palavra que eu irei dizer será o seu nome - ele sussurrou.

Lágrimas escorreram pelas bochechas dele.

- Eu amo você - ela murmurou.

- E eu amo você - ele disse roucamente - Amo você mais do que a minha vida.

Ela encostou-se nele, sorrindo.

- Eu caso com você.

- Sim.

Ele inclinou-se e beijou as lágrimas. Levou um longo tempo. Abraçando-a no vento, os olhos fechados enquanto saboreava a novidade de pertencer a alguém.

- Você não se importará se eu não puder acompanhar você o tempo todo? - ela perguntou ainda insegura.

Os lábios dele tocaram a testa dela.

- Você se importaria se eu fosse cego, ou não tivesse um braço, como Colby Lane?

- Oh, não - ela disse sem pensar - Você ainda seria Rodrigo. E eu amaria você. Mais do que nunca.

Ele a encarou ternamente. Então sorriu.

- Mais do que nunca - ele repetiu. Apertou mais o abraço - Você gosta da casa?

- Eu amo. Nós podemos comprá-la e morar aqui?

Ele tirou alguns papéis do bolso de dentro da jaqueta e entregou a ela. Era um comprovante de compra da casa. Ela o olhou estarrecida.

Ele deu de ombros.

- Eu não tinha certeza das minhas chances - ele confessou com um sorriso - Eu pensei que se você gostasse da casa, poderia casar com o dono para consegui-la.

Ela sorriu.

- Pensamento esperto.

Ele segurou as mãos dela.

- Eu tenho a chave, se você gostaria de dar uma olhada lá dentro antes de nós conseguirmos uma licença de casamento.

Ela apoiou a bochecha nos ombros dele.

- Sim, eu adoraria.

Ele passou os braços ao redor dela e puxou-a até a casa. Sorriu enquanto colocava a chave na fechadura e abria a porta, deixando ela entrar primeiro.

Havia seis vasos enormes cheios de rosas em uma sala de estar elegante e mobiliada. Havia várias caixas de chocolates caros empilhados no sofá. E no momento em que Glory começou a se acostumar com a surpresa, um grupo de mariaquis começou a tocar uma música de amor, sorrindo para ela por trás de seus instrumentos.

Rodrigo suspirou.

- Flores, chocolate, serenatas - ele disse enquanto lhe lançava um olhar travesso - A combinação perfeita para o coração de uma mulher. Eu acertei?

- Oh sim, meu querido - ela riu - Acertou certinho! - disse e o beijou para provar.

Nas horas mais difíceis de sua vida sonhara em ter um lar, um marido carinhoso e filhos. Isso parecia um milagre. Se algum dia ela pudesse ter um filho, seria a mulher mais feliz da face da terra apesar de seus defeitos!

Ele pareceu sentir a tristeza. Virou-a para ele, enquanto os cantores continuavam, e ergueu o rosto dela.

- Algumas vezes - ele disse - Tudo que nós temos é fé, e esperança. Mas milagres acontecem todos os dias. Espere e veja.

Ela sorriu. Pelo menos, havia esperança.

_

Duas anos depois, ela deu a luz a um menino, graças ao constante monitoramento médico, remédios novos e muitas preces. Os olhos brilhando de lágrimas, observou o rosto radiante do marido e disse.

- Sim. Milagres acontecem!

- O que foi que eu disse? - ele brincou.

Eles observaram o garotinho e viram gerações de Ramirez e Barnes no pequeno rosto. John Antonio Frederick Ramirez recebeu esse nome por causa de dois avôs, um que era dinamarquês, e outro tio avô.

Rodrigo a beijou.

- Um é suficiente - ele disse firme - Eu não enfrentarei esse medo novamente. Eu não posso viver sem você - ele disse.

A simples afirmação era tão profunda que fez o coração dela saltar. A verdade de tudo estava nos olhos que a adoravam. Ela aproximou-se e passou os dedos pela boca sensual.

- Você não irá me perder - ela prometeu - Eu vou colar em você como cola.

Ele respirou fundo e relaxou. Ele inclinou a cabeça enquanto observava o pequeno garoto ser amamentado pelos seios e contou suas bênçãos. Tinham tantas!

Glory sorriu, segura do amor dele e da maravilha dos anos que tinham pela frente. A dor de sua vida jovem havia amadurecido-a, como o fogo atíça o aço. Sua força havia carregado-a pelos perigos que ela encarara e, no final, ganhara o coração do homem ao seu lado. Pensou em tudo que tinha enfrentado, destemidamente, e soube que o que tinha agora valia cada lágrima derramada, cada pontada de dor.

Ela olhou o rosto de seu filho e sentiu as mãozinhas agarrando seu dedo. Era o dia mais belo de sua vida. Encostou a bochecha no ombro largo de Rodrigo.

- Eu só estava pensando - ela murmurou.

- O quê? - ele perguntou beijando sua testa.

- Que minha vida começou no dia em que eu te conheci - ela disse simplesmente.

- Amada mia! - ele sussurrou em seu ouvido - Como a minha começou quando eu conheci você!

Ela fechou os olhos e sorriu. Era, pensou sem dúvidas, um dia perfeito!

FIM